

«Um mestre moderno da ficção histórica.»

USA Today

UM
GLADIADOR
SÓ MORRE
UMA VEZ

AUTOR DE *ROMA*

STEVEN
SAYLOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

STEVEN SAYLOR

UM GLADIADOR SO MORRE UMA VEZ

Título original

A Gladiator Dies Only Once

2005

Tradução

Maria José Figueiredo

QUETZAL EDITORES

Lisboa, 2006

“The White Fawn” apareceu originalmente em Classical Whodunnits, publicado por Mike Ashley, Robinson (Londres) 1996, e Carroll & Graf (EUA) 1997; primeira edição, EQMM, Dezembro 1996. “Archimedes's Tomb” apareceu originalmente em Crime Through Time, publicado por Miriam Grace Monfredo e Sharan Newman, Berkley, 1997.

“Poppy and the Poisoned Cake” apareceu originalmente em EQMM, Dezembro 1998.

“Death by Eros” apareceu originalmente em Yesterday's B'ood: An Ellis Peters Memorial Anthology, publicado por Maxim Jakubowski, Headline (Londres), Dezembro 1998; primeira edição norte-americana EQMM, Agosto 1999.

“The Consuls Wife” apareceu originalmente em Crime Through Time III, publicado por Sharan Newman, Berkley, 2000. “If a Cyclops Could Vanish in the Blink of an Eye” apareceu originalmente em Candis (GB), Setembro 2002; primeira edição americana, EQMM, Agosto 2003.

“A Gladiator Dies Only Once” apareceu originalmente em The Mammoth Book of Ancient Roman Whodunnits, publicado por Mike Ashley, Constable & Robinson (Londres), Agosto 2003, e Carroll & Graf (EUA), Novembro 2003.

“Something Fishy in Pompeii” apareceu originalmente em Candis (GB), Julho 2003; primeira edição americana, EQMM, Março/Abril 2004.

“The Cherries of Lucullus” apareceu originalmente em EQMM, Maio 2005.

Todos os direitos de publicação em Portugal reservados por:
Bertrand Editora, Lda. Rua Anchieta, 29 – 1º 1249-060 Lisboa
Telefone: 21 030 55 00 ~

Fax: 21 030 55 63

E-mail: editora@bertrand.pt

Revisão: Cristina Pereira

Impressão: Tipografia Guerra, Viseu em Setembro de 2006

Este livro foi impresso em papel Editorial da TORRASPAPEL

Depósito legal nº 245 803/06
ISBN 972-564-647-9

Para Rick, que foi o primeiro a lê-los

Natura inest in mentibus nostris insatiabilis quaedam cupiditas veri videndi.

(A natureza plantou na nossa mente um desejo insaciável de ver a verdade.)

MARCO TÚLIO CÍCERO
Tusculanae

PREFÁCIO

Gordiano, o Descobridor, detective da Roma antiga, foi apresentado ao público num romance intitulado Sangue Romano, publicado em 1991.

Ao longo dos oito romances e dos dezoito contos da série Roma Sub Rosa que se seguiram, Gordiano avançou dos trinta para os sessenta e um anos de idade. Betesda passou, de sua concubina, a sua mulher, e a família aumentou, passando a incluir uma filha, dois filhos adotivos (um dos quais tinha nascido escravo) e quatro netos (“uma família numerosa tipicamente romana”, comentou a classicista Mary Beard no Times Uterary Supplement). Foi íntimo das mais famosas personagens do seu tempo, incluindo César, Cícero, Marco António, Pompeu, Crasso e Cleópatra. Participou (em geral nos bastidores) em muitos dos acontecimentos mais importantes da sua época, assistindo às últimas décadas da República Romana e à sua desintegração nas guerras civis, de que acabou por emergir o império dos Césares.

Durante todo este período, as aventuras e as investigações de Gordiano foram seguidas por leitores de quinze línguas, um número razoável dos quais (graças à invenção do correio electrónico) achou conveniente enviar ao seu criador comentários, perguntas, palavras de encorajamento, bem como chamadas de atenção para um ou outro erro tipográfico.

Os primeiros nove contos sobre Gordiano (que decorrem no período de oito anos que mediou os dois primeiros romances, Sangue Romano e O Abraço de Némesis) foram reunidos numa colectânea intitulada Casa das Vestais. Desde a publicação desse livro, foram escritos mais nove contos, que os leitores encontrarão reunidos nestas páginas. Tal como as histórias de A Casa das Vestais, também estas decorrem nos primeiros tempos da carreira de Gordiano. Encontramos muitas vezes a seu lado – a crescer

rapidamente – Eco, o rapaz mudo que conheceu em Sangue Romano. Também aqui figura Betesda, a concubina judio-egípcia de Gordiano, que virá a ser sua mulher. Lúcio Cláudio, seu grande amigo e patrono, aparece frequentemente a conversar com Gordiano. Cícero, o grande leão dos tribunais romanos, também surge por diversas vezes. Sertório, o general rebelde que fundou um Estado romano rival em Espanha, lança uma sombra sobre o início e o final do livro, acabando por se mostrar em “A Corça Branca”. Lúculo e Catão, duas imponentes personagens do final da República que figuraram muito pouco nos romances, marcam presença no último conto da colectânea.

Uma das alegrias de escrever os contos sobre Gordiano consiste na oportunidade de explorar diversos aspectos da vida e da história de Roma que não figuram nos romances. Nestas páginas, os leitores aprenderão coisas sobre os combates de gladiadores, as corridas de carros e o papel do censor romano, bem como alguns factos curiosos relativos aos alimentos – a produção de garum (o molho de peixe de vinagrete essencial à culinária romana), a origem do famoso epigrama de Cícero acerca de um pedaço de bolo, ou a primeira vez que os romanos viram cerejas. (Acerca deste assunto, que é um tanto delicado, podem ler-se mais pormenores nas notas históricas contidas no final do livro.)

O cenário da maior parte dos contos é a fervilhante, a bela, a infinitamente fascinante e infinitamente perversa cidade de Roma, mas as investigações de Gordiano também o obrigarão a viajar até Espanha, à Sicília, à Baía de Nápoles e a percorrer Itália de ponta a ponta.

Os contos são apresentados por ordem cronológica. No final do livro, os leitores têm à sua disposição uma cronologia pormenorizada, que incorpora todos os contos e os romances, bem como algumas notas sobre fontes históricas.

Porquê a designação de Roma sub-rosa como título colectivo da série de romances e contos sobre Gordiano? No Egipto antigo, a rosa era o emblema do deus Horus, posteriormente designado, por gregos e romanos, por deus do silêncio. Em geral, uma rosa suspensa sobre uma mesa de reuniões indicava que todos os

presentes estavam obrigados, sob juramento, a guardar segredo do que ali se passasse. Sub-rosa (literalmente, "debaixo da rosa") passou a significar "aquilo que é levado a cabo em segredo". Daí Roma sub-rosa: uma história dos segredos de Roma, ou uma história secreta de Roma, vista pelos olhos de Gordiano.

A MULHER DO CÔNSUL

– Francamente – murmurou Lúcio Cláudio, com o nariz enterrado num rolo de pergaminho – quem lesse os relatos das Actas do Dia julgaria que Sertório é um miúdo traquinas, e que a rebelião que organizou em Espanha não passa de uma partidinha inocente. Quando se aperceberão os cônsules da gravidade da situação? Quando se decidirão a agir?

Pigarreei.

Lúcio Cláudio baixou o rolo de pergaminho e ergueu as hirsutas sobrancelhas ruivas.

– Gordiano! Por Hércules, vieste a correr! Senta-te.

Olhei em redor à procura de uma cadeira, mas depois lembrei-me onde estava. No jardim de Lúcio Cláudio, as visitas não andavam a arrastar peças de mobiliário. As visitas sentavam-se nas cadeiras que, nesse preciso momento, eram suavemente posicionadas para o efeito. Avancei para a mancha de luz onde Lúcio estava sentado a gozar o sol, e flecti os joelhos. Como era de esperar, o meu peso foi sustentado por uma cadeira. Nem sequer cheguei a ver o escravo que tratou disso.

– Queres beber alguma coisa, Gordiano? Por mim, estou a tomar uma agradável taça de caldo quente. É cedo demais para beber vinho, mesmo que seja diluído em água.

– É meio-dia, Lúcio, não é assim tão cedo. Pelo menos para quem se levantou de madrugada.

– De madrugada? – Lúcio reagiu com uma careta a ideia tão desagradável. – Então, para ti é uma taça de vinho? E qualquer coisa que se mastigue.

Ergui a mão para recusar a oferta, e dei por ela preenchida com uma taça de prata, que uma jovem e bela escrava enchia de vinho Falerniano.

Junto à minha mão esquerda surgiu uma mesinha de tripé, e sobre ela uma salva de prata decorada com imagens de ninfas a dançar, dentro da qual se viam azeitonas, tâmaras e amêndoas.

– Queres ler um bocadinho das Actas? Já acabei de ler as notícias desportivas. – Lúcio acenou com a cabeça na direcção de uma série de rolos de pergaminho que estavam espalhados sobre a mesa que tinha a seu lado. – Dizem eles que os Brancos conseguiram finalmente organizar uma equipa para esta época. Têm carros novos, cavalos novos. Vão ficar à frente dos Vermelhos na corrida de amanhã.

Dei uma gargalhada.

– Que vida a tua, Lúcio Cláudio. Levantas-te ao meio-dia, dás um passeio pelo jardim a ler um exemplar só teu das Actas do Dia.

Lúcio ergueu uma sobrancelha.

– Pura sensatez, se queres que te diga. Que jeito tem acotovelar uma multidão no Fórum, a esforçar os olhos e a espreitar por cima das cabeças de desconhecidos para ler as Actas afixadas nos quadros? Ou pior, ouvir um palhaço qualquer a lê-las em voz alta, inserindo pelo meio comentários engraçados.

– Mas é para isso mesmo que servem as Actas – argumentei eu. – Trata-se de uma actividade social. Interrompem-se os afazeres e as idas e vindas no Fórum, as pessoas reúnem-se à volta dos quadros, e discutem os assuntos que mais lhes interessam, notícias da guerra, casamentos e nascimentos, corridas de carros, augúrios curiosos. Espreitar as Actas e discutir política, ou cavalos, com os seus concidadãos é o ponto alto do dia de muito boa gente. É um dos prazeres cosmopolitas da vida na cidade.

Lúcio estremeceu.

– Não, muito obrigado! A minha maneira é melhor. Mando um par de escravos ao Fórum uma hora antes da hora marcada para a afixação. Logo que as Actas chegam, um deles lê-as em voz alta do princípio ao fim, e o outro escreve-as em tabuinhas de cera com um estilete. Depois correm para casa, transcrevem as palavras para um pedaço de pergaminho e, quando eu me levanto, tenho um exemplar das Actas à minha espera aqui no jardim, com a tinta ainda a secar ao sol. Uma cadeira confortável, ao sol, uma taça de

caldo quentinho, e um exemplar das Actas do Dia só para mim. Digo-te, Gordiano, que não há maneira mais civilizada de começar o dia.

Meti uma amêndoa na boca.

– Acho tudo isso bastante anti-social, já para não dizer extravagante. Só o preço do pergaminho!

– Esforçar os olhos para ler tabuinhas de cera provoca-me fadiga ocular. – Lúcio bebericou o caldo. – Seja como for, não te chamei para fazeres de crítico aos meus prazeres pessoais, Gordiano. Gostava que lesse uma coisa que vem aqui nas Actas.

– O quê? O relatório das actividades do general romano rebelde que aterroriza Espanha?

– Quinto Sertório! – Lúcio deslocou ligeiramente o seu considerável volume. – Não tarda a ter a Península Ibérica sob o seu controlo. Os nativos odeiam Roma, mas adoram Sertório. Em que andarão os nossos dois cônsules a pensar, que não enviam reforços militares ao governo da província? Por muito que eu goste da querida traça, Décimo Bruto não é homem para combates, isso te garanto; tenho dificuldade em o imaginar à cabeça de uma expedição. Mas Lépidio, o outro cônsul, é um veterano do exército, que combateu do lado de Sula na Guerra Civil. Como é que eles podem continuar refasteladamente sentados enquanto Sertório cria um reino privado em Espanha?

– Isso vem tudo nas Actas do Dia? – perguntei.

– Claro que não! – resmungou Lúcio. – Só vem a interpretação oficial do governo: a situação está controlada, não há motivos para alarme. Encontras mais pormenores sobre os vencimentos obscenos dos condutores de carros de corrida do que sobre Espanha. Nem outra coisa seria de esperar. As Actas são um órgão do Estado, emitido pelo governo. O mais provável é ser o Deci a ditar, palavra por palavra, as notícias sobre a guerra.

– Deci?

– Décimo Bruto, claro, o cônsul. – Lúcio mantinha velhas relações patrícias de amizade, pelo que tendia a tratar quase todos os poderosos pelo nome próprio, por vezes pelo diminutivo familiar. – Mas estás a distrair-me, Gordiano. Não te chamei para conversar

sobre Sertório. Sobre Décimo Bruto sim, mas sobre Sertório, não. Olha para isto. – Remexeu os rolos de pergaminho com a mão cravejada de jóias, e pegou num deles, estendendo-mo.

– Coscuilhices de sociedade? – Passei os olhos pelos títulos. – O filho de A está noivo da filha de B... C recebeu D na sua villa de férias... E reveia a sua famosa receita de creme de ovo, que remonta aos tempos em que Rómulo mamava do leite da loba... – Soltei um resmungo. – Tudo isto é muito interessante, mas não estou a ver...

Lúcio inclinou-se para a frente e deu uma pancadinha no pergaminho com a ponta do indicador.

– Lê essa parte. Em voz alta.

– “A traça espeta a cabeça de fora amanhã. Presa fácil para o pardal, mas as perdizes passam fome. Diz a Safo de olhos de fogo: Suspeita! Um punhal atinge o alvo mais depressa que um raio. Melhor ainda: mais depressa que uma seta. Que Vénus conquiste a todos!”

Lúcio recostou-se na cadeira e cruzou os braços carnudos.

– O que achas disto?

– Julgo que lhe chamam uma comunicação anónima; é uma coscuilhice publicada em código. Sem nomes próprios, só com pistas, sem significado para os não iniciados. Dada a menção a Vénus, imagino que esta seja sobre um caso amoroso ilícito. Duvido que conhecesse os nomes das pessoas envolvidas, mesmo que eles tivessem sido escritos com toda a clareza. Tens muito mais probabilidades do que eu de saber o que tudo isto significa, Lúcio.

– Pois tenho. Na verdade, receio saber mesmo, pelo menos em parte. Foi por isso que te chamei, Gordiano. Tenho um grande amigo que precisa da tua ajuda.

Ergui uma sobrancelha. Já noutras ocasiões os amigos ricos e poderosos de Lúcio me tinham proporcionado trabalhos lucrativos; e também me tinham obrigado a correr grandes riscos.

– E que amigo é esse, Lúcio?

Ele ergueu um dedo. Os escravos que nos rodeavam retiraram-se silenciosamente para dentro de casa.

– Discrição, Gordiano. Discrição! Lê novamente a notícia.

– “A traça...”

– E a quem foi que eu chamei traça há momentos? Pestanejei.
– A Décimo Bruto, o Cônsul. Lúcio assentiu com a cabeça.
– Continua a ler.
– “A traça espeta a cabeça de fora amanhã...”
– Deci decidiu ir amanhã ao Circo Máximo, assistir às corridas do camarote consular.

– “Presa fácil para o pardal...”
– Tira as tuas conclusões... em especial da referência seguinte aos punhais e às setas.

Ergui uma sobancelha.

– Estás convencido de que há uma conspiração contra a vida do cônsul, com base numa comunicação anónima, publicada nas Actas do Dia. Parece-me um bocado forçado, Lúcio.

– Não sou eu que estou convencido. É o próprio Deci. O pobre sujeito está num estado; veio a minha casa e obrigou-me a sair da cama há uma hora, pedindo-me desesperadamente que o aconselhasse. Precisa de alguém que vá ao fundo desta questão, discreta e rapidamente. Eu disse-lhe que conhecia o homem ideal para isso: Gordiano, o Descobridor.

– Eu? – Olhei, de sobrolho franzido, para um caroço de azeitona que segurava entre o indicador e o polegar. – Considerando que as Actas são um órgão oficial, certamente que o próprio Décimo Bruto, na sua qualidade de cônsul, estará na melhor posição possível para determinar a origem desta notícia, e o seu real significado. Para começar, quem foi que a escreveu?

– O problema é justamente esse.

– Não estou a perceber.

– Estás a ver essa parte sobre “Safo” e o conselho que ela dá?

– Estou.

– Gordiano, quem achas que escreve e edita as Actas do Dia. Encolhi os ombros.

– Nunca pensei nisso.

– Então vou dizer-te. São os próprios cônsules que ditam as notícias relativas à política, interna e externa, fornecendo o seu ponto de vista, que é a posição oficial. As partes menos importantes, os números relativos ao comércio, às contagens do gado, e outros

do género, são compiladas pelos funcionários do gabinete do censor. As notícias do desporto são fornecidas pelos magistrados encarregados da gestão do Circo Máximo. Os augures são a fonte das histórias acerca dos relâmpagos, dos cometas, de legumes com formatos curiosos e de outros presságios bizarros. Mas quem é que pensa que controla as notícias da sociedade, os anúncios de casamentos e nascimentos, as reuniões sociais, as “comunicações anónimas”, como lhes chamaste?

– Uma mulher chamada Safo?

– É uma referência à poetisa da antiga Lesbos. A mulher do cônsul também é uma espécie de poetisa.

– A mulher de Décimo Bruto?

– Foi ela que escreveu essa notícia. – Lúcio inclinou-se para a frente e baixou a voz. – Deci está convencido de que ela planeia matá-lo, Gordiano.

– A minha mulher... – O cônsul pigarreou ruidosamente. Enfiou nervoso a mão por entre os cabelos prateados, enquanto percorria o amplo escritório em passos largos, circulando entre uma e outra estante de escaninhos para rolos de pergaminhos, os dedos afagando ociosamente as pequenas etiquetas com os títulos das obras que pendiam dos rolinhos. Sem ser na biblioteca de Alexandria, eu nunca tinha visto tantos livros juntos no mesmo sítio, nem sequer em casa de Cícero.

A casa do cônsul ficava perto do Fórum, a curta distância a pé da de Lúcio Cláudio. Eu fora imediatamente recebido; graças a Lúcio, a minha visita era esperada. Décimo Bruto mandara embora uma equipa de secretários e conduziu-me ao seu gabinete particular. Dispensara as formalidades. A sua agitação era óbvia.

– A minha mulher... – Voltou a pigarrear. Décimo Bruto, o mais alto magistrado da nação, habituado a fazer discursos de campanha no Fórum e orações nos tribunais, mostrava-se incapaz de começar.

– É certamente uma bela mulher – disse eu, olhando para o retrato que adornava um dos poucos espaços de parede que não estavam tapados com estantes. Era um quadro pequeno, em cera encáustica sobre madeira, mas dominava o compartimento. Uma jovem de notável beleza olhava-nos do quadro. Fiadas de pérolas

adornavam-lhe o cabelo castanho dourado, penteado para cima e preso com alfinetes de cabeça de pérola. Também os brincos e os colares eram de pérolas. A casta simplicidade das jóias contrastava com o brilho desafiador, distante e quase predatório dos olhos verdes da mulher que as usava.

Décimo Bruto aproximou-se do quadro. Ergueu o queixo e franziu os olhos, aproximando-se de tal maneira, que quase tocava na cera com o nariz.

– É bela, de facto – murmurou. – O artista não captou, sequer, uma fracção da sua beleza. Casei-me com ela por causa disso; por causa disso e para ter um filho. Semprónia deu-me ambos, a sua beleza e um rapaz. E sabes por que foi que ela se casou comigo? – O cônsul aproximou-se de mim, chegando-se tão perto que me desconcertou, e olhou-me com atenção. Com qualquer outro homem, eu teria considerado semelhante escrutínio uma forma de intimidação, mas o cônsul era míope e estava simplesmente a esforçar-se por me ler a expressão do rosto.

Suspirou.

– Semprónia casou-se comigo por causa dos meus livros. Bem sei que parece absurdo, uma mulher a ler!, mas foi assim: ela só consentiu em se casar quando viu esta sala; foi então que se decidiu. Leu todos os volumes que aqui vês, mais do que eu! Até escreve umas coisas, poesia, e assim. Os versos dela são excessivamente... apaixonados... para o meu gosto.

Voltou a pigarrear.

– Sabes, Semprónia é diferente das outras mulheres. Às vezes penso que os deuses lhe deram uma alma de homem. Lê como um homem. Conversa como um homem. Tem um círculo heterogéneo de amigos pessoais, poetas, dramaturgos, mulheres dúbias. Quando os recebe, solta-se-lhe a língua em graças inteligentes. Até dá a impressão de que pensa. Pelo menos, tem opiniões. Tem opiniões sobre tudo, sobre arte, sobre corridas, sobre arquitectura, e até sobre política! E não tem vergonha. Na companhia do seu pequeno círculo, toca alaúde, melhor do que a nossa escrava mais competente, tenho de o reconhecer. E dança para eles. – Fez uma careta. – Já lhe disse que esse comportamento é indecente,

completamente inadequado à mulher de um cônsul. Mas ela diz que, quando dança, os deuses e as deusas falam através do seu corpo, e que os amigos compreendem o que vêem, mesmo que eu não compreenda. Já tivemos tantas discussões, que eu quase desisti de discutir sobre isso.

Soltou um suspiro.

– Concedo-lhe uma coisa: não é má mãe. Semprónia educou bem o nosso pequeno Décimo E, apesar de ser jovem, desempenhou-se impecavelmente das suas obrigações de mulher do cônsul. Nunca me envergonhou em público. Manteve as suas... excentricidades... dentro desta casa. Mas... Pareceu ter-se esgotado. Caiu-lhe o queixo sobre o peito.

– Uma das suas obrigações – procurei ajudá-lo – é supervisionar as notícias de sociedade das Actas do Dia, não é?

Ele assentiu com a cabeça. Voltou a franzir os olhos na direcção do retrato de Semprónia, e depois voltou-lhe as costas.

– Lúcio explicou-te por que motivo me sinto preocupado?

– De modo muito discreto.

– Nesse caso, eu serei explícito. Compreendes, Descobridor, o assunto é... terrivelmente embaraçoso. Lúcio disse-me que tu sabes guardar silêncio. Se eu estiver enganado, se as minhas suspeitas forem infundadas, não posso permitir que no Fórum se saiba que fui um tolo. Se eu tiver razão, se aquilo de que suspeito for verdade, ainda menos posso permitir-me o escândalo que seria.

– Compreendo, Cônsul.

Ele aproximou-se muito de mim, espreitou-me a expressão do rosto, e pareceu ficar satisfeito.

– Bem, nesse caso... por onde hei-de começar? Por aquele maldito auriga, presumo.

– Um auriga?

– Diócles. Deves ter ouvido falar dele. Assenti com uma inclinação da cabeça.

– Corre pelos Vermelhos.

– Não faço ideia. Não sei nada sobre desporto. Mas disseram-me que Diócles é bastante famoso. E rico, mais rico do que esse actor, Róscio. É um escândalo que, hoje em dia, os aurigas e os

actores sejam mais ricos que os senadores. Os nossos antepassados teriam ficado indignados!

Duvidei que os meus antepassados tivessem ficado propriamente tão perturbados como os de Décimo Bruto, mas acenei com a cabeça e tentei fazê-lo regressar ao assunto.

– Esse Diócles...

– É um dos amigos do círculo da minha mulher. Simplesmente... é mais do que amigo.

– Isso é uma suspeita, Cônsul? Ou tens conhecimento de que assim é?

– Tenho olhos na cara! – Pareceu aperceber-se da ironia de invocar a deficiente visão que era a sua como testemunha fiável, e suspirou. – Nunca os apanhei no acto, se é isso que pretendes perguntar. Não tenho provas. Mas, sempre que ela recebe os amigos cá em casa, eles refastelam-se nos canapés a recitar coisas uns aos outros, e ela e Diócles acabam por se retirar para um canto, sozinhos os dois. A sussurrarem. .. a rirem-se... – Rangeu os dentes. – Não permitirei que façam troça de mim, que a minha mulher se divirta com o amante debaixo do meu próprio tecto! Fiquei de tal modo furioso da última vez que ele cá esteve que... que fiz uma cena! Expulsei-os a todos, e comuniquéi a Semprónia que Diócles estava proibido de voltar a entrar cá em casa. Quando ela protestou, ordenei-lhe que nunca mais voltasse a falar com ele. Sou marido dela. Tenho o direito de decidir com quem ela pode, ou não pode, relacionar-se! Semprónia sabe perfeitamente que assim é. Podia simplesmente ceder e fazer-me a vontade. Mas não, começou a discutir. Atirou-se a mim como uma harpia, nunca tinha ouvido uma mulher usar semelhante linguagem! Mais uma prova, se eu precisasse dela, de que a relação que mantém com aquele homem não é decente. Por fim, proibi por completo a entrada ao círculo de amigos dela, e ordenei a Semprónia que não saísse de casa, nem sequer para participar em cerimónias oficiais. Quando tiver obrigações a que atender, deverá dizer, muito simplesmente: “A mulher do Cônsul lamenta que uma indisposição a impeça de estar presente.” Há quase um mês a esta parte que é assim. A tensão que se vive nesta casa...

– Mas ela manteve uma obrigação oficial.

– Foi. Ditar as notícias de sociedade a publicar nas Actas do Dia. Para isso, não precisava de sair de casa. As mulheres dos senadores vêm visitá-la, as visitas respeitáveis continuam a ser bem-vindas, e fornecem-lhe todos os dados de que precisa. Se queres saber a minha opinião, a secção de sociedade é terrivelmente aborrecida, ainda mais do que as notícias do desporto. Limito-me a dar-lhe uma vista de olhos para ver se a minha família é mencionada e se os nomes estão bem escritos. Semprónia sabe perfeitamente que é assim. Foi por isso que achou que podia enviar o recadinho que mandou a Diócles através das Actas do Dia. Achou que eu não ia reparar.

Olhou de relance para o retrato e moveu o maxilar dum lado para o outro.

– Foi a palavra “traça” que me chamou a atenção. Era o nome carinhoso por que ela me tratava quando nos casámos: “Minha velha traça”. Presumo que, agora, me trate assim nas costas, rindo-se e dizendo piadas com sujeitos da laia do tal auriga!

– E a “Safo”?

– E como os amigos lhe costumam chamar.

– Por que motivo presumes que a comunicação anónima é dirigida a Diócles?

– Apesar da minha falta de interesse pelas corridas, sei uma coisa ou outra acerca desse auriga, mais do que gostaria! O nome do cavalo dele é Pardal. Como começa a mensagem? “A traça espeta a cabeça de fora amanhã. Presa fácil para o pardal...” Amanhã, tenciono ir ao Circo Máximo, mostrar-me em público nas corridas.

– E a tua mulher?

– Semprónia continuará fechada nesta casa. Não faço tenções de permitir que ela lance olhares amorosos ao auriga Diócles em público!

– Não estarás rodeado de guarda-costas?

– No meio de semelhante multidão, quem sabe que oportunidades poderão surgir de me acontecer um “acidente”? No Fórum e no Senado, sinto-me em segurança, mas o Circo Máximo é o território de Diócles. Deve conhecer todos os cantos, todos os

esconderijos. Além disso... eu não vejo bem. Sou mais vulnerável do que os outros homens, e tenho consciência disso. Semprónia também tem. E Diócles também deve ter.

– Deixa-me ver se percebi bem, Cônsul: achas que esta comunicação é um recado da tua mulher para Diócles, e que o assunto é uma conspiração para te matar... Mas não tens mais nenhuma prova, e queres que eu determine se isso é verdade. É isso?

– Compensar-te-ei o trabalho.

– Por que recorres a mim, Cônsul? Um homem como tu dispõe certamente de agentes próprios, de alguém a quem confie a tarefa de detectar a verdade acerca dos seus aliados e dos seus inimigos.

Décimo Bruto acenou com a cabeça, sem grande convicção.

– Então, por que não entregas esta tarefa ao teu descobridor pessoal?

– Tinha um sujeito desses, sim. Chamava-se Escorpo. Pouco depois de ter expulsado Diócles de minha casa, ordenei a Escorpo que descobrisse a verdade acerca do auriga e da minha mulher.

– E o que foi que ele descobriu?

– Não sei. Escorpo desapareceu há uns dias.

– Desapareceu?

– Até ontem. O corpo dele foi retirado do Tibre, na direcção de jusante. Não tinha marca alguma. Dizem que deve ter caído ao rio e ter-se afogado. É muito estranho.

– Porquê?

– Escorpo era um excelente nadador.

Saí de casa do Cônsul com uma lista de todos os membros do círculo íntimo da mulher de cujos nomes Décimo Bruto se recordava, e uma bolsa cheia de prata. A bolsa continha metade dos meus honorários, tendo o restante ficado de ser pago caso o Cônsul se mostrasse satisfeito com o meu trabalho. Se as suspeitas dele fossem correctas, e eu fracassasse, nunca receberia o resto do dinheiro.

Os mortos não pagam dívidas.

Passei o resto do dia e uma grande parte da noite a investigar tudo o que podia acerca da mulher do cônsul e do auriga. O meu

amigo Lúcio Cláudio podia conhecer bem os ricos e poderosos, mas eu também tinha uns contactos. Decidi que os melhores informadores acerca do círculo íntimo de Semprónia se encontrariam nas Termas Senianas. Com certeza que um grupo de pessoas tão próximas frequentaria socialmente as termas, aos pares ou em grupos, dirigindo-se os homens às respectivas instalações, e as mulheres às suas. As massagens e os banhos quentes soltam a língua; a ausência do sexo oposto suscita ainda maior franqueza. Aquilo que os massagistas, as massagistas, os carregadores de água e os rapazes que fornecem as toalhas não ouviram dizer não é coisa que valha a pena saber.

Diócles e Semprónia seriam amantes? Talvez sim, talvez não. De acordo com os meus informadores nas termas, que me relataram em segunda mão os mexericos sobre o círculo de Semprónia, Diócles era conhecido por ter uma língua afiada, e Semprónia tinha ouvido para observações cortantes; era possível que a relação entre os dois se resumisse a sussurros e gargalhadinhas nos cantos. Semprónia escolhia os amigos, fossem homens ou mulheres, por serem divertidos, por lhe agradarem à vista, ou por lhe estimularem o intelecto. Ninguém a considerava uma escrava das paixões; o abandono com que dançava ou declamava os seus versos era uma componente da sua personagem, uma faceta pouco importante da jovem de vontade de aço que tinha ascendido a mulher de um cônsul e lera todos os volumes que o cônsul tinha na sua biblioteca.

Acerca de uma conspiração para matar o cônsul, não ouvi um único murmúrio. Os membros do círculo de Semprónia lamentavam que ela estivesse proibida de sair de casa e eles proibidos de lá entrar, mas a impressão transmitida pelo pessoal das termas era mais de troça do que de indignação. Os amigos de Semprónia consideravam que Décimo Bruto era um tolo, fraco e inofensivo. Apostavam uns com os outros, na brincadeira, sobre o tempo que Semprónia levaria a vergar a velha traça aos seus desejos, e a retomar a sua vida social.

Houve uma descoberta que me surpreendeu. A crer no pessoal das termas, Sertório, o general renegado de Espanha, era um motivo de conversa bem mais acesa entre os membros do

círculo de Semprónia do que o cônsul, a mulher deste ou o auriga. Tal como o meu amigo Lúcio Cláudio, estavam convencidos de que Sertório pretendia arrancar as províncias de Espanha ao domínio romano, tornando-se rei. Ao contrário de Lúcio, nas conversas murmuradas que tinham no interior do seu próprio círculo, os amigos de Semprónia aplaudiam Sertório e a respectiva rebelião.

Décimo Bruto desprezava os amigos da mulher, considerando-os frívolos, indiferentes às aparências, ingénuos em termos políticos. Tentei imaginar o atractivo que um rebelde como Sertório exerceria sobre tais diletantes. Estariam simplesmente entusiasmados com o encanto doce-amargo que emana de uma causa desesperada?

Das termas, dirigi-me ao Circo Máximo, mais precisamente às diversas tabernas, bordéis e antros de jogo situados nas proximidades da pista de corridas. Paguei subornos quando tive de o fazer, mas, a maioria das vezes, bastou-me referir o nome de Diócles para obter informações em abundância. Era consensual entre os frequentadores do circo que os gostos do corredor se dirigiam, e sempre se tinham dirigido, a atletas mais jovens. Actualmente, andava fascinado com um acrobata núbio que fazia habilidades para o público nos intervalos entre as corridas; era voz corrente que, no final das corridas, o rapaz também fazia habilidades em privado no quarto de Diócles. Claro que o núbio podia ser apenas um disfarce para outro caso, este mais ilícito; como era possível que, em termos de amantes, o próprio Diócles fosse, também ele, uma espécie de acrobata.

Se o círculo de Semprónia andava excitado com Sertório, os frequentadores do circo andavam excitados com as corridas do dia seguinte. Tive a irritante sensação de que os meus informadores me escondiam qualquer coisa. Por entre as conversas sobre cavalos e o matraquear dos dados, as gargalhadas roucas e os gritos de "Vénus!" a pedir sorte, apercebi-me de uma ponta de desconforto, de mau agoiro, até. Talvez se tratasse apenas do nervosismo geral típico da véspera de um dia de corridas. Como era possível que, por essa altura, eu já tivesse partilhado demasiadas taças de vinho com demasiadas línguas soltas, para me aperceber das coisas com

clareza. Ainda assim, pareceu-me que se preparava qualquer coisa perversa no Circo Máximo.

Os galos cantavam quando abandonei as imediações do circo; atravessei Roma penosamente e arrastei-me pelo monte Esquilino acima. Betesda estava acordada, à minha espera. Os seus olhos iluminaram-se ao ver a bolsa de prata – já algo reduzida devido aos gastos que fora obrigado a fazer – que me arrancou das mãos e foi depositar no cofre vazio de minha casa.

Umás horas mais tarde, com dores de cabeça em consequência do excesso de vinho e da falta de sono, dei por mim de novo no escritório do Cônsul. Tinha combinado ir a casa dele uma hora antes da primeira corrida, para lhe fazer um relatório, fosse ele qual fosse.

Transmiti-lhe as informações que tinha recolhido. Os mexericos em segunda mão contados pelos empregados das termas e pelos bêbedos das tabernas pareceram-me agora perfeitamente triviais, mas Décimo Bruto ouviu-me em silêncio, acenando gravemente com a cabeça quando eu terminei. Voltou-se, de olhos franzidos, para o retrato da esposa.

– Ou seja, nada! Escorpo foi afogado e o Descobridor nada descobre. Quer dizer que, afinal, foste mais esperta do que eu, Semprónia?

O retrato não respondeu.

– Ainda não terminei, Cônsul – disse-lhe eu. – Tenciono ir hoje às corridas. Estarei de olhos e ouvidos bem abertos. Ainda pode ser...

– Sim, sim, faz como quiseres. – Décimo Bruto dirigiu-me um vago aceno de mão, mandando-me embora, sem nunca desviar os furiosos olhos franzidos da imagem de Semprónia.

Um escravo esperava-me à saída do escritório do cônsul. No átrio, cruzámo-nos com uma pequena comitiva. Parámos para dar passagem a uma fila de mulheres, que acompanhavam a sua senhora de uma zona para outra da casa. Espreitei para o meio do grupo e avistei uma abundância de cabelo cor de avelã, decorado com pérolas. Uns olhos verdes cruzaram-se com os meus, e devolveram-me o olhar. Ouvei umas palmas e a comitiva deteve-se.

Semprónia avançou. Décimo Bruto dissera a verdade: o retrato não fazia justiça à beleza dela. Era mais alta do que eu esperava. Apesar de oculta pelas volumosas pregas da estola, a sua figura sugeria uma elegância flexível, que se prolongava até à delicadeza das mãos compridas e do pescoço grácil. Lançou-me o sorriso distante e desafiador que o retratista tão bem captara.

– Não te conhecia. És um dos homens do meu marido? – perguntou ela.

– Eu... tive uns assuntos a tratar com o Cônsul – repliquei. Olhou-me de cima a baixo.

– Estás com olheiras. Estás com ar de quem não dormiu a noite toda. De vez em quando, os homens metem-se em sarilhos por ficarem acordados até tarde... a meter o nariz onde não devem.

Vi um brilho nos seus olhos. Estaria a lançar-me um isco? Devia ter ficado calado, mas não o fiz.

– Como Escorpo? Ouvei dizer que ele se tinha metido em sarilhos. Ela fingiu não perceber.

– Escorpo? Oh, sim, o pau que o meu marido usava para toda a obra. Escorpo morreu afogado.

– Eu sei.

– É estranho. Nadava como um golfinho.

– Também ouvi dizer.

– Podia acontecer a qualquer pessoa. – Suspirou. O sorriso morreu-lhe nos lábios. Detectei um brilho de compaixão nos seus olhos, e uma expressão que me gelou o sangue nas veias. Um sujeito tão simpático, parecia dizer essa expressão. Que pena seria ter de te matar!

Semprónia recuou para o seio da comitiva, e o escravo que me acompanhava conduziu-me à porta da rua.

Quando cheguei ao Circo Máximo, Roma parecia ter-se amontoado, em peso, no vale comprido e estreito situado entre os montes Palatino e Aventino. Abri caminho por entre a multidão que fazia fila diante dos quiosques de comes e bebes encaixados entre as bancadas, pisando e acotovelando quem fosse preciso para conseguir chegar à entrada de que estava à procura. Dentro do estádio, os lugares já estavam a abarrotar de espectadores. Muitos

deles iam vestidos de vermelho ou de branco, ou acenavam com faixas vermelhas ou brancas, indicativas das suas preferências. Deixei planar o olhar sobre a oval alongada do interior do estádio, atordoado pelo quadriculado caótico de vermelho e branco, como sangue derramado sobre a neve.

Inquietos e ansiosos pelo começo das corridas, os espectadores batiam palmas, batiam com os pés no chão e soltavam cânticos e palavras de ordem. Frases como “Diócles de encarnado! Mais veloz do que um dardo!” competiam com outras como “Branco! Branco! É de nunca dar o flanco!”

Uma voz aguda elevou-se acima dos cânticos.

– Gordiano! Aqui! – Localizei Lúcio Cláudio. Estava sentado à coxia, dando palmadinhas numa almofada colocada a seu lado. – Vem cá, Gordiano! Recebi a tua mensagem esta manhã e tive o cuidado de te guardar um lugar. É melhor que o da última vez, não achas? Nem perto demais, nem longe demais, com uma vista esplêndida da linha da meta.

Mais importante do que isso era o facto de estar perto do camarote consular, que ficava um pouco mais abaixo, para a direita. Ao sentar-me, vi uma cabeça prateada emergir da entrada privada do camarote. Décimo Bruto e Lépidio, o outro cônsul, estavam a chegar, eles e as respectivas comitivas. Pelo menos, tinha conseguido chegar são e salvo ao circo. Os cânticos de apoio às equipas foram afogados por aplausos. Os dois cônsules voltaram-se e acenaram à multidão.

– Pobre Deci – comentou Lúcio. – Acha que o estão a aplaudir a ele. Na realidade, estão a aplaudir a sua chegada, porque já podem começar as corridas!

Ouviu-se um clangor de trombetas, seguido de mais aplausos, dado que a procissão se tinha iniciado. Estátuas de deuses e de deusas desfilaram ao redor do estádio dentro de carros, atrás da Vitória de braços abertos. Quando passou Vénus – a favorita dos jogadores e dos amantes – choveram sobre ela moedas lançadas pela multidão, que foram recolhidas pelos sacerdotes da deusa. A procissão dos deuses encerrava com uma enorme estátua dourada

de Júpiter entronado, transportada num carro de uma dimensão tal, que eram precisos doze homens para o puxar.

Seguiram-se os condutores de carros que correriam nesse dia, que deram uma lenta volta à pista em carros adornados com as cores da respectiva equipa, vermelho e branco. Para muitos dos assistentes, estes homens eram heróis sobre-humanos. Cada corredor tinha um cântico próprio, o mesmo acontecendo com os principais cavalos. O ruído dos diversos cânticos entoados em simultâneo era ensurdecedor.

Nunca tendo sido jogador nem apreciador de corridas, não reconheci um grande número de corredores; mas até eu conhecia Diócles, o mais famoso dos Vermelhos. Era fácil detectá-lo, devido à invulgar largura dos seus ombros, à barba hirsuta e à flutuante juba de cabelo negro de azeviche. Quando passou diante de nós, sorrindo e acenando à multidão, tentei observar a reacção de Décimo Bruto, mas só consegui avistar a parte de trás da cabeça do cônsul. Teria Diócles afivelado um sorriso sarcástico ao passar diante do camarote consular, ou foi imaginação minha?

A procissão terminou. A pista foi limpa. Os primeiros quatro carros ocuparam seus lugares nos compartimentos de partida, situados na extremidade norte do circo. Dois carros dos Brancos, um principal e um de segunda classe, destinado a regular o ritmo e a controlar as interferências, correriam contra os Vermelhos.

– Trouxeste um cartão de corridas? – Lúcio estendeu-me uma tabuinha de madeira. Muitos dos ocupantes das bancadas usavam as suas à laia de leques, para se abanarem; a toda a volta do estádio decorado a vermelho e branco, vi cartões de corridas agitados pelo ar.

– Não? – perguntou Lúcio. – Deixa lá, apontas no meu. Vejamos, primeira corrida do dia... – Os cartões traziam uma lista dos corredores, com as respectivas cores e o nome do principal cavalo da sua equipa, constituída por quatro animais. – Vermelho principal: Muscloso, correndo com Ajax, um herói em cavalo, sem dúvida nenhuma! Vermelho de segunda classe: Epafrodito, correndo com Manchas, um cavalo de cinco anos, não conhecia aquele cavalo. Nos Brancos: Talo, correndo com Suspeita, e o colega Teres, que

corre com Branquinho. Que nome absurdo para um cavalo, não achas, mesmo que seja branco puro. Parece o nome de um cachorrinho. Por Hércules, aquilo foi a trombeta da partida?

Os quatro carros saltaram dos compartimentos de partida para a pista. Tendo ultrapassado a linha branca, todos eles se orientaram furiosamente para a posição interior, de acompanhamento da espinha que separava a pista a meio, deixando atrás de si grandes nuvens de poeira. Os chicotes estalaram, açoitando o ar, quando eles deram a primeira volta apertada em redor do poste colocado na extremidade da espinha de separação, virando em sentido contrário. Os Vermelhos iam à frente; Epafrodito, o carro secundário, estava a conseguir bloquear o Branco principal, proporcionando ao seu colega campo aberto, enquanto o Branco secundário seguia penosamente atrás, incapaz de prestar auxílio ao seu. Em sete voltas, porém, muita coisa podia acontecer.

Lúcio dava saltos. À nossa volta, os espectadores começavam a fazer apostas num ou noutro resultado.

– Eu aposto no Branquinho! – gritou o homem sentado do outro lado da coxia, na direcção de Lúcio.

Um homem que estava sentado várias filas abaixo voltou-se para trás e gritou:

– No Branco de segunda classe? Estás louco? Aposto contigo dez contra um em como o Branquinho não ganha. Quanto?

É esta a maneira de os romanos apostarem nas corridas: inspirados por uma intuição, num impulso momentâneo, geralmente com um desconhecido que se sentou ali ao pé. Sorri a Lúcio, cuja susceptibilidade a estas apostas espontâneas era uma piada corrente entre nós.

– Não queres participar naquela aposta, Lúcio?

– Hum... não – replicou ele, olhando atentamente para a pista. Por entre dentes, ouvi-o murmurar -, Vá lá, Ajax, vá lá!

Mas Ajax não venceu. Nem ele nem Branquinho. Ao chegar a última volta, era Suspeita, o Branco principal, que ocupava o lugar da frente, sem qualquer ajuda por parte do Branco secundário, que continuava em último lugar, e bastante atrasado. Foi uma espantosa

reviravolta. Até os espectadores apoiantes dos Vermelhos aplaudiram exibição tão maravilhosa dos favores da Fortuna.

– Ainda bem que não apostaste em Ajax – observei a Lúcio. Ele respondeu-me com um simples resmungo, e observou atentamente o cartão de corridas.

A medida que as corridas se iam sucedendo, pareceu-me que nunca tinha visto Lúcio tão interessado nos cavalos, saltando de excitação sempre que soava a trombeta da partida, aplaudindo, jubilante, quando o seu cavalo preferido ganhava, amuando quando ele perdia – o que era mais frequente – mas sem nunca apostar fosse com quem fosse à nossa volta. Estava constantemente a virar o cartão de corridas ao contrário para escrevinhar algarismos nas costas com um pau de giz, murmurando consigo e abanando a cabeça.

Eu estava ocupado a observar a animação do meu amigo, e ainda mais a atitude de estátua de Décimo Bruto, rigidamente sentado no camarote consular, ao lado do colega. Mantinha-se de tal maneira imóvel, que perguntei a mim próprio se não teria adormecido; via tão mal, que não era de espantar que as corridas não lhe interessassem por aí além. Nenhum assassino terá a ousadia de atentar contra a vida do cônsul em plena luz do dia, pensei, com dezenas de guarda-costas e milhares de testemunhas em redor. Apesar disso, sentia-me pouco à vontade, e não parava de examinar a multidão, em busca de indícios de algum desenvolvimento inesperado.

Com tanta coisa no espírito, para além de uma persistente dor de cabeça devida ao vinho da noite anterior, prestei uma atenção apenas passageira às corridas. Quando foi anunciado o vencedor, registei vagamente os nomes dos cavalos: Raio, Seta Afiada, Olhos de Fogo...

Por fim, chegou o momento da última corrida, em que Diócles entraria. Quando ele conduziu o seu carro para o compartimento de saída, um aplauso encheu os ares.

Os seus cavalos vinham ornamentados com esplêndidos arreios vermelhos. Uma crista de plumas douradas no alto da cabeça assinalava o cavalo principal, Pardal, uma beleza negra de flancos

magníficos. O próprio Diócles vinha totalmente vestido de vermelho, à exceção de um colar branco. Franzi os olhos.

– Lúcio, por que motivo traz Diócles vestida uma ponta que seja de branco?

– Traz?

– Olha bem, à volta do pescoço. Vês tão bem como eu...

– Pérolas – replicou Lúcio. – Parece uma fiada de pérolas. Coisa preciosa para um condutor de carros.

Acenei com a cabeça num gesto de assentimento. Diócles não as trazia postas na procissão de abertura. Era o género de coisa que um condutor poderia pôr antes de uma corrida, para lhe dar sorte – uma lembrança de amor...

No seu camarote, Décimo Bruto continuava sentado com a mesma rigidez de sempre, sem sinais de reacção. Com a falta de visão que tinha, era muito pouco provável que tivesse reparado no colar.

A trombeta soou. Os carros avançaram. Diócles tomou imediatamente a dianteira. A multidão bramia. Diócles era o favorito de todos; até os Brancos o adoravam. Percebi porquê. Ele era magnífico. Não usou o chicote uma única vez, mantendo-o preso no cinto até ao final, ao lado do punhal de emergência. Naquele dia, Diócles era conduzido como que por magia. Homem e cavalos pareciam ter uma única vontade; o carro dele não era um artefacto, era uma criatura, uma síntese de controlo humano e velocidade equídea. Ao vê-lo manter e aumentar, volta após volta, a dianteira e a distância relativamente aos outros corredores, a excitação da multidão ia crescendo até atingir um auge quase intolerável. Quando ele atravessou a linha da meta, não havia um único espectador sentado. As mulheres choravam. Os homens gritavam sem conseguirem emitir som algum, roucos de tanto berrar.

– Extraordinário! – declarou Lúcio.

– Pois foi – repliquei eu e, numa intuição súbita, num daqueles momentos de percepção quase divina por que os jogadores anseiam, prossegui – Diócles é um corredor magnífico. Que pena ter-se deixado enredar num esquema daqueles.

– O quê? O que foi que disseste? – Lúcio pôs a mão em concha atrás da orelha, para se proteger do rugido da multidão.

– Diócles tem tudo: talento, fortuna e o amor da multidão. Não tem necessidade nenhuma de fazer batota. – Abanei a cabeça.

– Só o amor poderia tê-lo conduzido a semelhante conspiração.

– Uma conspiração? O que queres tu dizer com isso, Gordiano? O que foi que viste?

– Vi as pérolas que ele trazia em redor do pescoço, olha, está a tocar-lhes com a mão enquanto faz a volta triunfal. Deve amá-la muito. Nenhum homem poderá censurá-lo por isso! Mas ser usado por ela daquela maneira...

– A conspiração? Deci! Deci corre perigo? – Lúcio debruçou-se para espreitar para o camarote consular. Até Décimo Bruto, o político que gostava de agradar, se tinha levantado para aplaudir Diócles, juntamente com a multidão.

– Acho que o teu amigo Décimo Bruto não precisa de recear pela sua vida. A não ser que morra com a humilhação.

– Gordiano, o que queres tu dizer com isso?

– Diz-me, Lúcio, por que foi que não apostaste uma única vez durante todo o dia? Que contas são essas que estás constantemente a fazer nas costas do cartão de corridas?

O meu amigo, já de si corado, corou ainda mais profundamente.

– Bem, se queres saber, Gordiano, eu... receio ter... eu perdi uma data de dinheiro hoje.

– Como?

– É uma coisa... uma coisa nova. Um círculo de apostas... organizado por gente perfeitamente respeitável.

– Apostaste previamente?

– Empenhei uma certa quantia em cada corrida. Bem, faz sentido, não faz? Se a pessoa conhecer os cavalos e apostar previamente na melhor equipa, de cabeça fria, em vez de o fazer no calor da corrida...

– Contudo, hoje fartaste-te de perder, perdeste muito mais do que ganhaste.

– A Fortuna é caprichosa. Abanei a cabeça.

– Quantas mais pessoas pertencem a esse “círculo de apostas”? Ele encolheu os ombros.

– Toda a gente que eu conheço. Bem, toda a gente que conta. São só os melhores, bem sabes o que quero dizer.

– Os mais ricos. Pergunto-me quanto dinheiro terão recolhido hoje os organizadores deste esquema de apostas. E quanto dinheiro terão de acabar por pagar.

– Gordiano, o que queres tu dizer, afinal?

– Lúcio, consulta o teu cartão de corridas. Anotaste os vencedores com uma marca a giz. Lê-me os nomes deles em voz alta, não me digas a cor, nem o corredor, diz-me apenas os nomes dos cavalos.

– Suspeita, foi a primeira corrida. Depois, Raio... Seta Afiada... Punhal Dourado. .. Perdiz... Oh! Por Hércules! Gordiano, não estás a dizer-me... aquele parágrafo das Actas...

Citei-o de cor: “A traça espeta a cabeça de fora amanhã. Presa fácil para o pardal, mas as perdizes passam fome. Diz a Safo de olhos de fogo: Suspeita! Um punhal atinge o alvo mais depressa do que um raio. Melhor ainda: mais depressa do que uma seta. Que Vénus conquiste a todos!” De Safo a Pardal, uma lista de cavalos, e todos eles venceram.

– Mas como é que isso pode ser?

– Uma coisa eu sei: a Fortuna não teve nada a ver com isto.

Saí do estádio cheio de gente e atravessei apressadamente as ruas vazias. Décimo Bruto ficaria retido para as cerimónias de encerramento. Eu devia dispor de cerca de uma hora antes de ele chegar a casa.

O escravo que me abriu a porta reconheceu-me e franziu o sobrolho.

– O senhor...

– .. ainda não chegou do Circo Máximo. Eu espero por ele. Entretanto.. . por favor, vai dizer à tua senhora que tem uma visita.

O escravo ergueu uma sobrancelha, mas conduziu-me a uma sala que dava para o jardim central. O sol do poente incidia sobre a água da fonte que jorrava no pátio exterior, reflectindo losangos de luz que dançavam por todo o tecto.

Não tive de esperar muito. Semprónia vinha sozinha, sem trazer consigo, sequer, uma criada. E não vinha a sorrir.

– O escravo da porta anunciou-me que eras Gordiano, o Descobridor.

– E sou. Encontrámo-nos... muito brevemente... esta manhã.

– Eu lembro-me. És o sujeito que passou a noite passada a bisbilhotar por ordem de Deci, a meter o nariz nas Termas Senianas e nesses sítios horríveis em redor do Circo Máximo. Oh, sim, a coisa chegou-me aos ouvidos. Também tenho os meus informadores. O que estás aqui a fazer?

– Estou a tentar decidir o que hei-de dizer ao teu marido. Ela lançou-me um olhar avaliador.

– O que pensas exactamente que sabes?

– Décimo Bruto está convencido de que tu e Diócles, o corredor, são amantes.

– E de que estás tu convencido, Descobridor?

– Acho que ele tem razão. Mas não tenho provas. Ela acenou com a cabeça.

– É tudo?

– O teu marido está convencido de que tu e Diócles planeavam matá-lo esta tarde.

Semprónia deu uma grande gargalhada.

– Querida e velha traça! – Soltou um suspiro. – Ter-me casado com Deci foi a melhor coisa que jamais me aconteceu. Sou a mulher do Cônsul! Por que raio de motivo haveria de querer matá-lo?

Encolhi os ombros.

– Interpretou mal aquela informação anónima que tu publicaste nas Actas do Dia.

– Que... informação anónima?

– Não é a primeira? Claro que não. Faz sentido. É a melhor maneira de comunicares com Diócles desde que estás proibida de sair desta casa e ele proibido de cá entrar. Aquilo que não compreendo foi como conseguiste convencer Diócles a fixar antecipadamente os resultados das corridas de hoje.

Ela cruzou os braços e lançou-me um longo olhar avaliador.

– Diócles ama-me; mais do que eu o amo a ele, receio bem, mas Vénus nunca foi justa. Suponho que o terá feito por amor; e pelo dinheiro. Diócles prepara-se para ganhar hoje uma enorme fortuna, ele e todos os corredores que participaram na combinação. Não imaginas quanto. São milhões. Há meses que andamos a trabalhar neste esquema. A montar o círculo de apostadores, a subornar os corredores...

– Estás a falar no plural? Quer dizer que todo o teu círculo estava metido nisto?

– Alguns deles. Mas fomos sobretudo Diócles e eu. – Franziu o sobrolho. – Foi então que Deci teve aquele ataque idiota de ciúmes. Não podia ter acontecido em pior altura, com as corridas a menos de um mês de distância. Eu tinha de arranjar maneira de comunicar com Diócles. E fi-lo através das Actas do Dia.

– Deves ter um extraordinário poder de...

– Persuasão?

– Organização, ia eu dizer.

– Pareço um homem? – Ela riu-se.

– Ainda há uma coisa que me intriga. O que vais tu fazer com milhões de sestércios, Semprónia? Não podes esconder semelhante quantia ao teu marido. Ele havia de querer saber de onde tinha caído tal ventania.

Ela olhou-me intensamente.

– O que te parece que eu tenciono fazer com o dinheiro?

– Parece-me que tencionas... ver-te livre dele.

– Como?

– Parece-me que tencionas... mandá-lo para o estrangeiro.

– Para onde?

– Para Espanha. Para Quinto Sertório, o general rebelde.

O seu rosto adquiriu uma palidez idêntica às das pérolas que usava no cabelo.

– Quanto queres, Gordiano? Abanei a cabeça.

– Não vim fazer chantagem contigo.

– Não? Era isso que Escorpo queria.

– O homem do teu marido? Ele descobriu a verdade?

– Só acerca do esquema das corridas. Mostrou-se convencido de que isso lhe dava direito a uma parte dos lucros.

– Deve chegar para todos.

Ela abanou a cabeça.

– Escorpo nunca teria deixado de querer mais.

– Por isso afogou-se.

– Foi Diócles que tratou disso. Circulam no circo homens que fazem esse tipo de coisas em troca de quase nada, especialmente a um sujeito como Diócles. Os chantagistas não merecem outra coisa.

– Isso é uma ameaça, Semprónia?

– Depende. O que queres tu, Descobridor? Encolhi os ombros.

– A verdade. É a única coisa que me satisfaz. Porquê Sertório? Por que arriskas dessa maneira, por que arriskas tudo, para ajudar a rebelião que ele dirige em Espanha? Tens alguma relação familiar com ele? Algum amante que resolveu largar tudo e apoiar os rebeldes? Ou será que tu e Sertório são...?

– Amantes? – Ela riu-se, mas sem alegria. – Mas é só isso que vocês conseguem conceber, que, sendo mulher, eu tenho de ser movida pelas paixões? Não consegues imaginar que uma mulher possa ter opiniões políticas, convicções, interesses, que sejam independentes de um marido ou de um amante? Não tenho de me justificar perante ti, Gordiano.

Anuí com um gesto de cabeça. Sentindo os olhos dela sobre mim, dei uma volta à sala. O sol afundava-se no horizonte. Senti no rosto, como uma carícia, os raios quentes do sol reflectidos da fonte. Décimo Bruto regressaria a casa a qualquer momento. O que lhe diria eu?

Tomei uma decisão.

– Perguntaste-me o que queria de ti, Semprónia. Na realidade, acho que, dadas as circunstâncias, se justifica um reembolso...

Ao fim da tarde do dia seguinte, encontrei-me sentado à beira de Lúcio Cláudio no jardim de sua casa, a beber com ele uma taça de vinho. O interesse que ele mostrara pelas Actas do Dia dessa manhã eclipsara-se diante das bolsas de moedas que eu trouxera comigo. Afastando os rolinhos de pergaminho de cima da mesa,

esvaziou as bolsas e empilhou os sestércios em pilhas instáveis, contando-os e recontando-os alegremente.

– Está tudo aqui! – anunciou, batendo palmas. – Todos os sestércios, do primeiro ao último, que perdi ontem nas corridas. Mas, Gordiano, como foi que me recuperaste o dinheiro?

– Isso, caro Lúcio, é um segredo e assim deve permanecer.

– Se insistes. Mas teve alguma coisa a ver com Semprónia e aquele corredor, não teve?

– Um segredo é um segredo, Lúcio. Ele suspirou.

– A tua discrição é exasperante, Gordiano. Mas aprendi a lição. Nunca mais me deixarei enredar num esquema de apostas como aquele!

– Quem me dera ter conseguido que todas as pessoas que ontem foram enganadas tivessem recuperado o seu dinheiro – comentei eu. – Infelizmente, as lições delas serão mais caras do que a tua. Não me parece que aqueles conspiradores voltem a tentar montar um esquema semelhante. Esperemos que as corridas romanas possam recuperar a sua inocência original.

Lúcio anuiu com um aceno de cabeça.

– O importante é que Deci não corre perigo.

– Nunca correu perigo.

– Mas foi indelicado da parte dele não te ter pago a totalidade dos teus honorários.

Encolhi os ombros.

– Quando fui ter a sua casa, ontem à noite, depois das corridas, nada mais tinha a comunicar-lhe. Ele contratou-me para pôr a nu uma conspiração contra a sua vida. E eu não o fiz.

E se eu tivesse contado ao cônsul tudo o que sabia, pensei, o adultério de Semprónia, a combinação do resultado das corridas, o esquema das apostas, a tentativa de chantagem por parte de Escorpo e o seu assassinio, o traiçoeiro apoio de Semprónia a Sertório? Aterrorizado com a possibilidade de um escândalo, Décimo Bruto ter-se-ia limitado a abafar tudo. Semprónia não lhe seria mais fiel do que fora até então, e nenhum dinheiro de apostas teria sido devolvido. Não, eu tinha sido contratado para salvar a vida do cônsul e para o fazer discretamente; e, no que me dizia respeito, o meu

dever para com Décimo Bruto terminara no momento em que eu descobrira que não havia conspiração nenhuma contra a sua vida. A minha discrição manter-se-ia.

– Ainda assim, Gordiano, foi mesquinho da parte de Deci não te pagar...

A discrição impedia-me de contar a Lúcio que a outra metade dos meus honorários tinha sido efectivamente paga – por Semprónia. Era a única maneira de eu salvar a vida. Convenci-a de que, pagando-me os meus honorários, ela estava a comprar a minha discrição. E assim evitei sofrer o mesmo destino que Escorpo.

Ao mesmo tempo, tinha-lhe solicitado um reembolso das apostas de Lúcio, coisa que me pareceu absolutamente razoável.

Lúcio envolveu com as mãos uma pilha de moedas, como se elas emitissem calor, e sorriu com ar resignado.

– Ouve uma coisa, Gordiano, e se, à laia de comissão por me teres recuperado estas perdas, eu te desse... cinco por cento do total?

Sustive a respiração e olhei para as moedas empilhadas em cima da mesa. Betesda ficaria muito satisfeita por ver o cofre de nossa casa cheio a abarrotar. Sorri a Lúcio e ergui uma sobrancelha.

– Gordiano, não olhes para mim dessa maneira!

– Como?

– Pronto, está bem, dou-te dez por cento. Mas nem mais um sestércio!

SE UM CICLOPE PUDESSE DESAPARECER NUM PISCAR DE OLHOS

Eco estava furioso. A princípio só percebi isso, que ele se sentia irritado e frustrado, quase à beira das lágrimas. Era em alturas como aquelas que eu me apercebia com mais intensidade da sua mudez. Normalmente, ele era bastante habilidoso a expressar-se por gestos e sinais, mas quando se enervava não.

– Acalma-te – disse-lhe suavemente, pondo-lhe as mãos sobre os ombros. Ele estava naquela idade em que os rapazes disparam como pés de feijão. Ainda não há muito tempo, colocando as mãos àquela altura, eu estaria a afagar-lhe a cabeça. – Então – perguntei – qual é o problema?

O meu filho adoptivo respirou fundo e recuperou a compostura, depois agarrou-me na mão e levou-me pelo jardim pouco cuidado que ficava no centro da casa, por sob o pórtico, por uma passagem tapada com uma cortina, até ao interior do seu quarto. À luz brilhante da manhã que entrava pela pequena janela, passei em revista o parco mobiliário – uma cama estreita, uma cadeira de dobrar de madeira e um pequeno baú.

Não foi para estes objectos que Eco me chamou a atenção, mas para um nicho comprido à altura do joelho, cavado na parede de estuque oposta à da cama. Da última vez que me aventurara a entrar no quarto dele, um pandemónio de brinquedos atafalhavam aquele nicho – barquinhos de madeira, uma bola de pele para jogar trígono, pedrinhas de vidro colorido usadas nos jogos de tabuleiro egípcios. Agora, o espaço encontrava-se arrumado com aprumo – tendo os brinquedos abandonados sido arrumados no baú, juntamente com a sua túnica lavada, presumi – e a ocupar a

prateleira viam-se várias figurinhas de barro cozido, cada uma das quais representava um monstro lendário de aspecto terrível. Havia uma medusa com cobras no lugar do cabelo, um ciclope com um olho, o leão de Nemeia e muitos outros.

As figuras eram toscas, mas tinham sido pintadas com cores vivas, e eu sabia que Eco as adorava. Eram obra de um oleiro que tinha uma loja junto ao Tibre, que as fazia no seu tempo livre, com sobras de barro. Eco fazia uns biscates ao homem, que lhe pagava com as figurinhas. Insistia em exibi-las, a mim e a Betesda, sempre que trazia uma nova para casa. Eu fazia questão de as admirar, mas a minha adorada concubina não guardava segredo do seu desdém por elas. A educação que recebera no Egipto gerara nela uma atitude diferente da dos romanos – atrever-me-ei a dizer mais supersticiosa? – e, enquanto eu achava inofensivas as engraçadas figurinhas, ela via nelas qualquer coisa de desagradável, ou mesmo de sinistro.

Não me tinha apercebido da dimensão que a colecção de Eco adquirira. Contei quinze figurinhas, todas muito bem alinhadas.

– Por que mas mostras? – perguntei.

Ele apontou para três intervalos vazios, na fila de espaços iguais.

– Estás a dizer-me que te faltam três monstros? Eco assentiu vigorosamente com a cabeça.

– Mas onde é que eles foram parar?

Ele encolheu os ombros e o lábio inferior começou a tremer-lhe. Tinha um ar tão desolado.

– Quais é que faltam? Quando desapareceram?

Apontando para o primeiro espaço vazio, Eco fez uns gestos complicados, rosnando e arreganhando os dentes, até que eu percebi que a figurinha desaparecida era o Cérbero de três cabeças, o cão de guarda de Plutão. Passou a palma da mão aberta por trás do antebraço colocado na horizontal – o gesto dele para referir o pôr-do-sol – e esticou dois dedos.

– O Cérbero desapareceu antes de ontem? Ele assentiu com a cabeça.

– Mas por que não me disseste na altura?

Eco encolheu os ombros com uma expressão de desalento. Concluí que presumira que podia ter sido ele próprio a perder a figurinha.

A nossa troca de informações prosseguiu – eu fazia as perguntas, Eco respondia por gestos – até eu perceber que na véspera desaparecera o Minotauro, e na manhã daquele mesmo dia a Hidra de múltiplas cabeças. O primeiro desaparecimento apenas o intrigara; o segundo alarmara-o; o terceiro lançara-o num estado de profunda confusão.

Detive o olhar nos espaços vazios da fila de monstros e passei a mão pelo queixo.

– Bem, bem, isto é grave. Diz-me, desapareceu mais alguma coisa? Eco abanou a cabeça.

– Tens a certeza?

Ele revirou os olhos e apontou para a cama, a cadeira e o baú, como quem diz: Com tão poucas coisas, não achas que reparava se tivesse desaparecido mais alguma?

As figurinhas de Eco tinham pouco valor intrínseco. Qualquer verdadeiro ladrão teria com certeza deitado mão a uma das pulseiras de Betesda ou a um pergaminho da minha estante. Mas, que eu soubesse, não desaparecera mais nada lá de casa nos últimos dias.

Nessa altura, encontrava-me sem escravos – para além de Betesda, a quem dificilmente se justificava continuar a chamar escrava, tendo em conta a sua tendência para fazer valer a sua vontade em qualquer disputa – de modo que os únicos ocupantes da casa eram Betesda, Eco e eu próprio. Nos últimos três dias, não tínhamos recebido nenhum comerciante nem, infelizmente para a minha bolsa, aparecera nenhum cliente em busca dos serviços de Gordiano, o Descobridor.

Ergui uma sobrancelha.

– Felizmente para ti, Eco, calha eu estar de momento sem trabalho, pelo que posso empenhar todos os meus esforços na resolução deste mistério. Mas não é possível apressar a verdade. Deixa-me ponderar um pouco, talvez uma noite de sono ajude, a ver se consigo chegar a uma solução.

Betesda esteve fora de casa a maior parte do dia, a fazer compras no mercado de frescos e a levar-me um par de sandálias ao sapateiro para pôr solas novas. Eu tinha umas coisas a fazer no Fórum, e um assunto especial a tratar na rua dos Estucadores. Só à noite, depois de Eco se ter retirado para o seu quarto e de estarmos os dois reclinados nos canapés a seguir ao jantar – um repasto simples de sopa de lentilhas e tâmaras recheadas – tive oportunidade de conversar sossegadamente com Betesda acerca do problema de Eco.

– Desapareceram? Um de cada vez? – perguntou ela. Ao brilho da luz quente da braseira, pareceu-me ver um sorriso subtil nos seus lábios. A mesma luz captava madeixas cor de vinho no seu cabelo escuro, tratado com hena. Betesda era bela a todas as horas do dia, mas talvez mais à luz do fogo. A gata preta a que chamava Bast estava deitada a seu lado, submetendo-se às suas festas suaves. Ao ver Betesda acariciar o animal, senti uma pontada de inveja. Na altura, os gatos ainda constituíam novidade em Roma, e ter um gato em casa, como outros tinham um cão, era um dos hábitos peculiares que Betesda trouxera consigo do Egipto. A sua última gata, também chamada Bast, expirara há algum tempo. Esta fora recentemente adquirida em Óstia, a um mercador que viajara a bordo de um navio. O animal e eu dávamo-nos razoavelmente, desde que eu não tentasse interpor a minha pessoa entre Bast e a dona quando era a sua vez de receber as carícias de Betesda.

– Sim, os monstros parecem estar a desaparecer um por um – disse eu, pigarreando. – Sabes alguma coisa sobre o assunto?

– Eu? Por que hei-de eu ter alguma coisa a ver com isso? – Betesda ergueu uma sobrancelha. Durante um momento inquietante, a expressão dela e a da gata foram idênticas, misteriosas, distantes e absolutamente contidas. Sentindo-me pouco à vontade, mudei de posição.

– Talvez... – Encolhi os ombros. – Talvez ao limpares o quarto dele. Talvez uma das figurinhas tenha caído e se tenha partido...

– Achas que sou cega, além de desajeitada? Acho que, se tivesse partido uma das figurinhas de Eco, saberia que o tinha feito

– replicou ela com frieza. – Especialmente se isso me tivesse acontecido em três dias consecutivos.

– Claro. Ainda assim, tendo em consideração os teus sentimentos relativamente às figurinhas...

– E tu sabes o que eu sinto relativamente a elas, senhor? – Betesda olhou-me fixamente com o seu olhar de gata.

Pigarreei.

– Bem, sei que não as aprecias...

– Respeito-as como aquilo que são. Vocês acham que se trata apenas de pedaços de barro destituídos de vida, de brinquedos de criança feitos por um oleiro desajeitado. Vocês, romanos! Acreditam tanto na mão cheia de deuses que vos tornaram poderosos, que se tornaram incapazes de ver os pequenos deuses que habitam nos vossos lares. Há uma centelha de vida em cada uma das figurinhas que Eco trouxe para esta casa. É pouco recomendável trazer tantas de uma só vez, em especial quando sabemos tão pouco sobre qualquer delas. Sabes o que eu acho? Acho que as três que desapareceram podem ter-se ido embora pelo seu próprio pé.

– O quê? Achas que saltaram da prateleira e desataram a correr dali para fora?

– Zombas de mim, senhor, mas é possível que as três que desapareceram se sentissem infelizes na companhia das outras. Ou talvez as outras se tenham juntado para as expulsar! – Betesda ergueu-se ao mesmo tempo que levantava a voz, endireitando-se no canapé. Bast, desagradada com a mudança de disposição da dona, saltou-lhe do colo e afastou-se a grande velocidade.

– Betesda, isso não tem pés nem cabeça! São apenas pedaços de barro pintado!

Ela recuperou a compostura e recostou-se.

– Tu lá sabes, senhor. Tu lá sabes.

– A questão é que aquelas figurinhas têm muito valor para Eco. Ele tem muito orgulho nelas. São suas. Ganhou-as com o seu trabalho.

– Tu lá sabes, senhor. Como mera escrava, não me é possível perceber bem o que é ganhar ou ter o que quer que seja.

O seu tom de voz não exprimia qualquer empatia por Eco, e seguramente não exprimia ponta de remorso. Senti-me mais decidido do que nunca a cumprir a promessa que fizera a Eco de resolver o mistério dos seus monstros desaparecidos.

Nessa noite, depois de Betesda ter adormecido, esgueirei-me da cama e saí furtivamente para o jardim do centro da casa, iluminado pela lua cheia. Num local discreto, ao lado de uma das colunas do pórtico, localizei a compra que tinha feito naquele dia na rua dos Estucadores. Era uma bolsa de linho fortemente entrançado, contendo uma mão cheia de pó de estuque. Levando a bolsa comigo, passei silenciosamente pela cortina que dava acesso ao quarto de Eco. Ao luar que se derramava no quarto através da pequena janela, vi Eco a dormir profundamente, deitado na pequena cama. Meti a mão dentro da bolsa e espalhei uma camada muito fina de pó de estuque no chão, diante do nicho onde se alinhavam as figurinhas. O pó era tão fino, que se ergueu da minha mão uma pequena nuvem, que pareceu brilhar ao luar.

Os olhos marejaram-se-me de lágrimas e senti cócegas no nariz. Saí do quarto de Eco, escondi a bolsa de pó de estuque e voltei sub-repticiamente para a cama. Meti-me debaixo dos cobertores ao lado de Betesda. Só então libertei um espirro, que quebrou o silêncio como um trovão.

Betesda murmurou qualquer coisa e voltou-se para o outro lado, mas não acordou.

Na manhã seguinte, acordei ao som dos pássaros a cantar no jardim – não era um canto agradável, mas o crocitar estridente de duas pegas, altercando nas árvores. Tapei os ouvidos com a almofada, mas de nada me serviu. O dia tinha definitivamente começado.

Ao sair da cama, dei inadvertidamente um pontapé numa sandália – uma das que Betesda me trouxera do sapateiro na véspera – atirando-a para debaixo da cama. Pondo-me de joelhos para a recuperar, detive-me ao ver no chão, debaixo da cama, quatro objectos encostados à parede, sob a zona onde Betesda dormia. Deitados de lado, formavam um pequeno grupo. A fazer companhia às figurinhas desaparecidas de Cérbero, do Minotauro e

da Hidra, encontrava-se uma quarta, o Ciclope de um olho só, que também era propriedade de Eco.

Ora, ora, pensei, pondo-me de pé. Afinal de contas, tinha sido supérfluo espalhar o pó de estuque. Ou talvez não. Se Betesda não confessasse que surripiara as figurinhas de Eco, o testemunho das pegadas dela no pó, e o pó colado às solas das suas sandálias, obrigá-la-ia a isso. Não pude evitar sorrir, prevendo o ar contrariado com que ficaria. Ou manteria a ficção de que as figurinhas se tinham posto a andar pelo seu próprio pé, com o curioso objectivo, descobria-se agora, de se congregarem debaixo da nossa cama?

Assobiando uma antiga canção de embalar etrusca e desejoso de tomar um pequeno-almoço abundante, atravessei o jardim em direcção à sala de jantar, que ficava nas traseiras da casa. Por cima da minha cabeça, as pegas grasnavam, num contraponto dissonante ao meu assobio. Bast estava sentada numa mancha de sol, aparentemente indiferente às aves, lavando uma pata da frente com a língua.

Acabara de me instalar no canapé, quando Eco saiu do quarto a correr com uma expressão confusa e alarmada. Correu para mim a agitar os braços, com gestos rudimentares.

– Já sei, já sei – disse eu, erguendo uma mão para o acalmar e agarrando-o suavemente com a outra. – Não me digas, o teu Ciclope desapareceu.

Eco mostrou-se surpreendido, depois fez uma careta e olhou para mim com ar interrogativo.

– Como é que eu sei? Bem...

Nesse momento, surgiu Betesda vinda da cozinha, trazendo na mão uma taça de papas de aveia fumegantes. Pigarreei.

– Betesda – disse-lhe – parece que desapareceu mais uma das figurinhas de Eco. O que dizes a isso?

Ela pousou a taça numa mesinha de tripé e começou a servir as papas para três taças mais pequenas.

– Que queres que diga, senhor? – Mantinha os olhos fixos no que estava a fazer. O seu rosto estava completamente inexpressivo, e não indiciava o menor traço, quer de culpa, quer de astúcia.

Suspirei, quase lamentando o facto de ela me forçar a denunciar a sua pequena charada.

– Talvez pudesses começar... – Por pedir desculpa a Eco, ia eu dizer, quando fui inesperadamente interrompido por um espirro.

Não foi Betesda quem espirrou. Nem foi Eco.

Foi a gata.

Betsda ergueu os olhos.

– Diz, senhor? Posso começar por dizer... o quê? Corei. Pigarreei. Franzi os lábios.

Pus-me de pé.

– Eco, a primeira coisa de que não te podes esquecer, se queres vir a ser Descobridor como o teu pai, é de manter sempre a cabeça fria e nunca tirar conclusões precipitadas. A noite passada, montei uma armadilha ao nosso culpado. Se formos agora examinar a cena do crime, suspeito de que iremos descobrir que ela deixou uma pista.

Ou várias pistas, como se veio a verificar, caso se considere cada pequeno decalque almofadado de patas na fina camada de pó de estuque uma pista individual. Os decalques das patas iam até ao nicho e voltavam. Seguindo um trilho quase invisível de marcas de patas empoeiradas, Eco e eu reconstruímos o percurso do ladrão desde o quarto dele, passando pelo pórtico de colunas, até ao quarto que eu partilhava com Betesda. O trilho desaparecia debaixo da cama.

Deixei Eco descobrir sozinho as figurinhas surripiadas. Ele soltou um grunhido, precipitou-se para debaixo da cama e reemergiu apertando firmemente os tesouros de barro nas mãos, com uma expressão que era um misto de alívio e de triunfo.

Muitíssimo excitado, pousou as figurinhas para poder comunicar. Comprimiu o indicador e o polegar de ambas as mãos debaixo do nariz e esticou os restantes dedos para fora, o sinal que utilizava para designar Bast, imitando os bigodes compridos da gata.

– Sim – disse eu. – Foi a Bast que te roubou as figurinhas. Eco encolheu os ombros de forma exagerada e com as palmas voltadas para cima.

– Porquê? Isso não sei. Nós, os romanos, ainda não sabemos assim tanto sobre gatos. Não somos como os egípcios que vivem com eles, e os adoram, desde a aurora dos tempos. Suponho que, tal como os cães e os furões, e as pegas, já que falamos nisso, há gatos que têm tendência para surripiar e esconder pequenos objectos. Estas figurinhas cabem perfeitamente nas mandíbulas de Bast. Tenho a certeza de que não o fez com má intenção, dado que nenhuma delas parece ter sido estragada. Tratou-as obviamente com grande respeito.

Olhei para a gata. Estava sentada à porta do quarto, ao lado de Betesda, e fitou-me com uma expressão calma que não admitia sombra de culpa. Esfregou-se contra os calcanhares de Betesda, açoitou o ar com a cauda e afastou-se vagarosamente em direcção ao jardim. Betesda ergueu uma sobrancelha e olhou-me fixamente, mas não disse nada.

Nessa noite, depois de um dia muito atarefado, enfiei-me na cama ao lado de Betesda. Pareceu-me pouco amistosa, mas não disse nada. O silêncio adensou-se.

– Acho que te devo um pedido de desculpas – disse eu por fim.

– Porquê?

Decidi que a melhor opção era admitir o meu erro com ligeireza.

– Foi idiotice minha, de facto. Sabes que quase suspeitei de teres sido tu a esconder as figurinhas de Eco.

– A sério? – À luz pálida do luar, não consegui decifrar a expressão dela. Estaria zangada? Divertida? Desinteressada?

– Sim, de facto, suspeitei de ti, Betesda. Mas claro que não foste tu. Foi a gata. – A criatura saltou abruptamente para cima da cama e pisou-nos aos dois para se instalar entre Betesda e a parede, ronronando alto.

– Sim, foi a Bast que escondeu as figurinhas – replicou Betesda. Voltou-se para o outro lado e pôs a mão por cima da gata, que respondeu com um ronronar que era quase um rugido. – Mas como sabes que não fui eu quem a levou a fazê-lo?

Para aquela pergunta, eu não tinha resposta.

A CORÇA BRANCA

O velho senador era primo afastado do meu amigo Lúcio Cláudio, e em tempos tinham sido íntimos. Foi a única razão pela qual concordei em ir vê-lo; era um favor que fazia a Lúcio. Quando, a caminho da casa do senador, Lúcio referiu que o assunto tinha a ver com Sertório, estalei a língua e quase virei costas. Tive logo a sensação que dali não ia sair coisa boa. Chamem-lhe premonição, se quiserem; se acreditarem que há premonições.

A casa do Senador Gaio Cláudio ficava no monte Aventino, que está longe de ser o bairro mais elegante de Roma. Ainda assim, apertadas entre as exíguas lojinhas e os novos e feios edifícios de apartamentos que se espalham desordenadamente pelo monte acima, vêem-se muitas casas patrícias de outros tempos. A fachada da casa do senador era humilde, mas isso não queria dizer nada: as casas da nobreza romana são frequentemente singelas, pelo menos no exterior.

O porteiro, velho e trémulo, reconheceu Lúcio (não havia outro igual em Roma, com o seu rosto redondo e sorridente, o cabelo ruivo despenteado e os saltitantes olhos verdes) e conduziu-nos de imediato ao átrio, onde uma fonte gorgolejava e salpicava água, mas pouco fazia para atenuar o calor daquele dia estival de céu limpo: Enquanto esperávamos que o nosso anfitrião aparecesse, Lúcio e eu deambulámos pelos quatro cantos do pequeno jardim quadrado. O dia estava tão quente, que os diversos quartos que davam para o átrio tinham as portadas abertas para trás.

– Presumo que o teu primo esteja a passar tempos difíceis – observei a Lúcio.

Ele franziu os lábios.

– Por que dizes isso, Gordiano? Não me lembro de te o ter mencionado.

– Observa o estado desta casa.

– É uma bela casa. Gaio mandou-a construir quando era jovem, e aqui tem vivido desde então.

– Parece-me muito frugalmente decorada.

– Não viste os bustos dos nobres antepassados do meu primo alinhados nos nichos do átrio? – perguntou Lúcio empinando o nariz.

– Que mais ornamentos requer a casa de um patrício? – Apesar de ter um temperamento jovial, por vezes, Lúcio não conseguia deixar de ser um pouco afectado.

– Mas parece-me que o teu primo é um grande apreciador de arte, ou era.

– Por que dizes isso?

– Observa bem este chão de mosaico, e o seu intrincado padrão de folha de acanto. A execução é perfeita. E repara nos frescos das paredes de alguns destes quartos. São várias cenas da Ilíada, julgo eu. Mesmo a esta distância, consegue-se perceber que são obras de alta qualidade.

Lúcio ergueu uma sobrancelha.

– Reconheço que o primo Gaio tem bom gosto. Mas por que presumes que está a atravessar um momento difícil?

– Por causa das coisas que não vejo.

– Francamente, Gordiano! Como podes entrar numa casa onde nunca estiveste e declarar que faltam coisas? Vejo os quartos em redor tão bem como tu e parecem-me adequadamente mobilados.

– Precisamente: as mobílias são adequadas. Esperaria algo mais do homem que mandou construir esta casa e encomendou aqueles murais e aqueles mosaicos. Onde está a mobília esplendidamente entrançada? Só vejo coisas banais, que qualquer pessoa pode comprar já feitas na rua dos Marceneiros. Onde estão os quadros, as pinturas portáteis em molduras, os retratos e as cenas bucólicas tão em voga hoje em dia?

– O que te faz pensar que o primo Gaio colecionava semelhantes obras?

– O facto de ver rectângulos descoloridos nas paredes, onde elas estavam penduradas! E havia seguramente uma estátua de peso a preencher aquele espaço vazio por cima do pedestal no

centro da fonte. Deixa-me adivinhar: Diana com o seu arco, ou talvez um lançador de disco?

– Na realidade, era um Hércules bastante embriagado.

– Tais objectos de valor não desaparecem de uma casa patrícia sem motivos de peso. Esta casa parece um armário vazio, ou uma bela matrona romana sem as suas jóias. Onde estão as urnas, os vasos, as pequenas preciosidades que uma pessoa espera encontrar na casa de um velho senador abastado? Foram leiloadas para pagar aos cobradores, presumo. Quando foi que o teu primo as vendeu?

– Ao longo dos últimos anos – admitiu Lúcio com um suspiro – pouco a pouco. Se não fizessem parte da casa, e pudessem ser vendidos separadamente, sem dúvida que os mosaicos e os murais também teriam ido. A Guerra Civil foi dura para com o primo Gaio.

– Apoiou a facção errada?

– Pelo contrário! Gaio foi um apoiante dedicado de Sula. Mas a mulher do seu filho único, que era da minha idade, pertencia a uma família apoiante de Mário, e ele ficou contaminado pelas ligações da esposa. Foi decapitado quando Sula se tornou ditador. Deixou, porém, um herdeiro, o neto de Gaio, um rapaz chamado Mamerco, que não tem ainda vinte anos. Gaio ficou com a custódia do neto, mas também teve de assumir as dívidas do filho morto, que foram devastadoras. Pobre primo Gaio! A Guerra Civil destruiu-lhe a família, levou-lhe o filho único e deixou-o virtualmente falido.

Olhei em redor.

– A casa em si parece bastante valiosa.

– E deve ser, mas é tudo quanto resta a Gaio. A fortuna desapareceu-lhe toda. E receio que o jovem Mamerco também.

– O neto?

– Partiu para Espanha! Deu um enorme desgosto ao avô.

– Para Espanha? Ah, foi por isso que falaste em Sertório pelo caminho...

A Guerra Civil terminara há seis anos. Mário perdera. Sula ganhara e entronizara-se como ditador. Vira-se livre dos seus inimigos, reorganizara o Estado, e depois reformara-se, deixando o controlo do senado e das magistraturas a sucessores escolhidos por

si. Os apoiantes de Mário – aqueles que haviam sobrevivido às proscricções e não tinham sido decapitados – tinham sido reduzidos a pó. Em Espanha, porém, ardiam ainda em fogo lento as últimas brasas da resistência, na pessoa de Quinto Sertório. Para além de se recusar a render-se, o general renegado declarava encabeçar o legítimo Estado romano. Os militares descontentes que haviam apoiado Mário e os mais desesperados senadores anti-Sula tinham fugido de Roma para se irem juntar ao governo de Sertório no exílio. Para além das suas próprias legiões, Sertório conseguira mobilizar a população nativa em seu favor. Em conjunto, Sertório e as suas forças em Espanha constituíam um poder considerável, que o senado romano não podia ignorar e que ainda não fora capaz de esmagar.

– Estás a dizer-me que o jovem Mamerco fugiu para se juntar a Sertório?

– Aparentemente – respondeu Lúcio, abanando a cabeça. Inclinou-se para cheirar uma rosa. – Que perfume tão doce!

– Quer dizer que o jovem Mamerco rejeitou a posição política do avô e permaneceu leal ao lado materno da família?

– Aparentemente. Gaio está bastante perturbado. A loucura da juventude! Não há futuro para quem alinhar com Sertório.

– Mas que futuro teria o jovem se tivesse ficado em Roma com o avô? Dizes que Gaio está na bancarrota.

– É uma questão de lealdade, Gordiano, e de dignidade da família. – Lúcio media as palavras. Percebi que estava a esforçar-se, tanto quanto era possível a um patrício, para não assumir um tom condescendente.

Encolhi os ombros.

– Talvez o rapaz sinta que está a ser leal para com o falecido pai, ao juntar-se ao último pólo de resistência à facção de Sula. Mas percebo o que dizes, Lúcio, é uma tragédia familiar, de um género infelizmente comum nos dias de hoje. Mas o que quer o teu primo de mim?

– Pensei que fosse óbvio. Quer que alguém... ah, mas aqui está Gaio em pessoa...

– Primo Lúcio! Dá-me um abraço! – Um homem velho e de aspecto frágil, de toga senatorial vestida, entrou no átrio de braços bem abertos. – Deixa-me encostar ao peito alguém da minha carne e do meu sangue!

Os dois homens dificilmente poderiam ser mais diferentes. Gaio era mais velho, claro, mas era alto e magro, ao passo que Lúcio era baixo e rotundo. E, enquanto Lúcio era corado e viçoso, havia uma aura cinzenta em redor do velho senador, não apenas no cabelo e nas mãos engelhadas, mas também na expressão facial e nos modos, uma espécie de austeridade abatida e ressequida. Tal como a casa onde vivia, também o homem parecia ter sido despido de ornamentos vãos, e reduzido à sua essência.

Momentos depois, afastaram-se um do outro.

– Eu sabia que não me desapontavas, Lúcio. É este o indivíduo?

– Sim, este é Gordiano, chamado o Descobridor.

– Esperemos que faça jus ao nome. – Gaio Cláudio fitou-me, não com o olhar condescendente a que eu estava habituado a receber dos patrícios, mas com uma expressão firme e profunda, como que a ajuizar se eu devia dar-lhe razões de esperança ou não. – Parece fidedigno – pronunciou por fim. – Ah, mas quem sou eu para ajuizar do carácter de alguém, eu que deixei o meu filho único casar com um membro de uma família apoiante de Mário e depois não fui capaz de prever as intenções do meu neto, de seguir o mesmo caminho rumo ao desastre?

– Sim, estava agora mesmo a informar Gordiano da tua situação – disse Lúcio.

– E ele está disposto?

– Na realidade, estávamos mesmo a chegar a essa questão...

Na verdade, devia haver ainda um derradeiro, um fino véu de vaidade sobre a aparência do senador, pois nesse momento vi-o cair. Fitou-me com ar de quem implora.

– O rapaz é tudo o que me resta! Tenho pelo menos de saber o que é feito dele, por que cometeu esta loucura e se será possível persuadi-lo a ver a razão! Fazes isso por mim, Gordiano?

– Fazer o quê, Gaio Cláudio? – perguntei, embora começasse a ver com demasiada clareza do que se tratava.

– Encontrá-lo! Ires a Espanha por mim. Levares-lhe uma mensagem minha. Trazê-lo de volta!

Pigarreei.

– Deixa-me ver se compreendi bem, Gaio Cláudio. Queres que me aventure pelos territórios dominados por Sertório? Deves ter noção de que toda a península espanhola está devastada por batalhas. O perigo...

– Vais pedir-me honorários elevados, suponho... – Gaio evitou olhar-me de frente e torceu as mãos.

– Os honorários não serão problema – disse Lúcio.

– Receio bem que sejam, um problema muito sério – interpus eu, sem perceber o que ele queria dizer. Depois reparei no olhar que Lúcio e o primo trocaram e compreendi. Gaio Cláudio não tinha dinheiro. Seria Lúcio a pagar-me os meus honorários, e Lúcio, como eu bem sabia, podia dar-se ao luxo de ser generoso. Nesse caso, eu estava a ser incumbido desta missão, não apenas pelo seu primo, como também pelo meu estimado amigo. O que me fez sentir ainda mais compelido a aceitá-la.

E foi assim que, alguns dias mais tarde, me encontrei na costa leste de Espanha, perto da vila de Sucro, relativamente perto da nascente do rio com o mesmo nome.

Não estava sozinho. Depois de muitas hesitações e debates comigo mesmo, tinha decidido trazer Eco. Por um lado, era provável que enfrentasse perigos, muito possivelmente perigos consideráveis: quem sabe o que pode acontecer numa terra estrangeira dilacerada pela guerra? Por outro lado, um rapaz esperto e rápido de catorze anos, que sobrevivera às difíceis ruas de Roma desde a mais tenra infância (apesar da desvantagem da sua mudez), não é má companhia para ambientes imprevisíveis. E, no que tocava ao benefício que ele poderia tirar disso, achei que era bom Eco poder aprender as lições de quem viaja quando ainda era jovem, especialmente dado que era Lúcio Cláudio quem pagava as despesas.

Primeiro, fora a viagem por mar, num navio mercante que partira de Putéolos rumo à Mauretânia. Em troca de uma soma considerável, o capitão concordara em levar-nos até Nova Cartago, em Espanha. Essa parte tinha corrido razoavelmente: os piratas só nos haviam perseguido uma vez, e o nosso experiente capitão conseguira deixá-los para trás com facilidade; por outro lado, Eco só enjoara no primeiro e no segundo dia. Uma vez em terra, procurámos saber do paradeiro de Sertório, e rumámos a norte até o alcançarmos em Sucro, onde chegámos dois dias depois de uma tremenda batalha, que tivera lugar nas margens do rio.

De acordo com as gentes da zona, Sertório sofrera pesadas baixas, talvez à volta de dez mil homens, mas o mesmo acontecera com o general romano que o defrontava, Pompeu, o rapaz-maravilha de Sula (que, com os seus trinta anos, já não era exactamente um rapaz), que ficara ferido, ainda que sem gravidade. Os dois lados pareciam estar a reagrupar as suas forças e, segundo um rumor recente, Metelo, o colega de Pompeu, estaria para chegar em breve do Norte com reforços. Os habitantes da vila de Sucro preparavam-se para mais uma grande batalha.

Entrar no acampamento de Sertório foi mais fácil do que eu esperava. Não se vivia a tradicional disciplina rígida própria de um acampamento do exército romano; é natural que, dada a mistura de membros das tribos espanholas e da ralé de Roma, tal disciplina fosse impossível. Em seu lugar, parecia haver um forte sentido de camaradagem e de boas vindas aos seguidores do exército, que vinham ao acampamento vender alimentos e outros artigos (e, em não poucos casos, a si próprios) aos soldados. A ambiência no campo era aberta e quase festiva, apesar do morticínio da antevéspera. Era claro que o moral era elevado.

Perguntei pelo paradeiro do jovem Mamerco Cláudio, usando a descrição que o avô me dera – jovem patricio de dezanove anos, alto, elegante, de rosto agradável e uma guedelha negra de azeviche, recém-chegado às fileiras. Achei que semelhante figura devia destacar-se entre os veteranos romanos grisalhos e os respectivos aliados espanhóis e, como seria de esperar, bastou-me fazer algumas perguntas (e gastar uma insignificante quantia em

subornos) para nos apontarem, a Eco e a mim, a tenda do nosso homem.

A localização surpreendeu-me, pois ficava bastante perto do centro do acampamento, e portanto, presumi eu, não longe do local onde o próprio Sertório estaria instalado. Apesar da sua juventude e inexperiência, Mamerco Cláudio devia constituir um grande trunfo para Sertório, um testemunho aos seus compatriotas romanos de que o general renegado ainda era capaz de atrair para as suas fileiras um jovem proveniente de uma das melhores famílias romanas, de que a sua causa se projectava no futuro, e não apenas no passado.

Esta presunção revelou-se mais astuta do que eu julgara. Quando pedi ao centurião que se encontrava à entrada da tenda que informasse Mamerco de que tinha uma visita, foi-me dito que Mamerco não estava. Quando perguntei onde estaria, o centurião sugeriu-me que experimentasse a tenda do comandante.

Consequentemente, Eco e eu abrimos caminho em direcção à tenda do próprio Quinto Sertório, que dava bastante nas vistas, graças à falange de guardas que se amontoavam em seu redor. Havia também uma grande multidão dos habituais peticionários, que aguardavam audiência em fila – gentes locais que esperavam vender provisões ao exército, ou que queriam ser reembolsadas por danos infligidos às suas propriedades, ou que tinham outros assuntos prementes a tratar com o comandante e os seus oficiais.

Eco encostou as pontas dos dedos de uma mão à palma aberta da outra, como quem diz que tínhamos deparado com uma parede sólida: Nunca conseguiremos entrar naquela tenda, parecia dizer.

– Ah, mas não precisamos de entrar – disse-lhe eu. – Nós queremos que alguém que lá está dentro venha cá fora, o que é diferente.

Avancei para o início da longa fila. Alguns dos que já lá estavam olharam-nos com ar indignado, mas eu ignorei-os. Dirigi-me ao homem que estava prestes a entrar e pigarreei para lhe chamar a atenção. Ele voltou-se, fitou-me com ar ameaçador e disse qualquer

coisa na sua língua nativa. Quando viu que eu não percebia, repetiu num latim sofrível:

– Onde julgas que vais? Eu sou o próximo. Sai da frente!

– Vens falar com Quinto Sertório? – perguntei.

– Como toda a gente. Espera pela tua vez.

– Ah, mas eu não quero falar com o general. Só quero que alguém dê um recado a um jovem que deve estar com ele. Podes fazer-me esse favor? – Bati com a mão contra a bolsa de moedas que guardava no interior da túnica, que tilintou sugestivamente. – Pergunta por um jovem romano chamado Mamerco Cláudio. Diz-lhe que está aqui uma pessoa que percorreu um longo caminho para falar com ele.

– Julgo que... – O homem parecia hesitante, mas depois o rosto iluminou-se-lhe, como que num reflexo do brilho do sol que incidiu sobre as moedas que lhe deixei cair na mão.

Nesse preciso momento, um guarda aproximou-se, revistou o indivíduo para ver se estava armado, e disse-lhe para entrar na tenda.

Não tivemos de esperar muito tempo. Pouco depois, um jovem esgalgado saiu da tenda. As protecções de couro que usava pareciam ter sido feitas para um homem mais baixo e mais robusto; eu já tinha reparado que muitos dos oficiais mais jovens de Sertório estavam equipados deste modo, como se tivessem andado à procura num monte de uma peça que lhes servisse menos mal. Com ar de desconforto, o jovem puxou a camisa de pele para baixo pelas aberturas dos braços e perscrutou a multidão. Chamei-lhe a atenção e fiz-lhe sinal para ir ter comigo a um dos lados da tenda.

– Mamerco Cláudio? – perguntei-lhe. – Trago-te uma mensagem de... – O que pensas que estás a fazer, seu idiota, a chamar-me da tenda do comandante dessa maneira? – Estava irritado, mas manteve a voz baixa.

– Se calhar, devia ter esperado na fila dos que aguardam uma audiência com o general...

– Quem és tu?

– Sou Gordiano, chamado o Descobridor. Este é o meu filho, Eco. Viemos directamente de Roma. Vim a pedido do teu avô.

A princípio, Mamerco pareceu ter sido apanhado de surpresa, mas depois sorriu lugubrememente.

– Estou a ver. Pobre avô!

– Pobre, efectivamente – disse eu – e mais ainda pela falta da tua companhia.

– Ele está bem?

– Fisicamente, sim. Mas tem o espírito consumido pelo medo de que te aconteça alguma coisa. Trouxe-te uma mensagem dele.

Apresentei-lhe as tabuinhas que trouxera fielmente desde Roma. As duas placas finas de madeira estavam atadas com uma fita e seladas com uma camada de cera vermelha, na qual Gaio Cláudio imprimira o seu anel de sinete. Mamerco quebrou o selo, separou as tabuinhas e olhou as superfícies cobertas de cera, onde o avô havia inscrito pessoalmente a sua súplica, pois já não dispunha de um secretário que lhe escrevesse as cartas.

Tivesse a reacção de Mamerco sido indiferente e fria, eu não teria ficado surpreendido. Não faltavam jovens impacientes, amargos e sem posses que, no lugar dele, teriam zombado da preocupação excessivamente zelosa de um avô, especialmente se o avô sempre tivesse apoiado o próprio sistema contra o qual ele se rebelava. Mas a reacção de Mamerco foi bastante diferente. Observei o movimento rápido dos seus olhos percorrendo as palavras, e vi-os enevoarem-se de lágrimas. Apertou os maxilares com firmeza para impedir que os lábios lhe tremessem. A sua evidente perturbação fazia-o parecer um rapazinho quase tão jovem como Eco.

Gaio Cláudio não guardara segredo do conteúdo da carta. Pelo contrário, insistira para que eu a lesse:

Meu querido neto, sangue do meu sangue, o que te levou a seguir este caminho insensato? Achas que serás agradável à sombra de teu pai aderindo a uma luta sem esperança contra aqueles que o destruíram? Se este fosse o único caminho possível – se o teu próprio nome e o teu futuro tivessem sido arruinados juntamente com os de teu pai e de tua mãe – a honra poderia exigir que seguisses caminho tão desesperado. Continuas, porém, a gozar da minha protecção, apesar da ruína de teu pai, e a poder fazer carreira em Roma. É certo que estamos lastimosamente empobrecidos, mas juntos

havemos de encontrar uma solução para a nossa infelicidade! Concordarás certamente que a melhor maneira de vingares teu pai seria restabelecendo a fortuna da nossa família e conquistando um lugar na hierarquia do Estado, de modo a que, ao chegares à minha idade, possas olhar para trás e contemplar uma longa carreira e um mundo que ajudaste a modelar à tua medida. Não desperdices a tua vida! Por favor, suplico-te, acalma as tuas paixões e deixa-te guiar pela razão. Volta para junto de mim! O homem que te leva esta mensagem tem fundos suficientes para comprar a tua passagem de regresso a casa. Mamerco, filho do meu filho, suplico aos deuses que me permitam ver-te em breve!

Momentos depois, Mamerco voltou a juntar as tabuinhas e a atar a fita. Evitava olhar-me de frente de um modo que me fazia recordar o avô.

– Obrigado por me trazeres a carta. É tudo?

– Se é tudo? – perguntei. – Eu sei o que diz a carta. Tencionas corresponder ao pedido do teu avô?

– Não. Agora deixa-me.

– Tens a certeza, Mamerco? Não queres pensar melhor? Queres que volte mais tarde?

– Não!

A missão de que eu fora incumbido por Gaio Cláudio era específica: localizar Mamerco, entregar-lhe a mensagem e ajudá-lo, caso ele assim decidisse, a abandonar ileso o exército de Sertório. Não era minha incumbência persuadi-lo a sair dali. Mas eu percorrera um longo caminho e assistira, tanto à aflição do avô, como à reacção do neto. Se Mamerco tivesse reagido com escárnio, se não tivesse deixado entrever qualquer amor pelo avô, eu teria ficado por ali. Mas a reacção dele fora exactamente a oposta. Mesmo agora, pelo modo como segurava as tabuinhas, quase numa carícia, e como levou as mãos aos olhos para enxugar as lágrimas, percebi que se sentia inundado de afecto pelo velho, e conseqüentemente, talvez num estado de considerável confusão quanto à opção que tinha tomado.

Achei melhor mudar de assunto por momentos.

– Parece que conseguiste conquistar uma boa posição aqui no exército de Sertório – observei.

– Melhor do que esperava, em tão pouco tempo – admitiu Mamerco. Colocou as tabuinhas debaixo do braço e sorriu de lado. – O comandante ficou muito feliz por me receber. Atribuiu-me imediatamente um cargo junto dos seus oficiais, apesar da minha falta de experiência. “Vejam”, disse a toda a gente, “um jovem Cláudio, que veio de Roma juntar-se a nós! Mas não te preocupes, filho, voltaremos a Roma num piscar de olhos, e serão os malditos apoiantes de Sula que terão de ir à procura das suas belas cabeças!”

– E tu acreditas nisso? Foi por isso que decidiste ficar? Mamerco irritou-se.

– A questão é o que estás tu a fazer aqui, Gordiano? Já te dei a minha resposta. Agora vai-te embora!

Nesse momento, a multidão que se encontrava diante da tenda do comandante rebentou em aplausos. Ouvi gritar e aclamar o nome de Sertório em altos brados, e vi o próprio emergir da tenda. Era um homem alto, de aspecto robusto, maxilares largos e um sorriso que irradiava autoconfiança. Anos antes, perdera um olho numa batalha. Outro homem poderia sentir-se embaraçado com o defeito, mas dizia-se que Sertório considerava a pala de pele uma divisa de honra. As muitas cicatrizes de batalhas que tinha nos braços e nas pernas eram as suas medalhas.

Há mortais que possuem um encanto carismático quase divino, de que qualquer pessoa se apercebe num relance, e Quinto Sertório era um deles. Tratava-se de um homem em quem os outros homens confiavam implicitamente e que seguiam sem condições, até à glória ou até à morte. As aclamações com que fora recebido, tanto por parte dos seus soldados, como dos peticionários locais, eram absolutamente genuínas e espontâneas.

Depois, os gritos extinguiram-se e deram lugar a sussurros a pedir silêncio. Eco e eu entreolhámo-nos, perplexos. Os aplausos eram compreensíveis, mas o que era aquilo? Eram sussurros de reverência religiosa, semelhantes aos que se ouviam em Roma aquando da realização de certos rituais antigos nos templos do

Fórum, uma amálgama quase inaudível de murmúrios e orações segredadas.

Depois, vi a singular criatura que seguira Sertório para fora da tenda.

Era uma corça branca. O seu pêlo macio era completamente branco, sem uma única mancha de cor. Saltitou atrás de Sertório como um fiel cão de guarda e, quando ele parou, o animal encostou-lhe o focinho à coxa, erguendo-o para receber festas dele. Eu nunca vira nada igual.

Os murmúrios subiram de tom e, entre os dialectos estranhos, ouvi fragmentos de latim:

– A corça branca! A corça branca!

– Parecem estar ambos felizes, deve ser bom augúrio!

– Diana! Abençoaí-nos, deusa! Abençoaí Quinto Sertório! Sertório sorriu, deu uma gargalhada e inclinou-se para tomar a cabeça da corça entre as mãos, beijando-a directamente no focinho.

Esta cena suscitou murmúrios ainda mais audíveis entre a multidão – e, num dos observadores, uma gargalhada sonora semelhante a um latido. O meu querido filho, que era mudo, tinha um riso bastante estranho, diga-se, semelhante aos zurros de uma mula. As orelhas da corça espetaram-se imediatamente e ela escondeu-se atrás de Sertório, tropeçando desajeitadamente nas pernas esguias. Todas as cabeças se voltaram para nós, lançando-nos olhares desconfiados. Eco tapou a boca com as mãos. Sertório perscrutou-nos, franzindo o sobrolho. Viu Mamerco, e depois observou-me com ar curioso.

– Mamerco Cláudio! – chamou. – Perguntava-me onde terias ido. Vem cá!

Sertório abriu caminho por entre a multidão reverente, com a corça branca e um cordão de guardas atrás. Incluída na comitiva, vi com surpresa uma rapariguinha que não podia ser mais velha do que Eco. Era uma criança muito bela, de olhos escuros e as maçãs do rosto brancas como pétalas de rosa. Toda vestida de branco, com o cabelo preto preso ao alto com um lenço, tinha o aspecto e a pose de uma sacerdotisa, olhando sempre em frente e caminhando por

entre os soldados com uma graciosidade e uma autoconfiança superiores à sua idade.

– Uma corça branca! – disse eu. – E aquela rapariguinha! Quem é ela, Mamerco?

Mas Mamerco limitou-se a fitar-me com ar zangado, afastando-se para ir ter com Sertório. Eu corri atrás dele e agarrei-lhe no braço.

– Mamerco, vou tentar pernoitar em Sucro. Se mudares de ideias... Ele libertou bruscamente o braço e afastou-se a passos largos sem olhar para trás.

Não foi difícil encontrar lugar onde pernoitar em Sucro. Só havia uma taberna com quartos, e estava deserta. A batalha entre Pompeu e Sertório afugentara os viajantes, e a probabilidade de eclosão de outra batalha mantinha-os à distância.

O dono da taberna era um celta de ar robusto, com uma hirsuta barba preta, chamado Lacro. Parecia bastante bem disposto apesar das dificuldades da guerra, e ficou satisfeito por nessa noite ter dois hóspedes – que pagariam os seus serviços – com quem partilhar o vinho e com quem conversar na sala comum. A família de Lacro vivia nas margens do Sucro há várias gerações. Ele gabou orgulhosamente a abundância do rio e a beleza da costa. O seu passatempo favorito era colocar armadilhas e caçar nos pântanos, perto da nascente do rio, onde as aves afluíam em grande número e era possível arrancar da lama crustáceos deliciosos. Ao que parecia, ultimamente Lacro passava muito tempo nos pântanos, nem que fosse para se manter a salvo dos confrontos.

Mas não se queixou da guerra, excepto para atacar Pompeu e Metelo. Lacro era claramente partidário de Sertório, elogiando-o por ter unificado as várias tribos celtas e ibéricas de Espanha. Não tinha problemas com os romanos, afirmou, desde que eles fossem como Sertório; se era preciso um romano para chefiar o seu povo, que assim fosse. Quando lhe disse que Eco e eu tínhamos vindo naquele mesmo dia do acampamento do grande comandante e que o tínhamos mesmo visto por breves momentos, Lacro mostrou-se impressionado.

– E viram a corça branca? – perguntou ele.

– Vimos. É estranho ter uma criatura daquelas como animal de estimação.

– A corça branca não é um animal de estimação! – Lacro mostrava-se chocado com a ideia. – A corça branca foi enviada a Sertório por Diana. A deusa fala com ele através da corça. A corça revela-lhe o futuro.

– A sério?

– Que outra explicação encontras para ele ter permanecido imbatível durante tanto tempo, por muitos exércitos que Roma envie para o defrontar? Achavas que era apenas sorte? Não, ele tem protecção divina! A corça branca é uma criatura, sagrada.

– Estou a ver – disse eu, mas aparentemente sem suficiente convicção.

– Bah! Vocês, romanos, conquistaram o mundo, mas afastaram-se dos deuses. Tu viste a corça branca com os teus próprios olhos e julgaste que era apenas um animal de estimação! Mas Sertório não é assim, e é isso que o torna diferente.

– Como foi que Sertório adquiriu esta criatura fabulosa?

– Dizem que uns caçadores viram a corça no meio de um bosque. Ela dirigiu-se a eles e disse-lhes que a conduzissem ao grande chefe. Os caçadores levaram-na a Sertório. Quando ele se inclinou para afagar o focinho da corça, ela falou-lhe na língua dele, e ele reconheceu a voz de Diana. Desde então, nunca mais se separaram. A corça segue Sertório por toda a parte, ou, para ser mais preciso, é ele que segue a corça, uma vez que é ela que lhe diz onde estão os seus inimigos e que rotas deve tomar. Ah, então viste-a com os teus próprios olhos. Invejo-te! Eu nunca a vi, só ouvi falar dela.

– Quer dizer que esta corça branca é bastante famosa?

– Toda a gente ouviu falar dela. Eu tenho uma taberna, não tenho? Sei do que falam as pessoas, e não há homem nenhum, dos Pirinéus aos Pilares de Hércules, que não adore aquela corça branca!

Uma vez que só havia uma taberna em Sucro, Mamerco Cláudio não teve dificuldade em nos encontrar na manhã seguinte. Entrou na sala de estar no preciso momento em que eu e Eco estávamos a terminar um pequeno-almoço de pão com tâmaras.

Pensei, afinal de contas, o jovem decidiu voltar para junto do avô. Sorri-lhe. Ele não devolveu o sorriso.

Apercebi-me que continuava a envergar o traje militar, e que não estava sozinho. Seguia-o um pequeno grupo de soldados, todos com a mesma expressão carregada.

A visita era, pois, oficial. Senti o pequeno-almoço dar-me uma volta no estômago. Secou-se-me a boca. Lembrei-me da premonição que tinha tido sobre esta missão desde o primeiro momento, antes mesmo de ter conhecido Gaio Cláudio...

Mamerco dirigiu-se a nós em passo de marcha. Vinha com uma atitude impessoal, de soldado.

– Gordiano! Quinto Sertório mandou-me buscar-te.

Sempre era o pior, pensei. Mamerco delatara-me a Sertório, e Sertório tinha-me mandado prender por ter tentado congeminar a deserção de um oficial. Eu sabia que a missão era perigosa: deveria ter tido mais cautela. Na véspera, Mamerco deixara claro que não fazia tenções de regressar a Roma comigo; por que me deixara eu ficar em Sucro? Demorara-me demasiado, vítima da minha própria simpatia sentimental pelo velho senador. E fizera de Eco uma vítima. Ele era apenas um miúdo – com certeza que Sertório não exigiria a cabeça dele juntamente com a minha. Mas o que seria feito dele sem mim? Sertório iria provavelmente recrutá-lo como soldado raso, pensei. Seria esse o destino de Eco – acabar os seus dias num campo de batalha, em luta por uma causa perdida em terra estrangeira? Se eu o tivesse deixado em Roma!

Levantei-me o mais corajosamente de que fui capaz e, com um gesto, indiquei a Eco que fizesse o mesmo. Mamerco e os seus homens escoltaram-nos para o exterior da taberna e conduziram-nos de regresso ao acampamento, em passo de marcha, pela estrada do rio. As expressões dos homens pareciam ainda mais sombrias à luz clara da manhã. Nenhum deles disse palavra.

A mesma ambiência carregada vigorava no acampamento. Todos os semblantes que víamos mostravam-se sorumbáticos e silenciosos. O que tinha acontecido ao espírito festivo do dia anterior?

Chegámos à tenda de Sertório. Mamerco afastou a cortina e anunciou o meu nome. Com um gesto, indicou-me, e a Eco, que entrássemos. Ele permaneceu no exterior, tal como os outros soldados.

O comandante estava sozinho; na realidade, mais sozinho do que me apercebi inicialmente. Levantou-se de imediato, como se tivesse estado à espera com impaciência, e dirigiu-se a nós. Não era a recepção de que eu estava à espera.

– Gordiano, o Descobridor. – disse, tomando-me a mão. – Que fortuna estares por estas bandas num dia como este! Sabes por que te mandei chamar?

– Começo a pensar que não. – A expressão de Sertório era carregada, mas não era hostil. Comecei a sentir a cabeça bastante mais segura sobre os ombros.

– Então ainda não sabes o que se passou?

– O que foi que se passou?

– Excelente! Isso significa que as notícias ainda não chegaram à vila. Quando estas coisas acontecem, tentamos evitar que corram rumores, mas é como apagar um incêndio num campo de feno...

Olhei em redor da tenda, para a cama de campanha do general, os armários portáteis com mapas e papiros empilhados por cima, as pequenas lamparinas nos tripés. Faltava qualquer coisa...

– Onde está a corça branca? – perguntei. A cor esvaiu-se-lhe do rosto.

– Então sempre ouviste falar do que se passou?

– Não. Mas se tens uma crise entre mãos, o teu conselheiro divino não deveria estar contigo?

Sertório engoliu em seco.

– Roubaram-ma durante a noite. Raptaram a corça branca!

– Estou a ver. Mas por que me mandaste chamar, Quinto Sertório?

– Não te armes em tímido, Descobridor. Conheço a tua reputação.

– Ouviste falar de mim?

Sertório conseguiu esboçar um sorriso.

– Tenho uma ideia do que se passa em Roma, apesar de estar ausente há vários anos. Tenho espiões e informadores, tal como Pompeu e o senado terão sem dúvida os seus espiões no meu acampamento. Tento manter-me informado de quem leva quem a tribunal, de quem está na mó de cima e de quem está na mó de baixo. Talvez ficasses surpreendido com a frequência com que o teu nome é mencionado. Sim, sei quem tu és.

– E sabes o que me trouxe aqui? – Queria estar absolutamente certo de que nos compreendíamos um ao outro.

– Sim, sim. Ontem à noite, perguntei a Mamerco o que tinhas cá vindo fazer. Ele mostrou-me a carta. Que tonto avô-galinha que ele tem! Os apoiantes de Sula podem ficar com o velhote, eu tenho o neto, que mostrou valer o mesmo que quaisquer três oficiais de Pompeu! Inteligente, curioso, esperto e completamente dedicado à causa. Se os poderes estabelecidos em Roma tivessem alguma visão de futuro, ter-lhe-iam devolvido os bens de família e teriam tentado conquistar o apoio de Mamerco, depois de se terem livrado do pai. Mas os apoiantes de Sula sempre foram um bando de idiotas avaros e de vistas curtas. Afugentaram os melhores jovens para Espanha; melhor para mim! – Por breves momentos, lançou-me o deslumbrante sorriso com que certamente conquistara o coração dos tais jovens inteligentes. Depois, o sorriso desvaneceu-se. – Mas voltemos ao nosso assunto. Chamam-te Descobridor, não chamam? Bom, eu sou um homem que perdeu uma coisa que tem de ser descoberta!

Sertório explicou-me que, durante a noite, a corça ficava numa pequena tenda especialmente adaptada para ela, próxima da do general. Por motivos de carácter religioso, a entrada da tenda da corça tinha de estar voltada para a lua nascente. Naquele acampamento em particular, dera-se o caso de a frente da tenda da corça ficar desviada da maior parte das restantes, não sendo por isso visível aos guardas do turno da noite da tenda de Sertório. A tenda tinha, contudo, guardas próprios, um par de celtas que haviam competido para conquistar a honra de proteger a emissária de Diana. Aparentemente, tinha-lhes sido ministrada uma droga poderosa, tendo eles dormido durante toda a noite. Sertório ficara

convencido dos pungentes remorsos com que lastimavam não ter sido capazes de proteger a corça branca, mas não conseguira obter deles qualquer informação útil.

Pedi para ver a tenda. Sertório levou-me lá pessoalmente. Antes de entrarmos, olhou de relance para Eco.

– O rapaz já alguma vez viu a morte? – perguntou.

– Já. Por que perguntas?

– Não é um espectáculo repugnante, e acredita que eu sei o que é um espectáculo repugnante! Ainda assim, não é bonito de se ver.

Não deu mais explicações, mas conduziu-nos para dentro da tenda, onde tinha sido montado um pequeno cercado, com palha espalhada no chão, juntamente com baldes de água e erva fresca. Havia também, no exterior do cercado, uma pequena cama de campanha, onde estava deitada a rapariguinha que na véspera tínhamos visto na comitiva do general. Vestia as mesmas vestes brancas, mas não tinha o lenço branco a segurar-lhe o cabelo, que se lhe espalhava numa brilhante mancha negra em redor das faces alvas. Tinha as pernas esticadas e as mãos dobradas sobre o peito. Quase poderia estar a dormir, não fosse a estranha palidez cerosa do seu corpo, e o círculo de pele ferida em redor do pescoço.

– Foi assim que a encontraram? – perguntei.

– Não – respondeu Sertório. – Estava caída ali, diante do cercado, dobrada sobre si própria.

– Quem era ela?

– Uma jovem de uma das tribos celtas. Os sacerdotes deles afirmavam que a corça branca só devia ser alimentada e tratada por uma virgem. Esta rapariga ofereceu-se para a tarefa, o que foi uma grande honra para a família dela. Chamava-se Líria.

– Onde está o lenço branco que usava em volta do cabelo?

– Tu és de facto observador, Descobridor. O lenço desapareceu.

– Achas que...? – Estendi a mão na direcção das marcas no pescoço da jovem. – O lenço pode ter servido para a estrangular.

Sertório assentiu com ar grave.

– Ela deve ter tentado impedi-los. Os guardas estavam drogados, o que significa que líria também devia ter sido drogada; comia sempre o mesmo que eles. Mas é possível que, na noite passada, tenha jejuado. Por vezes fazia-o; afirmava que a corça branca lhe ordenava que jejuasse, para se manter pura. Quando vieram buscar a corça, ela deve ter acordado, e estrangularam-na para impedir que gritasse por socorro.

– Mas por que não se limitaram a matar a corça, em vez de a raptarem?

Sertório suspirou.

– Esta terra está cheia de superstições, Gordiano. Vêm agouros e maus presságios em tudo, um homem não pode aliviar-se sem ter um deus a espreitar-lhe por cima do ombro. Suspeito de que quem fez isto não tinha intenção de matar ninguém. O que queriam, a intenção deles, era fazer com que a corça, pura e simplesmente, desaparecesse, estás a perceber? Como se tivesse fugido sozinha. Como se Diana me tivesse subitamente abandonado ao meu destino. O que iriam concluir os meus soldados espanhóis? Percebes a dimensão do desastre que tal significaria para mim, Gordiano?

Olhou fixamente a rapariga morta, depois desviou o olhar e pôs-se a andar de um lado para o outro no pequeno espaço diante do cercado.

– Os raptadores acrescentaram um homicídio ao seu crime. Isso já foi um sacrilégio, embora Líria não fosse propriamente uma sacerdotisa, mas apenas uma miúda pertencente a uma família humilde, que por acaso ainda era virgem. Mas nunca teriam matado a corça. Seria destruir o seu objectivo. Matar a emissária de Diana seria uma atrocidade imperdoável. Só reforçaria a determinação das tribos em se defenderem de um inimigo tão ímpio. É por essa razão que estou certo de que a corça ainda está viva e intacta.

Tentei manter segredo dos factos, Gordiano, mas acho que o rumor de que a corça desapareceu já começou a espalhar-se entre os homens. Imagino que os soldados romanos suspeitarão da verdade, ou seja, de que o animal foi raptado por razões políticas. Mas os nativos, os nativos vão pensar que os deuses se voltaram contra mim.

– A fé que têm na corça branca é assim tão forte?

– Oh, sim! Foi por isso que a usei, era um instrumento poderoso para os ligar a mim. Poderoso, mas perigoso: a superstição pode virar-se contra quem a usa, compreendes? Devia tê-la guardado melhor!

– Também tu acreditas na corça branca, Sertório? Ela fala contigo? Ele lançou-me um olhar astuto.

– Surpreende-me que me faças sequer essa pergunta, Gordiano. Sou um general romano, não sou um espanhol crédulo. A corça branca nada mais é para mim do que um dispositivo político. Queres que te explique como funciona? Um dia, os meus espões informam-me das deslocações de Pompeu, no dia seguinte eu anuncio que a corça branca me segredou que Pompeu será visto em tal parte em tal momento, e naturalmente isso acontece. Sempre que sei de um segredo ou que prevejo o futuro, o conhecimento vem-me da corça branca, oficialmente. Sempre que tenho de dar uma ordem que os nativos tenham dificuldade em engolir, como incendiar uma das vilas deles, ou matar um homem popular entre eles, digo-lhes que isso tem de ser feito porque a corça branca assim o decretou. Facilita muitíssimo as coisas. E, sempre que a situação parece incerta, e os nativos estão prestes a perder a esperança, digo-lhes que a corça branca me prometeu a vitória. Então eles arranjam coragem, voltam ao combate e obtêm a vitória.

Parece-te uma blasfémia recorrer a este expediente? Os melhores generais sempre fizeram coisas parecidas para reforçar o moral dos soldados. Sula, por exemplo! Antes das batalhas, fazia questão de que as tropas o vissem a murmurar a uma pequena imagem que roubara do oráculo de Delfos; a divindade prometia-lhe invariavelmente a vitória. E Mário tinha na sua comitiva uma feiticeira síria, que previa sempre o descalabro para os seus inimigos. Foi lamentável que, no final, se tenha enganado.

Até o próprio Alexandre usava truques semelhantes. Conheces a história? Quando a situação parecia pouco animadora antes de uma batalha, os sacerdotes exigiam o sacrifício de um animal. Enquanto preparavam a ovelha no altar, Alexandre pintava as letras NI na palma de uma mão e KE na outra; pintava-as invertidas. O

sacerdote esventrava a ovelha, retirava o fígado ainda quente e colocava-o nas mãos de Alexandre. Alexandre voltava-o ao contrário para o mostrar aos soldados e, como seria de esperar, eles viam escrita no fígado, em letras inconfundíveis, a palavra grega que significa vitória!

– E o teu expediente era a corça branca?

Sertório parou de andar de um lado para o outro e fitou-me nos olhos.

– Aqui em Espanha, as tribos locais, especialmente os celtas, têm uma crença especial no poder místico dos animais brancos. Um bom general presta atenção a essas crenças. Quando, naquele dia, os caçadores me trouxeram Dianara...

– Dianara?

Foi impressão minha ou ele mostrou-se ligeiramente embaraçado?

– Chamo Dianara à corça branca, em honra da deusa. Por que não? Quando ma trouxeram, percebi imediatamente o que poderia fazer dela.

Tornei-a minha conselheira divina! E a estratégia resultou às mil maravilhas. Mas agora...

Sertório recomeçou a caminhar de um lado para o outro.

– Os meus batedores dizem-me que Metelo se juntou a Pompeu do outro lado do Sucro. Se os meus soldados espanhóis descobrem que a corça desapareceu, e me vir forçado a travar nova batalha, o resultado pode ser absolutamente desastroso. Que homem luta por um general a quem os deuses abandonaram? A minha única hipótese é recuar o mais depressa possível para ocidente, para as terras altas. Mas, entretanto, a corça tem de ser descoberta! – Lançou-me um olhar que era, simultaneamente, exigente e desesperado – Eu sou Descobridor, Quinto Sertório, não sou caçador.

– Isto é um rapto, Gordiano, não é uma caça. Estou disposto a pagar-te bem. Devolve-me Dianara, e eu recompensar-te-ei generosamente.

Reflecti por momentos. A missão de que Gaio Cláudio me incumbira tinha sido concluída. Tinha-me inteirado do paradeiro de

Mamerco, entregara-lhe a carta e dera-lhe a oportunidade de me acompanhar de regresso a Roma. Era novamente um agente livre, numa terra estrangeira, e um homem poderoso pedia-me ajuda.

Por outro lado, ajudar um general renegado no terreno constituiria, sem dúvida, aos olhos do Senado Romano, um acto de traição...

Eu apreciava Sertório, porque era honesto e corajoso e porque, a longo prazo, seria o derrotado. Apreciei-o ainda mais quando me informou do montante exacto da recompensa.

Acedi. Não podendo restituir um jovem errante ao seu avô, talvez pudesse restituir uma corça desaparecida ao seu dono.

Sertório permitiu-me interrogar os dois guardas que haviam sido drogados. Só me restou concordar com o parecer dele, de que os homens sentiam remorsos genuínos pelo que tinha acontecido, e de que não tinham nada de útil para contar. Nem eles nem nenhum dos outros guardas: ninguém vira nem ouvira absolutamente nada. Parecia que a própria lua viera à terra buscar a corça branca.

Quando, nessa tarde, Eco e eu regressámos a Sucro, a taberna estava cheia das gentes locais, homens sequiosos de vinho e de notícias acerca da corça branca desaparecida. O segredo tornara-se público e os rumores circulavam freneticamente. Escutei com atenção: nunca se sabe quando um mexerico nos pode ser útil. Alguns diziam que a corça já abandonara Sertório há bastante tempo (o que era patentemente falso, dado que eu próprio vira a criatura). Outros afirmavam que a corça tinha morrido e que Sertório a enterrara, fingindo agora que ela tinha desaparecido. Havia também quem dissesse que a corça tinha sido roubada, mas ninguém fazia referência à morte da virgem. Talvez o rumor mais arrojado (e o mais agoirento) fosse o que dizia que a corça aparecera no acampamento de Pompeu, sendo agora sua confidente.

Nada daquilo me foi de grande ajuda. Depois de, ao cair da noite, a multidão ter dispersado para suas casas, perguntei ao nosso anfitrião o que achava ele de tudo aquilo.

– Nenhum deles sabe coisa nenhuma! São um bando de fala-baratos. – Lacro disse-o com boa disposição, e por que não? Devia ter feito um belo lucro com o vinho que vendera naquele dia, e um

número considerável de frequentadores ainda ficara para jantar. – A única história que me parece ter algo de verdade é a de a corça ter sido vista nos pântanos.

– Como dizes? Não ouvi essa.

– É porque o indivíduo que me contou não estava aos gritos como esses idiotas que não tinham nada para contar. Esteve aqui atrás do balcão, a falar comigo. É um velho amigo; de vez em quando, vamos os dois pôr armadilhas nos pântanos. Esteve lá hoje de manhã cedo e disse-me que avistou qualquer coisa branca ao longe, por entre um maciço de árvores do pântano.

– Talvez fosse um pássaro.

– Era grande demais para ser um pássaro, disse ele, e mexia-se como um animal terrestre, movendo-se de um lado para o outro.

– Ele conseguiu aproximar-se?

– Tentou, mas, quando chegou junto das árvores, não havia lá nada, excepto marcas frescas de cascos na lama. Tem a certeza de que eram marcas de uma corça jovem. E também viu pegadas.

– Pegadas?

– De dois homens, disse ele. Um de cada lado da corça.

Eco agarrou-me o braço e abanou-mo. Concordei: aquilo era muito interessante.

– O teu amigo seguiu as pegadas?

– Não, voltou para trás e foi à vida dele, verificar as armadilhas. – Lacro ergueu uma sobrancelha – Ele não mo disse, mas pela expressão dele, acho que teve medo quando viu aqueles trilhos. É um sujeito que conhece os pântanos como a palma da mão; sabe o que deve estar ali e o que não deve, e se há alguma coisa que não bate certo. Viu aqueles trilhos e sentiu-se atemorizado, por se encontrar no local por onde passara a oferenda de Diana. Ouve bem o que te digo, a corça branca está no pântano.

Eco fez-me sinal com o cotovelo e pôs as mãos em volta da garganta, imitando um estrangulamento. Lacro mostrou-se perplexo. Eu traduzi.

– Se o teu amigo teve medo de seguir os tais trilhos, é provável que tenha bons instintos. – Pelo menos uma pessoa já fora assassinada por um dos raptos da corça.

– Não estou a perceber bem o que queres dizer. Olhei-o atentamente.

– Ontem, fizeste uns elogios a Sertório...

– Pois fiz.

– E mostraste reverência pela corça branca...

– A oferenda de Diana.

– Lacro, quero contar-te um segredo. Uma coisa muito importante.

– Então por que esperas? Não há como um estalajadeiro para guardar segredos. – Esticou o polegar e apontou para os quartos do andar de cima, como que aludindo aos encontros secretos que haviam tido lugar sob o seu tecto e que nunca seriam revelados por ele.

– E achas que esse teu amigo também seria capaz de guardar um segredo? – perguntei. – E, mais importante ainda, achas que ele aceitaria servir de guia a um par de estrangeiros nos pântanos? É possível que corramos perigo, mas também será recompensado. Haverá uma recompensa para os dois...

Antes da alvorada do dia seguinte, partimos para os pântanos. Lacro e o amigo, que se chamava Estilense, iam à frente. Eco e eu seguíamos atrás deles.

Chegámos ao aglomerado de árvores onde Estilense vira os trilhos. Ainda eram visíveis na lama, iluminados com nitidez pelos primeiros raios de sol. Seguimo-los. Nos lugares onde o solo era excessivamente duro ou demasiadamente mole, o trilho parecia desaparecer, pelo menos aos meus olhos, mas os nossos guias, que eram homens experientes, conseguiam discernir os vestígios mais apagados. Ocasionalmente, perdiam o rasto e, quando tal acontecia, andavam pacientemente em círculos até voltarem a encontrá-lo. Às vezes, eu conseguia perceber como o faziam, detectando um galho partido ou uma folha pisada; doutras, parecia-me que eram guiados por algum instinto oculto, ou por mera sorte. Lacro talvez dissesse que era Diana quem lhes mostrava o caminho.

Também pareceram pressentir, por uma qualquer faculdade desconhecida, o momento em que passámos a estar ao alcance do ouvido da nossa presa. Lacro e Estilense voltaram-se para trás em

simultâneo e indicaram-nos por meio de gestos que fizéssemos silêncio absoluto.

Quanto ao inimigo, eram apenas dois, tal como os trilhos haviam indicado; mas os trilhos também haviam indicado, pelo tamanho e a profundidade, que os homens que os deixavam eram indivíduos robustos, com grandes solas e corpos pesados. Felizmente para nós, ainda estavam a dormir quando os alcançámos. Não tinham tenda, e não tinham feito fogueira. Dormiam numa cama de folhas, com cobertores finos a cobri-los.

Lacro e Estilense tinham trazido os arcos de caça. Enquanto eles engatavam as setas e faziam pontaria, Eco e eu demos um puxão aos cobertores. Os homens acordaram imediatamente, puseram-se de pé atabalhoadamente, imobilizando-se ao ver as setas que os tinham como alvo. Depois praguejaram numa língua nativa.

Lacro perguntou-lhes o que haviam feito à corça branca. Os homens resmungaram e apontaram para um denso maciço de arbustos.

Eco e eu encontrámos a criatura numa pequena clareira. Estava amarrada a uma árvore baixa, a dormir com as pernas dobradas por baixo do corpo. Quando nos aproximámos, despertou e ergueu a cabeça. Pensei que fosse pôr-se de pé de repente e tentar fugir, mas a criatura olhou-nos fixamente com ar ensonado, pestanejou várias vezes, e depois lançou a cabeça para trás numa espécie de bocejo. Lenta e metodicamente, desdobrou as patas e levantou-se, aproximou-se descontraidamente de nós e inclinou a cabeça para receber festas. Eco deixou escapar uma exclamação de felicidade enquanto afagava com as costas da mão o brilhante pêlo branco do focinho da corça.

Conduzimos os nossos prisioneiros pântano fora, e depois ao longo da estrada da beira-rio, Eco trazendo a corça pela trela, ou talvez, as mais das vezes, deixando-se conduzir por ela. Detivemo-nos a pequena distância do acampamento de Sertório e, enquanto os outros ficavam a aguardar em local escondido junto ao rio, fui dar as notícias ao general.

Cheguei no momento certo. Apenas uma tenda – a do general – estava ainda montada. As tropas tinham dado início à marcha para ocidente, rumo às terras altas. Sertório e os seus oficiais atarefavam-se a carregar as carroças e a coordenar os últimos detalhes do levantamento do acampamento.

Sertório foi o primeiro a ver-me. Ficou petrificado por instantes, depois aproximou-se de mim a passos largos. O seu rosto pareceu iluminar-se à luz da manhã.

– São boas notícias, não são? Anuí.

– Ela está bem?

– Está.

– E os patifes que a levaram, também os capturaste?

– São dois homens, ambos espanhóis nativos.

– Eu sabia! Acordei esta manhã com a sensação de que ia acontecer qualquer coisa maravilhosa. Onde está a corça? Leva-me imediatamente até junto dela! Não, espera. – Voltou-se e chamou pelos oficiais. – Venham todos. São ótimas notícias! Venham ver!

Entre os oficiais, vi Mamerco, que carregava uma estante de escaninhos para fora da tenda do general.

– Pousa isso, Mamerco, e vem ver o que o Descobridor apanhou! – gritou Sertório. – É uma coisa branca! E, com ela, dois espanhóis de coração negro!

Mamerco mostrou-se confuso por momentos, depois pousou a estante. Assentiu com a cabeça e voltou a entrar na tenda.

– Vamos, Gordiano. Leva-me imediatamente até junto dela! – ordenou Sertório puxando-me pelo braço.

Nas margens do Sucro, o general voltou a reunir-se à sua corça. Julgo que, até então, nunca tinha visto um general romano chorar. Tenho a certeza de que nunca tinha visto nenhum general romano pegar numa corça ao colo como a um bebé. Apesar de todos os seus protestos de que a corça branca era apenas um instrumento de estratégia política, um meio cínico de tirar partido de superstições que ele não partilhava, julgo que aquela criatura significava muito mais do que isso para Sertório. Ainda que talvez não lhe murmurasse ao ouvido com a voz de Diana, nem lhe predissesse o futuro, a corça branca era um sinal visível do favor dos

deuses, sem o qual um homem se sente despido perante os seus inimigos. O que vi nas margens do Sucro foi a exultação de um homem a quem a sorte abandonara, e a quem regressara agora num piscar de olhos.

Mas Sertório era um general romano, e não era dado a sentimentalismos exagerados, nem sequer a propósito do seu próprio destino. Momentos depois, pousava a corça e voltava-se para os dois espanhóis que tínhamos capturado. Dirigiu-se-lhes no seu próprio dialecto. Lacro sussurrou-me a tradução ao ouvido.

Tinham tratado bem a corça, disse Sertório, e não lhe haviam feito mal, o que havia sido uma decisão sensata, prova de um respeito mínimo pela deusa. Mas tinham escarnecido da dignidade de um general romano e tinham perturbado a vontade da deusa; e uma jovem virgem tinha sido assassinada. Por tais actos, seriam castigados.

Os dois homens comportaram-se com grande dignidade, tendo em consideração que era provável que fossem mortos ali mesmo. Conversaram um com o outro por momentos, e depois um deles dirigiu-se a Sertório. Eles eram simples mercenários, explicaram. Nada sabiam acerca da rapariga assassinada. Tinham-se limitado a aceder encontrar-se com um homem na orla do acampamento na antevéspera à noite. Ele trouxera-lhes a corça, embrulhada num cobertor, encarregando-os de a esconderem no pântano até Sertório e o seu exército terem partido. Nunca teriam feito mal à criatura, nem à rapariga que cuidava dela.

Sertório disse-lhes que já desconfiara disso mesmo, de que um dos seus homens – ou mesmo algum dos seus oficiais, com conhecimento adequado da rotina do general e do funcionamento do acampamento – estaria por trás do rapto. Se os dois espanhóis se mostrassem dispostos a identificar o homem, a severidade do seu próprio castigo poderia ser consideravelmente mitigada.

Os dois homens voltaram a conferenciar um com o outro e concordaram.

Sertório recuou e fez sinal aos seus oficiais, ali reunidos. Os dois espanhóis observaram um a um os rostos, e abanaram a cabeça. O homem não se encontrava entre eles.

Sertório franziu o sobrolho e inspeccionou os oficiais presentes. Ficou tenso. Vislumbrei-lhe dor no olhar. Suspirou e voltou-se para mim.

– Falta um dos meus homens, Descobridor.

– Sim, estou a ver que falta. Deve ter ficado para trás.

Sertório ordenou a alguns dos seus homens que ficassem a guardar a corça. Os restantes, apressámo-nos a regressar com ele ao acampamento.

– Olhem, além! O cavalo dele ainda aqui está – observou Sertório.

– Nesse caso, não fugiu – repliquei eu. – Talvez não tivesse razões para fugir. Talvez não tenha tido nada a ver com o rapto...

Mas, enquanto seguia Sertório até ao interior da tenda na companhia de Eco, eu sabia que não podia ser. Por entre a desordem de camas de campanha e cadeiras dobradas, Mamerco estava prostrado por terra, a tremer, empalado na própria espada. A sua mão direita ainda apertava o punho da arma. Na mão esquerda, segurava o lenço branco da virgem.

Ainda estava vivo. Ajoelhámo-nos a seu lado. Ele começou a sussurrar. Inclinámos a cabeça para ouvir.

– Nunca foi minha intenção matar a jovem – disse ele. – Ela estava a dormir, e devia ter continuado a dormir... por causa da droga... mas acordou. Não podia deixá-la gritar. Queria pôr-lhe o lenço na boca... mas enrolou-se-lhe na garganta... e ela não parava de se debater. Tinha mais força do que parecia...

Sertório abanou a cabeça.

– Mas por quê, Mamerco? Por que raptaste a corça? Tu eras um dos meus!

– Não, nunca – disse Mamerco. – Eu pertencia aos homens de Pompeu! Um dos seus agentes em Roma contratou-me como espião. Diziam eles que tu confiarias em mim... que me farias confidências... por causa do meu pai. Queriam alguém que te roubasse a corça branca. Não queriam matá-la, queriam apenas roubá-la. Como vês, Gordiano, eu nunca traí o meu avô. Diz-lhe isso.

– Mas por que te aliaste a Pompeu? – perguntei. Ele fez um esgar.

– Pelo dinheiro, claro! Estávamos arruinados. Como poderia eu fazer carreira em Roma sem dinheiro? Pompeu ofereceu-me mais do que o suficiente.

Abanei a cabeça.

– Devias ter voltado para Roma comigo. Mamerco conseguiu fazer um sorriso pesaroso.

– A princípio, julguei que fosses um mensageiro de Pompeu. Não podia acreditar que ele fosse tão estúpido, que mandasse um mensageiro à minha procura ao acampamento, em plena luz do dia! Depois disseste-me que vinhas por parte do meu avô... querido avô do meu coração. Os deuses deviam estar a tentar dizer-me qualquer coisa, mas era tarde demais. O meu plano estava definido para aquela mesma noite. Não podia voltar atrás. – Ele tossiu. Um fio de sangue começou a correr-lhe pelo canto da boca. – Mas aproveitei-me da tua visita! Mostrei a carta a Sertório... jurei que não fazia tenções de o deixar... nem mesmo para agradar ao meu avô! Depois disso, como poderia ele deixar de confiar em mim? Sertório, perdoa-me! Gordiano...

Largou o copo da espada e agarrou-me o braço, já cego. Na outra mão, apertava o lenço.

– Não contes ao meu avô que eu matei a rapariga! Diz-lhe que eu era espião, se quiseres. Diz-lhe que morri no cumprimento do meu dever. Diz-lhe que tive coragem para me deixar cair por sobre a minha própria espada. Mas não lhe fales da rapariga...

A mão que me agarrava o braço perdeu a força. A luz apagou-se-lhe dos olhos. O lenço escorregou-lhe por entre os dedos.

Olhei para Sertório. No seu rosto vi fúria, desapontamento, dor e confusão. Apercebi-me de que Mamerco Cláudio, à semelhança da corça branca, significara para ele mais do que estaria disposto a reconhecer. Mamerco tinha sido uma espécie de talismã, do mesmo modo que um filho é um talismã – um sinal do amor dos deuses, o indicador de um futuro mais risonho. Mas Mamerco não fora nenhuma dessas coisas, e a verdade era dura de aceitar para Sertório. Como é que ele me descrevera Mamerco? “Inteligente, curioso, esperto, completamente dedicado à causa.” Que dolorosamente irónicas pareciam agora essas palavras!

Acho que, naquele momento, Sertório percebeu que, afinal de contas, a corça branca de nada valia; que os seus dias estavam contados, que o poderio de Roma nunca cessaria de o perseguir, até ele ser destruído e todos os vestígios do seu Estado rival terem sido obliterados da face da terra. Agarrou no lenço e encostou-o à cara, tapando os olhos, e senti-me agradecido por isso.

A viagem de regresso a Roma pareceu-me longa e entediante, mas não suficientemente longa; não tinha pressa nenhuma de me encontrar com Gaio Cláudio e de lhe dar as notícias.

Tinha feito exactamente o que ele me pedira: encontrara-lhe o neto, a quem entregara a carta do avô, convidara Mamerco a fugir. Aceitara a tarefa e completara-a. Não podia ter adivinhado o que viria a acontecer quando Sertório me pedira para procurar a corça branca.

Nenhum de nós podia ter adivinhado o resultado da minha viagem a Espanha, muito menos Gaio Cláudio. E, no entanto, se Gaio não me tivesse enviado à procura do neto, é possível que Mamerco ainda estivesse vivo. Seria o velho capaz de suportar a amargura da situação, do facto de ter sido ele próprio, ao procurar trazer o neto para casa, a instigar os acontecimentos que haviam conduzido à destruição do rapaz?

E, no entanto, Mamerco tinha sido o único responsável pelo seu destino. Havia enganado o avô, apesar do amor que tinha por ele; tornara-se espião ao serviço de um homem e de uma causa que lhe era indiferente; assassinara uma rapariga inocente. E para quê? Tudo por causa do dinheiro; nada mais.

Não deveria desperdiçar uma única lágrima por aquele rapaz, disse a mim próprio, encostando-me à amurada do navio em que regressava a Roma. Era de noite. O céu estava negro e a lua cheia, e o seu reflexo pousado nas águas escuras parecia um grande poço de luz branca. Talvez tenha derramado uma lágrima por Mamerco Cláudio, mas a brisa fria arrancou-me imediatamente da face, lançando-a na vastidão do mar salgado. Aí se terá dissolvido instantaneamente, sem nunca ter contado para nada nas escalas da justiça, nem dos deuses, nem dos mortais.

O SEGREDO DA RECEITA DE POMPEIA

– Prova – disse Lúcio Cláudio. – Vá... prova!

Franzi o nariz. Por estranho que possa parecer, eu não era grande apreciador de garum. Por muito que noventa e nove em cada cem romanos adorem garum, e o adicionem a noventa e nove em cada cem pratos, acrescentando-o às colheradas a tudo, das salsichas ao creme de ovo, dos espargos aos bolos de mel. “O garum vai bem com tudo”, diz o ditado popular.

Estávamos sentados no jardim da opulenta casa de Lúcio no monte Palatino. Tinha de pé, à minha frente, uma jovem escrava – bastante bela, pois Lúcio estava habituado a ter o melhor em tudo – com uma pequena salva de prata em cada mão e sobre elas uma porção escura e brilhante de garum.

– Prova! – insistiu Lúcio.

Passei um dedo pelo molho espesso e oleoso do prato da esquerda. Comecei por cheirá-lo, aspirando o odor acre a peixe de conserva; com alguma relutância, levei o dedo à boca. Era um sabor forte: salgado e ligeiramente picante, as especiarias brincando-me com espantosa complexidade na língua.

Sorri.

– Em boa verdade, não é mau. Não é mesmo nada mau.

– Claro que não é mau! – disse Lúcio, com as bochechas lisas e carnudas tão vermelhas como os caracóis. – É o melhor garum do mercado, produzido em exclusivo na minha fábrica dos arredores de Pompeia. A única razão pela qual afirmas não ser apreciador de garum, Gordiano, é estares habituado à mistela detestável que se faz passar por garum, potes fedorentos de entranhas de peixe fermentadas com umas quantas azeitonas moídas, a que juntam umas hastes de rosmaninho por tempero. Uma mixórdia repugnante!

Isto é um produto genuíno, feito com sardinhas engordadas em viveiro, maceradas em sal, temperadas com uma receita secreta de especiarias e ervas finas, e que cura um mês inteiro antes de ser transferido para ânforas, a fim de ser despachado, e não os meros vinte dias com que alguns dos meus concorrentes tentam safar-se.

Passei o dedo pelo garum e voltei a prová-lo.

– É realmente uma verdadeira delícia. Deve combinar muito bem com carnes. E com legumes. E também se deve poder comer sobre um bocado de pão não levedado. Ou directamente do frasco! Sim, não teria quaisquer dificuldades em me habituar a comer disto. Calculo que seja caro...?

– Muito! Mas ajuda-me a resolver um problema, Gordiano, e terás uma provisão vitalícia dele, completamente de graça.

– E que problema é esse?

– Prova a outra amostra.

Bebi um golo de vinho para limpar o palato e mergulhei o dedo na porção de garum da direita. Cheirei-o; meti o dedo entre os lábios; fechei os olhos para apreciar o sabor inebriante que me impregnava completamente a boca depois de ter engolido o garum; voltei a mergulhar o dedo na pasta, para provar segunda vez.

Lúcio inclinou-se na minha direcção.

– Então?

– Não sou, obviamente, um especialista em garum, mas...

– Sim, sim?

– Diria que estas duas amostras são... idênticas. O mesmo sabor robusto, porém subtil; a mesma textura sublimemente escorregadia. Não há a mínima diferença.

Lúcio assentiu com gravidade.

– E esse é o problema! A primeira amostra que provaste é da minha marca de garum. A segunda é do meu concorrente, aquele maldito Marco Fabrício.

– Fabrício?

– Tem uma fabricazita de garum que fica praticamente paredes-meias com a minha, em Pompeia. Enquanto eu exporto para todo o mundo, Fabrício vende a maior parte da sua produção numa loja aqui em Roma. De vez em quando, compro-lhe algum

garum, só para me lembrar a que sabe uma receita inferior. Comprei este lote hoje. Imagina o meu choque quando o provei!

– De facto, é improvável que garum de dois fabricantes diferentes possa ser tão completamente idêntico.

– Improvável? Impossível! Fabrício deve ter roubado a minha receita secreta!

E foi assim que, pela promessa de uma provisão vitalícia do melhor garum do mundo – e porque Lúcio Cláudio é um grande amigo e um patrono leal – me achei nas imediações de Pompeia uns dias mais tarde, em visita guiada pela fábrica de garum de Lúcio na companhia do capataz, um escravo alto e encarquilhado, de nome Acasto. Levava comigo uma carta de apresentação de Lúcio e fazia-me passar por possível investidor.

O impressionante complexo ficava perto de um regato que desaguava na baía situada no sopé do monte Vesúvio. Os enormes tanques baixos onde as sardinhas eram engordadas ficavam no interior de amplos pátios; a água turva cintilava, devido aos cardumes de peixes prateados. No armazém, estavam empilhadas quantidades industriais de sal, ervas finas e especiarias. A pouca distância do armazém, havia um telheiro onde os artífices davam forma a recipientes de barro; as bilhas para armazenar especiarias, bem como as talhas especiais para fazer o garum e as ânforas para o transportar eram todas feitas no local. Via-se um estábulo amplo cheio de cavalos e de carroças, usados no transporte por terra do produto final para várias cidades italianas, bem como um embarcadouro onde se carregavam os barcos que levariam o garum a mercados tão longínquos como o de Alexandria. Entre aqueles que podiam adquiri-lo, o garum de Lúcio Cláudio era um bem muito procurado e extremamente valioso, cuja integridade Lúcio desejava salvaguardar a todo o custo.

No centro do complexo, erguia-se a encantadora casa rústica onde Lúcio se alojava quando vinha à fábrica. Anexas à casa, ficavam as acomodações dos convidados, onde eu ficaria hospedado. O andar de cima albergava o escritório de Acasto, onde se viam prateleiras de escaninhos atulhados de correspondência e mesas onde se empilhavam os livros de contabilidade. Da varanda

de Acasto avistava-se, para lá do armazém, a baía cintilante pontilhada de velas. Mais perto, para além do declive arborizado que bordejava o regato, viam-se os telhados e os terraços de um complexo vizinho.

– O que é aquilo? – perguntei. Acasto semicerrou os olhos.

– Oh, é a fábrica de Marco Fabrício. Também produzem garum, ou uma coisa a que chamam garum. Não tem interesse nenhum para um investidor que se preze, garanto-to. O produto deles é bastante inferior.

– Compreendo. Podes mostrar-me exactamente como é preparado o garum?

– O que disseste? Repeti a pergunta, mais alto.

– Com certeza – rouquejou Acasto. Tinha um ar de tal maneira velho e frágil, que qualquer outro amo o teria certamente substituído há muito tempo; mas Lúcio tinha uma veia bondosa, a despeito da sua soberba patrícia. Acasto, garantira-mo Lúcio, era o capataz de maior confiança, de entre todos os capatazes que possuía em todas as suas quintas e fábricas (pois o garum era apenas um dos negócios de Lúcio). Acasto supervisionava a produção, estipulava as datas dos carregamentos, facturava aos clientes e fazia a escrita. Em todas estas tarefas, disse-me Lúcio, Acasto era exímio. Todavia, cabe a um capataz ser também cão de guarda, além de supervisor; se estivesse a passar-se alguma coisa na fábrica, seriam os olhos e os ouvidos de Acasto suficientemente afilados para o notar?

Com passo titubeante, ele conduziu-me a um terraço sombreado por oliveiras, onde vários escravos se afadigavam em torno de grandes talhas de barro.

– O garum foi inventado pelos gregos, sabias? – disse-me. – Antigamente, era um luxo a que só os romanos mais abastados podiam permitir-se. Hoje em dia, toda a gente come garum, todos os dias, com tudo, ou, pelo menos, comem uma coisa a que chamam garum, seja ou não digna desse nome. O garum de boa qualidade ainda é bastante caro. Podemos ver este jovem a preparar um lote. Chamas-te Patro, não é?

– É, capataz. – Um jovem escravo de olhos vivazes trabalhava diante de uma talha de barro bastante grande, de boca larga e base achatada, que lhe dava pelos joelhos. O fundo da talha já estava coberto com uma mistura de ervas aromáticas secas. Debrucei-me sobre a talha e inspirei o aroma do aneto, do coentro, do aipo, do funcho, do orégão e da menta. E haveria sem dúvida outras especiarias, que o meu nariz destreinado não conseguiu discernir.

– Quem mistura as especiarias? – perguntei.

– Como?

– Quem mistura...

– O amo vem de Roma e é ele quem as mistura, de dois em dois meses, mais ou menos – disse Acasto.

Confirmava-se o que Lúcio me dissera.

– Mas de certeza que há quem saiba exactamente quais as especiarias que estão guardadas no armazém. Não é possível que a receita seja segredo.

Acasto deu uma gargalhada.

– O segredo não está nos ingredientes. Está nas proporções. O amo faz as medições e a mistura sozinho, sem ninguém presente. Tem um palato refinadíssimo, o amo. A receita contém mais de trinta especiarias. Terias grande dificuldade em reproduzir a mistura exacta a partir do sabor do produto final, ou experimentando à sorte esta ou aquela quantidade.

Entretanto, Patro tinha ido buscar outra talha, desta feita cheia de sardinhas, que espalhou por cima da camada de especiarias.

– Quanto mais gordo for o peixe, melhor – comentou Acasto. Por cima das sardinhas, Patro deitou uma espessa camada de sal.

– Dois dedos de altura – disse Acasto. – Mais, fica excessivamente salgado; menos, não fica suficientemente.

Patro foi repetindo as três camadas – especiarias, peixe, sal – até o recipiente ficar cheio. Depois, colocou uma tampa sobre a talha, selou os rebordos com pez e, com a ajuda de outro escravo – dado que a talha devia pesar imenso – transportou-a para uma zona soalheira ali perto.

– Agora deixamos a mistura ao sol durante sete dias. Nem mais, nem menos! Depois disso, mexemo-la todos os dias durante vinte dias.

E depois... – Acasto beijou as pontas dos dedos. – O melhor garum do mundo. Eu próprio provo todos os lotes antes de os embarcar. – Lançou-me um sorriso rasgado, que mostrava a falta de alguns dentes. – Estavas a pensar para contigo, não é verdade, por que me manteve o amo ao serviço muito depois da minha idade de ouro? Não foi pelos meus olhos piscos nem pelos meus ouvidos moucos. Foi por isto. – Tocou no nariz. – E por isto. – Deitou a língua de fora.

Ouvi umas gargalhadas atrás de mim e, quando me voltei, vi Patro e o outro escravo tapando a boca com a mão e desviando o olhar. Acasto semicerrou os olhos na direcção deles.

– Ouviste uns esquilos a tagarelar? – perguntou. – São uma praga terrível. Abrem as talhas de garum durante a fermentação, remexem-no e espalham tudo. Quando isso acontece, temos de deitar o lote todo fora.

– Se voltassem a selar a talha, estragava-se?

– É provável que não, mas não podemos arriscar. O amo tem um padrão de qualidade a manter.

– Com que frequência é que isso acontece?

– Talvez uma vez por mês.

– Presumo que anotes o prejuízo nos livros de contabilidade, não?

– Evidentemente! Mantenho um controlo rigoroso de todas as despesas e perdas, incluindo os desperdícios. Não é um problema de maior; ainda assim, alimento os trabalhadores com esquilo fresco sempre que posso, de maneira a emagrecer as fileiras dessas pestes!

Nessa noite, Acasto e eu não jantámos esquilo, mas pão de ervas finas e pâté de fígado, com doses generosas de garum. Acasto deitou-se cedo. Eu ainda fiquei acordado, analisando os livros de contabilidade com licença de Acasto. Passado algum tempo, acabei por ir também deitar-me, dando instruções para que me acordassem ao início do dia de trabalho.

Um escravo acordou-me ao alvorecer. Levantei-me, desci até ao regato para lavar a cara e comi uma crosta de pão no terraço. Acasto ainda não estava a pé, mas o resto do complexo agitava-se. Dirigi-me à zona de fermentação.

À distância, vi o jovem Patro de mãos nas ancas, abanando a cabeça.

– Acreditam nisto? Os malditos esquilos!

Pelos vistos, o fenómeno descrito por Acasto ocorrera durante a noite. A tampa do recipiente que Patro selara na véspera estava caída na relva, havia sal espalhado pelo chão, e tinha desaparecido uma camada inteira de sardinhas.

– São umas pestezinhas malvadas, não são? – observei eu. Patro sorriu.

– Mais esfomeadas do que malvadas, não te parece? Seja como for, os esquilos são como os deuses os fizeram. Bom, acho que o melhor é ver-me livre deste lote e informar Acasto. Chega aqui, Moto, ajuda-me a levá-lo até ao riacho.

Juntos, levantaram o recipiente aberto e dirigiram-se, devagar e atabalhoadamente, na direcção do declive arborizado que bordejava o regato.

Também eu me encaminhei para o declive, a passo rápido e por um caminho diferente. Quando eles chegaram, eu estava à espera na margem oposta. Em vez de despejarem o conteúdo da talha na água corrente, atravessaram o regato pouco profundo e começaram a trepar o declive da outra margem, arfando e arquejando.

– E aonde é que vocês estão a pensar ir? – intervim eu. Estacaram onde estavam e olharam para cima, sem expressão.

– Nós... quer dizer... – Patro tentava desesperadamente pensar numa explicação.

– Presumo que vão a casa de Fabrício vender-lhe essa talha de garum. Basta-lhe acrescentar umas sardinhas e pôr sal por cima, selar a talha e deixá-la fermentar. Daqui a um mês, pode vendê-lo na loja dele em Roma e apregoar que o garum dele é tão delicioso como o famoso garum de Lúcio Cláudio, uma vez que é, de facto, o garum de Lúcio Cláudio!

– Por favor, é a primeira vez que...

– Não, Patro. Têm estado a fazê-lo cerca de uma vez por mês desde há quase meio ano. É a frequência com que este prejuízo consta dos livros de contabilidade de Acasto.

– Mas... não fomos nós que estragámos este lote. Passei a noite toda na cama, e Moto também...

– Eu sei que não foram vocês. E também não foi nenhum esquilo. Fui eu que o fiz, para ver o que sucederia. Calculo que, da primeira vez que isto aconteceu, tenha sido efectivamente um esquilo, ou outra praga nocturna. E vocês pensaram: que pena desperdiçar este garum todo, tão saboroso e valioso. Por que não havemos de o vender ao vizinho? O que fazem vocês com o dinheiro que Fabrício vos paga? Gozam uma noite de vinho e mulheres em Pompeia? Eles coraram.

– Bem me pareceu. Mas que disseste tu acerca dos esquilos? Que são “como os deuses os fizeram”, não foi? É difícil culpar-vos por terem tirado proveito de um acidente que acontecia uma vez por outra... Simplesmente, o que começou por ser um acidente passou a acontecer com regularidade. Se é verdade que vocês dois têm andado a estragar lotes de garum de propósito...

– Não podes prová-lo! – disse Patro, num tom esganiçado de desespero.

– Não, não posso. Mas faço tenções de impedir que isto volte a acontecer. Que dizem? Fecho os olhos à patifaria desta manhã, em troca da vossa promessa de nunca mais venderem garum a Fabrício.

Mostraram-se ambos muito aliviados e muito arrependidos. – Muito bem. Agora, toca a despejar esse lote de garum estragado no riacho!

Ao regressar a Roma, ponderei sobre o dilema em que me havia metido. Como poderia eu garantir a Lúcio Cláudio que o problema tinha sido resolvido sem implicar os dois jovens escravos? E, mais ainda, como poderia dar a entender a Lúcio, sem arranjar problemas a Acasto, que o capataz precisava de um assistente de olhos e ouvidos mais afilados e de temperamento mais desconfiado?

Haveria de arranjar uma solução. Afinal, estava em jogo uma provisão vitalícia do melhor garum do mundo!

O TÚMULO DE ARQUIMEDES

– Assim que soube que tu e o teu filho estavam em Siracusa, Gordiano, mandei imediatamente Tiro ao vosso encontro. Não imaginas o consolo que é ver uma cara conhecida nas províncias. – Cícero sorriu e ergueu a taça.

Retribui o gesto. Eco fez o mesmo, e os três bebemos em simultâneo. A reserva especial da zona não era má.

– Agradeço-te a tua recepção – respondi eu, e era verdade. Com efeito, o inesperado aparecimento de Tiro na decrépita estalagem da baixa portuária em que Eco e eu estávamos alojados apanhara-me completamente de surpresa, e o convite para jantarmos com Cícero e passarmos a noite na casa que ele tinha alugado na cidade surpreendeu-me ainda mais. Ao longo dos cinco anos que haviam passado desde que Cícero me contratara pela primeira vez (para o ajudar na defesa de Sexto Róscio, acusado de parricídio), o nosso relacionamento fora sempre estritamente profissional. Em regra, Cícero tratava-me com frio distanciamento: eu era apenas o Descobridor, era útil para desenterrar lixo. Eu encarava-o com um respeito prudente; enquanto advogado e político em ascensão, Cícero parecia genuinamente interessado na justiça e na verdade – o limite, porém, era afinal um advogado e um político.

Por outras palavras, o nosso relacionamento era amistoso, mas não se podia dizer que fôssemos amigos. Por isso, achei curioso que nos tivesse convidado para jantar, a Eco e a mim, por puro prazer. Se o facto de ver a minha cara lhe dava tamanho contentamento, os doze meses que passara como administrador do governo aqui na Sicília deviam ter sido, de facto, bastante solitários.

– Não estás propriamente no fim do mundo – senti-me na obrigação de lhe fazer ver. – A Sicília não fica assim tão longe de Roma.

– Pois não, pois não, mas fica suficientemente longe para fazer com que um homem valorize o que Roma tem para oferecer. E suficientemente longe para que os mexericos sofram uma certa distorção pelo caminho, antes de aqui chegarem. Tens de me contar tudo o que se tem passado no Fórum, Gordiano.

– Decerto que os teus amigos e familiares te mantêm informado.

– Escrevem-me, obviamente, e alguns vieram visitar-me. Mas nenhum deles possui o teu... – procurou a palavra exacta – .. a tua perspectiva específica. – De ver o mundo de baixo para cima, e não ao contrário, queria Cícero dizer. – Ah, mas agora que o meu ano de serviço está a terminar, em breve regressarei a Roma. Será um alívio deixar para trás esta terra miserável. O que diz o rapaz?

Reclinado no canapé de jantar a meu lado, o meu filho mudo tinha pousado a taça e modelava pensamentos no ar com as mãos. As imagens eram suficientemente claras para mim, ainda que não o fossem para Cícero: montanhas altas, grandes extensões de praia, falésias rochosas.

– Eco gosta da Sicília, pelo menos do pouco que vimos ao longo desta viagem. Diz que as paisagens daqui são lindas.

– É bem verdade – concordou Cícero – embora não se possa dizer o mesmo das pessoas.

– Da população que fala grego? Pensei que adoravas tudo o que fosse grego, Cícero.

– Tudo o que seja grego, talvez, mas nem todos os gregos. – Suspirou. – A cultura grega é uma coisa, Gordiano; a arte, os templos, as peças de teatro, a filosofia, a matemática, a poesia. Mas... bom, uma vez que os outros convidados ainda não chegaram, falarei à vontade, de romano para romano. Os gregos que nos deram toda essa cultura maravilhosa são hoje, e desde há séculos, apenas pó. Quanto aos seus descendentes, e especialmente nestas paragens, bom, é triste constatar quão pouco se assemelham aos seus antepassados colonizadores. Esta cidade, por exemplo: Siracusa já foi um farol de luz e saber para todo o Mediterrâneo deste lado de Itália, a Atenas ocidental, a rival de Alexandria nos seus tempos áureos. Há duzentos anos, era governada por Hiero, e

homens como Arquimedes passeavam pela praia. Hoje em dia, apenas encontramos os despojos de uma raça orgulhosa: um povo degradado, embrutecido, sem cultura, nem maneiras, nem moral. As longínquas colónias dos gregos esqueceram os seus progenitores. O fardo da civilização foi assumido por nós, Gordiano, por Roma. Somos nós, e não os gregos, os autênticos herdeiros da cultura grega. Hoje em dia, os romanos são os únicos que têm o refinamento necessário para apreciar verdadeiramente, digamos, uma estátua de Policleto.

– Ou talvez os romanos sejam os únicos com dinheiro para poder dar-se a tais luxos? – sugeri. – Ou com os exércitos necessários para os trazer à força para Roma?

Cícero franziu o nariz para mostrar que considerava a minha pergunta inconveniente, e mandou servir mais vinho. A meu lado, Eco remexia-se no canapé. A educação inicial do meu filho adoptivo fora extremamente limitada e, não obstante os meus esforços empenhados, os progressos que fazia continuavam a ser dificultados pela sua incapacidade de falar. Com quinze anos, era quase um homem, mas as conversas sobre cultura, especialmente vindas de um homem sobranceiro como Cícero, depressa o enfastiavam.

– O teu ano de serviço no estrangeiro fez de ti um patriota romano ainda mais convicto – observei. – Mas se a tua comissão já terminou, e se consideras a companhia dos sicilianos gregos tão pouco satisfatória, por que não partes imediatamente?

– De momento, ando a fazer turismo, confesso-to. Bem vêes, o posto para que fui destacado fica na outra metade da ilha, em lilibeu, na costa ocidental. Siracusa é uma escala na minha viagem de regresso, a última oportunidade para ver as vistas antes de me despedir da Sicília de uma vez por todas. Não interpretes mal as minhas palavras, Gordiano. É uma ilha lindíssima, como diz o teu filho, resplandecente de maravilhas naturais. E tem muitos edifícios e obras de arte requintados, e muitos locais de grande importância histórica. Muito se passou na Sicília nos séculos que se seguiram à colonização grega, o reinado áureo de Hiero, as grandes descobertas matemáticas do seu amigo Arquimedes, as invasões cartaginesas, a ocupação romana. Um visitante tem bastante que ver e que fazer

aqui em Siracusa. – Beberricou o vinho. – Mas não creio que tenha sido por prazer que tu vieste até cá, Gordiano.

– Eco e eu viemos trabalhar. Um sujeito de Roma contratou-me para seguir o rasto de um sócio que se evadiu com os lucros. Segui a pista do desaparecido até aqui, mas soube hoje que ele prosseguiu por mar, provavelmente para Leste, para Alexandria. Tinha instruções para o seguir apenas até à Sicília, pelo que, assim que conseguir marcar passagem, planeio voltar a Roma com as más notícias e receber os meus honorários.

– Ah, mas agora que nos encontrámos os dois nesta cidade estrangeira, tens de ficar comigo mais algum tempo, Gordiano. – Cícero parecia sincero, mas, como se sabe, todos os políticos o parecem. Tive a impressão de que o convite para prolongar a minha estadia era um mero gesto de cortesia. – Tens um ganha-pão admirável – continuou Cícero – perseguir assassinos e patifes. Claro está que, ao serviço do governo, e especialmente nas províncias, só muito raramente se conhece melhor casta de gente. Ah, eis Tiro!

O jovem secretário de Cícero sorriu-me e despenteou o cabelo de Eco ao passar pelos nossos canapés. Eco fingiu-se ofendido e levantou os punhos à maneira dos pugilistas. Tiro entrou na brincadeira e fez o mesmo. Tinha uma natureza afável e despreziosa. Sempre tinha achado que era mais fácil dar-me com Tiro do que com Cícero, e mais fácil gostar dele do que do seu senhor.

– O que é, Tiro? – perguntou Cícero.

– Os outros convidados acabam de chegar, senhor. Mando-os entrar?

– Sim. E diz aos escravos das cozinhas que podem servir o primeiro prato assim que estivermos todos sentados. – Cícero voltou-se para mim. – Mal conheço estes homens. Uns amigos de Iilibeu disseram-me que devia conhecê-los quando viesse a Siracusa. Doroteu e Agatino são importantes homens de negócios, sócios de uma empresa de transportes marítimos. Parece que Margero é poeta, ou o que passa por poeta na Siracusa dos tempos que correm.

Apesar do tom desdenhoso, foi um Cícero esfuziante que deu as boas-vindas aos convidados que entravam na sala, erguendo-se rapidamente do canapé e estendendo os braços para lhes dar um abraço de político. Não teria sido mais untuoso se se tratasse de um trio de eleitores indecisos em Roma.

A refeição, grande parte da qual provinha do mar, estava excelente, e a companhia foi mais agradável do que Cícero me fizera antever. Doroteu era um homem pesado, de cara redonda, com uma barba preta enorme e uma voz retumbante. Passou a refeição a dizer piadas, com um bom humor contagioso; Eco, em particular, rendeu-se-lhe, acompanhando as estrondosas gargalhadas de Doroteu com os seus guinchos, peculiares, mas cativantes. A partir de alguns fragmentos da conversa trocada entre Doroteu e o sócio, percebi que tinham razões para estar bem dispostos, dado que haviam concluído recentemente uns negócios bastante lucrativos. Agatino, porém, era mais contido do que o sócio; sorria e ria-se discretamente das piadas de Doroteu, mas pouco falava. Também fisicamente tinha uma figura quase oposta à de Doroteu: era um homem alto e esguio, de cara estreita, lábios finos e nariz comprido. Pareciam o exemplo acabado da forma como uma parceria bem sucedida pode, por vezes, resultar da união de duas naturezas marcadamente distintas.

O terceiro siracusano, Margero, tinha ar de poeta contemplativo grego e comportava-se como tal. Era mais novo do que os seus companheiros abastados e bastante belo, com caracóis anelados sobre a fronte, lábios carnudos e uma fisionomia sombria e sensível. Presumi que os versos dele estivessem, de momento, bastante em voga nos círculos intelectuais de Siracusa, e tive a impressão de que era mais um atavio do que um amigo para os dois homens de negócios. Raramente se ria e não se mostrou interessado em recitar os seus poemas, o que foi provavelmente a melhor opção, tendo em conta a sobrançeria de Cícero. Quanto a este, só uma vez ou outra se mostrou condescendente.

Falou-se de negócios relacionados com o porto de Siracusa e das colheitas de cereal siciliano, falou-se das peças dramáticas em cena no velho teatro grego da cidade, falou-se do que estava na

moda entre as mulheres siracusanas (sempre vários anos atrasadas em relação às mulheres de Roma, como Cícero se sentiu na obrigação de esclarecer). Grande parte da conversa foi em grego, e Eco, cujo grego era limitado, foi-se mostrando cada vez mais impaciente; acabei por dispensá-lo da mesa, sabendo que acharia a conversa muito mais fascinante se a escutasse furtivamente da cozinha na companhia de Tiro.

Por fim, depois do último prato – cebolas picantes estufadas em mel com sementes de mostarda – com as taças acabadas de encher, Cícero encaminhou a conversa para o passado. Ocupara o ano que vivera na Sicília a tornar-se perito na longa e tumultuosa história da ilha, e parecia francamente agradado com a oportunidade de demonstrar os seus conhecimentos perante uma audiência nativa. Pouco a pouco, a sua voz foi adoptando um ritmo declamativo que não convidava a interrupções. O que Cícero tinha para dizer era fascinante – eu nunca tinha ouvido tantos pormenores medonhos acerca da grande revolta dos escravos que arrasara a Sicília na geração anterior – mas, ao fim de algum tempo, reparei que os seus convidados siracusanos estavam a ficar tão impacientes como Eco.

Cícero tornou-se especialmente apaixonado quando chegou a Hiero, o governante de Siracusa durante a idade de ouro da ilha.

– Ele sim, era um governante, um exemplo para os tiranos helénicos seus contemporâneos que reinavam nas cidades gregas. Mas tu deves saber tudo sobre a glória do reinado de Hiero, Margero.

– Devo? – perguntou Margero, pestanejando e pigarreando como quem desperta de uma sesta.

– Como poeta, quero eu dizer. Teócrito e o seu décimo sexto idílio – prosseguiu Cícero.

Margero limitou-se a pestanejar de novo.

– O décimo sexto idílio de Teócrito – disse Cícero – o poema em que ele enaltece as virtudes do reinado de Hiero e lhe deseja a vitória definitiva sobre Cartago. Decerto conheces o poema.

Margero bateu as fartas pestanas e encolheu os ombros. Cícero franziu o sobrolho de maneira reprovadora e depois forçou

um sorriso.

– Refiro-me, claro, àqueles versos que começam assim:

Este é o mister por excelência das Musas, dos poetas, cantar louvores aos deuses, cantar hinos aos heróis...

– Margero...?

O jovem poeta remexeu-se.

– É-me vagamente familiar.

Doroteu riu-se baixinho. Os lábios finos de Agatino comprimiram-se num sorriso. Percebi que Margero troçava de Cícero.

Sem se aperceber, Cícero ofereceu-lhe mais alguns versos:

Com bravura os homens de Siracusa seguram as lanças e erguem os escudos de ramos entrançados.

Entre eles, Hiero prepara-se para a acção como um herói de outrora, com uma cabeça de leão encimando o elmo.

– Crina de cavalo – grunhiu Margero.

– Como dizes?

– “Com uma pluma de crina de cavalo encimando o elmo” – disse Margero indolentemente, erguendo uma sobancelha. – Uma cabeça de leão, francamente!

Cícero ruboresceu.

– Sim, tens razão, “com uma pluma de crina de cavalo...”. Mas então sempre conheces o poema.

– Superficialmente – concedeu Margero. – Claro que Teócrito estava apenas a lançar o barro à parede para conquistar os favores de Hiero. Era um poeta sem patrono; achou que talvez apreciasse o clima de Siracusa, por isso rabiscou um idílio para atrair a atenção de Hiero. Calculou que o tirano pudesse estar interessado num poeta épico que lhe registasse as vitórias sobre Cartago, pelo que lhe fez chegar umas linhas bajuladoras à laia de carta de apresentação para o cargo. É pena que Hiero não tenha pegado na deixa, devia andar demasiado ocupado a matar cartagineses. Então, Teócrito garatujou outro encómio, para o rei Ptolomeu de Alexandria, e acabou por arranjar trabalho a escrevinhar para as bandas do Nilo. É uma pena que os poetas estejam sempre à mercê dos caprichos dos ricos e poderosos.

Foi mais do que Margero dissera toda a noite. Cícero olhou-o, hesitante.

– Ah, pois. Ainda que seja como dizes, Hiero afugentou os cartagineses, com poetas presentes para registar o facto ou sem eles, e nós recordamo-lo como um grande governante, pelo menos em Roma. E claro está que, entre os homens cultos, o seu amigo Arquimedes é ainda mais famoso. – Cícero ficou à espera de um movimento de assentimento por parte dos convidados, mas eles limitaram-se a olhá-lo sem expressão.

– Arquimedes, o matemático – prosseguiu Cícero. – Não era um filósofo, bem entendido, mas não deixou de ser uma das mentes prodigiosas do seu tempo. Era o braço-direito de Hiero. Um pensador abstracto, obcecado pelas propriedades de esferas e cilindros e por equações cúbicas, mas um talento prestimoso a engendrar catapultas e máquinas de guerra quando resolvia dedicar-se ao assunto. Diz-se que Hiero não teria conseguido expulsar os cartagineses da Sicília sem ele.

– Ah – disse Agatino secamente – esse Arquimedes. Pensei que estivesse a referir-te a Arquimedes, o peixeiro, aquele sujeito careca que tem uma banca no cais.

– Oh, o nome é assim tão vulgar? – Cícero parecia estar prestes a compreender que os outros se divertiam à custa dele, mas insistiu, decidido a dar uma prelecção aos seus convidados sobre o siracusano mais famoso de todos os tempos. – Refiro-me, obviamente, ao Arquimedes que disse “Dêem-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo”, e que o demonstrou a Hiero em miniatura, inventando roldanas e alavancas através das quais o rei conseguiu mover uma embarcação em doca seca com um simples voltear de pulso; o Arquimedes que construiu um extraordinário mecanismo de precisão com o Sol, a Lua e cinco planetas, em que todas as esferas miniaturais se moviam em conjunto, rigorosamente do mesmo modo que os seus modelos celestes; o Arquimedes porventura mais famoso pela solução que descortinou para o problema da coroa de ouro de Hiero.

– Ah, a partir daqui, não conseguirei seguir a tua história – disse Doroteu. – Nunca tive cabeça para lógica e para matemática.

Lembras-te, Agatino, de que o nosso velho tutor tinha acessos de choro ao tentar explicar-me Pitágoras e essas coisas?

– Ah, mas o princípio da coroa de ouro é muito fácil de explicar – disse Cícero, entusiasmado. – Conheces a história?

– Em traços largos, vagos e gerais – respondeu Doroteu, de olhos trocistas.

– Conto-ta em poucas palavras – prometeu Cícero. – Hiero terá dado uma certa quantidade de ouro a um artífice, para lhe fazer uma coroa. Pouco tempo depois, o homem apareceu com uma esplêndida coroa de ouro. No entanto, chegara aos ouvidos de Hiero que o artífice teria ficado com parte do ouro, substituindo o miolo da coroa por prata. O peso da coroa batia certo, mas seria de ouro maciço, ou não? A peça era belíssima, o trabalho do artífice requintado, e Hiero abominava a ideia de ter de a estragar. Contudo, não via outra maneira de determinar a composição da coroa, que não fosse fundi-la ou rachá-la. Então, falou com Arquimedes, que já o tinha ajudado a resolver inúmeros problemas no passado, e pediu-lhe que descobrisse uma solução.

Arquimedes pensou, pensou, mas debalde. O ouro pesava mais do que a prata, isso sabia ele, e um cego podia distinguir um do outro sopesando-os nas mãos; mas como decidir se um dado objecto era de prata e revestido a ouro? Dizem que Arquimedes estava sentado numa piscina, nas termas, observando o modo como o nível de água subia e descia consoante os banhistas entravam e saíam, quando subitamente a solução se lhe fez clara. Ficou de tal maneira excitado, que saltou da piscina nu, e desatou a correr pelas ruas, gritando: “Eureka! Eureka! Descobri! Descobri!”

Doroteu riu-se.

– Essa parte da história é famosa em todo o mundo, Cícero. E, feliz ou infelizmente, é essa a imagem que o mundo tem de Arquimedes, um velho génio distraído.

– Um velho génio distraído e nu – emendou Agatino com azedume.

– Não é uma imagem agradável – comentou Margero. – Um homem já de certa idade devia ter juízo, e não sujeitar outros à visão da sua nudez ossuda, mesmo em privado. – Fiquei com a

impressão de que Margero lançara um olhar cáustico a Agatino, que continuou a olhar em frente, impávido. Dei-me conta de que os dois mal tinham dirigido palavra um ao outro, ou trocado um olhar, durante toda a noite.

– Meus senhores, estamos a afastar-nos do tema – disse Cícero. – O objectivo da história é a solução que Arquimedes architectou.

– Ah, esta é a parte que eu nunca fui capaz de compreender bem – disse Doroteu, rindo-se.

– Todavia, é muito simples – garantiu-lhe Cícero. – O que Arquimedes fez foi o seguinte: pegou numa quantidade de ouro com um peso específico, uma uncia romana, por exemplo. Colocou a uncia de ouro num recipiente com água e marcou a altura a que o nível de água subiu. Depois, pegou numa uncia de prata, colocou-a no mesmo recipiente e marcou o nível de água. Sendo uma substância mais leve, a uncia de prata era maior do que a uncia de ouro e, por isso, deslocava mais água, fazendo com que a marca do nível de água fosse mais elevada. Depois, Arquimedes pegou na coroa de ouro e, sabendo o número exacto de uncias de ouro que Hiero tinha dado ao artífice, calculou a altura a que o nível de água deveria ascender. Se o nível de água subisse mais do que o esperado, a coroa não poderia ser de ouro maciço, mas teria de conter um material mais volumoso por uncia do que o ouro, como a prata. Meu dito, meu feito, a coroa deslocou mais água do que devia. Uma vez desmascarado, o artífice confessou ter revestido de ouro uma coroa de prata.

– Compreendo – disse Doroteu pausadamente e sem ironia. Parecia ter genuinamente alvorecido uma luz nos seus olhos. – Sabes, Cícero, até este preciso momento, nunca tinha conseguido compreender o princípio de Arquimedes.

– Ah, mas devias. Tem grande utilidade prática para um homem que lida com pagamentos e mercadorias, como tu.

– Pois tem – disse Doroteu, assentindo pensativamente. Cícero sorriu.

– Como vê, é realmente simples, como acontece com a maioria dos princípios básicos. Mas é preciso que um homem como

Arquimedes os descubra. – Contemplou o seu vinho à luz da lamparina. – Mas era, sem dúvida alguma, um homem distraído, sempre mergulhado no seu mundo de geometria pura. Dizem que, nas termas, chegava a utilizar-se a si próprio como tabuinha de cera, desenhando formas geométricas no óleo de massagem espalhado na barriga.

Esta imagem agradou a Doroteu, que deu uma palmada na sua própria barriga e se riu com gosto. Até Agatino esboçou um sorriso. Margero limitou-se a erguer uma sobrancelha.

– E Arquimedes foi ao encontro da morte tão distraidamente absorto em matemática como sempre – comentou Cícero. – Mas tenho a certeza de que todos sabem a história do fim de Arquimedes...

– Vagamente – concedeu Agatino.

– Oh, mas peço-te que nos elucides – disse Doroteu.

– Muito bem, já que insistem. Depois de Hiero morrer, os romanos ocuparam a Sicília, assegurando assim um baluarte contra Cartago. No dia em que Siracusa foi tomada pelo general Marcelo, Arquimedes estava na praia, a trabalhar num teorema, desenhando figuras na areia com um pau, quando se aproximou um destacamento de soldados romanos em marcha. Arquimedes, que nem sequer sabia que a cidade tinha sido tomada, não deu por nada até os soldados começarem a pisar-lhe os desenhos. Soltou um impropério...

– Sugeriu que fossem todos copular com as respectivas mães, se bem me recordo – disse Margero, com um sorriso lânguido.

Cícero pigarreou.

– Seja como for, um dos soldados ficou furibundo e matou Arquimedes ali mesmo.

– Não fazia ideia de que a obsessão pela matemática pudesse ser uma actividade tão perigosa – gracejou Agatino, sem sombra de sorriso.

– Pelo menos Arquimedes metia-se em coisas que lhe diziam respeito – observou Margero suavemente. Uma vez mais, tive a impressão de que lançava um olhar a Agatino, que não mostrou qualquer reacção.

Cícero ignorou a interrupção.

– Quando o general romano soube da tragédia, ficou obviamente incomodado. Mandou organizar uma grandiosa procissão fúnebre e construir um túmulo elaboradamente ornamentado, tendo como inscrições os maiores teoremas de Arquimedes e decorado com esculturas das formas cujas propriedades ele descobrira, a esfera, o cone, o cilindro e assim por diante. Mas, afinal, onde fica o túmulo de Arquimedes? Gostaria de o visitar enquanto aqui estou.

Agatino e Doroteu olharam um para o outro e encolheram os ombros. A expressão de Margero era tão inescrutável como a de um gato.

– Quer dizer que nenhum de vocês sabe onde fica o túmulo de Arquimedes? Não é do conhecimento geral?

– Suponho que fique algures na antiga necrópole, fora das muralhas da cidade – disse Agatino vagamente.

– Nem toda a gente se preocupa tanto com os seus antepassados como vocês, os romanos – comentou Margero.

– Mas o túmulo de um homem tão grandioso como Arquimedes devia ser um local de culto. – Cícero estacou de repente, de olhos a faiscar. O queixo tremia-lhe. – Eureka! Descobri!

– Mostrou-se subitamente tão excitado, que todos nos sobressaltámos, incluindo o Margero de pálpebras pesadas. – Gordiano, o Descobridor, foram as Parcas que nos juntaram, a nós, dois romanos, aqui em Siracusa! Tenho um destino a cumprir aqui, e tu também.

– O que queres tu dizer, Cícero?

– Queres trabalhar para mim uns dias? Localizarás o túmulo perdido de Arquimedes, se é que ainda existe, e eu devolvê-lo-ei à sua glória original! Este feito coroará o meu ano na Sicília. Brilhante! Quem poderá duvidar de que foram as Parcas que engendraram este serão e o respectivo resultado, que nos juntaram hoje a todos, a nós dois, romanos, e aos nossos novos amigos siracusanos? Eureka! Sinto-me como Arquimedes na sua piscina das termas.

– Vê lá não saias a correr nu pelas ruas – gracejou Doroteu, e o seu corpo rotundo sacudiu-se de riso.

O serão tinha chegado a uma conclusão natural e os três siracusanos prepararam-se para sair. Cícero retirou-se, deixando a Tiro a incumbência de os acompanhar à saída e de nos conduzir, a Eco e a mim, ao quarto. Já à porta, Agatino deixou-se ficar para trás e chamou-me à parte.

– Presumo que Cícero estivesse a falar a sério quando te contratou para ires amanhã à procura do túmulo de Arquimedes...?

– Assim parece. Afinal de contas, chamam-me Descobridor. Agatino comprimiu os lábios finos e examinou-me com um olhar distante e avaliador, que traía um certo divertimento.

– Pareces ser um sujeito decente, Gordiano, para romano. Ah, sim, não tentes negá-lo... bem te vi rir à socapa esta noite, juntamente connosco, enquanto o teu conterrâneo nos dava lições sobre Hiero e Arquimedes. Como se fôssemos miúdos, sinceramente! Como se fosse ele o nativo de Siracusa, e não nós! Mas, como digo, tu pareces-me um sujeito decente. Faço-te um favor, e digo-te onde se encontra o túmulo?

– Sabes onde fica?

– Não é propriamente do domínio público, mas sim, sei onde fica.

– Todavia, não o disseste a Cícero.

– Jamais! E julgo que saberás porquê. O sabichão! Pelo que ouvi dizer, Cícero é mais honesto do que a maioria dos burocratas que Roma nos manda, mas ainda assim... o desprate do homem! Mas tu agrada-me, Gordiano. E o teu filho também; gostei da maneira como se ria das piadas horrorosas de Doroteu. Queres que te diga onde se encontra o túmulo de Arquimedes? Depois, podes mostrá-lo a Cícero, ou não, como melhor te aprouver, e cobrar-lhe uma pipa de massa pelos teus serviços, espero eu. Sorri.

– Agradeço-te o favor, Agatino. Onde fica exactamente o túmulo?

– Na antiga necrópole, à saída da Porta Acradina, a cerca de cem passos a norte da estrada. Há para lá imensos monumentos antigos; aquilo é um tanto labiríntico. O meu pai mostrou-mo quando eu era miúdo. As inscrições dos teoremas já quase desapareceram, mas lembro-me muito bem das esculturas

geométricas. Receio que a necrópole tenha sido deixada ao abandono. Os monumentos estão cobertos por silvados e ervas daninhas. – Pensou um bocado. – É difícil dar-te indicações precisas. Seria mais fácil mostrar-to. Podes encontrar-te comigo à saída da Porta amanhã de manhã?

– És um homem atarefado, Agatino. Não quero abusar da tua gentileza.

– Não é abuso nenhum, desde que o façamos logo de manhãzinha. Encontramo-nos uma hora depois do nascer do sol.

Assenti e Agatino foi-se embora.

– Como correu o jantar? – perguntou Tiro enquanto nos levava para o nosso quarto. – Sei que Eco não ficou muito bem impressionado com o serão. – E imitou Eco a bocejar enquanto o próprio Eco, a bocejar genuinamente, se deixava cair de costas num canapé de dormir, cujo aspecto era infinitamente mais confortável do que o das esteiras infestadas de parasitas da estalagem onde tínhamos estado alojados.

– Um serão nunca é muito enfadonho quando acaba com um estômago cheio, um tecto sobre a nossa cabeça e a perspectiva de trabalho remunerado – respondi. – Quanto à companhia, Doroteu é um homem apazível, ainda que um tanto ruidoso. E Agatino parece ser bom sujeito.

– Um bocado macambúzio.

– Julgo que tem apenas um sentido de humor muito especial.

– E o poeta?

– Foi claro que Margero não estava com disposição para recitar poesia. Pareceu-me bastante ensimesmado. Havia qualquer coisa entre ele e Agatino...

– Acho que posso explicar isso – contribuiu Tiro.

– Mas tu não estavas presente.

– Não, mas estive na cozinha, a assimilar mexericos locais narrados pelos escravos. Agatino e Doroteu são patronos de Margero; um poeta precisa de ter patronos se não quiser morrer à fome. Mas, ultimamente, tem havido um certo distanciamento entre Agatino e Margero.

– Um distanciamento?

– Ciúmes. Ao que parece, estão ambos a cortejar o mesmo rapazinho no ginásio.

– Percebo. – Eram rivais no amor. Margero era mais novo e mais bemparecido do que Agatino, e compunha poemas de amor; mas Agatino possuía os atractivos do dinheiro e do poder. Era claro que ainda não se tinham zangado a sério, Margero continuava a depender de Agatino como patrono, e Agatino a utilizar o poeta como atavio, mas havia uma certa fricção entre eles. – Os escravos da cozinha contaram mais algum mexerico interessante?

– Que Agatino e Doroteu acabam de ser pagos pelo seu maior carregamento de sempre de mercadorias importadas do Oriente. Há quem diga que são, neste momento, os homens mais ricos de Siracusa.

– Não admira que Cícero fosse aconselhado a fazer amizade com eles.

– Precisam de mais alguma coisa antes de se retirarem? – perguntou Tiro, baixando a voz. Eco, sem sequer se despir, já ressonava suavemente no canapé.

– Talvez alguma coisa que se leia.

– Há uns rolos na sala que Cícero utiliza como escritório... Acabei a noite aconchegado debaixo de uma manta no meu canapé, maravilhando-me à luz da lamparina com um rolinho antigo e bafiento das obras de Arquimedes, e fascinado com o génio dele. Entre as maravilhas contidas na obra, contava-se um método para determinar a superfície da área de uma esfera, explicado de maneira tão lúcida que até eu quase o consegui compreender. A dada altura, deparei com a proposição que resultara do problema da coroa de ouro:

Proposição: Um sólido mais pesado do que um fluido, quando imerso neste, descerá até à base do fluido e, quando pesado no fluido, o sólido terá um peso inferior ao seu peso real, proporcional ao peso do fluido.

Sim, pois claro; até aqui, tudo evidente. Continuei a ler.

Seja A um sólido mais pesado do que o mesmo volume de fluido, e represente $(G+H)$ o seu peso, enquanto G representa o peso do mesmo volume do fluido...

Isto já não era tão evidente, e eu começava a sentir-me sonolento. A explicação de Cícero tinha sido mais fácil de acompanhar. Insisti.

Seja B um sólido mais leve do que o mesmo volume de fluido, tal que o peso de B é G, enquanto o peso do mesmo volume do fluido é (G+H). Sejam A e B combinados num sólido, e imersos. Logo, se (A+B) tiver o mesmo peso que o mesmo volume de fluido, sendo ambos os pesos iguais a (G+H) + G, segue-se que...

Soltei um enorme bocejo, pousei o rolo e apaguei a lamparina. Infelizmente, para mim era tudo grego. Na manhã seguinte, ao nascer do dia, acordei Eco, agarrei numa bucha de pão da despensa, e pusemo-nos a caminho da Porta Acradina.

O troço de estrada à saída das muralhas era exactamente como Agatino o descrevera, com um imenso labirinto de túmulos de cada lado, todos cobertos por silvados e videiras. Era um local perturbador, mesmo à pálida luz da manhã, com um ar de ruína e desolação. Alguns dos monumentos de pedra eram do tamanho de pequenos templos. Outros, mais não eram do que lápides enterradas na terra, e muitas delas já não se encontravam na vertical, mas tombadas no chão de qualquer maneira. Viam-se relevos esboroados de grinaldas fúnebres e cabeças de cavalo – os símbolos tradicionais da breve floração da vida e da veloz passagem para a morte. Alguns dos monumentos estavam ornamentados com as efígies dos respectivos mortos, de tal maneira polidas pelo tempo, que se tinham tornado tão inexpressivas e destituídas de feições como as estátuas das Cidades.

Não se via Agatino em lado nenhum.

– Talvez tenhamos chegado muito cedo – disse eu. Eco, cheio de energia, começou a meter o nariz nos monumentos, espreitando os relevos gastos e procurando descobrir passagens por entre o espesso entrançado de vegetação. – Vê lá não te percas – disse-lhe eu, mas, para o efeito, era como se ele fosse surdo, além de mudo. Em breve desaparecia da minha vista.

Esperei, mas Agatino não apareceu. Havia a possibilidade de ter chegado antes de nós e não ter tido paciência para esperar, ou de que os negócios o tivessem impossibilitado de vir. E havia ainda a

possibilidade de ter mudado de ideias, apesar de eu ser um sujeito decente... para romano.

Tentei lembrar-me da descrição que Agatino fizera da localização do túmulo. Para norte, dissera ele, a cerca de cem passos da estrada, e ornamentado com esculturas de formas geométricas. Decerto não seria assim tão difícil de descobrir.

Comecei por espreitar como Eco fizera, tentando descobrir maneira de avançar matagal adentro. Descobri o rasto de Eco e meti-me por uma espécie de túnel aberto por entre os espinhos e braçados de videiras que estrangulavam as passagens entre os monumentos. Fui-me embrenhando cada vez mais profundamente num estranho mundo de folhagem sombria e pedras frias e húmidas, cobertas de líquenes e de musgo. As folhas mortas restolhavam sob os meus pés. Sempre que havia uma bifurcação, eu procurava seguir as pisadas de Eco e chamava-o para lhe dar a saber que seguia na esteira dele. Depressa me apercebi de que, afinal, encontrar o túmulo de Arquimedes não seria tarefa fácil. Pus a hipótese de voltar para trás, retrocedendo em sentido inverso até à estrada. Agatino podia ter chegado entretanto e estar à minha espera.

Nisto, ouvi um grito estranho, retorcido, que não era bem um grito, mas mais o ruído que um rapaz mudo faria ao tentar gritar.

Eco!

Corri ao encontro do grito, mas fiquei baralhado com as bifurcações labirínticas e o eco do grito nos túmulos de pedra.

– Grita outra vez, Eco! Vai gritando até eu te encontrar!

O ruído ecoou de uma direcção diferente. Voltei-me, bati com a cabeça na esquina saliente de um monumento e praguejei. Levei a mão à cara para limpar o suor dos olhos e percebi que estava a sangrar. Eco tornou a gritar. Segui o som, tropeçando em vides rasteiras e desviando-me para não bater nas lápides tortas.

De repente, acima de um emaranhado de espinhos, avistei a parte superior de algo que só podia ser o túmulo de Arquimedes. No cimo de uma alta coluna quadrada com inscrições gregas gravadas a cinzel e já muito apagadas, via-se uma esfera e, no cimo da esfera, equilibrando-se sobre a aresta curva, um cilindro maciço. Estas duas formas eram a representação concreta de um dos princípios com

que tinha deparado no decurso da minha leitura da noite anterior – mas estes pensamentos eclipsaram-se assim que descobri uma passagem por entre o matagal e fui dar a uma pequena clareira, situada diante do túmulo.

A frente da coluna havia outras esculturas geométricas. Sobre uma delas, um cubo quase da altura dele, estava Eco, com os olhos muito abertos e ar alarmado. Ao lado do cubo, e também da mesma altura que este, via-se um cone esguio que terminava num vértice extremamente aguçado. O vértice estava escuro de sangue. Empalado no cone, de cara para cima, com os membros compridos e magros retorcidos em agonia, estava o corpo sem vida de Agatino. As feições reviradas estavam petrificadas num ricto de dor e de choque.

– Encontrei-o assim?

Eco assentiu com um aceno de cabeça.

Como teria acontecido uma coisa destas? Agatino devia estar de pé, em cima do cubo, onde Eco se encontrava neste momento, e ter caído de costas sobre o vértice. Estremeci ao imaginar a cena. A força da queda teria impelido o corpo até meio do cone. Mas por que razão estaria Agatino de pé sobre o cubo? As inscrições semiapagadas da coluna podiam ler-se com a mesma facilidade do chão. E como pudera Agatino ser tão descuidado, a ponto de cair num sítio tão perigoso?

A não ser que alguém o tivesse empurrado.

" Pensei num triângulo. Um triângulo diferente dos que Arquimedes estudara, mas com propriedades igualmente previsíveis – um triângulo composto, não por linhas abstractas, mas pelas forças poderosas que ligam os mortais uns aos outros.

Disse a Eco que o deixasse de olhar daquela maneira insistente e que descesse do cubo.

Dadas as circunstâncias da nossa descoberta, e o facto de sermos estrangeiros em Siracusa, Eco e eu poderíamos perfeitamente ver-nos sob suspeita se se chegasse à conclusão de que Agatino tinha sido assassinado. Achei que o melhor era contar a Cícero o que havia descoberto, deixá-lo dar parte da morte ao

magistrado provincial competente, e depois marcar passagem para Roma e ter a mínima ligação possível com o assunto.

– Mas, Gordiano – protestou Cícero – este tipo de coisas é a tua especialidade. E, se bem entendi, Agatino ia encontrar-se contigo, para te fazer um favor, embora deva dizer que ele podia perfeitamente ter-me mostrado o túmulo directamente a mim. Não te sentes na obrigação de descobrir a verdade?

Cícero é mestre em apelar à honra de um homem. Resisti.

– Estás a contratar-me para investigar a morte dele?

– Gordiano... sempre o dinheiro! Não me compete propriamente remunerar-te por este trabalho, mas tenho a certeza de que consigo persuadir o magistrado romano local a fazê-lo. E devo acrescentar que a tua participação também te ilibaria de suspeita. Que decides? – E ergueu uma sobrancelha.

Não havia maneira de discutir lógica com Cícero.

– Está bem.

– Ótimo! Primeiro, alguém terá de informar os amigos e a família. Falar com uma viúva requer uma certa delicadeza, eu encarrego-me disso. Deixo nas tuas mãos a tarefa de dar a triste notícia ao sócio, Doroteu.

– E Margero?

– Ah, pois, suponho que o poeta desejará compor uns versos fúnebres em louvor do seu falecido patrono.

A. não ser, pensei, que Margero tenha sido o autor da morte de Agatino.

Margero vivia numa casa pequena, mas respeitável, no coração da cidade. Bati educadamente à porta com o pé e um escravo encaminhou-me por um átrio modesto até um jardim modesto. Após uma longa espera, Margero apareceu, vestindo uma túnica enxovalhada, com os caracóis em desalinho e os olhos inchados de sono.

– É quase meio-dia – observei. – Os poetas dormem até tão tarde?

– Dormem, se beberem tanto como eu bebi ontem à noite.

– Não te vi beber mais do que nós.

– E como é que sabes que eu parei por ali?

- Quer dizer que tiveste uma noite longa?
- E que tens tu a ver com isso, romano?
- Um dos teus patronos morreu.

Num curto instante, várias emoções atravessaram as belas feições de Margero, começando pelo que poderia ser surpresa e um fulgor de esperança, e acabando num esgar que podia não ser mais do que um sintoma da ressaca.

- Doroteu?
- Não.

Um inequívoco sorriso de satisfação dançou-lhe fugazmente nos lábios.

- Agatino... morto? Mas como?

– Eco e eu encontrámo-lo esta manhã, à saída da Porta Acradina. – Descrevi-lhe as circunstâncias.

– Empalado? Repugnante. – A repugnância de Margero transformou-se lentamente em divertimento. – Mas, apesar disso, adequadíssimo! Um irónico volte-face em relação à sua preferência habitual. – Deu uma gargalhada. – Agatino, empalado. Delicioso! O pobre Nikias vai ficar destroçado. Vou fazer-lhe um poema para o consolar.

- Nikias, o rapaz do ginásio?

A expressão de Margero ensombrou-se.

- Como sabes da existência dele?

– Sei mais do que gostaria sobre a tua vida, e sobre a de Agatino, e, ainda assim, não é suficiente...

– Com que impressão ficaste? – perguntei a Eco enquanto nos dirigíamos para o comprido edifício situado junto às docas onde Agatino e Doroteu tinham o escritório e os armazéns. – Achas que Margero ficou realmente surpreendido quando lhe demos a notícia?

Eco mostrava-se pensativo. Rodou a palma da mão para cima e para baixo inconclusivamente.

– Suponhamos que, ontem à noite, Margero ouviu Agatino combinar encontrar-se connosco na Porta Acradina...

Eco abanou a cabeça.

– Pois, tens razão, Margero e Doroteu já se tinham afastado e, à distância a que estavam, não teriam conseguido ouvir nada. Mas

suponhamos que Agatino os apanhou e lhes contou o plano. É perfeitamente possível.

Eco assentiu com ar sensato.

– E suponhamos que Margero se ofereceu para se encontrar com Agatino esta manhã, que chegaram antes de nós e começaram à procura do túmulo sem nós, ou talvez Margero tenha aparecido sozinho, escondendo-se até Agatino chegar e seguindo-o furtivamente quando ele entrou no labirinto. De uma maneira ou de outra, acabaram por se encontrar no interior do matagal, onde ninguém os via, e Margero aproveitou a oportunidade para se ver livre, de uma vez por todas, do seu rival ao afecto de Nikias.

Eco abanou a cabeça e imitou um poeta no auge de uma declamação.

– Sim, eu sei: Margero é um homem de palavras e não de acção. E também teria de ser um excelente actor, se as reacções que teve quando lhe demos a notícia esta manhã foram a fingir.

Eco colocou a face sobre as mãos unidas e fingiu dormir.

– Sim, é verdade, ele estava a dormir quando lhe batemos à porta, mas isso não prova nada. Pode ter ficado a pé toda a noite para emboscar Agatino, tendo ido para a cama depois do crime.

Eco agarrou-se a um espigão imaginário que lhe irrompia do peito, a seguir fingiu estar a dormir e abanou a cabeça com incredulidade. Como poderia um homem dormir depois de praticar um acto daqueles, perguntava ele?

– Isso é um ponto importante – admiti. Eco sorriu, reagindo à piada antes de mim. – Outra coisa: Margero é mais novo do que Agatino, mas será assim tão mais forte do que ele que conseguisse arrastar Agatino para cima do cubo e empurrá-lo por sobre o cone?

Doroteu fez-nos esperar um bocado no átrio do edifício onde tratava dos seus negócios. Apareceu, por fim, com um sorriso abatido e afagando a espessa barba.

– Gordiano e Eco! – ribombou. – Vieram fazer as últimas despedidas antes de voltarem para Roma?

– Quem me dera ter vindo por tão feliz motivo. Trata-se de Agatino...

– Ah, sim, soube da tragédia de manhã cedo, a mulher de Agatino enviou-me um mensageiro assim que Cícero lhe deu a notícia. Segundo percebi, foram vocês que encontraram o corpo. Uma coisa horrível! Chocante!

– Sabias que ele tinha combinado encontrar-se comigo na Porta Acradina esta manhã?

– Como? É óbvio que não.

– Pensei que ele pudesse ter falado nisso, a ti e a Margero, já depois de terem saído da casa de Cícero ontem à noite.

– Agatino apanhou-nos, é verdade, e ainda fizemos parte do caminho juntos. Mas não nos disse que tinha combinado encontrar-se contigo. Deixei-os quando chegámos à minha porta, por isso Margero foi o último a despedir-se dele. Agora que falas nisso...

– Sim?

– Nos últimos tempos, havia um problema qualquer entre eles. Talvez tenhas reparado na falta de cortesia de Margero ontem à noite, e no distanciamento de Agatino. Um disparate qualquer por causa de um rapaz. Absurdo, não é, como as pessoas perdem a cabeça com este tipo de coisas? Ainda assim, custa a acreditar que Margero fosse capaz...

Um escravo entrou na divisão e disse qualquer coisa a Doroteu em voz baixa.

Doroteu encolheu os ombros, desculpando-se.

– Negócios. A morte de Agatino gerou uma confusão terrível. Terão que me desculpar. Boa viagem de regresso a casa, Gordiano!

Doroteu saiu com o secretário, deixando-nos sozinhos no átrio.

Ou melhor, deixando-me sozinho no átrio, dado que, quando olhei em volta, Eco tinha desaparecido.

Chamei-o baixinho, mas parecia que esta era mais uma daquelas ocasiões em que Eco se tornava convenientemente surdo. Várias passagens ligavam o átrio a diversas outras partes do edifício, mas a minha atenção recaiu sobre um corredor tapado por uma cortina, que caía a direito quando nós tínhamos chegado, mas que estava agora ligeiramente de viés. Levantei-a e entrei num corredor escuro.

De ambos os lados do corredor, via-se uma série de pequenos escritórios atafalhados de rolos de pergaminho, pedaços de papiro e tabuinhas de cera. Os escritórios estavam desertos; presumi que os funcionários tivessem sido dispensados por causa da morte de Agatino. Os registos empilhados a toda a volta davam a impressão de ser o que se encontra normalmente nos escritórios de negócios: facturas, recibos, livros de contabilidade. Espreitei para dentro de todas as divisões, chamando Eco baixinho.

O corredor terminava numa porta, que estava entreaberta. Empurrei-a e entrei num armazém alto, cheio de caixas de grades. Parecia tão deserto como os escritórios, e as coxias labirínticas que separavam os caixotes empilhados trouxeram-me desconfortavelmente à memória o labirinto da necrópole à saída da Porta Acradina.

– Eco! – chamei em voz baixa. – Não temos o direito de andar aqui a meter o nariz. Eco, onde estás? – Circulei por entre os contentores até descobrir outra porta no canto oposto do armazém. Dava para novo escritório. Pelas pequenas janelas que ficavam quase junto ao tecto, entravam os sons de gritos de gaivotas e de embarcações a chocar umas com as outras no porto. Não havia sinais de Eco. Voltei a sair do escritório fechando a porta atrás de mim. Dei alguns passos antes de, subitamente, tomar consciência do que acabara de ver, e apressei-me a voltar para trás.

Sobre uma mesa encostada à parede, vi uma balança pequena. Cuidadosamente empilhados atrás dela, estavam uns pesos de prata e de ouro. Sobre a mesa, via-se igualmente uma pequena tina de madeira. Aproximei-me. Como seria de esperar, a tina estava meia cheia de água, e havia várias marcas de nível traçadas a giz na superfície interior.

Atrás de mim, ouvi a porta fechar-se.

– Pensei que já me tinha despedido de ti, Gordiano. – Não havia o mínimo resquício de bom humor na voz de Doroteu. Sem o sorriso aberto, a sua face redonda e barbuda tinha um aspecto ríspido, quase ameaçador; o sorriso constante tinha-me impedido de ver o brilho frio e predador dos seus olhos, tão habitual em negociantes e mercadores bem sucedidos. Também me dei conta de

que era um homem possante. Gordo, é verdade, mas com braços de ferreiro, suficientemente fortes, sem dúvida alguma, para arrastar Agatino – que era mais pequeno e mais fraco – para cima de um cubo de pedra e para o empurrar, obrigando-o a cair de costas sobre o vértice cruel.

– Ando à procura do meu filho – disse eu, no tom mais inocente de que fui capaz. – Eco tem o péssimo hábito de desaparecer sem dizer para onde vai. Na verdade, eu devia ser menos indulgente ...

Mas Doroteu não estava a ouvir-me.

– Quanto, Descobridor?

– Quanto o quê?

– Quanto, para não abrires a boca e te pões a andar para Roma? – Podia ser um assassino, mas primeiro era um homem de negócios.

Se aceitar o suborno significava sair inteiro pela porta que estava atrás dele, por que não? Mas pensei em Agatino na noite anterior – a última noite da sua vida – a dizer-me: Tu agradas-me Gordiano... e o teu filho também... a maneira como se riu das piadas horrorosas de Doroteu... e a oferecer-se para me fazer o favor de me mostrar o túmulo de Arquimedes. E lembrei-me do esgar lancinante de terror da cara dele quando o encontrámos, e estremeci, pensando na agonia que ele devia ter sofrido, imobilizado como um insecto num alfinete.

– Quer dizer que, a noite passada, Agatino sempre chegou a dizer-te que tinha marcado um encontro comigo à saída da Porta Acradina? – disse eu.

Decidindo conceder-me dois dedos de conversa, Doroteu aligeirou a expressão. Um início de sorriso regressou-lhe aos lábios.

– Sim. Estava cheio de vontade de se embrenhar contigo pelo matagal. Eu insisti em acompanhar-vos, pelo prazer da coisa.

– E Margero?

– Tenho de confessar que te menti, Descobridor. Margero retirou-se assim que Agatino nos apanhou. Mal conseguira suportar ter de jantar na mesma sala que ele, não sei se reparaste, e não estava com disposição para ainda passear com Agatino. O mais

provável é que quisesse chegar a casa o mais depressa possível para poder embebedar-se sozinho e inventar novos poemas para o rapazinho do ginásio.

– E tu?

– Eu levei Agatino até casa dele. Depois vim para aqui.

– Para o teu escritório? A meio da noite?

– Não te faças desentendido, Descobridor. Viste a balança e a tina de água.

– É uma demonstração do princípio de Arquimedes?

– Acredites ou não, até Cícero o explicar a noite passada, eu nunca o tinha percebido realmente.

– E era assim tão importante vires imediatamente testá-lo? Ele suspirou.

– Durante anos, desconfiei de que Agatino me enganava. Por que não? Sempre foi mais esperto do que eu, desde os nossos tempos de garotos. E o sócio mais esperto engana sempre o sócio mais estúpido, é a lei do negócio. Por isso, observei sempre todas as transacções e contei sempre todas as moedas de prata e de ouro que eram repartidas entre nós. Ainda assim, nunca o apanhei a enganar-me.

Pelo último carregamento de bens, Agatino convenceu-me a aceitar o meu pagamento em objectos de ouro, jarros, taças e afins, enquanto ele aceitava o dele em moeda. Precisava do dinheiro com urgência para utilizar nuns investimentos particulares, disse, e na realidade que diferença fazia, conquanto recebêssemos ambos o mesmo peso? Secretamente, fiquei convencido de que sairia a ganhar, dado que o ouro trabalhado é mais valioso do que o seu peso em moeda. Agatino contava com a minha ganância, compreendes, e usou-a contra mim. Enganou-me. O estupor, o velhaco, enganou-me! Ontem à noite, com a ajuda de Arquimedes, demonstrei-o.

– Demonstraste que os objectos de ouro que te couberam não eram de ouro maciço?

– Exactamente.

– Talvez Agatino não soubesse.

– Oh, não, sabia pois! Hoje de manhã, já depois de termos entrado no matagal e de termos descoberto o túmulo, perguntei-lhe. A princípio, negou, até eu o arrastar para cima do cubo e ameaçar espetá-lo no cone. Aí, confessou, e continuou a confessar, com o vértice pontiagudo por incentivo. A coisa não começou nesta transacção! Há anos que ele roubava e adulterava a parte do ouro que me cabia, utilizando uma infinidade de estratagemas pérfidos. Eu sempre soube que Agatino era demasiado esperto para ser honesto!

– E depois de ele confessar... – Arrepiei-me, imaginando a cena.

Doroteu engoliu em seco.

– Eu podia dizer que foi um acidente, que ele escorregou, mas para quê? Não me orgulho do que fiz. Estava irado, furioso! E uma ira destas vem dos deuses, não vem? Por isso os deuses compreenderão. E compreenderão por que motivo tive igualmente de me livrar de ti. – Enfiou a mão no interior das pregas da túnica e puxou de um punhal comprido.

Tossi. Tinha a garganta seca como um osso.

– Pensei que querias comprar o meu silêncio.

– Mudei de ideias.

– Mas tu disseste...

– Tu nunca chegaste a concordar, portanto não chegámos a fechar o negócio. E agora retiro a minha oferta.

Olhei em volta na expectativa de vislumbrar alguma coisa capaz de nivelar a situação, mas não vi nada que se parecesse remotamente com uma arma. O melhor que podia fazer era agarrar na tina. Atirei-lhe a água e depois atirei-lhe a tina, que ele desviou com um murro. O máximo que consegui foi deixá-lo enfurecido e a pingar. Todos os vestígios do conviva bem-humorado e afável com quem jantara na noite anterior tinham desaparecido. Olhando agora para a cara dele, não o teria reconhecido. Foi nesse momento que, atrás dele, a porta rangeu e se escancarou com um estrondo.

Cícero entrou primeiro, seguido por um destacamento bem armado de funcionários militares romanos, que rodeou imediatamente Doroteu e lhe tirou o punhal. Eco vinha atrás, dando

pulos em grande alvoroço, e a ansiedade patente no seu rosto transformou-se em júbilo quando viu que eu não estava ferido.

– Eco foi buscar-te? – perguntei.

– Foi – respondeu Cícero.

– Ouviste Doroteu confessar?

– Ouvi o suficiente.

Eco abriu muito a boca e mexeu os lábios, mas só conseguiu emitir um grunhido sufocado.

– O que está o rapaz a tentar dizer? – perguntou Cícero.

– Calculo que seja Eureka! Eureka!

– Ganância! – disse eu a Eco na manhã seguinte, enquanto nos preparávamos para deixar o nosso quarto em casa de Cícero. – Ontem à noite, li aquele idílio de Teócrito, o poema que Cícero citou no outro dia ao jantar. O poeta acertou em cheio:

Os homens já não aspiram a granjear louvor por nobres feitos, pensam apenas em lucro, lucro, lucro.

Aferram os seus sacos de moedas, sempre em busca de mais, tão avaros que não largam sequer a rubigem que se solta das moedas!

– Graças à ganância, Agatino está morto, Doroteu aguarda julgamento pelo assassínio e Margero, o poeta, perdeu os seus dois patronos de um golpe só, o que significa que, provavelmente, terá de deixar Siracusa. Uma calamidade para todos eles. É muito triste; o suficiente para fazer com que um homem volte as costas aos infectos afazeres humanos e se perca na geometria pura, como Arquimedes.

Arrumámos as poucas coisas que trazíamos e fomos despedir-nos de Cícero. Faltava ainda resolver a questão dos meus honorários, não só por ter descoberto o túmulo de Arquimedes, como também por ter desmascarado o assassino de Agatino.

Do átrio, ouvi Cícero a falar no escritório. Ditava uma carta a Tiro, certamente com o intuito de que eu a levasse para Roma. Eco e eu aguardámos à porta do escritório. Era impossível não ouvir.

– “Caro irmão Quinto” – começava Cícero -, “os homens cuja amizade fui seriamente aconselhado a cultivar aqui em Siracusa revelaram-se despidiendos, os pormenores mórbidos podem ficar

para quando estivermos novamente juntos. Não obstante, as minhas férias por estas paragens não foram totalmente improdutivas. Decerto te agradará saber que redescobri o túmulo perdido de um dos nossos heróis de juventude, Arquimedes. A população local ignorava completamente a localização do túmulo; em bom rigor, negava mesmo a sua existência. Ontem à tarde, porém, dirigi-me com Tiro à antiga necrópole, à saída da Porta Acradina onde, como não podia deixar de ser, os meus olhos detectaram, sobressaindo acima de um emaranhado de silvados e videiras, os célebres ornamentos, a esfera e o cilindro, no topo de uma coluna. Decerto te recordas da lengalenga que aprendemos com o nosso velho tutor de matemática:

Cilindro e bola sobre um alto pedestal marcam o pouso final do siracusano genial

Ao descobrir o túmulo, gritei Eureka/e dei ordem a um grupo de trabalhadores munidos de foices para limparem o matagal em volta. Agora, o túmulo de Arquimedes pode ser visto e visitado à vontade, tendo recuperado o seu devido estatuto de local de culto para todos os homens instruídos.”

Reparei que Cícero não fez referência ao cubo nem ao cone, que tinham sido removidos juntamente com os silvados, não fosse alguém sofrer a mesma sorte que Agatino.

Cícero pigarreou e retomou o ditado.

– “É ou não irónico, irmão Quinto, e um triste sinal do nível de degradação cultural dos siracusanos modernos, que tenha sido preciso um romano de Arpino vir redescobrir o túmulo de um dos mais finos intelectos que alguma vez viveu entre eles?”

Verdadeiramente irónico, pensei eu.

MORTO POR EROS

– Os napolitanos são diferentes de nós, romanos – comentei com Eco enquanto atravessávamos o Fórum central de Nápoles. – Quase parece que saímos de Itália e que, por artifícios mágicos, fomos transportados para um porto marítimo grego. Os colonos gregos fundaram a cidade há centenas de anos, aproveitando a extraordinária baía a que chamaram Krater, ou Taça. Os habitantes locais continuam a ter nomes gregos, a comer comida grega, a seguir os costumes gregos. Muitos deles nem sequer falam latim.

Eco apontou para os seus próprios lábios e fez um gesto autodepreciativo, dizendo: Nem eu! Aos quinze anos, tinha tendência para gracejar com tudo, incluindo a sua própria mudez.

– Ah, mas tu ouves latim – disse eu, dando-lhe um piparote na orelha com força suficiente para bicar sem magoar a sério – e, às vezes, até compreendes.

Tínhamos parado em Nápoles, a caminho de Roma, depois de termos feito um pequeno trabalho para Cícero na Sicília. Em vez de ficarmos numa estalagem, esperava conseguir alojamento em casa de Sosístrides, um mercador grego abastado.

– O sujeito deve-me um favor – dissera-me Cícero. – Procura-o e menciona o meu nome; tenho a certeza de que te dará guarida por uma noite.

Com as indicações dadas pelas gentes locais (que foram suficientemente educadas para não se rirem do meu grego), demos com a casa do mercador. As colunas, os lintéis e os pormenores decorativos da fachada, tingidos em vários tons de vermelho-pálido, azul e amarelo, pareciam fosforescer sob a quente luz do sol. Incongruente com aquele jogo de cores, era a presença de uma coroa fúnebre preta na porta.

– O que achas, Eco? Podemos pedir a um amigo de um amigo, um completo desconhecido, que nos receba quando a família

está de luto? Parece falta de decoro.

Eco assentiu pensativamente, e depois apontou para a coroa e expressou curiosidade volteando o pulso. Assenti.

– Percebo-te. Se foi Sosítrides quem morreu, ou um membro da família dele, Cícero decerto quererá que transmitíssemos condolências em seu nome. E que nos inteirássemos das circunstâncias, para o informarmos por carta. Creio que teremos pelo menos de falar com o porteiro, para saber o que se passou. Avancei e bati educadamente à porta com o lado do pé. Não houve resposta. Bati outra vez e esperei. Estava prestes a bater com os nós dos dedos, fosse pouco educado ou não, quando a porta se abriu.

O homem que nos atendeu, e que ficou espedaçado a olhar para nós, trajava de preto. Não era um escravo; lançara-lhe um olhar à mão e vira o anel de ferro de cidadão. Tinha o cabelo grisalho em desalinho e uma expressão transtornada. Os olhos estavam vermelhos de choro.

– Que desejas? – perguntou-me, em tom mais cauteloso do que antipático.

– Perdoa-me, cidadão. Chamo-me Gordiano. Este é o meu filho, Eco, que ouve mas é mudo, pelo que falarei por ele. Estamos em viagem, de regresso a Roma. Sou amigo de Marco Túlio Cícero. Foi ele quem me...

– Cícero? Ah, sim, o administrador romano lá de baixo da Sicília, o que sabe efectivamente ler e escrever, para variar. – O homem franziu o sobrolho. – Cícero envia-me alguma mensagem, ou...?

– Nada de urgente; pediu-me apenas que te recordasse a vossa amizade. Presumo que sejas Sosítrides, o senhor desta casa?

– Sim, sou. E tu? Desculpa, já te apresentaste? Não consigo concentrar-me. .. – Olhou por cima do ombro. Por trás dele, no vestíbulo, vislumbrei um catafalco fúnebre em torno do qual tinham sido espalhadas flores frescas e folhas de loureiro.

– Chamo-me Gordiano. E este é o meu filho...

– Gordiano, disseste tu?

– Sim.

– Recordo-me de ouvir Cícero mencionar o teu nome. Qualquer coisa relacionada com um julgamento por assassinio, em Roma em que tu o ajudaste. Chamam-te Descobridor.

– Sim.

Olhou fixamente para mim durante largos momentos.

– Entra, Descobridor. Quero que o vejas.

O catafalco que se encontrava no vestíbulo fora levantado e inclinado num ângulo que permitia ver claramente o seu ocupante. Era o cadáver de um jovem, provavelmente pouco mais velho do que Eco. Tinha os braços cruzados em cima do peito e o corpo envolvido numa veste branca e comprida, pelo que apenas se lhe viam a cara e as mãos. Tinha o cabelo comprido, à rapaz, amarelo como uma seara de milho painço no Verão, e adornado com uma coroa de louros, das que são atribuídas aos atletas que vencem competições. A carne das suas feições delicadamente moldadas estava pálida e cerosa mas, mesmo na morte, a sua beleza era extraordinária.

– Tinha os olhos azuis – disse Sosístrides em voz sumida. – Estão fechados, não se vêem, mas eram azuis, como os da sua querida mãe, já falecida; tinha herdado a beleza da mãe. Era o mais puro azul jamais visto, como a cor da Taça num dia de céu limpo. Quando o tiraram da piscina, estavam completamente raiados de sangue...

– É o teu filho, Sosístrides? Sosístrides reprimiu um soluço.

– O meu único filho varão, Cléon.

– Que perda terrível.

Sosístrides assentiu, incapaz de falar. Eco, nervoso, apoiava o peso do corpo ora num pé ora outro, examinando o morto com olhares furtivos, quase tímidos.

– Chamam-te Descobridor – disse Sosístrides por fim, em voz rouca. – Ajuda-me a descobrir o monstro que matou o meu filho.

Olhei para o jovem morto e senti uma empatia profunda ante o sofrimento de Sosístrides, e não apenas por eu próprio ter um filho sensivelmente da mesma idade. (Eco podia ser adoptado, mas eu amava-o como se fosse carne da minha carne.) Também me senti tocado pelo desaparecimento de uma tão grande beleza. Por que

será que a morte de um desconhecido belo nos afecta mais profundamente do que a perda de alguém de aparência trivial? Por que será que, quando se parte um vaso requintadamente trabalhado mas de pouca utilidade prática, sentimos a perda mais agudamente do que quando se parte um vaso feio do qual nos servimos todos os dias? Os deuses fizeram os homens amar a beleza acima de tudo, talvez por eles próprios serem belos, e desejarem que os amemos, mesmo quando nos fazem sofrer.

– Como morreu o teu filho, Sosístrides?

– Morreu ontem, no ginásio. Realizavam-se provas desportivas entre os rapazes da cidade, lançamento do disco, luta, corrida. Eu não pude assistir. Estive todo o dia fora, em Pompeia, em trabalho...

– Sosístrides voltou a reprimir as lágrimas. Estendeu o braço e tocou ao de leve na coroa pousada sobre a fronte do filho. – Cléon ganhou a coroa de louros. Era um atleta esplêndido. Ganhava sempre em tudo, mas dizem que ontem se superou a si próprio. Quem me dera lá ter estado a assistir! Depois das provas, enquanto os outros rapazes foram para dentro, para o banho, Cléon foi sozinho dar umas braçadas na piscina comprida. Não estava mais ninguém no pátio. Ninguém viu o que aconteceu...

– O rapaz afogou-se, Sosístrides? – Parecia improvável, se era tão bom nadador como em tudo o resto.

Sosístrides abanou a cabeça e fechou os olhos com força, contendo as lágrimas.

– O dono do ginásio é um antigo lutador chamado Caputoro. Foi ele que encontrou Cléon. Diz ter ouvido o som de uma coisa cair na água, mas não ter dado importância ao assunto. Mais tarde, quando se dirigiu ao pátio, deparou com Cléon. A água estava tinta de sangue. Cléon estava no fundo da piscina. Ao lado dele, encontrava-se uma estátua partida. Deve ter-lhe batido na nuca; fez um golpe terrível.

– Uma estátua?

– De Eros, o deus a que vocês, romanos, chamam Cupido. Um querubim com arco e flechas, um objecto decorativo que estava na borda da piscina. Embora não fosse uma estátua grande, era pesada, de mármore maciço. Caiu, não se sabe como, do pedestal

em que estava colocada quando Cléon ia a passar ... – Perdido em agonia, olhou para o rosto exangue do rapaz.

Senti a presença de mais alguém na divisão e, ao voltar-me, vi uma jovem de vestido preto que trazia um manto preto sobre a cabeça. Avançou até Sosístrides e parou a seu lado.

– Quem são estes visitantes, pai?

-Amigos do administrador provincial da Sicília, Gordiano de Roma, e seu filho, Eco. Esta é a minha filha, Cleio. Filha! Cobre-te! – O súbito embaraço de Sosístrides tinha sido provocado pelo facto de Cleio ter afastado o manto da cabeça, deixando ver o cabelo preto barbaramente tosquiado, tão curto que não lhe chegava sequer aos ombros. Também a sua cara dava sinais de um luto descontrolado. Rasgões compridos desciam-lhe pelas faces e viam-se equimoses onde parecia ter batido em si própria, desfigurando uma beleza que rivalizava com a do irmão.

– Choro a perda daquele a quem amei mais do que tudo no mundo – disse ela em voz sepulcral. – Não sinto vergonha de o mostrar. – Lançou-nos, a mim e a Eco, um olhar gelado, e saiu do vestíbulo.

Em Roma, as manifestações extremas de dor são olhadas com desdém, e o luto público excessivo é proibido por lei; mas estávamos em Nápoles. Sosístrides parecia ter lido os meus pensamentos.

– Cleio sempre foi mais grega do que romana. Não controla as emoções. Exactamente o oposto do irmão. Cléon sempre foi muito frio, desprendido. – Abanou a cabeça. – Está profundamente abalada com a morte do irmão. Ontem, quando cheguei de Pompeia, encontrei o corpo dele aqui no vestíbulo; os escravos tinham-no trazido do ginásio. Cleio estava no quarto, a chorar convulsivamente. Já tinha cortado o cabelo. Chorou e lamuriou-se durante toda a noite.

Olhou para a cara do filho morto e estendeu a mão para lhe tocar; a sua mão quente e rosada contrastava com a palidez da face gelada do rapaz.

– Alguém assassinou o meu filho. Peço-te que me ajudes a descobrir quem o fez, Gordiano, para que a sombra do meu filho descanse em paz, e para que a minha filha não enlouqueça.

– Foi isso mesmo, ouvi o som de uma coisa a cair na água. Estava aqui atrás do balcão do vestiário, e a porta que dá para o pátio estava aberta de par em par, como agora.

Caputoro, o proprietário do ginásio, era um antigo lutador já grisalho, de ombros enormes, completamente careca e com uma barriga protuberante. Os seus olhos continuavam a dardejar por cima de mim, acompanhando as entradas e saídas dos rapazes nus, interrompendo-me frequentemente para gritar um cumprimento, que incluía quase sempre uma pilhéria insultuosa ou obscena. À quarta vez que esticou o braço para remexer no cabelo de Eco, este desviou-se habilmente e deixou-se ficar à distância.

– E, assim que ouviste o som de uma coisa a cair na água, foste logo ver o que se passava? – perguntei.

– Não, logo não. Para te dizer a verdade, não liguei muito à coisa. Calculei que Cléon estivesse a dar saltos para a água, o que é contra as regras, nota! Trata-se de uma piscina comprida e pouco funda, e não é permitido mergulhar. Mas ele desrespeitava constantemente as regras. Estava convencido de que podia fazer tudo o que lhe apetecesse sem sofrer represálias.

– Então não foste lá dizer-lhe para parar? Não és o proprietário?

– E achas que isso tinha alguma importância para aquele fedelho mimado? Posso mandar no ginásio, mas nele ninguém mandava. Sabes o que ele teria feito? Citava umas frases eruditas de uma peça famosa, sobre antigos lutadores com grandes panças, alçava o traseiro nu na minha direcção e saltava outra vez para a água! Obrigado, mas passo bem sem a humilhação. Hei, Mânio! – Caputoro chamou um rapaz que passava por trás de mim. – Vi-te lá fora a lutar com o teu querido, esta manhã. Tens andado a estudar os vasos eróticos do teu pai para aprenderes aquelas posições? Ha!

Por cima do ombro, vi um rapaz ruivo lançar-lhe um sorriso lascivo e fazer um gesto obsceno com as duas mãos.

– E ontem – perguntei eu – ouviste uma coisa a cair na água e não deste grande importância ao sucedido, mas acabaste por te dirigir ao pátio.

– Fui apanhar ar. Reparei logo que Cléon já não estava a nadar. Calculei que tivesse ido para dentro, para os balneários.

– Mas, nesse caso, não teria passado por ti?

– Não necessariamente. Há duas passagens que dão acesso ao pátio. Aquela que a maior parte das pessoas utiliza passa aqui diante do meu balcão. A outra passa por um pequeno átrio que faz ligação com o vestíbulo exterior. Implica uma volta mais comprida para se entrar nos balneários, mas ele podia ter ido por esse lado.

– E teria sido possível uma pessoa entrar no pátio por aí?

– Teria.

– Quer dizer que não podes ter a certeza de que Cléon estivesse lá fora sozinho.

– Olho vivo, tu, hã? – comentou Caputoro sarcasticamente. – Mas tens razão. De início, Cléon estava sozinho na piscina, disso tenho eu a certeza. Depois, ninguém passou por mim, nem para dentro nem para fora. Mas é possível que alguém tenha entrado e saído pela outra passagem. Em todo o caso, assim que pus o pé lá fora, percebi logo que havia qualquer coisa que não batia certo, qualquer coisa que não batia mesmo nada certo, embora não conseguisse dizer exactamente o quê. Só mais tarde percebi o que era: a estátua tinha desaparecido, a estatueta de Eros que já cá estava quando eu comecei a tomar conta do espaço. Nunca te aconteceu, pelo facto de veres uma coisa todos os dias, acabares por dá-la como adquirida, e quando, de um momento para o outro, ela deixa de lá estar, não seres capaz de dizer o que falta, mas sentires que falta qualquer coisa? Foi o que aconteceu comigo. Depois, reparei na cor da água. Completamente rosada num ponto, e mais escura para o fundo. Aproximei-me mais e foi então que o vi, caído no fundo, sem se mexer, sem bolhas de ar a subir à tona, e com a estátua feita em bocados à volta dele. Percebi logo o que teria acontecido. Vou mostrar-te onde foi.

Quando passávamos pela porta em direcção ao pátio, cruzámo-nos com um lutador musculoso, só com uma tira de couro a prender-lhe os cabelos e ligaduras apertadas em torno dos pulsos, que vinha para dentro. Caputoro enrolou uma toalha nos pulsos e deu com ela no traseiro nu do rapaz.

– A tua mãezinha! – gritou o atleta picado.

– Não, o teu rabo vermelho reluzente! – Caputoro lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

A piscina tinha sido esvaziada e esfregada, para eliminar qualquer vestígio do sangue de Cléon que houvesse entre os blocos de argila. Os bocados da estátua de Eros tinham sido apanhados e colocados junto ao pedestal vazio. Um dos pezinhos do deus tinha-se partido, e o mesmo acontecera ao topo do arco de Eros, à ponta da seta e à extremidade das penas de uma das asas.

– Dizes tu que a estátua estava aqui há anos?

– Exacto.

– Em cima deste pedestal?

– Sim. Nunca buliu, nem quando os estremeções do Vesúvio cá chegam.

– Então, é muito estranho que tivesse desabado ontem, um dia em que ninguém sentiu nenhum abalo. E mais estranho ainda que tenha caído directamente em cima da cabeça de um nadador...

– É um mistério, podes dizê-lo.

– Julgo que o termo adequado é assassínio. Caputoro olhou para mim desconfiado.

– Não necessariamente.

– O que queres dizer com isso?

– Pergunta aos rapazes. Vê o que eles te contam.

– Faço tenções de perguntar a todos os que cá estiveram ontem o que viram e ouviram.

– Então talvez queiras começar por este rapazinho. – E apontou para a estátua partida.

– Explica-te, Caputoro.

– Há quem saiba mais do que eu. Só te posso contar o pouco que ouvi comentar entre os rapazes.

– E o que foi?

– Cléon despedaçava corações. Tu só tiveste oportunidade de o ver já depois de morto. Não podes imaginar como era belo, tanto do pescoço para cima, como do pescoço para baixo. O corpo era uma estátua de Fídias, um Apolo sem o mínimo defeito, era de cortar a respiração! E inteligente, e o melhor atleta da Taça.

Circulava diariamente por aí, nu, com ar fanfarrão, desafiando os outros a lutarem com ele, celebrando as suas vitórias com citações de Homero. Tinha metade dos rapazes do ginásio atrás dele, e todos queriam ser o seu amigo especial. Estavam absolutamente fascinados por ele.

– E contudo, ontem, depois de ter ganho a coroa de louros, estava a nadar sozinho.

– Talvez os outros se tenham finalmente fartado dele. Talvez estivessem cansados de o ouvir gabar-se. Talvez tenham chegado à conclusão de que não era o tipo de pessoa que viesse alguma vez a retribuir o mínimo amor ou afecto.

– Pareces ressentido, Caputoro.

– Achas?

– Tens a certeza de que estás só a falar dos rapazes?

Ele corou. Deslocou o queixo para a frente e para trás e distendeu os ombros gigantescos. Fiz um esforço para não pestanejar.

– Eu não sou parvo, Descobridor – replicou por fim, baixando a voz. – Já cá ando há tempo suficiente para ter aprendido uma ou duas coisas. lição número um: um rapaz como Cléon só traz problemas. É para olhar, mas jamais para tocar. – O queixo descontraiu-se-lhe num débil sorriso. – Tenho uma carapaça rija. Meto-me com eles e brinco com os melhores, mas nenhum deles me atinge por dentro.

– Nem Cléon?

A cara dele tornou-se mais rígida, e depois desfez-se num sorriso trocista ao olhar para além de mim.

– Calpúrnio! – gritou para um rapaz que estava do outro lado do pátio interior. – Se levas sempre os dardos de arremesso entre as pernas, como levas esse, muito me admira que ainda não o tenhas arrancado! Zeus misericordioso!, deixa-me mostrar-te como se faz!

Caputoro passou por mim, despenteando Eco de caminho, e deixando-nos entregues ao Eros partido e à piscina vazia em que Cléon morrera.

Nesse dia, consegui falar com todos os rapazes do ginásio. A maioria deles tinha lá estado na véspera, ou para participar nos

jogos, ou para assistir. A maior parte foi cooperante, mas só até certo ponto. Fiquei com a impressão de que já tinham falado entre eles e de que, como grupo, tinham decidido dizer o menos possível a respeito da morte de Cléon a pessoas de fora como eu, por muito que eu ali estivesse como representante do pai de Cléon.

Não obstante, com base nos olhares desconfortáveis, nos suspiros melancólicos e nas frases deixadas a meio, conclui que o que Caputoro me contara era verdade: Cléon tinha despedaçado corações por todo o ginásio, com isso arranjando numerosos inimigos. Era, por consenso universal, o rapaz mais inteligente e mais belo do grupo, e os jogos da véspera tinham demonstrado conclusivamente que também era o melhor atleta. Além disso, era vaidoso, arrogante, egoísta e distante; fácil de uma pessoa se enamorar por ele e incapaz de retribuir o amor que lhe era votado. Os rapazes que não tinham soçobrado aos encantos dele numa ou noutra altura, não gostavam dele por pura inveja.

Consegui apurar tudo isto, tanto pelo que cada um dos rapazes disse, como pelo que ficou por dizer mas, quando quis obter pormenores mais concretos, esbarrei sempre com um muro de silêncio. Alguma vez se ouvira alguém pronunciar uma ameaça grave contra Cléon? Alguma vez se ouvira alguém, ainda que em tom de brincadeira, fazer algum reparo sobre o sítio potencialmente perigoso em que se encontrava a estátua de Eros? Ficara algum dos rapazes particularmente contrariado com as vitórias de Cléon naquele dia? Ter-se-ia um deles escapulado dos balneários na altura em que Cléon fora morto? E o proprietário do ginásio? O comportamento de Caputoro para com Cléon estivera sempre, como ele afirmava, acima de qualquer reparo?

A estas perguntas, fossem postas directa ou indirectamente, não recebi nunca respostas claras, mas apenas uma série de ambiguidades e de evasivas.

Começava a perder a esperança de vir a descobrir alguma coisa significativa quando por fim entrevistei Hipólito, o lutador cujo traseiro Caputoro tinha açoitado por brincadeira com a toalha. Preparava-se para entrar na piscina quente quando me abeirei dele. Desatou a tira de couro da testa, soltando uma massa de cabelo

preto de azeviche sobre os olhos, e começou a desenrolar as ligaduras dos pulsos. Eco mostrava uma certa reverência pela figura possante e musculada do rapaz; em minha opinião, a cara de bebê e as bochechas vermelhas como maçãs davam-lhe a aparência de uma criança que crescera demasiado.

Percebera pelos outros que Hipólito era íntimo, ou tão íntimo quanto possível, de Cléon. Comecei a conversa dizendo-lho, na expectativa de o apanhar desprevenido. Ele olhou para mim sem o mínimo traço de perturbação e assentiu.

– Suponho que tens razão. Gostava dele. Não era tão mau como alguns o pintam.

– O que queres dizer com isso?

– Cléon não tinha culpa de que toda a gente desmaiasse à sua passagem. Como não tinha culpa de não corresponder. Não creio que estivesse na sua natureza sentir esse tipo de afecto por outro rapaz. – Franziu as sobrancelhas e enrugou a testa. – Há quem diga que isso não é natural, mas é assim. Os deuses fazem-nos todos diferentes.

– Disseram-me que ele era arrogante e vaidoso.

– Não tinha culpa de ser o melhor de todos na luta, nas corridas e no lançamento. Não tinha culpa de ser mais inteligente do que os seus tutores. Se calhar não devia ter-se encristado tanto. Hubris, sabes o que significa?

– Vaidade que ofende os deuses – respondi.

– Exactamente, como no teatro. Deixar-se insuflar de vaidade, e convencer-se de que se é o maior, até chegar a um ponto em que um sujeito já pede para ser atingido por um relâmpago ou engolido por um terramoto. O que os deuses concedem, os deuses podem tirar. Os deuses concederam tudo a Cléon. E depois tiraram-lhe tudo.

– Os deuses? Hipólito suspirou.

– Cléon merecia que lhe baixassem um bocado a grimpá, mas não merecia o castigo que recebeu.

– Castigo? De quem? Por quê?

Perscrutei os olhos de Hipólito e detectei o debate que se travava internamente. Se insistisse demasiado, arriscava-me a que ele se fechasse na sua concha; se não insistisse de todo, arriscava-

me a que continuasse a responder-me com generalidades piedosas. Ia recomeçar a falar quando percebi que ele tinha chegado a uma decisão e travei a língua.

– Viste a estátua que caiu sobre ele? – perguntou Hipólito.

– Vi. Eros, com o seu arco e flechas.

– Pensas que foi uma coincidência?

– Não estou a perceber.

– Falaste com toda a gente do ginásio e ninguém te disse?

São todos da mesma opinião, mas demasiado supersticiosos para o admitir em voz alta. Foi Eros que matou Cléon, por Cléon o enjeitar.

– Achas que foi o próprio deus que o matou? Com a sua estátua?

– O amor afluía a Cléon de todos os lados, como rios em direcção ao mar, mas ele rebatia-os e vivia no seu deserto rochoso. Eros escolheu Cléon para seu favorito, mas Cléon recusava-o. Até que foi longe demais.

– Como? O que fez Cléon, que tenha levado o deus ao limite? Uma vez mais, vi nos seus olhos que travava uma luta interior. Era patente que tinha vontade de me contar a história toda. Eu só teria de ser paciente. Por fim, suspirou e disse.

– Nos últimos tempos, alguns de nós julgámos que Cléon estava finalmente a suavizar. Tinha um tutor novo, um jovem filósofo chamado Mulciber, que veio de Alexandria há uns seis meses. Cléon e a irmã, Cleio, iam todas as manhãs a casa de Mulciber, uma casa pequena junto ao Fórum, para discutir Platão e ler poesia.

– Cleio também ia?

– Sosístrides acha que ambos os filhos devem ser instruídos, apesar de Cleio ser uma rapariga. Seja como for, não tardou a correr que Mulciber cortejava Cléon. E por que não? Ficou seduzido, como toda a gente. A surpresa foi que Cléon parecia corresponder aos avanços do tutor. Mulciber enviava-lhe pequenos poemas castos de amor, e Cléon retribuía com poemas seus. Cléon chegou mesmo a mostrar-me alguns dos poemas de Mulciber, e pediu-me para ler os que ele próprio lhe enviava. Eram lindos! Claro que Cléon também era muito bom nisso. – Hipólito abanou a cabeça, pesaroso.

Mas não passou tudo de uma partida cruel. Cléon estava apenas a incitar Mulciber, a fazer dele parvo. Até que anteontem, à frente dos outros alunos de Mulciber, Cléon resolveu devolver com grande espalhafato todos os poemas que Mulciber lhe enviara, pedindo-lhe que lhe devolvesse os seus próprios poemas. Afirmou que os tinha escrito apenas como exercício, para ensinar ao seu próprio tutor como se escrevia um poema de amor digno desse nome. Mulciber ficou estupefacto! No ginásio, toda a gente soube da história. E dizia-se que, desta vez, Cléon fora longe demais. Repelir os avanços do tutor era uma coisa, mas fazê-lo de um modo tão cruel e deliberadamente humilhante, isso era hubris, diziam as pessoas, e os deuses vingaram-se. E vingaram-se.

Assenti.

– Mas é frequente os deuses usarem receptáculos humanos para concretizarem os seus fins. Achas realmente que a estátua caiu para dentro da piscina por vontade própria, sem que uma mão a tenha empurrado?

Hipólito franziu o sobrolho, e pareceu debater-se com a revelação de mais um segredo.

– Ontem, pouco antes de Cléon se ter afogado, alguns de nós vimos um desconhecido no ginásio.

Finalmente, pensei, uma pista concreta, algo sólido a que se pudesse agarrar! Inspirei fundo.

– Mais ninguém fez referência a um desconhecido.

– Como te disse, são todos muito supersticiosos. Se o rapaz que vimos era uma espécie de emissário do deus, é óbvio que preferem não falar disso.

– Um rapaz?

– Porventura o próprio Eros, sob forma humana, embora fosse de esperar que um deus tivesse melhor corte de cabelo e usasse roupas que lhe servissem!

– Conseguiste ver bem esse desconhecido?

– Não muito bem; nem eu nem nenhum dos outros, tanto quanto sei. Só o vi de passagem, às voltas no vestíbulo exterior, mas percebi que não era nenhum dos rapazes que frequentam regularmente o ginásio.

– Como?

– Pelo facto de estar vestido. Isto passou-se logo a seguir aos jogos, pelo que ainda estava toda a gente nua. E a esmagadora maioria do grupo que vem ao ginásio vive bem; este sujeito tinha um corte de cabelo miserável e uma túnica com aspecto de ter sido remendada, e de lhe ter sido passada pelo irmão mais velho. Imaginei que não fosse de cá e que se tivesse desviado da via principal por engano, ou que fosse um escravo com uma mensagem, demasiado tímido para entrar nos vestiários.

– E a cara dele? Hipólito abanou a cabeça.

– Não a vi. Mas tinha cabelo escuro.

– Disseste-lhe alguma coisa, ou ouviste-o dizer alguma coisa?

– Não. Fui direito ao banho quente e nunca mais me lembrei dele. Depois Caputoro descobriu o corpo de Cléon e, a partir daí, foi a confusão completa. Só esta manhã, quando fiquei a saber que alguns dos outros também o tinham visto, é que fiz a ligação com o desconhecido.

– E alguém viu esse jovem desconhecido passar pelos balneários e pelo vestiário?

– Não me parece. Mas há outra via de acesso do vestíbulo exterior para o pátio interior, uma passagem estreita que fica na outra extremidade do edifício.

– Caputoro já me disse. Portanto, é possível que esse desconhecido tenha entrado pelo vestíbulo exterior, atravessado furtivamente a passagem deserta, deparado com Cléon sozinho na piscina, empurrado a estátua para cima dele, e depois fugido pelo mesmo caminho por onde entrara, sem ser claramente visto por ninguém.

Hipólito inspirou fundo.

– É o que julgo que tenha acontecido. Como vês, deve ter sido o deus, ou algum representante do deus. Quem mais poderia ter conseguido realizar um feito tão horripilante com uma sincronização tão perfeita?

Abanei a cabeça.

– Vejo que sabes umas coisas de poesia, e bastante mais sobre luta, jovem, mas ninguém te ensinou lógica? Podemos ter

respondido à questão do como, mas isso não nos responde à questão do quem. Respeito a tua convicção religiosa de que o deus Eros possa ter tido motivo e vontade para matar Cléon de maneira tão brutal, mas parece-me que também havia uma série de mortais com abundantes motivos para o fazer. Na minha profissão, prefiro suspeitar primeiro do mortal mais provável, e só em último caso recorrer à causalidade divina. E à cabeça dos suspeitos mais prováveis está o tutor, Mulciber. Seria ele o desconhecido que viste a deambular no vestíbulo? Os filósofos são célebres pelos seus cortes de cabelo de má qualidade e pelas suas roupas andrajosas.

– Não. O desconhecido era mais baixo e tinha o cabelo mais escuro do que Mulciber.

– Mesmo assim, gostaria de falar com esse tutor apaixonado.

– Não podes – disse Hipólito. – Mulciber enforcou-se ontem.

– Não admira que haja um temor supersticioso em torno da morte de Cléon – comentei com Eco, a caminho da casa de Mulciber.

-

O brilhante jovem da Taça, morto por uma estátua de Eros; o tutor enfeitado, enforcado por suas próprias mãos, no mesmo dia. Este é o lado nefasto de Eros. Lança uma sombra que apavora toda a gente, silenciando as pessoas.

Excepto a mim, gesticulou Eco, acompanhando o gesto com o grunhido abafado e incipiente que emite às vezes, simplesmente para declarar a sua existência. Sorri face ao humor autodepreciativo do meu filho, mas senti que as coisas que ficámos a saber nessa manhã o tinham deixado transtornado e desconcertado. Estava numa idade em que tinha uma percepção aguda do lugar que ocupava no esquema geral das coisas, e em que começava a perguntar-se se alguém viria um dia a amá-lo, sobretudo apesar da sua deficiência. Parecia injusto que um rapaz como Cléon, que nunca mostrara senão desdém pelos seus pretendentes, tivesse inspirado tanto desejo e tanta paixão não correspondida, enquanto outros enfrentavam a perspectiva de uma vida solitária. Terão os deuses engendrado o paradoxo da injustiça do amor para se divertirem, ou terá este sido um dos males que se escapou da caixa de Pandora para amaldiçoar a humanidade?

A porta da casa do filósofo, tal como a de Sosítrides, estava adornada com uma coroa preta. Bati à porta, que um escravo idoso veio abrir, mandando-nos entrar para um pequeno átrio, onde se via um corpo deposto sobre um catafalco, muito menos elaborado do que o de Cléon. Percebi de imediato por que razão Hipólito tivera a certeza de que o desconhecido de baixa estatura e cabelo escuro que estivera no ginásio não era o tutor alexandrino: Mulciber era bastante alto e tinha cabelo claro. Tinha sido um homem razoavelmente bemparecido, de trinta e cinco anos ou perto disso – sensivelmente a minha idade. Eco apontou para o lenço desajeitadamente aconchegado em torno da garganta do morto, e depois apertou o seu próprio pescoço com um gesto de estrangulamento: Para esconder as marcas da corda, parecia dizer.

– Conhecias o meu senhor? – perguntou o escravo que nos tinha recebido.

– Apenas pelo que ouvi dizer dele – respondi. – Estamos em Nápoles de passagem, mas falaram-me da devoção do teu amo pela poesia e pela filosofia. Fiquei chocado ao saber da sua morte repentina. – Na realidade, não dissera mentira nenhuma.

O escravo assentiu.

– Era um homem de saber e de talento. Ainda assim, foram poucos os que vieram prestar-lhe uma última homenagem. Não tinha família aqui em Nápoles. E, claro, há muitos que se recusam a entrar em casa de um suicida, por receio de que lhes dê azar.

– Então é certo que ele se matou?

– Fui eu que o encontrei, pendurado de uma corda. Prendeu-a àquela viga ali, mesmo por sobre a cabeça do rapaz. – Eco olhou para cima. – Depois subiu para cima de uma cadeira, pôs o laço à volta do pescoço e deu um pontapé na cadeira. Partiu o pescoço. Espero que tenha morrido depressa. – O escravo olhou afectuosamente para a cara do amo. – Que desperdício! E tudo por amor àquele rapaz indigno!

– Tens a certeza de que foi por essa razão que se matou?

– Que outra razão haveria? A vida estava a correr-lhe bem aqui em Nápoles, suficientemente bem para, de quando em quando, mandar algum dinheiro ao irmão que tinha em Alexandria, e até

para estar a pensar em adquirir um segundo escravo. Não sei bem qual teria sido a minha reacção; estou com ele desde criança. Levava-lhe as tabuinhas de cera e os rolos de pergaminho quando ele era miúdo e tinha o seu próprio tutor. Não, a vida corria-lhe bem a todos os níveis, com excepção daquele rapaz odioso!

– Sabes que Cléon morreu ontem.

– Oh, sim. Foi por isso que o meu amo se matou.

– Ele enforcou-se depois de saber da morte de Cléon?

– Claro! A não ser... – O velho pareceu ficar confuso, como se, até então, não lhe tivesse ocorrido outra possibilidade. – Ora deixa-me pensar. Ontem foi um dia estranho em vários sentidos, sabes. O amo mandou-me à rua logo de manhãzinha, antes de amanhecer, com instruções específicas para só regressar ao fim da tarde. Foi um pedido bastante invulgar porque, em regra, passo o dia todo aqui, a receber os alunos e a tratar das refeições. Mas ontem ele mandou-me sair, e eu fiquei na rua até ao pôr-do-sol. Soube da morte de Cléon quando regressava a casa. Quando entrei, dei de caras com o amo, dependurado da corda.

– Quer dizer que não tens a certeza absoluta quando foi que ele morreu, sabes apenas que terá sido entre o nascer do dia e o cair da noite.

– Suponho que tens razão.

– Quem poderá tê-lo visitado durante o dia?

– Habitualmente, os alunos entram e saem durante todo o dia, mas ontem não foi assim, por causa dos jogos que houve no ginásio. Todos os alunos do amo participavam nos jogos, compreendes, ou então foram assistir. O próprio amo tinha planeado ir vê-los. Por isso, cancelara todas as lições do dia, compreendes, à excepção da primeira da manhã, e nunca cancelaria essa lição, claro, porque era a daquele rapaz detestável!

– De Cléon, queres tu dizer.

– Sim, de Cléon e da irmã dele, Cleio. Vinham sempre à primeira hora do dia. Este mês, estavam a ler Platão sobre a morte de Sócrates.

– Nesse caso, o suicídio já estaria na cabeça de Mulciber. E ontem, Cléon e a irmã vieram à lição?

– Não sei dizer-te. Suponho que sim. Eu já cá não estava por essa altura.

– Hei-de perguntar a Cleio mas, por ora, admitamos que vieram. Talvez Mulciber tivesse esperanças de resolver as coisas com Cléon. – O escravo lançou-me um olhar curioso. – Soube do episódio humilhante da devolução dos poemas que aconteceu na véspera – esclareci.

O escravo olhou para mim desconfiado.

– Pareces saber muito para um homem que não é de Nápoles. O que estás tu a fazer aqui?

– Apenas a tentar descobrir a verdade. Muito bem: suponhamos que Cléon e Cleio vieram à sua lição, de manhãzinha. Talvez Mulciber se tivesse preparado para a eventualidade de mais uma humilhação, e já estivesse a planear suicidar-se, ou talvez estivesse loucamente esperançado, com a fé cega dos que amam, numa reconciliação impossível. É possível que tenha sido essa a razão por que te dispensou o dia todo, por não querer que o seu velho escravo assistisse a nenhum dos desfechos. Mas as coisas devem ter corrido mal ou, pelo menos, não terão corrido como Mulciber esperava, pois não chegou a ir ao ginásio assistir aos jogos. Toda a gente parece ser de opinião que foi a morte de Cléon que o levou a suicidar-se mas, quanto a mim, acho igualmente provável que Mulciber se tenha suicidado imediatamente após Cléon e Cleio terem saído, por não ter suportado mais uma rejeição.

Eco, muito agitado, imitou um atleta a lançar o disco, depois um homem a ajustar uma corda à volta do seu pescoço, e depois um arqueiro a retesar uma flecha no arco.

Assenti.

– Sim, é irónico: é possível que, enquanto Cléon se regozijava com o seu maior triunfo no ginásio, o pobre Mulciber se estivesse a despedir da sua existência. E depois, dá-se a morte de Cléon na piscina. Não admira que haja quem pense que foi o próprio Eros a pôr fim à vida de Cléon. – Examinei atentamente o rosto do morto. – O teu senhor era poeta, não é verdade?

– Era – disse o escravo. – Enquanto foi vivo, todos os dias escreveu pelo menos dois ou três versos.

– E deixou algum poema de despedida? O escravo abanou a cabeça.

– Seria de esperar que o tivesse feito, que mais não fosse para se despedir de mim, depois destes anos todos.

– Mas não havia nada? Nem sequer uma nota?

– Nem uma linha. E isso também é estranho, pois na noite anterior ficou acordado até muito depois da meia-noite, a escrever e a escrever. Pensei que tivesse posto o rapaz para trás das costas e estivesse a compor um poema épico, tomado pela musa! Mas não há vestígios disso. O que quer que escrevesse tão freneticamente, parece ter desaparecido sem deixar rasto. É possível que, quando tomou a decisão de se enforcar, tenha mudado de ideias em relação ao que escrevera e tenha queimado tudo. Aliás, parece que também se desfez de outros escritos.

– Que escritos?

– Os poemas de amor que escreveu a Cléon, aqueles que Cléon lhe devolveu, desapareceram todos. Suponho que o amo se tenha sentido envergonhado com a ideia de alguém os ler depois da sua morte, e por isso desfez-se deles. Afinal, talvez não seja assim tão estranho que não tenha deixado uma nota de despedida.

Assenti vagamente; a mim, continuava a parecer-me estranho. Pelo que sabia de poetas, de suicidas e de amantes cujo amor não era correspondido, era praticamente inevitável que Mulciber tivesse deixado algumas palavras – para punir Cléon, para suscitar compaixão, para se vingar. Mas o cadáver silencioso do tutor não me ofereceu nenhuma explicação.

Com o dia a dar lugar à noite, encaminhei-me finalmente para casa de Sosítrides, com os pés doridos e a alma desgastada. Um escravo abriu-nos a porta. Parei a contemplar, durante um longo momento, o rosto inanimado de Cléon. Nada se tinha alterado e, no entanto, já não me parecia tão belo como anteriormente.

Sosítrides chamou-nos ao escritório.

– Como correram as coisas, Descobridor?

– Tive um dia produtivo, ainda que não agradável. Falei com toda a gente que consegui encontrar no ginásio. Fui também a casa

do tutor dos teus filhos. Sabes que Mulciber se enforcou ontem, presumo?

– Sei. Só me disseram hoje, depois de ter falado contigo. Eu sabia que ele estava um tanto apaixonado por Cléon, que lhe escrevia poemas e coisas do género, mas não fazia ideia que a paixão fosse tão profunda. – Também Sosístrides parecia dar por adquirido que o suicídio do tutor se seguira à notícia da morte de Cléon. – E o que ficaste a saber? Descobriste alguma coisa... significativa?

Assenti com a cabeça.

– Creio que sei quem matou o teu filho.

No rosto de Sosístrides, apareceu uma expressão que era um estranho misto de alívio e de consternação.

– Então diz-me!

– Poderias chamar primeiro a tua filha? Antes de ter a certeza, tenho de lhe fazer umas perguntas. E quando penso na intensidade da sua dor, parece-me que ela também deve ouvir o que tenho para dizer.

Sosístrides mandou um escravo chamar a rapariga ao quarto.

– Tens razão, claro; Cleio deve estar presente, apesar da sua... aparência imprópria. Ao fim e o cabo, este luto está a mostrar que ela é mulher, embora eu a tenha educado quase como a um filho, sabes. Quis que aprendesse a ler e a escrever. Enviei-a aos mesmos tutores a que enviei Cléon. Nos últimos tempos, andavam ambos a ler Platão, os dois estudando com Mulciber...

– Sim, eu sei.

Cleio entrou no escritório, com o manto puxado para trás, deixando o cabelo cortado a descoberto, numa atitude de desafio. Tinha as faces rasgadas por arranhões recentes – sinal de que o seu luto se prolongara, sem esmorecer, durante o dia.

– O Descobridor julga saber quem matou Cléon – explicou Sosístrides.

– É verdade, mas primeiro preciso de te perguntar algumas coisas – disse eu. – Estás em condições de falar?

Cleio assentiu com a cabeça.

– É verdade que tu e o teu irmão foram ontem à vossa lição habitual com Mulciber?

– Sim. – Desviou os olhos vermelhos de choro, respondendo num murmúrio enrouquecido.

– Quando lá chegaram, Mulciber estava em casa? Cleio fez uma pausa.

– Sim.

– Foi ele que vos abriu a porta? Nova pausa.

– Não.

– Mas o escravo dele tinha saído, esteve fora o dia todo. Quem vos recebeu?

– A porta estava destrancada... entreaberta...

– Então, tu e Cléon limitaram-se a entrar?

– Sim.

– Houve alguma troca de palavras desagradáveis entre o teu irmão e Mulciber?

A respiração de Cleio tornou-se irada.

– Não.

– Tens a certeza? Ainda na véspera o teu irmão tinha rejeitado e humilhado Mulciber em público. Devolveu-lhe os poemas de amor que ele lhe tinha escrito e ridicularizou-o diante de outros. Deve ter sido um golpe tremendo para Mulciber. Não é verdade que quando vocês dois apareceram em casa dele ontem de manhã, Mulciber perdeu as estribeiras com Cléon?

Cleio abanou a cabeça.

– Mulciber não ficou histérico? Não gritou ao teu irmão? Não ameaçou matá-lo?

– Não! Isso não aconteceu. Mulciber era demasiado... ele jamais faria tal coisa!

– Pois eu acho que o fez. Acho que ontem, depois de ter sido enganado e maltratado pelo teu irmão, atingiu o seu limite. Rebentou, como uma rédea gasta e no fio, deixando as paixões dispararem como cavalos enlouquecidos. Quando tu e Cléon saíram de casa dele, Mulciber devia estar a gritar e a esbracejar como um louco...

– Não! Não estava! Ele estava...

– E depois de vocês terem saído, caiu em si, deprimido. Foi buscar os poemas de amor em que tinha derramado a alma e o coração, os mesmos poemas que Cléon lhe devolvera com tanto desdém na véspera. Em tempos, achara-os belos, mas naquele momento achou-os vis, e por isso queimou-os.

– Jamais!

– Mulciber tinha planeado assistir aos jogos no ginásio para apoiar Cléon mas, em vez disso, esperou que as provas terminassem e esgueirou-se para o vestíbulo, cosido com as paredes como um ladrão. Encontrou Cléon sozinho na piscina. Viu a estátua de Eros, que lhe recordou amargamente o seu próprio amor repudiado. Não se encontrava mais ninguém no pátio, e ali estava Cléon, nadando de cara para baixo, sem se ter apercebido de que havia outra pessoa no pátio, sem suspeitar de nada, desprotegido. Mulciber não conseguiu resistir, esperou que Cléon passasse por baixo da estátua e derrubou-a do pedestal. A estátua caiu sobre a cabeça de Cléon. Cléon deslizou até ao fundo da piscina e afogou-se.

Cleio chorava e abanava a cabeça.

– Não, não! Não foi Mulciber!

– Oh, foi sim! E depois, destroçado de desespero por ter matado o rapaz que amava, Mulciber voltou a correr para casa e enforcou-se. Nem se incomodou a escrever uma nota a justificar-se ou a pedir perdão pelo assassinio. Considerava-se um poeta, e que fracasso maior haverá para um poeta do que ver os seus poemas de amor rejeitados? Por isso, enforcou-se sem escrever mais uma linha, e irá para a pira fúnebre em silêncio, como um assassino comum...

– Não, não, não! – Cleio apertava as faces, arrepelava-se e gemia. Eco, que eu tinha avisado para se preparar para uma explosão destas, recuou, como se tivesse sido apanhado de surpresa. Sosítrides olhava para mim horrorizado. Eu desviei os olhos. Como podia ter-me limitado a dizer-lhe a verdade, e fazer com que ele acreditasse? Tinha de lha demonstrar. Cleio tinha de lha demonstrar.

– Ele escreveu uma carta de despedida – gritou Cleio. – Foi o mais belo poema que escreveu!

– Mas o escravo não encontrou nada. Os poemas que Mulciber escrevera para Cléon tinham desaparecido, e não havia nada de novo ...

– Porque eu fiquei com eles!

– E onde estão?

Cleio meteu a mão no peito, dentro do vestido preto, e tirou de lá uma série de papiros amarrotados.

– Estes são os poemas que escreveu para Cléon! E nunca terás lido poemas tão belos, um amor tão puro, tão doce, vertido em palavras! Cléon troçou deles, mas a mim despedaçaram-me o coração! E este é o poema de despedida, o poema que ele deixou na soleira da porta, para ter a certeza de que Cléon o veria, quando ontem fomos a casa dele e o encontramos enforcado no átrio, com o pescoço partido, o corpo corrompido. .. morto... perdido para mim, para sempre!

Meteu-me um bocado de papiro entre as mãos. Estava escrito em grego e os caracteres tinham sido delineados numa caligrafia incandescente e desesperada. O meu olhar foi atraído para um período sensivelmente a meio:

Um dia, até a tua beleza esvanecerá; um dia, até tu poderás amar sem seres amado! Apieda-te, pois, e concede ao meu corpo morto um primeiro, um último beijo de despedida...

Cleio arrancou-me o papiro das mãos e apertou-o contra o peito. A minha voz soou-me cava aos meus ouvidos.

– Ontem, quando chegaste a casa de Mulciber, tu e Cléon encontraram-no já morto.

– Sim!

– E tu choraste.

– Porque o amava!

– Embora ele não te amasse?

– Mulciber amava Cléon. Não podia fazer nada.

– Cléon também chorou?

O rosto dela contorceu-se de ódio, de tal maneira que ouvi Sosítrides exclamar de horror.

– Oh, não – disse ela -, não chorou. Cléon riu-se! Ele riu-se! Abanou a cabeça e disse “Que idiota!”, virou costas e saiu. Eu gritei-

Ihe que voltasse para trás e me ajudasse a cortar a corda e a trazer Mulciber para baixo; ele limitou-se a responder “Chegava atrasado aos jogos!”. – Cleio caiu no chão, sem forças, chorando, os poemas espalhados à sua volta. – “Atrasado aos jogos!” – repetiu, como se fora o epitáfio do irmão.

Na longa viagem de regresso a Roma, atravessando a Campânia rural, as mãos de Eco foram ficando cada vez mais cansadas, e eu fui ficando cada vez mais rouco, de discutir se tinha ou não tomado a melhor decisão. Eco defendia que eu devia ter guardado para mim as suspeitas que tinha em relação a Cleio. Eu defendia que Sosístrides merecia saber o que a filha tinha feito, e como e porque tinha morrido o filho – e que Ihe fosse igualmente dado ver que o seu belo, o seu bem-amado filho Cléon infligia aos outros um sofrimento profundo ao qual permanecia insensível.

– Além do mais – disse eu – quando voltámos a casa de Sosístrides, eu não tinha a certeza absoluta de que Cleio tivesse matado Cléon. Acusar o falecido tutor foi uma maneira de a obrigar a revelar-se. O facto de ela estar na posse dos poemas desaparecidos de Mulciber era a única prova tangível de que os acontecimentos se tinham desenrolado como eu suspeitava. Tentei em vão pensar numa estratégia, que não fosse assaltar a casa, que me permitisse revistar o quarto de Cleio sem que ela ou o pai soubessem. Mas, como vimos, tal busca teria sido infrutífera. Eu devia ter calculado que Cleio guardaria os poemas na sua pessoa, junto ao coração! Estava tão louca e perdidamente apaixonada por Mulciber, como este por Cléon. Às vezes, Eros é terrivelmente descuidado quando dispara as suas flechas!

Discutimos também a natureza e os graus da perfídia de Cléon. Ao deparar com o corpo morto de Mulciber, teria ficado de tal maneira petrificado ante a enormidade do que fizera – ter conduzido um homem apaixonado ao suicídio – que se limitara a prosseguir numa espécie de transe, participando nos jogos e desempenhando os seus feitos atléticos como um autómato? Ou seria uma pessoa tão fria, que nada sentiu? Ou, como Eco propôs através de uma série extremamente convoluta de gestos, teria a demonstração fatal de devoção amorosa de Mulciber estimulado Cléon de um modo

perverso, insuflando-lhe o ego e inspirando-o a brilhar nos jogos, como nunca brilhara?

Fossem quais fossem os seus pensamentos íntimos, o facto é que, em vez de chorar, Cléon voltou as costas como se nada fosse e arrebatou a sua coroa de louros, deixando Mulciber a rodopiar suspenso no ar, e Cleio a planear vingança. Num acesso de dor lancinante, Cleio cortou o cabelo. A visão da sua imagem reflectida no tanque do átrio da casa de Mulciber deu-lhe a ideia de se fazer passar por rapaz; uma túnica pertencente ao tutor, que lhe ficava grande demais, completara o disfarce. Dirigiu-se ao ginásio levando uma faca, a mesma que usara para cortar o cabelo, disposta a apunhalar o irmão diante dos amigos. Mas a faca veio a ser desnecessária. Por acaso – ou guiada por Eros – deu com a passagem para o pátio, onde a estátua se lhe apresentou como a arma ideal.

Para Cleio, o papel da estátua no crime era uma prova de que ela agira, não só com a aprovação do deus, mas também como instrumento da sua vontade. Este argumento piedoso tinha, pelo menos até à nossa saída de Nápoles, impedido Sosístrides de a punir. Eu não invejava o pobre mercador. Com a mulher e o filho mortos, conseguiria suportar a ideia de pôr termo à vida da única descendente que lhe restava, mesmo por tão grande crime? Por outro lado, como suportaria a ideia de a deixar viver, sabendo que ela assassinara o seu bem-amado filho? Semelhante quebra-cabeças seria um teste à sabedoria de Atena!

Eco e eu também debatemos os méritos da poesia de Mulciber. Eu pedira a Sosístrides uma cópia da despedida do tutor, para poder ponderar nela com tempo:

Selvagem, silente rapaz cria de uma leoa, coração pétreo e desdenhoso do amor, dou-te esta aliança de amante – o laço da minha corda!

Que não mais te agonie a visão de mim;
parto para o único lugar onde acham consolo aqueles cujo coração se despedaçou: o esquecimento!

Mas não te deterás tu a chorar-me, ainda que por um instante apenas...

O poema tinha muito mais versos, oscilando entre a recriminação, a autopiedade e a rendição ao poder aniquilador do amor.

Sentimental até mais não poder! Mais enjoativo que mel! A pior espécie de refugio, sentenciou Eco, com uma série de gestos tão largos que quase caiu do cavalo. limitei-me a acenar com a cabeça, e pensei para comigo se o meu filho sentiria o mesmo daqui a um ano, mais coisa menos coisa, depois de Eros o ter ferido com uma ou duas flechas transviadas, dando-lhe uma noção clara, na primeira pessoa, da profundidade com que o deus do amor pode ferir os corações dos mortais impotentes.

UM GLADIADOR SÓ MORRE UMA VEZ

– Está um dia bonito para a ocasião – disse eu, contrafeito. Cícero assentiu e semicerrou os olhos erguendo a cabeça para a luz vermelha do sol que penetrava a pala sobranceira aos nossos lugares. Em baixo, na arena, o primeiro par de gladiadores avançava pela areia, para se defrontar em combate.

Estávamos no mês de Juno, no início do que prometia ser um Verão longo e quente. O céu azul e as verdes colinas ondulantes eram particularmente bonitas aqui, na Etrúria rural, nos arrabaldes da cidade de Satúrnica, onde Cícero e eu, tendo viajado de Roma separadamente, tínhamos chegado na véspera para assistir ao funeral de um magistrado local. Sexto Tório morrera na flor da idade, projectado do cavalo quando descia a Via Clódia, para se inteirar do andamento dos trabalhos de reparação da estrada que um grupo de escravos levava a cabo. No dia seguinte, a notícia da sua morte chegara a Roma, onde várias personalidades importantes se sentiram na obrigação de comparecer ao funeral.

Naquela manhã, não poucos senadores e banqueiros, reunidos para assistir à procissão fúnebre, tinham erguido uma sobancelha ao ver entre eles Gordiano, o Descobridor, sentindo sobre mim o olhar fixo de uma matrona com cara de ameixa seca, ouvi-a distintamente sussurrar ao marido “O que faz ele aqui? Há alguma suspeita quanto à morte de Sexto Tório?” Já Cícero, quando me viu, sorriu gravemente, aproximou-se de mim e não fez quaisquer perguntas. Conhecia o motivo da minha vinda. Há uns anos, na iminência de ter de enfrentar um ruinoso escândalo relacionado com uns negócios, Tório pedira conselho legal a Cícero, e Cícero mandara-o ter comigo, para ir ao fundo da questão. Por fim, tanto o escândalo como o processo legal tinham sido evitados. Tório

recompensara-me generosamente e, desde então, encaminhara várias pessoas para mim. O mínimo que eu podia fazer ao ter conhecimento da morte dele era agarrar na minha melhor toga, passar a noite numa estalagem decrépita, e estar presente no funeral.

Tínhamos seguido a procissão dos músicos, das carpideiras contratadas e dos membros da família até à pequena necrópole localizada à saída de Satúrnica onde, após alguns elogios fúnebres, os restos mortais de Tório foram ateados no topo de uma pira funerária. Logo que me pareceu que podia fazê-lo sem correr o risco de parecer indelicado, dispunha-me a ir embora, deseioso de voltar a Roma, quando Cícero me pegou no braço.

– Não te vais já embora, pois não, Gordiano? Temos de assistir aos jogos fúnebres.

– Aos jogos? – Fora minha intenção carregar a palavra de ironia, mas Cícero entendeu a minha interrogação literalmente.

– Vai haver um espectáculo de gladiadores, evidentemente. Tório não era propriamente um homem qualquer. A família não é rica, mas tenho a certeza de que gastaram tudo o que podiam.

– Odeio jogos de gladiadores – disse eu sem rodeios.

– Também eu. Mas fazem parte do funeral, tanto quanto a procissão e os elogios fúnebres. Temos de estar presentes.

– Não estou com disposição para ver banhos de sangue.

– Se te fores já embora, as pessoas vão reparar – insistiu ele, baixando a voz. – Não podes dar-te ao luxo de dar a impressão de que és sensível a este tipo de coisas. A tua profissão não to permite.

Olhei para as caras que nos rodeavam, iluminadas pela pira funerária. Vi entre elas a da matrona com cara de ameixa seca, bem como a do marido e a de muitos outros da mesma condição social, todos cidadãos de Roma. Por muito que me desagradasse admiti-lo, a verdade é que eu dependia da confiança e da boa-vontade de pessoas como estas, pessoas que tinham motivos para recorrer aos meus serviços e meios para os pagar. Eu punha a verdade a descoberto e, em troca, elas punham pão em cima da minha mesa.

– Mas tenho de voltar a Roma – protestei. – Não tenho dinheiro para passar outra noite naquela estalagem infecta.

– Nesse caso, passarás a noite comigo – disse Cícero. – Estou alojado em casa de um banqueiro da cidade. Boa mesa. Camas confortáveis. – Cícero ergueu uma sobrancelha.

Por que estaria Cícero tão desesperadamente interessado em que eu ficasse? Ocorreu-me que o sensível era ele. Para ver os gladiadores, precisava da companhia de alguém que não o picasse pela sua sensibilidade, como seria de esperar que fizessem muitos dos seus pares.

Contrafeito, *aquiesci*, pelo que me achei, naquela bela tarde de Juno, sentado num anfiteatro de madeira, especialmente construído para os jogos fúnebres organizados em honra da morte de Sexto Tório de Satúrnica. Dado ir na companhia de Cícero, fui encaminhado para a zona mais selecta, situada à sombra da pala vermelho-sangue, juntamente com a família enlutada, vários dignitários locais e visitantes ilustres de Roma. Os cidadãos e os lavradores da região ocupavam os assentos à torreira do sol que ficavam diante dos nossos. Usavam chapéus de abas largas e agitavam leques de cores garridas. Por instantes, divertido com os leques esvoaçantes, tive a ilusão de que a multidão fora coberta por um enxame de borboletas gigantescas, batendo as asas.

Estavam programados três combates, todos até à morte. Menos do que isso, e a família teria sido considerada parcimoniosa. Mais, começaria a parecer ostentatório, e faria aumentar os gastos. Como Cícero dissera, a família de Sexto Tório, embora eminentemente respeitável, não era rica.

Os três pares de gladiadores desfilaram diante de nós. Tinham as caras tapadas pelos capacetes, mas era fácil distingui-los pelas diferentes armaduras e pelo porte contrastante. Um dos gladiadores sobressaía dos demais devido à sua cor de pele – era um núbio, cujos braços e pernas musculados brilhavam ao sol quente como ébano polido. Ao passarem diante de nós, ergueram a arma à vez. A multidão respondeu com uma salva educada, mas ouvi dois homens atrás de nós queixarem-se:

– Equipagem bastante obscura. Constou-me que pertencem a um liberto qualquer de Ravena; um sujeito chamado Ahala. Nunca ouvi falar dele!

– Nem eu. O que terá levado a família a optar por esta trupe? Provavelmente saiu barata. Mas sempre se pode dizer que o núbio traz uma certa novidade...

Seguiu-se a inspecção ritual das armas e das armaduras – para aferir da afinação dos gumes e da solidez das protecções – levada a cabo pelo magistrado local responsável pelos jogos, posta a qual os gladiadores abandonaram a arena. O magistrado invocou os deuses e proferiu novo elogio fúnebre a Sexto Tório. Momentos depois, ao clangor das trombetas, um par de gladiadores reemergiu e iniciou-se o primeiro combate. O lutador mais baixo e mais atarracado apresentava-se à maneira trácio, com um pequeno escudo redondo e uma espada curta. O seu oponente, alto e possante, usava a armadura mais pesada típica dos samnitas e transportava um escudo oblongo.

– Samnita contra trácio, um combate típico – observou Cícero, que, quando se sentia nervoso ou pouco à vontade, era muito dado a prelecções. – Sabias que os primeiros jogos de gladiadores se realizaram justamente aqui, na Etrúria? É verdade; nós, os romanos, herdámos o costume dos etruscos. Eles começaram por sacrificar os guerreiros capturados diante das piras funerárias dos seus chefes... – Cícero sobressaltou-se quando a espada do samnita atingiu uma das bossas de ferro do escudo do trácio com um tinido ressoante; pigarreou e prosseguiu. – Mais tarde, em vez de se limitarem a estrangular os prisioneiros, os etruscos decidiram pô-los a lutar uns contra os outros, poupando a vida ao vencedor. Nós, romanos, adoptámos este costume e desenvolvemos a tradição dos jogos de morte nas exéquias de homens ilustres. Claro que, nos dias que correm, toda a gente que é gente tem que ser honrada com jogos no seu funeral. E até ouvi dizer que se fazem combates de gladiadores em funerais de mulheres eminentes! Em resultado disto, há uma procura tremenda de novos gladiadores. Embora ainda se vejam guerreiros capturados entre eles, é cada vez mais frequente tratar-se apenas de escravos que foram treinados para lutar ou, por vezes, de criminosos condenados – assassinos que, de outro modo, seriam executados, ou ladrões, que preferem tentar a sua sorte na arena em alternativa a ser-lhes amputada uma mão.

Lá em baixo, o trácio fintou o samnita, contornou-lhe o escudo e desferiu um golpe indirecto no braço-de-espada do seu opositor. Caíram pingos de sangue na areia. Cícero estremeceu involuntariamente.

– Em última instância, há que ter presente que se trata de um acontecimento religioso – assinalou com afectação – e que as pessoas precisam da sua religião. E, em bom rigor, não me incomoda assistir a um combate até à morte se ambos os lutadores forem criminosos condenados. Nessas ocasiões, pelo menos, o banho de sangue tem um carácter instrutivo. Também não fico incomodado se os lutadores forem guerreiros capturados; esses combates também podem ser instrutivos, permitindo-nos observar os nossos inimigos e ver como lutam, bem como celebrar o favor dos deuses, que nos puseram a nós nas bancadas e a eles lá em baixo na arena. Mas a tendência vai cada vez mais no sentido de os combates serem travados por escravos treinados ...

Depois de ter recuado em desequilíbrio ante a estocada implacável do trácio, o samnita alto investiu de súbito e conseguiu desferir um potente ataque no flanco do outro. Caíram esguichos de sangue na areia. De dentro do capacete, o trácio soltou um grito e recuou a cambalear.

Atrás de nós, os dois homens que antes se tinham queixado, exultavam agora de excitação:

– É assim mesmo que se trocam as voltas! Tem-lo na mão, samnita!

– Põe o baixote a berrar outra vez!

Cícero remexeu-se e lançou um olhar desaprovador para trás, olhando depois discretamente na direcção da jovem que estava sentada ao seu lado. A mulher seguia o assalto de olhos semicerrados, uma mão sobre os lábios entreabertos e a outra acalmando o seio palpitante. Cícero olhou para mim e ergueu uma sobrancelha.

– Para cúmulo, assiste-se ainda ao fascínio malsão que estes gladiadores exercem sobre certas mulheres, e sobre mais do que um ou dois homens, lamento dizê-lo. A cultura está completamente histórica com os gladiadores! Os rapazes romanos brincam aos

gladiadores em vez de brincarem aos generais, as senhoras romanas desmaiam sempre que um gladiador lhes atravessa o campo de visão e, não sei se sabes, mas ouço mesmo dizer que há cidadãos romanos que se oferecem como voluntários para lutarem como gladiadores. E não é só pelo dinheiro, embora saiba que alguns escravos são generosamente pagos se conseguirem sobreviver e fazer nome, mas por uma espécie de frenesim perverso. Não consigo imaginar, nem por momentos...

A objecção de Cícero foi abruptamente abafada pelo rugido da multidão. O trácio atarracado tinha investido e, uma vez mais, obrigava implacavelmente o samnita alto a retroceder. Espada tinha contra espada, até que o samnita, tropeçando, caiu de costas. O trácio assentou o pé sobre o escudo que o samnita tinha puxado sobre o peito, prendendo o adversário ao chão. Encostou a ponta da espada à traqueia do samnita. Este largou a própria espada e, instintivamente, fechou os dedos sobre o fio da lâmina, retirando de imediato a mão, com o sangue a jorrar com violência dos cortes abertos nos dedos.

O samnita fora vencido. De trás da viseira do elmo, o trácio triunfante sondou as bancadas, auscultando a sentença da multidão. De acordo com um costume antigo, quem entendesse que o samnita devia ser poupado agitava um lenço; aqueles que quisessem vê-lo morto erguiam o punho no ar. Aqui e ali, ainda vi uns quantos lenços flutuantes, mas quase completamente submersos por um mar de punhos cerrados.

– Não concordo – disse um dos homens atrás de nós. – Gostei bastante da prestação do samnita. Bateu-se muito bem.

– Bah! – disse o amigo, agitando o punho no ar. – Uns amadores, os dois! O combate foi medíocre; não daria um figo para voltar a ver qualquer deles lutar. É mandar o vencido já direitinho para o Hades! Menos do que isso é uma desonra para a memória de Sexto Tório.

– És capaz de ter razão – disse outro e, pelo canto do olho, viu-o guardar o lenço e levantar o punho.

O trácio olhou para o magistrado responsável pelos jogos, aguardando a sentença final. O homem ergueu o punho e assentiu

com um brusco aceno de cabeça; o trácio enterrou a espada na garganta do samnita. Uma imensa fonte de sangue jorrou da ferida, projectando-se sobre o elmo e o peito do samnita e inundando a areia à sua volta. O homem debateu-se e contraiu-se em espasmos, quase fazendo com que o trácio perdesse o equilíbrio. Mas o trácio aguentou-se, apoiando-se com mais força no escudo que confinava o samnita, e empurrando o copo da espada até esta perfurar a parte de trás do pescoço do outro e se enterrar com firmeza na areia batida.

Com um rugido de triunfo, o trácio deu um passo atrás e ergueu os punhos no ar. O samnita arqueou as ancas e agitou os membros, pregado à terra pela espada que lhe atravessava o pescoço. O trácio deu uma volta vitoriosa em seu redor.

– Repugnante! – murmurou Cícero, encostando um punho cerrado aos lábios, com ar nauseado.

– Delicioso! – afirmou um dos homens atrás de nós. – Assim sim! Que final!

Nisto, como se fora um só corpo – eu incluído – a multidão soltou um grito abafado. Com uma das mãos que se sacudia em convulsões, o samnita tinha conseguido agarrar o tornozelo do trácio e, com a outra mão, arranjava maneira de voltar a pegar na espada. Bateu com o punho da espada na areia, como que para impedir os movimentos convulsos do braço, de maneira que a lâmina ficasse na vertical, apontada para cima. O trácio desequilibrou-se e, descrevendo círculos no ar com os braços, começou a pender para trás.

Durante um longo momento em que todas as respirações se suspenderam, parecia que poder nenhum, na terra ou nos céus, seria capaz de impedir o trácio de se estatelar de costas directamente sobre a lâmina em prumo da espada do samnita, empalando-se.

O próprio Cícero estava dobrado para a frente, rígido de antecipação. A mulher sentada ao lado dele perdeu os sentidos. Os homens atrás de nós baliavam de excitação.

O trácio balançou para trás – recuperou o equilíbrio – e voltou a balançar para trás. A espada em riste cintilava ao sol.

Descrevendo um enorme círculo com os braços, o trácio conseguiu por fim impulsionar-se para diante. Arrancando a custo o tornozelo da mão fechada do samnita, deu uns passos cambaleantes em frente e afastou-se. O corpo do samnita tinha parado de se agitar mas a espada, firmemente apertada na sua mão, continuava a apontar para o céu. Aproximando-se com cuidado, como se estivesse a aproximar-se de uma cobra que parecesse ter parado de se contorcer mas que ainda poderia voltar a atacar, o trácio agachou-se e arrancou-lhe a espada – recuando de repente, assustado, quando um ruído insólito emergiu da garganta do samnita, um estertor gorgolejante que me deixou sem pinga de sangue. Agarrando o punho da espada com ambas as mãos, o trácio apontou-a para baixo. E, como que desferindo o último golpe para garantir que a cobra ficava definitivamente morta, cravou a lâmina na virilha do samnita.

Uma vez mais, a multidão, em uníssonos, soltou um grito abafado. Tal como Cícero, a meu lado, também eu levei instintivamente a mão à virilha e encolhi-me. Mas agora o samnita estava definitivamente acabado. O sangue fresco empapava a tanga em redor da ferida, mas ele não se mexia.

Arfando, o trácio endireitou-se e retomou a sua volta de triunfo. Após um momento de silêncio petrificado, a multidão, ao rubro, recompensou-o com aplausos trovejantes. O magistrado avançou para a arena e presenteou o trácio com uma palma, assinalando a sua vitória. Agitando-a sobre a cabeça, o gladiador saiu da arena no meio de um aplauso estrondoso.

– Bom! – declarou Cícero, visivelmente impressionado, a despeito do seu desagrado confesso pelos jogos. – Será difícil fazer melhor do que isto.

O corpo do samnita foi arrastado para fora da arena, as poças de sangue foram cobertas com areia fresca e teve início o combate seguinte. Era uma novidade, um combate entre dois dimacheri, assim designado porque ambos os gladiadores manejavam, não um, mas dois gládios. Para compensar a falta de escudo, usavam mais peças de armadura do que os outros tipos de lutadores – grevas para proteger os antebraços e o queixo, peitorais chapeados para

resguardar a garganta e o peito, várias tiras de couro nos membros e, sobre a pele nua, pedaços de metal que davam a impressão de funcionar simultaneamente como adornos e como protecção. Em vez do entrecocar enervante de espadas contra escudos, o som produzido por este combate era um sibilar contínuo, provocado pelo deslizar de lâmina contra lâmina, com os lutadores batendo-se numa dança estonteante de investidas e esquivas. Um dos lutadores era trigueiro; o outro, louro; mas tinham estaturas bastante semelhantes; não sendo tão musculados como os dois gladiadores precedentes, tinham o corpo leve e flexível dos bailarinos. Neste tipo de combate, a rapidez e a agilidade valiam mais do que a força bruta, e estes gladiadores tinham sido tão equilibradamente emparelhados, e os seus movimentos eram desferidos com tal elegância, que a luta parecia quase coreografada. Em vez de gritos roucos e de aplausos, este combate despoletava "ohs" e "ahs" de admiração entre a assistência. Seguindo o remoinhar deles na arena, o prazer que eu sentia era mais afim ao que sentia quando assistia a espectáculos de bailarinos do que a jogos entre guerreiros, tanto que quase me esqueci de que, quando o combate terminasse, um deles teria a morte à sua espera.

Nisto, com um raspar estridente que me arrepiou os nervos, um dos gládios ultrapassou uma armadura, conseguiu estabelecer contacto com uma zona de pele desprotegida e o primeiro sangue foi derramado. A multidão exalou um "Ah!" mais intenso do que até aí, e eu senti a excitação do desejo colectivo de sangria.

Ambos os lutadores davam a impressão de começar a ficar cansados, perdendo a impecável concentração que, até então, tinha impedido qualquer dos dois de ferir o outro. Correu mais sangue, embora as feridas não fossem graves – meros arranhões, que revestiam as lâminas de sangue suficiente para fazer saltar pelo ar gotículas vermelhas, que se misturavam com a poalha delicada de suor que se desprendia dos membros luzidios dos gladiadores.

Lenta mas consistentemente, o ritmo das investidas e esquivas foi acelerando, ao mesmo tempo que a velocidade destes movimentos se tornava mais furiosa e imprevisível. A minha pulsação redobrou. Olhei de relance para Cícero e dei-me conta de

que ele não dissera uma única palavra desde que o combate começara. Estava inclinado para diante, os olhos cintilando-lhe de fascínio.

De súbito, o lutador trigueiro ficou em vantagem. Os seus braços transformaram-se numa névoa de movimentos, como as asas de uma abelha. E como uma abelha aferroava, conseguindo aguilhoar, primeiro a mão direita do seu oponente, depois a mão esquerda, de tal maneira que o gladiador louro acabou por soltar os dois gládios, ficando desarmado. Pressionando os gládios contra os pulsos do outro, o lutador trigueiro obrigou o adversário desarmado a abrir completamente os braços, como um escravo crucificado.

Era um gesto temerário por parte do gladiador trigueiro, destinado a humilhar o inimigo, mas enfermava de um erro de cálculo. Perto como estavam um do outro, praticamente peito com peito, o gladiador louro conseguiu desferir uma joelhada na virilha do adversário e, simultaneamente, dar com o elmo no elmo do outro. O gladiador trigueiro foi projectado para trás, a cambalear. A multidão, que assistia em silêncio, irrompeu em guinchos de gargalhadas.

A vantagem do gladiador louro foi sol de pouca dura. Deu uma corrida para recuperar um dos seus gládios, mas este estava demasiado longe. O gladiador trigueiro abateu-se sobre ele como um leão ávido, caindo-lhe por todos os lados com os gládios, golpeando-o e picando-o, e obrigando-o a recuar numa dança espasmódica, controlando-o a cada passo. Para se vingar, o gladiador trigueiro aplicou-lhe não uma, mas duas joelhadas na virilha. O gladiador pálido dobrou-se em dois em agonia e, abruptamente, descreveu o mesmo movimento mas em sentido inverso, retesando-se em bicos de pés, dado ter, não um, mas os dois gládios do adversário, contra a carne macia e desprotegida abaixo do queixo. O movimento foi executado com tal limpidez, que parecia o clímax de uma dança a que os dois emprestavam o corpo desde que o combate tivera início. Quedaram-se como estátuas, um com os gládios em posição, o outro em bicos de pés, estremecendo ligeiramente, de mãos caídas ao longo do corpo, sem se poder mexer. A multidão rugiu o seu agrado.

O vencedor olhou para o magistrado, que ergueu uma sobancelha e virou a cabeça para um lado e para o outro para aferir a vontade da multidão. Espontaneamente, esta apresentou uma imensa profusão de lenços. Vozes gritavam “Poupa-o! Poupa-o!” e até os homens atrás de mim se juntaram ao coro: “Poupa-o! Poupa-o!”.

A minha experiência diz-me que o julgamento da multidão é como o mercúrio – difícil de agarrar e impossível de prever. Se me tivesse voltado para trás naquele momento e perguntado aos homens: “Por que querem poupar o gladiador louro?”, não tenho dúvidas de que me teriam dado a resposta consabida: “Porque ele lutou bem e merece bater-se mais um dia”. Mas o samnita batera-se com igual bravura, ainda que não tão belamente, e eles tinham-se mostrado ansiosos por vê-lo morto. Julgo que foi o facto de os dois dimacheri terem lutado tão bem em conjunto que levou a multidão a poupar o vencido; estes dimacheri eram como um par simétrico que ninguém desejava ver separado. O gladiador louro devia a sua vida tanto ao seu oponente como a si próprio; se não tivessem sido tão precisamente simétricos, aqueles dois gládios ter-se-lhe-iam enfiado pela goela abaixo num abrir e fechar de olhos. Em vez disso, foram retirados, primeiro um e depois o outro. O gladiador louro deixou-se cair de joelhos, de cabeça baixa, em sinal de deferência tanto para com os espectadores que o tinham poupado, como para com o homem que o tinha suplantado, enquanto o vencedor recebia a palma das mãos do magistrado que presidia aos jogos.

– Bom! – disse Cícero, quebrando o silêncio. – Diria que, até ao momento, tem sido um espectáculo melhor do que qualquer de nós estaria à espera. Pergunto-me o que nos reservará o combate final...

Por vezes, se os jogos são aborrecidos, os espectadores começam a abandonar as bancadas depois do primeiro ou do segundo combate, decidindo estar já prestada a devida homenagem ao morto e não ser necessário ficar mais tempo. Naquele dia, ante o começo do combate final, nem um único espectador se mexeu do seu lugar. Pelo contrário, assistiu-se à chegada de um novo

espectador. Não fui o único a notar a entrada dela; um dos homens atrás de mim soltou um assobio lupino.

– Deleita os olhos naquela beleza! – murmurou.

– Onde? – disse o amigo.

– Mesmo ali, à nossa frente, à procura de lugar para se sentar.

– Oh, sim, estou a vê-la. Uma beleza, dizes? Demasiado escura para o meu gosto.

– Nesse caso, estás a precisar de alargar o espectro do teu palato. Ah! Aposto que nunca tiveste uma núbia.

– Como se tu já tivesses tido!

– Mas é claro que já tive. Esqueces-te de que passei uns anos na região da Líbia e do Egípto...

Deixei de prestar atenção à tagarelíce dos dois homens, fascinado pela recém-chegada. Era extraordinariamente bela – maçãs do rosto elevadas, lábios cheios, olhos dardejantes. Usava o cabelo denso e negro apanhado no alto da cabeça, à moda mais recente, e preso com fitas, e vestia uma túnica azul clara que contrastava com o magnífico brilho do ébano dos braços e do pescoço nus. O colar e as pulseiras de bronze polido cintilavam à luz brilhante do sol. O peito arfava um pouco, como se estivesse excitada ou ligeiramente ofegante. Em Itália, era raro ver-se uma núbia que não fosse escrava mas, pelo que trazia vestido e por tudo dar a entender que tinha vindo sozinha, deduzi que fosse uma mulher livre. Enquanto olhava para ela, uma fila de espectadores do sexo masculino, visivelmente tão tomados pela beleza dela como eu, chegavam-se mais uns aos outros para lhe arranjam lugar, oferecendo-lhe o assento da coxia.

Os dois gladiadores que se encaminhavam para a arena para o último assalto não podiam ser mais diferentes. O primeiro era de estatura atarracada, e tinha o peito e as pernas cobertas por pêlos ruivos. Vinha armado à maneira gaulesa, de espada curta, escudo alto e rectangular, uma tanga solta sobre as virilhas, e tiras de couro chapeado a metal a proteger-lhe o centro do corpo, deixando as pernas e o peito descobertos. O elmo não lhe cobria apenas a cabeça mas, afunilando e depois abrindo em copa, como uma

ampulheta, descia de maneira a resguardar-lhe também o pescoço e o esterno.

Atrás dele, e avançando igualmente para o centro da arena, vinha um *retarius*, quanto a mim a classe mais assustadoramente aparelhada de gladiadores. Os *retarii* não usam espada nem escudo, mas um tridente comprido e uma rede. Este gladiador era tanto mais extraordinário pelo contraste que oferecia com o *gaulês* ruivo, pois tratava-se do núbio alto e de estrutura muscular flexível que tínhamos visto em parada aquando da abertura dos jogos, de um tom de ébano idêntico ao da mulher que acabava de conseguir lugar nas bancadas. Por breves instantes, perguntei a mim próprio se existiria alguma ligação entre eles – depois suspendi a respiração quando o *gaulês* se atirou ao *retarius* e o combate começou.

Espada ressoava contra tridente. Já em estado de ebulição febril, provocada pelos combates anteriores, a multidão tornou-se logo alardemente vocálica, saltando dos lugares e gritando por sangue. Os gladiadores respondiam com um combate que excedia tudo o que víamos naquele dia. Para dois homens tão musculados, movimentavam-se com uma rapidez surpreendente (embora o *retarius*, com as suas pernas compridas, fosse consideravelmente mais gracioso do que o seu adversário). Quase pareciam ler os pensamentos um do outro, pois esquivavam-se aos golpes ou deflectiam-nos no último instante, sendo cada ataque prontamente seguido por um contra-ataque de igual perícia e ferocidade. A meu lado, Cícero retraiu-se e susteve a respiração várias vezes, mas sem nunca tirar os olhos da arena. O mesmo acontecia comigo, tomado pelo fascínio primevo de ver dois homens combatendo numa luta de vida ou de morte.

A medida que os assaltos se seguiam, os atributos de cada um dos lutadores iam-se tornando claros. O *gaulês* era mais forte, o núbio mais rápido; e precisava de o ser, se quisesse lançar a rede sobre a sua presa. Em mais de uma ocasião, quando o *gaulês* reduzia a distância entre os dois para conseguir golpear e investir, a rede quase o capturou, mas o *gaulês* fintava, lançando-se ao chão, rolando até se achar fora de perigo e levantando-se novamente.

– A este ritmo, o gaulês vai ficar exausto – disse um dos homens atrás de mim. – E depois é ver o núbio apanhá-lo com a rede, como um peixe fora de água, e desatar a esburacá-lo!

Irritado, Cícero voltou-se para calar o homem, mas eu estava justamente a pensar o mesmo. E, com efeito, num movimento quase rápido demais para os meus olhos o registarem, foi precisamente isso que aconteceu. O gaulês precipitou-se, girando a espada. Manejando habilmente o tridente com uma das mãos, o núbio aparou os golpes do gaulês e, com a outra mão, lançou a rede ao ar e fê-la descer sobre o adversário. Os pesos de chumbo espalhados em vários pontos da orla da rede fizeram com que esta se abatesse a toda a volta do gaulês e o engolisse, com espada, escudo e tudo.

Se o gaulês se tivesse desequilibrado, o que aliás parecia quase inevitável, teria sido o seu fim. Mas, sem se perceber muito bem como, conseguiu manter-se de pé, e quando o núbio, manejando o tridente agora com ambas as mãos, avançou para ele, o gaulês conseguiu rodar o corpo de maneira a que os três dentes afiados embatessem em cheio contra o seu escudo. Não tendo conseguido perfurar a carne, os dentes ficaram enredados nas malhas da rede. O núbio sacudia o tridente para o libertar, mas a rede mantinha-o bem preso, e o gaulês, apesar de empurrado para diante, aguentou firme.

Pressentindo, mais do que apercebendo-se, da sua vantagem – dado que o mais certo era a rede bloquear grande parte da visão que o estreito visor lhe concedia – o gaulês impeliu o corpo para a frente. Agarrando o tridente com toda a força, o núbio não conseguiu manter o equilíbrio e foi empurrado para trás. Tropeçando, caiu de lado e desprendeu uma das mãos do cabo do tridente, mantendo-o seguro com a outra. O gaulês, fazendo uso da sua força de touro, torceu-o de lado. O núbio, com o pulso dobrado num ângulo contranatura, soltou um grito e largou o tridente.

Cortando a rede com a espada e avançando resguardado pelo escudo, o gaulês acabou por atirar a rede por cima da cabeça, e com a rede o tridente. Uma vez desembaraçado da rede, o gaulês endireitou-se, afastou-a para trás com um pontapé, e com ela o

enredado tridente, agora já sem préstimo. Entretanto, o núbio conseguira pôr-se de pé, mas estava, agora, sem armas.

O gaulês poderia ter acabado com o seu opositor num abrir e fechar de olhos mas, deixando a espada quieta, optou por utilizar o escudo como arma. Precipitando-se com ímpeto contra o núbio, bateu-lhe com o escudo com uma força tal, que o núbio foi embater de costas na vedação de madeira que circundava a arena. Os espectadores sentados naquela zona, nas filas mais elevadas, incapazes de seguir a cena, acorreram à frente e esticaram o pescoço, espreitando por cima da vedação. Entre eles – não era difícil distingui-la naquela multidão – vi a mulher núbia. Maior ainda do que o contraste entre a sua pele escura e a palidez dos que a rodeavam, era o acentuado contraste entre a expressão dela e a dos restantes. Submersa num mar de rostos cúpidos, boquiabertos, que bramavam, ávidos de sangue, ela estava silenciosa e rígida, com uma expressão chocada e de desalento.

O gaulês brincava ao gato e ao rato com a sua presa. Recuava, permitindo que o núbio cambaleasse para diante, tentando recuperar o fôlego, depois arremetia de novo contra ele com o escudo, projectando-o com toda a força contra o separador de madeira. Uma vez e outra, e outra, o gaulês arremeteu contra o núbio, deixando-o sem fôlego a cada assalto, até ele mal conseguir ter-se de pé. O gaulês desferiu uma última investida com o escudo e o núbio, fazendo ricochete com a vedação, caiu para a frente esparramando-se de cara na areia.

Atirando o escudo para o lado, o gaulês agarrou no calcanhar do núbio e arrastou-o para o centro da arena. O núbio mexia-se debalde, aparentemente incapaz de recuperar o fôlego. A avaliar pelo intermitente rasto vermelho que deixava na areia à sua passagem, estava a sangrar de alguma parte do corpo, talvez da boca.

– Ah! – disse um dos homens atrás de mim. – Quem é agora o peixe fora de água?

O gaulês chegou ao centro da arena. Largando o calcanhar do núbio, levantou os punhos no ar e exibiu-se, vitorioso, descrevendo uma volta em redor dele. A multidão soltou um grito abafado

perante a audácia do homem. O trácio tinha-se comportado com a mesma arrogância descuidada e quase pagara o gesto com a vida. Mas o núbio não estava em condições de poder aproveitar-se de um erro de cálculo do adversário. A dada altura, mexeu-se, tentando levantar-se à força de braços, e a multidão soltou um grito; mas os braços cederam e o núbio voltou a cair de bruços, redondo, no chão. O gaulês olhou para os espectadores para saber da sentença.

A reacção das bancadas era mista. As pessoas levantaram-se. “Poupa-o!”, gritavam alguns. “Manda-o para o Hades!”, gritavam outros. O magistrado responsável virava a cabeça para um lado e para outro, claramente incomodado com a ausência de consenso. Fosse qual fosse a decisão que tomasse, uma parte da multidão ficaria sempre desapontada. Por fim, acabou por dar sinal ao gladiador que continuava à espera, e não me surpreendeu que tivesse optado pela escolha previsível. Naquele dia, já tinha sido concedida misericórdia a um lutador vencido; a misericórdia era a excepção, não a regra. A multidão vinha aos jogos à espera de ver sangue e morte, pelo que aqueles que queriam ver o núbio morto tinham mais razões para que a sua expectativa fosse recompensada do que aqueles que preferiam a novidade de o deixar viver. O magistrado ergueu o punho cerrado.

Nas bancadas, ouviram-se gritos de triunfo e uivos de desilusão. Enquanto uns aplaudiram o magistrado, outros vaiaram-no. Mas eu fui praticamente surdo a toda esta agitação, pois os meus olhos estavam postos na núbia que se encontrava exactamente na minha frente. O corpo dela tornou-se hirto e o rosto gelou-se-lhe num esgar quando o gaulês ergueu a espada para desferir o golpe mortal; tive a impressão de que lutava para se conter, para exhibir alguma dignidade apesar do desespero que a esmagava. Mas, quando a espada se abateu, perdeu toda a compostura. Puxou os cabelos e escancarou a boca. O som do grito afundou-se no rugido soltado pela multidão ao ver o núbio contorcer-se na areia, com o sangue a jorrar como que de uma fonte à volta da espada entalada entre as omoplatas.

Por instantes, o olhar da núbia cruzou-se com o meu. Fui arrastado para as profundezas da sua dor tão inapelavelmente como

se tivesse caído num poço. Cícero agarrou-me no braço.

– Controla-te, Gordiano – disse. Virei-me para ele. Estava pálido, mas falara em tom de superioridade; parecia dizer que encontrara, por fim, alguém mais sensível do que ele à vista da morte.

Quando voltei a olhar em frente, a mulher tinha desaparecido.

Com as palmas bem erguidas acima da cabeça, os vencedores desfilaram mais uma vez em torno da arena. O magistrado invocou a memória de Sexto Tório e pronunciou uma oração final aos deuses. Em filas, os espectadores iam saindo do anfiteatro.

– Reparaste nela? – perguntei a Cícero.

– Em quem, na jovem que arquejava ao meu lado?

– Não, na núbia que estava à nossa frente, do outro lado.

– Uma núbia?

– Creio que só apareceu no último assalto. Julgo que estava sozinha.

– É pouco provável.

– Talvez tenha alguma ligação com o gladiador núbio. Cícero encolheu os ombros.

– Não reparei nela. Gordiano, o observador a quem nada escapa! Tu e a tua curiosidade inesgotável. Mas diz-me, o que achaste dos jogos? – Ia começar a responder, mas Cícero não me deu hipótese. – Sabes – disse ele – na verdade gostei, muito mais do que esperava. Foi uma tarde genuinamente instrutiva, e o público mostrou-se deveras elevado com a experiência. Contudo, parece-me um erro por parte dos organizadores, apenas no que toca à apresentação, não nos dar a ver as caras dos gladiadores, ou no começo ou no fim dos jogos. Os elmos individuais projectam uma certa personalidade, é certo, como as máscaras no teatro... Ou achas que é deliberado, mantê-los assim anónimos e abstractos? Se pudéssemos olhá-los nos olhos, poderíamos estabelecer uma ligação mais afectiva, eles passariam a ser, em primeiro lugar, seres humanos, e só depois gladiadores, o que poderia bloquear o simbolismo puro do papel que desempenham nos jogos fúnebres. Comprometeria a intenção religiosa... – Uma vez a salvo do mui real

derramamento de sangue na arena, Cícero discorria, retomando o seu papel de prelector sobranceiro.

Chegámos à casa onde Cícero estava alojado, e onde ele continuou a pontificar junto do seu anfitrião, um etrúrio abastado e rústico, que parecia extasiado pelo facto de ter um advogado célebre de Roma a dormir debaixo do seu tecto. Após uma refeição parcimoniosa, pedi licença para me retirar assim que pude e fui para a cama. Não pude impedir-me de pensar que os piolhos da estalagem me eram mais familiares, e que o cozinheiro fora mais generoso.

Adormeci a pensar na núbia, assombrado pela última imagem que tivera dela – as mãos fechadas arrependendo o cabelo, a boca aberta num grito. No dia seguinte, regresssei a Roma. O funeral de Sexto Tório, os jogos e a núbia foram passando para o esquecimento. O mês de Juno deu lugar ao de Quintilo.

Foi então que, num dia em que Roma se abatia sob o Verão mais quente de que eu tinha memória, Eco veio ao jardim anunciar-me um visitante.

– Uma mulher? – perguntei, observando as curvas que ele moldava no ar com as mãos.

Eco assentiu. Jovem, continuou ele a dizer, no elaborado sistema de gestos que tínhamos criado para comunicar um com o outro, com pele da cor da noite.

Ergui uma sobancelha.

– Núbia? Eco assentiu.

– Manda-a entrar.

A minha memória não fazia justiça à beleza dela. Tal como na ocasião anterior, usava o cabelo subido, preso com fitas, e trajava de azul claro e cobre polido. Era provável que se tratasse do melhor vestido que possuía. Usara-o para assistir aos jogos fúnebres e, agora, usava-o para mim. Senti-me lisonjeado.

Observou-me durante um longo momento, com uma expressão interrogativa.

– Sei que já te vi, embora não consiga dizer onde – disse, por fim.

– É verdade. Foi em Satúrnica, nos jogos fúnebres em honra de Sexto Tório.

Ela inspirou rapidamente.

– Agora me recordo. Estavas sentado diante de mim. Não eras como os outros, a rir, gracejar e a gritar por sangue. Quando Zanziba foi morto, viste o sofrimento no meu rosto e percebi que tu... – A voz falhou-lhe. Baixou os olhos. – Estranhos, os caminhos por onde os deuses nos conduzem! Quando perguntei na Subura por um homem que pudesse ajudar-me, deram-me o teu nome, mas nunca imaginei que já te tivesse visto... e logo em Satúrnica, e logo nesse dia, de todos o mais funesto!

– Sabes, então, quem sou?

– És Gordiano. Chamam-te o Descobridor.

– Sim. E tu?

– Chamo-me Zuleika.

– Não é um nome romano.

– Tive um nome romano, em tempos. Deu-me um homem que foi meu senhor. Mas Zuleika foi o nome com que nasci, e Zuleika é o nome com que morrerei.

– Deduzo que tenhas deixado o teu nome de escrava quando deixaste o teu senhor. És, portanto, uma liberta?

– Sou.

– Sentemo-nos aqui no jardim. O meu filho trar-nos-á vinho. Sentámo-nos à sombra e Zuleika contou-me a sua história. Tinha nascido numa cidade com um nome impronunciável, num país inimaginavelmente distante – para lá da Núbia, disse ela, para lá da mítica fonte do Nilo. O pai dela era um abastado comerciante de marfim, que viajava com frequência, levando a família consigo. Numa terra deserta, ainda em tenra idade, tinha visto o pai e a mãe serem assassinados por bandidos. Zuleika e o irmão mais novo, Zanziba, tinham sido raptados e vendidos como escravos.

– A nossa sorte variava, assim como os nossos amos – disse ela – mas, pelo menos, mantinham-nos juntos, como um par; por sermos exóticos, compreendes? – E belos, pensei eu, presumindo que a beleza do irmão correspondesse à dela. – A dada altura,

achámo-nos no Egipto. O nosso novo senhor era proprietário de uma trupe de artistas. Treinou-nos para aparecermos em público.

– Tens algum talento especial?

– Danço e canto.

– E o teu irmão?

– Zanziba era sublime em exercícios acrobáticos, rodas, números de equilibrismo, saltos mortais. O senhor costumava dizer que Zanziba tinha que ter um par de asas escondido algures entre aqueles ombros possantes. – Sorriu; mas foi um sorriso fugaz. – O nosso amo também tinha sido escravo, em tempos. Era um homem gentil e generoso; deixava os escravos ganharem dinheiro, com o objectivo de virem um dia a comprar a liberdade. Quando amealhámos o suficiente, Zanziba e eu, usámos o dinheiro para comprar a liberdade de Zanziba, com o intuito de voltar a juntar mais dinheiro até nos ser possível fazer o mesmo em relação a mim.

Mas, a dada altura, o senhor atravessou um período difícil. E viu-se forçado a desmembrar a trupe e a vender os artistas à peça, um bailarino aqui, um malabarista ali. Fui parar às mãos de um novo senhor, um mercador romano que vivia em Alexandria. Não me comprou pelo meu talento de bailarina e de cantora, mas sim por causa do meu corpo. – Baixou os olhos. – Quando Zanziba se lhe dirigiu e lhe disse que queria comprar a minha liberdade, o homem estipulou um preço muito elevado. Zanziba jurou que ganharia esse dinheiro; todavia, não teria a mínima hipótese de o conseguir se continuasse a trabalhar como acrobata, dando espectáculos de rua, por umas quantas moedas. Desapareceu de Alexandria. E o tempo foi passando, passando. Foi tanto o tempo que estive sem receber notícias dele, que comecei a desesperar, pensando que o meu irmão teria morrido, ou que se tinha esquecido de mim.

– Finalmente, um dia, o dinheiro chegou, uma soma avultada, suficiente para comprar a minha liberdade e para mais. E, juntamente com o dinheiro, vinha também uma carta, não pela mão de Zanziba, dado que nenhum de nós aprendeu a ler e a escrever, mas escrita, em nome dele, pelo banqueiro que transaccionara o dinheiro.

– E o que dizia a carta?

– Sabes ler?

– Sei.

– Então lê. – Zuleika entregou-me um pedaço de pergaminho gasto e amarfanhado.

Amada irmã, encontro-me em Itália, entre os romanos. Tornei-me gladiador, um homem que luta até à morte para honrar os mortos romanos. É uma actividade estranha. Os romanos afirmam desprezar os da nossa condição, mas a verdade é que todos os homens nos querem oferecer bebidas nas tabernas e todas as mulheres se querem deitar connosco. Eu desprezo este modo de vida, mas é a única maneira de um liberto poder ganhar a quantia de que precisamos. É uma vida dura e cruel, indigna de um animal, com um fim atroz. Não venhas atrás de mim nem procures encontrar-me. Esquece-me. Tenta regressar à nossa terra, se puderes. Vive em liberdade, irmã. Também eu viverei em liberdade e, embora possa morrer novo, morrerei livre. O teu irmão que te ama, Zanziba.

Devolvi-lhe o pedaço de pergaminho.

– O teu irmão disse-te que não viesses para Itália.

– E como poderia eu não vir? Afinal, Zanziba não se tinha esquecido de mim. Não seria eu a esquecer-me dele. Assim que tive oportunidade, marquei passagem num barco para Roma.

– As viagens são caras.

– Paguei a passagem com o dinheiro que Zanziba me tinha enviado.

– Mas com certeza que o teu irmão queria que vivesses desse dinheiro.

-Aqui em Roma, ganho o meu próprio sustento. – Ergueu o queixo bem alto. O ângulo altivo favorecia-a. Era bela; era exótica; era claramente inteligente. Não tive dúvidas de que Zuleika podia, sem qualquer dificuldade, exigir um preço elevado pelo prazer da companhia que proporcionava.

– Vieste para Roma. E depois?

– Fui à procura de Zanziba, claro. Comecei pelo banqueiro que me enviara o dinheiro. Ele reencaminhou-me para um campo de gladiadores perto de Nápoles. Falei com o proprietário do campo, o

instrutor, a quem vocês chamam lanista. Disse-me que Zanziba tinha lutado com a sua trupe de gladiadores durante uns tempos, mas que tinha partido há muito. O lanista não soube dizer-me para onde. Os gladiadores são, na sua maioria, prisioneiros ou escravos, mas Zanziba era um homem livre; ia para onde lhe pagassem mais. Segui o rasto dele guiando-me por rumores e informações de segunda e terceira mão. Fui dando com beco sem saída atrás de beco sem saída e, de cada vez que isto acontecia, tinha de recomeçar do princípio. Se és tão bom como dizem que és, Gordiano, o Descobridor, ter-me-ia sido útil recorrer a um homem com o teu talento para o procurar. – Ergueu uma sobrancelha. – Fazes ideia de quantos campos de gladiadores existem em Itália?

– Bastantes, julgo eu.

– Centenas, espalhados pelo país inteiro! Nos últimos meses, percorri Itália de lés a lés, tentando, em vão, encontrar Zanziba, até... até um homem que o tinha conhecido me dizer que ele estava a lutar para um lanista chamado Ahala, cujo campo fica em Ravena. O homem disse-me que eu podia poupar a viagem até lá, dado que os gladiadores de Ahala se iam apresentar nuns jogos fúnebres, precisamente no dia seguinte, em Satúrnica.

– No funeral de Sexto Tório – disse eu.

– Sim. Só consegui sair de Roma na manhã seguinte. Viajei o dia inteiro. Cheguei no preciso momento em que o combate de Zanziba estava a começar, excitada, com medo e sem fôlego. Mesmo a tempo de ver...

– Tens a certeza de que era ele?

– É claro que tenho.

– Mas ele usava um elmo. Zuleika abanou a cabeça.

– Com elmo ou sem ele, eu tê-lo-ia reconhecido. Pelos braços e as pernas. Pela maneira como ele se mexia. “Zanziba tem de ter um par de asas escondido algures entre aqueles ombros possantes”, dizia o senhor de Alexandria... – A voz falhou-lhe e os olhos cintilaram-lhe de lágrimas. – Depois de todas as minhas viagens, de todas as minhas buscas, cheguei mesmo a tempo de ver o meu irmão morrer.

Baixei os olhos, recordando a cena: o núbio estatelado no chão de barriga para baixo, o gaulês com a espada a postos para o golpe, o magistrado hesitante, a multidão excitada, a estocada de morte, a fonte de sangue...

– Lamento que tenhas sido obrigada a assistir a uma coisa daquelas, Zuleika. Trataste do corpo do teu irmão, depois dos jogos?

– Nem sequer me deixaram vê-lo! Dirigi-me à zona destinada aos gladiadores, mas o lanista impediu-me de entrar.

– Disseste-lhe quem eras?

– E a única coisa que consegui foi que ele se tornasse ainda mais hostil. Disse-me que pouco lhe importava de quem eu era irmã, e que eu não tinha nada que estar ali. "Desanda!", gritou-me, e um dos gladiadores agitou uma espada na minha direcção; corri dali para fora, a chorar. Se calhar, devia ter-lhe feito frente, mas estava tão transtornada...

Fazer-lhe frente? Pensei eu. Teria sido impossível. Zuleika podia ser uma liberta, mas isso não lhe outorgava os privilégios de um cidadão romano, nem as prerrogativas de um homem. Nenhum dos que se encontrava em Satúrnica naquele dia teria tomado o partido dela contra o lanista.

Suspirando, perguntei a mim mesmo, agora que a história estava contada, o que a teria levado a procurar-me.

– O teu irmão procedeu honradamente, ao enviar-te o dinheiro para comprares a tua liberdade. Mas talvez tivesse razão. Não devias ter vindo à procura dele. Não devias ter tentado encontrá-lo. A vida de um gladiador é curta e brutal. O teu irmão escolheu essa vida, e seguiu-a até ao único fim possível.

– Não! – disse ela em voz baixa, abanando a cabeça e fixando-me com um olhar ígneo. – Não foi o fim.

– O que queres dizer com isso?

– Não foi o fim de Zanziba!

– Não compreendo.

– Zanziba não morreu naquele dia. Sei que não porque... porque o vi!

– Onde? Quando?

– Ontem, aqui em Roma, no mercado à beira-rio. Vi Zanziba! O brilho nos olhos dela seria de excitação? Ou de loucura?

– Falaste com ele?

– Não. Ele estava do outro lado do mercado. Havia uma carroça a barrar-me o caminho e, antes de conseguir alcançá-lo, ele desapareceu.

– Talvez te tenhas enganado – disse eu calmamente. – Está sempre a acontecer-me. Vejo uma cara à distância, com pessoas pelo meio, ou vejo-a pelo canto do olho, e convenço-me de que se trata de um conhecido. Mas, quando olho segunda vez, apercebo-me de que a impressão de familiaridade era apenas uma ilusão, uma partida da memória.

Zuleika abanou a cabeça.

– Em toda a tua vida, quantos homens parecidos com Zanziba viste no mercado de Roma?

– Mais uma razão para o teres confundido com o teu irmão. Qualquer homem alto, musculoso e com pele cor de ébano, entrevisto à distância. ..

– Mas eu não o entrevi! Vi-o, clara e distintamente ...

– Disseste que havia uma carroça de permeio.

– Isso foi depois de o ter visto, quando tentei dirigir-me a ele. Antes, porém, vi-o tão claramente como te vejo agora a ti. Vi a cara dele! O homem que eu vi era Zanziba!

Pensei um bom bocado no que acabava de ouvir.

– Zuleika, é possível que tenhas visto o lémure do teu irmão. Não serias a primeira pessoa a ver o espírito inquieto de um ente querido deambular pelas ruas de Roma em pleno dia.

Zuleika abanou a cabeça.

– O que eu vi foi um homem, não foi um lémure.

– Mas como é que sabes?

– Ele estava a comprar uma ameixa. Diz-me, Gordiano: os lémures comem ameixas?

Tentei dissuadi-la de me contratar propondo-lhe os mesmos honorários que cobraria a Cícero, mas ela concordou prontamente com o valor, e pagou-me de imediato uma primeira prestação. Zuleika parecia ter muito orgulho nos seus recursos financeiros.

Foi ela quem teve a ideia de começarmos a nossa busca em Roma, e eu concordei, fazendo diligentemente a ronda pelos olhos e ouvidos do costume. Em muito pouco tempo, descobri que um núbio de grande estatura e que correspondia à descrição de Zanziba tinha, de facto, sido visto para os lados do mercado, mas ninguém sabia identificá-lo nem dizer de onde viera ou para onde fora. Zuleika queria ir a todas as hospedarias e tabernas da cidade, mas eu aconselhei-a a ter paciência; oferece uma recompensa pela informação, disse-lhe, e a informação virá ter connosco. Dito e feito, uns dias mais tarde, um varredor de ruas da Subura bateu à minha porta com a notícia de que o núbio que eu procurava tinha passado uma noite numa hospedaria de baixa categoria à saída da rua dos Latoeiros, mas não tinha dado o nome e tinha partido no dia seguinte.

Voltei a aconselhar paciência. Mas os dias passavam sem que obtivéssemos novas informações e Zuleika insistia para que déssemos o passo óbvio seguinte: fazer uma visita a Ahala, o lanista de Zanziba, o homem que a mandara embora quando ela quisera ver o cadáver do irmão. Embora mantivesse as minhas reservas, fiz os preparativos para a viagem. Ravena fica longe de Roma, especialmente quando, no seu íntimo, o viajante suspeita de que o termo da viagem lhe reserva uma amarga desilusão.

Zuleika viajou comigo e pagou todas as despesas – por vezes, com moedas, mas mais frequentemente, suspeitava eu, trocando favores com os proprietários das tabernas em que pernoitávamos, ou exercendo o seu ofício junto de outros hóspedes. O modo como ela ganhava a vida dizia-lhe respeito a ela. Eu atinha-me ao que me dizia respeito a mim.

Durante o dia, viajávamos de cavalo. Zuleika não era alheia a estas lides. Num dos seus números de acrobacia, o irmão mantinha-se de pé sobre a garupa de um cavalo a meio-galope, e Zuleika também tinha aprendido a fazê-lo. Ofereceu-se para mo mostrar, mas eu dissuadi-a; se ela caísse e partisse o pescoço, quem me pagaria a viagem de regresso a casa?

Zuleika era boa conversadora, uma qualidade que decerto contribuía para que conseguisse auferir um rendimento decente; os

homens pagam pelo prazer, mas regressam pela boa companhia. Para passar o tempo, falámos sobre Alexandria, onde eu vivera uns tempos quando era novo. Diverti-me a ouvir as suas impressões da movimentada cidade e dos seus divertidos habitantes. Em troca, contei-lhe a história do gato de Alexandria, cujo assassino eu descobrira, e da terrível vingança exercida pela população da cidade, que adorava gatos.

Também me interessaram as suas impressões de recém-chegada a Roma e a Itália. As tentativas para localizar o irmão tinham-na levado a muitos lugares, e a ocupação que exercia permitia-lhe contactar com homens de todos os níveis da sociedade. Zuleika conhecia tanto a cidade como o campo e, devido à natureza específica da sua busca, tornara-se, sem querer, uma espécie de perita na condição dos gladiadores.

– Sabes qual é a impressão mais forte que retenho desta tua terra? – perguntou ela um dia, ao passarmos por um grupo de escravos que trabalhava num campo ao largo da Via Flamínia. – Há escravos a mais!

Encolhi os ombros.

– Também há escravos em Alexandria. Há escravos em todas as cidades, em todos os países.

– Não duvido, mas aqui é diferente. Talvez por os romanos terem conquistado muitos povos, se terem tornado muito ricos, e terem trazido para o seu país muitos escravos de muitas paragens diferentes. No Egipto, há pequenos lavradores ao longo das margens do Nilo; podem ter escravos, mas eles também trabalham a terra. Toda a gente trabalha, lado a lado; nos anos em que a inundaçãõ é boa, toda a gente come bem, e nos anos em que as águas do Nilo correm baixas, toda gente come menos. Aqui, a ideia com que fico é de que os lavradores são homens ricos que vivem nas cidades e são os escravos que fazem o trabalho todo; os homens livres, que deviam ser lavradores, estão todos em Roma, amontoados em apartamentos e vivendo a expensas públicas. Não me parece bem.

– Acho que as quintas são bem exploradas.

– Achas que sim? Então por que importa Roma tanto cereal do Egipto? Repara no modo como são tratados estes escravos do

campo, vestem roupas esfiapadas, estão pele o osso, e obrigam-nos a trabalhar no duro, mesmo debaixo deste sol abrasador. Um egípcio estaria cá fora a lavrar, juntamente com os seus escravos, instando-os a trabalhar mais, é certo, mas também apercebendo-se de quão arduamente trabalham, e cuidando da sua saúde e da sua alimentação, para que possam trabalhar novamente no dia seguinte. Para um egípcio, os escravos constituem um investimento valioso; não são coisas que se malbaratem. Aqui, a atitude é outra: pôr um escravo a trabalhar até ele não poder mais, investir o mínimo possível na sua manutenção e, quando já não houver mais nada a tirar dele, descartá-lo e arranjar um novo, dado que os escravos são baratos e as províncias romanas são uma fonte inesgotável deles.

Como que para ilustrar o que Zuleika acabava de dizer, passámos por uma figura encurvada, parada junto à sarjeta, na beira da estrada – uma criatura de tal maneira encarquilhada e imunda, que não consegui perceber nem a sua idade nem de que sexo era – um escravo abandonado, sem dúvida expulso de casa pelo seu senhor. Quando passámos por ela, a criatura crocitou umas palavras ininteligíveis e estendeu uma mão em forma de garra. Zuleika remexeu no saco de viagem e lançou ao infeliz uma crosta de pão que sobrara do pequeno-almoço.

– Escravos a mais – repetiu. – E, sem sombra de dúvida, demasiados gladiadores! Custa-me acreditar na quantidade de campos a abarrotar de gladiadores que tive ocasião de visitar desde que aqui cheguei. Tantos guerreiros capturados, provenientes de tantos países conquistados, todos afluindo a Itália. O que fazer a tanta gente? Pois bem: organizar jogos de gladiadores e obrigá-los a lutar uns contra os outros até à morte! Monte-se um espectáculo com seis gladiadores e, no final do dia, o mais certo é três deles terem morrido. No dia seguinte, porém, chegarão outros dez, comprados por uma ninharia num leilão qualquer! Mas, como é óbvio, nem todos são bons lutadores; aqueles que se mostrarem desajeitados, ou cobardes, ou míopes, podem sempre ser mandados para uma quinta, para uma galera ou para as minas. Os que ficarem terão de ser aparelhados e treinados, e razoavelmente bem alimentados para se manterem fortes.

– Isto, se estivermos a falar do modo como funcionam os melhores campos. Mas os lanistas responsáveis pelos melhores campos cobram uma pequena fortuna a quem contrata os seus gladiadores. E, embora nem toda a gente possa pagar o melhor, a verdade é que todos os romanos querem apresentar jogos no funeral do pai, mesmo que só tenham dinheiro para pôr um par de gladiadores a sangrar-se num redil de ovelhas, com a família sentada à volta da cerca, a aplaudir. Ou seja, há mercado para gladiadores contratados a baixo preço. E podes imaginar as condições em que eles são mantidos, alimentados a caldos salobros e vivendo em currais, como o gado. Com a diferença de que têm uma vida mais miserável do que a de qualquer animal, porque os animais não adormecem à noite a pensar se, no dia seguinte, perderão a vida numa morte atroz para gáudio de um desconhecido. São gladiadores mal treinados e equipados com as armas mais baratas. Consegues imaginar um combate até à morte em que ambos os homens não têm nada melhor com que lutar do que espadas de madeira? Nestas condições, é absolutamente impossível executar uma morte rápida e certa; o resultado é uma farsa cruel e sangrenta. Assisti pessoalmente a um destes combates de morte. Não sabia qual dos homens lamentar mais, se aquele que morria, se aquele que tinha de lhe tirar a vida com uma arma tão romba.

Zuleika abanou a cabeça.

– Demasiados gladiadores, espalhados por toda a Itália, todos treinados para matar sem misericórdia. Demasiadas armas à mão de semear.

Demasiada miséria. Tenho a impressão de que, um dia destes, haverá um acerto de contas.

Quando nos aproximávamos da cidade de Ravena, perguntei a um homem que ia a passar na estrada o caminho para o campo de gladiadores do lanista Ahala.

O homem mirou-nos com curiosidade por momentos e depois viu o anel de ferro de cidadão no meu dedo.

– Depois de atravessares a cidade, na outra ponta, hás-de ver um grande carvalho no sítio em que a estrada bifurca. Mete pela esquerda e anda mais uma milha. Mas, a não ser que venhas

contratar gladiadores, aconselho-te a não te aproximares do campo. Hostil. Cães de guarda. Vedações elevadas.

– Para que os gladiadores não saiam?

– Para que ninguém lá entre! Há tempos, o escravo de um vizinho foi dar à propriedade. Um dos cães arrancou-lhe uma perna. O desgraçado acabou por morrer, esvaído em sangue. Ahala recusou-se a pagar qualquer compensação. Não é amigo de visitas.

Deixando Zuleika numa hospedaria junto ao Fórum da cidade, pus-me a caminho do carvalho, na zona limítrofe da cidade, avançando pela estrada da esquerda. Cerca de uma milha mais adiante, e tal como dissera o homem, vi uma estrada de terra batida que entroncava na via rápida pavimentada. Segui por essa estrada e fui dar a um portal que parecia demarcar o limite da propriedade de Ahala. Calculo que a estrutura, por si só, bastasse para manter à distância a maioria dos visitantes indesejados. Pregados aos dois postes verticais, viam-se vários ossos branqueados pelo sol e, ornamentando a trave, por cima da minha cabeça, uma colecção de caveiras humanas.

Passei o portal e andei ainda uma milha, mais coisa menos coisa, atravessando uma paisagem de silvas emaranhadas e de arbustos selvagens. Por fim, cheguei a um complexo de edifícios rodeado por uma paliçada alta de estacas afiadas. Lá de dentro, chegou-me a voz de um homem a gritar ordens, e o entrechocar de madeira contra madeira – gladiadores exercitando-se com espadas de treino, deduzi. Ouvei ainda outros ruídos, mais incongruentes – o balido de ovelhas e de cabras, o martelo de um ferreiro e o som de gargalhadas masculinas, que não eram grosseiras nem mal intencionadas, mas em tom folgazão. Aproximei-me de um portão recortado na paliçada, mas não tive oportunidade de bater; do lado de dentro, tão perto e com tal ferocidade que dei um salto para trás e senti o coração falhar uma batida, vários cães desataram a ladrar e a arremeter contra o portão, raspando as garras na madeira.

Alguém repreendeu os cães com um berro, e eles pararam de ladrar. Abriu-se uma janelinha de vigia no portão, a uma altura tal que depreendi que o homem tivesse subido a um banco para

conseguir espreitar por ela. Dois olhos raiados de sangue caíram sobre mim.

– Quem és e o que queres?

– É aqui o campo de gladiadores de Ahala?

– Quem quer saber?

– És Ahala?

– Quem pergunta?

– Chamo-me Gordiano. E vim de longe, de Roma.

– Ah sim? Vê lá tu.

– Assisti aos jogos dos teus gladiadores em Satúrnica, há uns tempos.

– Assististe, foi?

– Fiquei muitíssimo impressionado.

– Ficaste, deveras?

– Em bom rigor – disse eu, improvisando – o meu bom amigo Marco Túlio Cícero também ficou impressionado.

– Cícero?

– Já ouviste falar dele, presumo? Cícero é um homem a ter em conta: um político em ascensão e um advogado muito famoso, que se encarrega dos assuntos legais de algumas das famílias mais poderosas de Roma.

O homem ergueu uma sobrancelha.

– Não tenho grande opinião de políticos e de advogados.

– Não? Bem, em regra, Cícero não tem grande opinião de jogos fúnebres. Mas achou que os teus homens deram um belo espectáculo. – Até aqui, só dissera verdades; a experiência tem-me ensinado que, quando se mente, o melhor é começar pela verdade e só a embelezar se for necessário. – Na profissão dele, Cícero é muitas vezes chamado a aconselhar aqueles que perdem entes queridos. Em matérias jurídicas, como testamentos e afins. Mas também lhe pedem frequentemente conselhos sobre uma enorme variedade de assuntos... como, por exemplo, a quem recorrer para organizar uma tarde de jogos fúnebres verdadeiramente memorável.

– Estou a ver. E esse Cícero achou que os meus rapazes deram um espectáculo memorável?

– Achou, sim. E, como eu tinha de vir a Ravena tratar de uns negócios, e como o teu campo de gladiadores ficava para estes lados, prometi ao meu bom amigo Cícero que, se tivesse ocasião, te faria uma visita, para me inteirar do tipo de empreendimento que geres, quantos gladiadores tens, há quanto tempo andas nisto, quanto cobras, este tipo de coisas.

O homem assentiu. A janelinha de vigia fechou-se com estrondo. O ladrar recomeçou, mas recuando, como se alguém estivesse a arrastar os cães para longe dali. Levantou-se uma tranca. O portão abriu-se.

– Ahala, lanista, ao teu dispor. – Presumira que o meu interlocutor tinha subido a um banco para chegar à vigia, mas enganei-me. Diante de mim encontrava-se um espécime humano gigantesco e possante. Tinha ar de gladiador, embora fossem raros os gladiadores que viviam anos suficientes para chegar a ter juba tão magnificente de cabelo grisalho. Seria Ahala a exceção? Não era completamente inaudito um lutador sobreviver tempo bastante para comprar a sua liberdade e se tornar instrutor profissional; já era muito menos comum tal sobrevivente tornar-se proprietário de uma equipa de gladiadores, como era, aparentemente, o caso de Ahala. Fossem quais fossem as suas origens e a sua história, ele era claramente mais inteligente do que o seu físico grosseirão e os seus modos secos poderiam fazer crer.

– Entra – convidou. – Dá uma vista de olhos.

O complexo escudado pela paliçada incluía vários edifícios semelhantes a celeiros, dispostos perto uns dos outros, e intervalados por lotes ajardinados e por currais de cavalos, cabras e ovelhas.

– Fazes criação de gado – disse eu.

– Os gladiadores comem muita carne.

– E vejo que também cultivas alho.

– Fortalece os rapazes.

– Dizem que sim. – Havia tratados completos sobre a alimentação e os cuidados mais adequados para gladiadores.

A uma ordem gritada, o entrechocar das armas de madeira recomeçou. O ruído parecia vir detrás de outra paliçada de estacas

afiadas.

– Estamos na área exterior – esclareceu Ahala. – Os gladiadores são mantidos na área interior. É mais seguro assim, especialmente para os visitantes, como tu. Não queremos que a tua caveira venha a acabar como ornamento do portal junto à via principal.

Sorri, hesitante, e não fiquei inteiramente convencido de que o homem estivesse a brincar.

– Ainda assim, gostava de ver os gladiadores.

– Daqui a nada. Primeiro, quero mostrar-te as armaduras. E explicar-te como faço as coisas. – Levou-me a um barracão comprido e de tecto baixo, decorado com braçados de correntes, sobre as quais pendia toda a sorte de elmos, grevas, espadas, escudos e tridentes. Via-se ainda uma quantidade de instrumentos que não fui capaz de reconhecer, entre os quais uns tubos de metal e de madeira que pareciam ser ajustáveis à boca de um homem. Ahala viu-me olhar para eles, mas não me explicou para que serviam. Algumas das armas também me pareceram um tanto estranhas. Estendi a mão para tocar numa espada suspensa, mas Ahala agarrou-me o pulso.

– Podes cortar-te – resmungou, e encaminhou-me para o fundo do barracão, onde um trio de ferreiros, de aventais de cabedal postos, martelava uma peça de metal incandescente.

– Fazes as tuas próprias armas? – perguntei.

– Às vezes. Um punho feito à medida pode significar a diferença entre um bom lutador e um excelente lutador. Mas estes homens dedicam-se sobretudo a fazer consertos e alterações. Gosto de ter as armaduras em perfeito estado.

Passando pelos ferreiros, Ahala conduziu-me a outro barracão, onde um grupo de carpinteiros desbastava madeira, fazendo cavilhas.

– Chamo-lhes as sementes do anfiteatro – disse Ahala com uma gargalhada. – Algumas das pessoas que me contratam querem uma arena temporária, construída propositadamente para os seus jogos. São clientes que podem ter de sentar cem pessoas, ou mesmo mil. Os meus carpinteiros montam um anfiteatro decente

praticamente de um dia para o outro, desde que haja uma boa reserva de madeira no local. O cliente paga os materiais, claro. Mas descobri que se poupa tempo, e se reduzem consideravelmente as despesas, se já houver pregos e cavilhas prontos a seguir. Faz tudo parte do pacote completo. Assenti.

– Nunca tinha pensado nisso – os custos acrescidos de erigir um espaço para apresentar os jogos.

Ahala encolheu os ombros.

– Os jogos fúnebres não saem baratos.

Passámos por um pequeno matadouro onde estavam penduradas carcaças de ovelha para talhar. Certas partes dos animais, que habitualmente não se aproveitam, tinham sido separadas e postas a secar. Ia a dirigir-me para o fundo do compartimento, para ver melhor o que era aquilo, mas Ahala agarrou-me no cotovelo.

– Querias ver os lutadores. É por aqui.

Conduziu-me a um portão recortado na paliçada interior, levantou a tranca e abriu a porta estreita.

– Para aquele lado, à tua direita, são as casernas, onde os homens comem e dormem. A zona de treinos é por aqui. Visitante a entrar! – gritou. Metemos por uma passagem coberta e emergimos num espaço quadrado de chão de areia, a céu aberto, onde cinco pares de homens se separaram abruptamente e ergueram as espadas de madeira num gesto de saudação ao seu lanista.

– Continuem! – ladrou Ahala.

Os homens recomeçaram as batalhas simuladas, empunhando espadas contra escudos.

– Pensei que...

– Pensaste que íamos dar a um nível superior, e que ficávamos a vê-los de cima, como num anfiteatro? – perguntou Ahala.

– Sim. Ahala riu-se.

– Aqui não se encenam combates. Só há uma maneira de ver a zona de treinos: entrar por ela adentro. Aproxima-te, se quiseres. Sente o cheiro do suor. Olha-os nos olhos.

Senti-me extremamente vulnerável. Estava habituado a ver os gladiadores à distância, na arena. Estar assim no meio deles, sem nada a separar-nos, era como entrar numa jaula cheia de animais selvagens. O homem mais baixo era um bom palmo e meio mais alto do que eu. Todos eles usavam elmos mas, aparte isso, estavam nus. Tudo indicava que o objectivo do treino era defender a cabeça, pois o exercício rítmico a que se dedicavam consistia numa troca de pancadas repetidas nos elmos uns dos outros. As pancadas eram relativamente brandas, mas o entrechocar era enervante.

Pelo porte físico, creio ter reconhecido pelo menos um dos gladiadores que se apresentara nos jogos em Satúrnica, o trado de pescoço de touro que vencera o combate inaugural. Quanto aos outros, não tinha a certeza.

– E tens por acaso núbios entre os teus homens? Ahala levantou uma sobrancelha.

– Por que perguntas?

– Havia um núbio nos jogos de Satúrnica, um retarius. Cícero ficou especialmente interessado nele, “é justamente o género de toque exótico que garante um dia memorável”, disse ele.

Ahala assentiu.

– Um retarius? Ah, sim, agora me lembro. Esse homem morreu, claro. Mas acontece que, por acaso, tenho outro núbio na minha trupe. Um tipo alto e musculado, como aquele que viste.

– E também é retarius?

– Sabe lutar com rede e tridente, claro. Todos os meus gladiadores são treinados para serem versáteis. Sabem lutar em qualquer estilo que queiras.

– Bem visto; trata-se de dar aos espectadores o que eles querem, não é verdade? Um espectáculo excitante e que encha o olho. – Observei os pares de gladiadores que se exercitavam, avançando e recuando, avançando e recuando, com a precisão rítmica dos acrobatas. – Posso ver esse núbio? – perguntei.

– Vê-lo treinar, queres tu dizer?

– Sim, por que não? Ahala chamou um assistente.

– Traz o núbio. Este homem quer vê-lo treinar com rede e tridente. – Voltou-se para mim. – Enquanto esperamos, aproveito

para te explicar o método de cálculo dos meus preços, dependendo da dimensão dos jogos fúnebres que tiveres em mente...

Nos instantes que se seguiram, tive de fazer um esforço para não revelar a minha incredulidade; nunca imaginei que os jogos fúnebres pudessem ser tão caros. Era certo que o lanista tinha despesas consideráveis, mas tive as minhas suspeitas de que Ahala fazia um lucro igualmente considerável. Teria sido por essa razão por que Zanziba o procurara, por Ahala ter com que lhe pagar generosamente?

– São todos escravos? – perguntei, interrompendo Ahala no momento em que ele descrevia uma fórmula complicada de um plano de pagamento a prestações.

– O quê?

– Os teus gladiadores... são todos escravos? De vez em quando, ouve-se falar em homens livres que se propõem como gladiadores contratados. Consta que fazem bom dinheiro. E que têm a sua quota de mulheres.

– Estás a pensar em fazer carreira nisto? – Olhou-me de cima a baixo e desatou a rir, desagradavelmente, em minha opinião.

– Não. Estou apenas curioso. O núbio que lutou em Satúrnica, por exemplo...

– E que interessa ele? – atalhou Ahala ríspidamente. – Está no Hades! – Franziu o sobrolho, e depois desanuviou. – Ah, ora aqui tens o substituto!

Visto assim, de perto, o retarius que acabava de entrar na arena de treino era um magnífico espécime de homem – alto, espadaúdo e elegantemente proporcionado. Embrenhou-se de imediato em luta simulada com o gladiador que o tinha acompanhado até ali, apresentando uma exibição animada para eu ver. Tratar-se-ia do mesmo núbio que eu vira em Satúrnica? Parecia-me que sim – ou estaria a cair no mesmo erro de que acusara Zuleika, vendo o que queria ver, ou o que tinha esperança de ver?

– Basta de luta! – disse eu. – Quero ver a cara dele.

– A cara dele? – Ahala ficou a olhar para mim, perplexo.

– Já vi um núbio lutar... já vi um morrer, em Satúrnica... mas nunca vi um tão perto, cara a cara. Satisfaz-me esta curiosidade,

lanista. Mostra-me a cara dele.

– Seja. – A um gesto de Ahala, os dois gladiadores apartaram-se. Ahala fez sinal ao núbio para que se aproximasse. – Tira o elmo – disse ele.

O núbio pousou as armas, tirou o elmo e ficou de pé, nu, diante de mim. Eu não chegara a ver a cara do núbio que tinha lutado em Satúrnica. Nunca vira a cara de Zanziba. Mas aqueles olhos castanhos que me olhavam fixamente... tê-los-ia visto já? Seriam os olhos vibrantes de Zuleika, postos numa cara de homem? Seria esta a cara do irmão dela, de Zanziba? As maçãs do rosto elevadas eram praticamente iguais às dela, e o mesmo se podia dizer do nariz largo e da testa. Mas era-me impossível ter a certeza.

– Como te chamas, gladiador?

Ele hesitou, como fazem frequentemente os escravos que não estão habituados a ser interpelados por desconhecidos. Olhou de relance para Ahala, e voltou a olhar em frente.

– Quíron – respondeu.

– Como o centauro? Bom nome para um gladiador, bem vistas as coisas. Foi o nome com que nasceste?

Ele voltou a hesitar e a olhar de relance para Ahala.

– Não sei.

– Onde vieste?

– Eu... não sei.

– Estranho. E há quanto tempo estás neste campo, com Ahala por teu lanista?

– Eu...

– Basta de conversa! – cortou Ahala com rispidez. – Não vês que o rapaz é fraco de espírito? Mas garanto-te que é um lutador magnífico. Se queres saber a história de vida de cada gladiador, põe-me uns sestércios em cima da mesa e contrata-os! Acabou-se a visita guiada. Tenho mais que fazer. Se o teu amigo Cícero ou algum dos clientes ricos dele precisarem de jogos fúnebres, sabem onde me encontrar. Vocês, homens, continuem com o vosso treino. Gordiano, deixa-me acompanhar-te à saída.

Quando a porta do complexo se fechou atrás de mim, os cães, silenciosos durante a minha permanência no campo, recomeçaram a

ladrar.

– É ele! :- insistia Zuleika. – Tem de ser ele. Descreve-mo outra vez, Gordiano.

– Zuleika, já te descrevi o homem uma dezena de vezes. Nenhum de nós pode ter a certeza se se trata ou não de Zanziba.

– Era ele. Tenho a certeza. Mas, se ele morreu em Saturnia, como pode estar vivo?

– É uma excelente pergunta. Mas eu tenho uma suspeita...

– Sabes mais do que me estás a contar. Viste qualquer coisa lá no campo!

– Talvez. Mas tenho de lá voltar, e dar uma segunda vista de olhos, para ter a certeza.

– Quando?

Suspirei, olhando em redor do quatinho que nos tinha sido atribuído na hospedaria de Ravena. Não tinha nada de especial: duas camas duras, uma pequena lamparina, e apenas um vaso de noite; mas, aos meus olhos fatigados, e agora que o longo dia de Verão dava lugar ao crepúsculo, era uma visão muito convidativa.

– Hoje à noite, parece-me. O melhor será despachar isto.

– E se o lanista se recusar a deixar-te entrar?

– Não tenciono pedir-lhe licença.

– Vais entrar às escondidas? Mas como?

– Acredita que eu tenho alguma experiência neste tipo de coisas, Zuleika. Reparei que havia uma determinada zona da paliçada em que as estacas são um pouco mais baixas do que no resto da vedação. Se trepar por ali, e conseguir não me empalar, julgo que cairei precisamente sobre o telhado do matadouro. A partir daí, conseguirei facilmente descer...

– E os cães? Ouviste ladrar os cães. E o homem com quem falámos na estrada disse que um cão arrancou uma perna a um escravo.

Pigarreei.

– Sim, é verdade que os cães constituem um desafio. Mas, com base na direcção de onde vinha o som do ladrar, estou convencido de que sei onde fica o canil. Foi por essa razão que

comprei estes nacos de carne no talho, esta tarde; e é por essas e por outras que ando com aquele saco cheio de pós e poções variadas. Na minha profissão, nunca se sabe quando vai ser necessário ter à mão um soporífero potente. Uns nacos de carne de vaca generosamente polvilhados com raiz de harpia pulverizada e atirados por cima da paliçada...

– Mas, mesmo que ponhas os cães a dormir, ainda sobram aqueles gladiadores todos, homens treinados para matar...

– Levarei um punhal, para me defender.

– Um punhal! Pela descrição que fizeste de Ahala, o lanista é perfeitamente capaz de te matar com as mãos. – Zuleika abanou a cabeça. – Estás a correr um risco enorme, Gordiano.

– É para isso que me pagas, Zuleika.

– Eu devia ir contigo.

– Nem pensar!

A uma certa distância do campo, preendi as rédeas do cavalo a uma árvore imponente e continuei a pé. Passavam umas horas da meia-noite e a Lua, a metade, estava baixa. Alumiaava à justa para me permitir escolher cuidadosamente o sítio onde punha os pés, ao mesmo tempo que lançava sombras amplas que me davam cobertura.

O complexo estava silencioso e escuro; os gladiadores precisavam de dormir bem. Quando me aproximei um pouco mais da paliçada, um dos cães começou a ladrar. Atirei uns bocados de carne por cima da vedação. Os latidos cessaram de imediato, seguidos de sons salivantes, seguidos de silêncio.

Trepar sobre a paliçada foi mais fácil do que eu tinha previsto. Uma corrida para ganhar balanço, uma passada rápida sobre a casca rugosa das estacas, um salto para o desconhecido por sobre as pontas afiadas, e aterrei com segurança sobre o telhado do matadouro, causando apenas um ruído abafado e breve. Parei para retomar fôlego, escutando com muita atenção. Do lado de fora do complexo, chegou-me um ruído ténue e furtivo – algum animal noctívago, deduzi – mas dentro do campo havia apenas um silêncio profundo.

Desci do telhado e avancei rapidamente para o portão que dava acesso ao complexo interior, onde os gladiadores ficavam alojados. Tal como eu previra, o portão estava destrancado. À noite, os homens eram livres de entrar e sair a seu bel-prazer.

Voltei ao matadouro e entrei. Os órgãos que eu tinha visto pendurados a secar no canto mais recuado do edifício eram, como suspeitei, bexigas aproveitadas de animais abatidos. Peguei numa delas e observei-a à luz da lua. Ahala era um homem frugal; esta bexiga já tinha sido utilizada pelo menos uma vez, e estava pronta para ser utilizada de novo. A abertura, que fora fechada a agulha e linha, tinha sido cuidadosamente descosida; um rasgão, de lado, tinha sido consertado com um ponto primorosamente executado. O interior da bexiga tinha sido meticulosamente limpo mas, ao luar, pareceu-me discernir um ou outro fiapo de sangue seco.

Saí do matadouro e dirigi-me ao barracão das armaduras que, de noite, tinha o aspecto de uma floresta suspensa de formas estranhas. Avançando na escuridão por entre elmos e espadas pendentes, localizei um dos tubos peculiares de madeira e metal que me tinham chamado a atenção na visita anterior. Sopesei o objecto numa das mãos e depois coloquei-o na boca. Soprei por ele, com cautela, baixinho e, ainda assim, preguei um susto a mim mesmo, tão insólito foi o estertor gorgolejante que emergiu do tubo.

O som também assustou a outra pessoa que se encontrava no barracão; pois acontece que eu não estava sozinho. Atrás de mim, uma silhueta deu um salto, mexeu-se e colidiu com um dos elmos pendurados. O elmo bateu contra um escudo, provocando um som forte e estrepitoso. A silhueta recuou em passo incerto, colidindo com outras peças penduradas, derrubando-as das pegas e lançando-as pelo chão a retinir.

O alarido despertou pelo menos um dos canídeos drogados. Do canil, chegou-me aos ouvidos um uivo de ficar com os cabelos arrependados. Instantes depois, um homem começou a gritar, dando o alarme.

– Gordiano! Onde estás? – A silhueta desajeitada e confusa tinha voz.

– Zuleika! Eu disse-te que não viesses atrás de mim!

– Estas espadas penduradas, isto parece um labirinto infernal... Hades! Cortei-me...

Talvez tenha sido o sangue dela que atraiu o animal. Vi a silhueta entrar no barracão, vinda dos lados do canil, e disparar na nossa direcção como um projectil arremessado por uma fisga. A ameaçadora criatura projectou-se em voo e deitou Zuleika ao chão. Ela gritou.

De súbito, havia mais presenças na armaria – não eram cães, eram homens.

– Era a voz de uma mulher? – murmurou um deles.

O cão arreganhou os dentes e uivou. Zuleika voltou a gritar.

– Zuleika! – bradei.

– Ele disse... Zuleika?-Um dos homens, uma silhueta alta, espadaúda, majestosa, separou-se dos outros e correu na direcção dela. Agarrando num dos tridentes pendurados, espetou-o no cão enfurecido; depois, deu um grito exasperado e atirou o tridente para o lado. – Bolas de Numa! Peguei num falso! Alguém que me chegue uma arma a sério! Eu era o que estava mais perto. Levei a mão às pregas da túnica, tirei o punhal e passei-lho. Ele fê-lo cair sobre o animal. O cão soltou um latido de queixume, um único, e ficou-se flácido. O homem tirou o cão sem vida de cima de Zuleika e empurrou-o para o lado.

– Zuleika! – gritou o homem.

– Zanziba? – respondeu ela, em voz fraca.

Por entre o sangue, o medo e a escuridão, os dois irmãos reencontravam-se.

O perigo não tinha passado, estava apenas a começar; tendo descoberto o segredo do campo de gladiadores de Ahala, como poderia eu esperar que me deixassem sair dali vivo? O sucesso deles – a sua própria sobrevivência, em bom rigor – dependia do sigilo absoluto.

Se Zuleika não me tivesse seguido, eu teria retrocedido, alçado o corpo por cima da paliçada e voltado a cavalo para Ravena, certo de que sabia a verdade e razoavelmente convencido de que o núbio que tinha visto horas antes era, de facto, Zanziba, que continuava vivíssimo. Porque a minha suspeita tinha sido

confirmada: Ahala e os seus gladiadores tinham aprendido a enganar a morte. Os combates que encenavam nos jogos fúnebres pareciam reais, mas eram simulacros, não espontâneos, mas cuidadosamente coreografados. Quando os gladiadores pareciam sangrar, o sangue era sangue de animais, que jorrava de bexigas de animais escondidas sob as escassas peças de armadura, sob as tangas que lhes cobriam as virilhas, ou das extremidades das armas ocas de pontas retractáveis enchidas com sangue, inteligentemente architectadas pelos ferreiros de Ahala; quando os gladiadores pareciam expirar, os estertores que lhes saíam da garganta provinham, na verdade, de instrumentos acústicos como aquele pelo qual eu tinha soprado. E estou certo de que haveria neste ofício muitos mais truques que eu não detectara no decurso da minha inspecção superficial, e que nem sequer imaginava; afinal de contas, estes homens eram profissionais experientes, uma trupe de acrobatas, actores e mimos, que ganhava muito razoavelmente a vida fazendo-se passar por uma trupe de gladiadores.

Todas as minhas dúvidas se dissiparam quando fui arrastado para fora da armaria e me achei a céu aberto rodeado por um círculo de homens nus abruptamente acordados. Os archotes que traziam nas mãos transformaram a noite em dia e iluminaram a cara de Zuleika, deitada na areia, a sangrar mas viva, entregue aos cuidados de um médico imperturbável de barba grisalha; fazia sentido que Ahala tivesse um médico competente no grupo, para acudir a acidentes e a lesões.

Entre os gladiadores ali reunidos, tive a certeza de ter reconhecido o samnita alto e possante que tinha “morrido” em Satúrnica, ao lado do trácio mais baixo e atarracado que o tinha “morto” – e que tinha protagonizado a convincente cena da perda de equilíbrio, quase se empa-lando na espada em riste do samnita. Vi também os dois dimacheri que tinham oferecido um espectáculo tal com os seus gládios reluzentes, que os espectadores tinham poupado a vida a ambos. Também lá estava o gaulês ruivo que desferira a “estocada final” sobre Zanziba – e o próprio Zanziba, planando agitadamente em torno da irmã e do médico que a tratava.

– Não percebo – anunciou finalmente o médico. – O cão devia tê-la despedaçado, membro a membro, mas parece que mal lhe rasgou a pele. O animal devia estar entorpecido... ou drogado. – Lançou-me um olhar desconfiado. – Seja como for, ela perdeu muito pouco sangue. As feridas são superficiais e limpei-as meticulosamente. A não ser que se instale uma infecção, o pior já passou. A tua irmã é uma mulher de sorte.

O médico afastou-se e Zanziba ajoelhou-se sobre ela.

– Zuleika! Como conseguiste encontrar-me?

– Os deuses conduziram-me até ti – murmurou ela. Pigarreei.

– Com a ajuda do Descobridor – acrescentou. – Foste tu quem eu vi nos jogos fúnebres em Satúrnica naquele dia?

– Sim.

– E mais tarde em Roma? Zanziba assentiu.

– Passei por lá de raspão, há uns dias, e regresssei imediatamente a Ravena.

– Mas Zanziba, por que não me mandaste vir para junto de ti?

O irmão suspirou.

– Quando te mandei o dinheiro, estava completamente desesperado, na expectativa de que cada dia fosse o último da minha vida. Andava de um lado para o outro, oferecendo os meus serviços como gladiador, à espera que a morte me levasse, mas acabando por seu eu a levá-la a outros. Depois, dei com estes sujeitos, e tudo mudou. – Sorriu e fez um gesto que abarcava os homens que o rodeavam. – Uma companhia de homens livres, todos gladiadores experientes, que compreenderam que não é necessário matar e morrer para proporcionar um bom espectáculo à assistência. Ahala é o nosso chefe, mas é apenas o primeiro entre iguais. Trabalhamos em conjunto e para o mesmo fim. Depois de me ter juntado a estes companheiros, mandei-te vir, enviei uma carta ao teu antigo senhor de Alexandria, mas ele não sabia para onde tinhas partido. E eu não tinha maneira de descobrir onde estavas. Julguei que nos tínhamos perdido um do outro para sempre.

Recuperando as forças, Zuleika soergueu-se e apoiou-se nos cotovelos.

– Então, os vossos combates não passam de lutas a fingir? O irmão fez um sorriso trocista.

– Os romanos têm um ditado: “Um gladiador só morre uma vez”. Mas eu já morri na arena muitas, muitas vezes! E fui generosamente pago por isso.

Abanei a cabeça.

– Vocês estão a fazer um jogo incrivelmente perigoso.

– Não tão perigoso como ser um gladiador a sério – replicou Zanziba.

– Até à data, têm-se saído bem – prossegui eu. – Mas, quanto mais conhecida se tornar esta trupe, mais terão de viajar e mais pessoas vos verão, algumas delas mais de uma vez, e mais difícil se tornará manter o logro. O risco de serem descobertos aumenta de cada vez que se apresentam em público. Se forem descobertos, serão julgados por sacrilégio, no mínimo. Os romanos reservam as suas penas mais cruéis para este tipo de crime.

– Estás a falar com um homem que olhou a morte cara a cara muitas vezes – rosnou Ahala. – Não temos nada a perder. Já tu, Gordiano, por outro lado...

– Ele tem de morrer – disse um dos homens. – Tal como os outros que descobriram o nosso segredo.

– Referes-te às caveiras que ornamentam o portal? – disse eu. Ahala assentiu com gravidade.

– Mas não podemos matá-lo! – protestou Zanziba.

– Ele mentiu quanto à intenção que o trouxe aqui – disse Ahala.

– Mas a intenção dele era fazer com que Zuleika me encontrasse... E assim começou a discussão sobre o destino a dar-me, que durou toda a noite. No fim, e como era hábito entre eles, decidiram por meio de votação. Fecharam-me noutra divisão enquanto deliberavam. Nunca cheguei a saber o que disseram; mas, ao romper do dia, libertaram-me e, depois de me obrigarem a jurar que jamais os trairia, Ahala levou-me até ao portão.

– Zuleika fica convosco? – perguntei. Ahala assentiu.

– Qual foi o resultado da votação?

– A moção a favor da tua vida ganhou pela escassa maioria de um voto.

– Tão pouco? E em que votaste tu, Ahala?

– Queres mesmo saber?

A cara dele disse-me que não, não queria.

Despreendi as rédeas do cavalo e larguei a galope para longe dali, sem olhar para trás.

No dia em que regresssei a Roma, avistei Cícero no Fórum. Tentei evitá-lo, mas ele veio ter comigo, com um sorriso rasgado.

– Feliz encontro, Gordiano! Excepção feita a este tempo impossível. Ainda não é meio-dia e já se torra. Faz-me lembrar a última vez em que estivemos juntos, naqueles jogos fúnebres em Satúrnia. Recordas-te?

– Claro que sim – disse eu.

– E que jogos soberbos, aqueles!

– Pois foram – concordei, com alguma relutância.

– Mas sabes, desde então, tive oportunidade de assistir a uns jogos fúnebres ainda mais espetaculares. No sul, em Cápua. Lutadores impressionantes! A estrela do espectáculo era um tipo com um nome bárbaro, trácio. Como era? Ah, sim, chamavam-lhe Espártaco. Como a cidade dos guerreiros, Esparta. Bom nome para um gladiador, não te parece?

Assenti e mudei rapidamente de assunto. Mas, fosse por que razão fosse, o nome que Cícero acabara de pronunciar ficou-me na memória. Como Zuleika dissera, estranhas são as coincidências que os deuses põem no nosso caminho; é que, dentro de poucos dias, este nome estaria nas bocas de toda a gente, em Roma e por toda a Itália.

Pois este foi o mês em que começou a grande revolta dos escravos, chefiada por Espártaco e pelos seus gladiadores rebeldes, que viria a durar muitos meses, disseminando a conflagração e o caos por toda a Itália. A situação levar-me-ia à Baía de Nápoles e marcaria o meu primeiro e fatal encontro com o homem mais rico de Roma – Marco Licínio Crasso – e com um agregado de noventa e nove escravos, todos marcados para morrer; mas isto é outra história.

Que aconteceu a Zanziba e a Zuleika? Nos meses de guerra e de pânico que se seguiram, perdi-lhes o rasto, mas pensei neles amiúde. Lembrava-me, em particular, das observações de Zuleika acerca da escravatura romana. Ter-se-iam as simpatias dela inflamado com a revolta? Terá persuadido o irmão e os companheiros dele, se é que estes homens precisavam de ser persuadidos, a juntarem-se à revolta e a pegarem em armas contra Roma? Se o tivessem feito, o mais certo era que a sorte não lhes tivesse sorrido; Espártaco e os seus seguidores acabaram por ser encurralados e derrotados, perseguidos e chacinados como animais, e crucificados aos milhares.

Passada a revolta, e à medida que o país ia regressando paulatinamente ao normal, tive, a dada altura, ocasião de ir de novo a Ravena. E resolvi fazer uma visita ao campo de gladiadores de Ahala. A portada dos ossos ainda lá estava, mas degradada, amassada e descaída, prestes a desabar. A paliçada conservava-se intacta, mas o portão estava aberto. Não havia armas penduradas na armaria. Os currais dos animais estavam vazios. O matadouro estava cheio de teias de aranha. As camaratas dos gladiadores tinham sido abandonadas. Muitos meses mais tarde, vinda do outro lado do mar, recebi uma carta em folha de papiro, pela mão de um escriba egípcio contratado.

Para Gordiano, Descobridor e Amigo: Por vontade dos deuses, achamo-nos de volta a Alexandria. E que terra civilizada nos parece Alexandria, depois de Roma! A história das nossas aventuras em Itália encheria um livro; mas bastará dizer que escapámos por uma unha negra. Muitos dos nossos companheiros, Ahala entre eles, não foram tão afortunados.

Poupámos dinheiro suficiente para fazer a viagem de regresso à nossa terra natal. No país dos nossos antepassados, temos esperança de vira encontrara família e de fazer novos amigos. E que histórias impressionantes teremos para lhes contar, sobre as estranhas terras que visitámos; de entre elas, nenhuma foi certamente mais estranha, ou mais bárbara, do que Roma! Mas para ti, Gordiano, é a tua casa, e desejamos-te as maiores felicidades nela. Adeus dos teus amigos, Zuleika e seu irmão Zanziba.

Há anos e anos que guardo este bocado de papiro. E nunca o deitarei fora.

POPPY E O BOLO ENVENENADO

– Diz-me o jovem Cícero que tu sabes ser discreto. É verdade, Gordiano? Sabes guardar um segredo?

Tendo em conta que a pergunta me estava a ser feita pelo magistrado responsável pela preservação dos valores romanos, pesei cuidadosamente as palavras.

– Quem sou eu para contradizer o que diz o mais excelente dos oradores romanos?

O censor resfolegou.

– O teu amigo Cícero também me disse que eras astuto. Respondeste a uma pergunta com outra pergunta, é? Imagino que tenhas aprendido esse truque a ouvi-lo a defender ladrões e assassinos nos tribunais.

Ocasionalmente, Cícero dava-me trabalho, mas eu nunca o considerara propriamente um amigo. Seria indiscreto dizê-lo ao censor? Resolvi ficar calado e anuí vagamente.

Lúcio Gélio Poplicola – Poppy para os amigos, como viria a descobrir mais tarde – parecia um homem robusto pelos seus setenta anos. Numa época devastada pela guerra civil, por assassinatos políticos e por rebeliões de escravos, atingir idade tão rara e venerável era uma prova dos favores da Fortuna. Mas a Fortuna devia ter deixado de sorrir a Poplicola – de outro modo por que teria chamado Gordiano, o Descobridor?

O compartimento onde estávamos sentados, na casa que Poplicola habitava no Monte Palatino, estava esparsamente mobilado, mas as poucas coisas que se viam eram da mais alta qualidade. O tapete era grego, com um padrão geométrico simples, em azul e amarelo. As cadeiras antigas e a mesa de tripé a condizer eram de ébano, com dobradiças de prata. O pesado reposteiro corrido diante da porta, de modo a proporcionar privacidade, era de um luxuoso tecido verde bordado a fio de ouro. As paredes eram

tingidas a vermelho escuro. A lamparina de ferro instalada no centro do compartimento era sustentada por três patas de grifo e emitia chamas regulares pelas três bocas abertas do animal. À sua luz, e enquanto esperava por Poplicola, eu espreitara as pequenas etiquetas amarelas penduradas dos rolos que enchiam a estante de escaninhos, a um canto. A biblioteca do censor era inteiramente constituída por obras sérias, de filósofos e historiadores, sem um único poeta lúrido ou um dramaturgo frívolo entre elas. Tudo o que havia no compartimento indiciava um homem de gosto impecável e de elevados padrões – o tipo de indivíduo que a opinião pública considera digno de usar uma toga purpúrea, um homem qualificado para preservar os sagrados rolos de pergaminho da cidadania e ajuizar da conduta moral dos senadores.

– Quer dizer que foi Cícero quem me recomendou? – Desde que o conhecera, há dez anos, Cícero já me arranjava diversos clientes.

Poplicola assentiu.

– Eu disse-lhe que precisava de um agente para investigar... uma questão privada. Um homem que não pertencesse à minha casa, mas que eu tivesse a certeza de que seria exaustivo, fidedigno e absolutamente discreto. Ele pareceu achar que tu servias.

– É uma honra que Cícero me tenha recomendado a um homem de posição tão distinta e...

– Discrição! – insistiu ele, interrompendo-me. – É o mais importante. Tudo o que descobrires enquanto estiveres ao meu serviço, tudo, deve ser objecto do mais estrito sigilo. Revelar-me-ás as tuas descobertas, a mim e a mais ninguém.

De sobrolho franzido, perscrutou-me com uma intensidade incomodativa. Eu anuí com a cabeça e repliquei lentamente:

– Na medida em que semelhante discrição não entre em conflito com as sagradas obrigações para com os deuses, nessa medida, Censor, prometo-te discrição absoluta.

– Pela tua honra de romano? Pelas sombras dos teus antepassados? Suspirei. Por que se levariam estes nobres sempre tão a sério, a si e aos seus problemas? Por que exigiria cada transacção a invocação de familiares falecidos? O devastador dilema

de Poplicola não devia passar de um problema com uma esposa errante ou com uma chantagem devida a um escravo jovem e belo. Irritou-me a exigência de um juramento, e pensei em recusar, mas o facto era que a minha filha Diana acabara de nascer, os cofres do meu lar estavam perigosamente vazios, e eu precisava de trabalho. Dei-lhe a minha palavra, pela minha honra e pelos meus antepassados.

Ele tirou qualquer coisa do interior das pregas da toga cor de púrpura e poisou-a em cima da mesinha que nos separava. Tratava-se de uma pequena taça de prata, que parecia conter um doce qualquer. Detectei um odor a amêndoas.

– O que te parece? – perguntou.

– Parece tratar-se de um bolo doce – arrisquei. Peguei na tacinha e cheirei-o. Amêndoas, sim; e mais qualquer coisa...

– Por Hércules, não comas uma migalha! – Arrancou-me a taça das mãos. – Tenho razões para crer que está envenenado. – Poplicola estremeceu. De súbito, pareceu muito mais velho.

– Envenenado?

– O escravo que me trouxe o bolo esta tarde, aqui ao meu escritório, um dos meus escravos mais antigos, que era mais do que um servo, na verdade, era um companheiro – bem, o indivíduo sempre foi lambareiro... como o seu senhor, diga-se. Que mal tinha de vez em quando ele comer umas aparas das minhas guloseimas, julgando que eu não reparava? Era uma espécie de brincadeira entre nós. Eu costumava arreliá-lo, dizendo: “A única coisa que me impede de engordar é o facto de seres tu a servir-me!” Pobre Cresto... – O Censor empalideceu.

– Estou a perceber. O tal Cresto trouxe-te o bolo. E depois?

– Dispensei-o e pus o bolo de lado enquanto acabava de ler um documento. Quando terminei, enrolei o pergaminho e arrumei-o na estante. Estava prestes a dar uma dentada no bolo quando outro escravo, o porteiro, irrompeu pelo compartimento, terrivelmente alarmado. Disse-me que Cresto estava a ter um ataque. Fui ter com ele o mais depressa que pude. Estava caído por terra com convulsões. “O bolo!” disse ele. “O bolo!” E depois morreu. Assim, num piscar de olhos! A expressão que ele tinha no rosto... horrível! –

Poplicola olhou para o pequeno bolo e franziu os lábios, como se na taça estivesse enrolada uma víbora. – É o meu bolo favorito – disse ele em voz cava. – De canela e amêndoas, adoçado com mel e vinho, com um pozinho de raiz de anis. Um prazer de velho, um dos poucos que me restam. Nunca mais conseguirei voltar a comê-lo! Nem Cresto, pensei.

– De onde veio o bolo?

– Há uma rua estreita a norte do Fórum, com padarias de ambos os lados.

– Conheço a rua.

– A loja da esquina faz estes bolos, dia sim, dia não. Tenho uma encomenda permanente, um pequeno prazer que proporciono a mim mesmo. Cresto vai buscar-mo, e eu como-o ao início da tarde.

– E foi Cresto quem te foi buscar o bolo hoje? Ele olhou fixamente o bolo um longo momento.

– Não.

– Então, quem foi?

Arqueou os ombros magros e franziu os lábios.

– Foi o meu filho, Lúcio. Passou por cá esta tarde. Disse-me o porteiro, eu não o vi. Lúcio disse ao porteiro para não me incomodar, que não podia demorar-se; só passara por cá para me deixar o bolo. Lúcio sabe que eu costumo satisfazer este capricho, compreendes? Teve de resolver uns assuntos no Fórum, o que o obrigou a passar pela rua das padarias, e como a minha casa ficava a caminho de outro assunto que tinha de tratar, trouxe-me o bolo. O porteiro mandou chamar Cresto, Lúcio deu-lhe o bolo embrulhado numa ponta de pergaminho e foi-se embora. Um pouco mais tarde, Cresto trouxe-me o bolo...

Compreendia agora por que motivo Poplicola me exigira que jurasse pelos meus antepassados. O assunto era realmente delicado.

– Suspeitas que tenha sido o teu filho a adulterar o bolo? Poplicola sacudiu a cabeça.

– Não sei o que pensar.

– Tens alguma razão para suspeitar de que ele possa desejar fazer-te mal?

– Claro que não! – A veemência da recusa foi um tanto excessiva, um tanto imediata demais.

– O que queres de mim, Censor?

– Que descubras a verdade! Chamam-te Descobridor, não chamam? Descobre se o bolo foi envenenado. Descobre quem o envenenou. Descobre como foi que o meu filho...

– Compreendo, Censor. Diz-me, entre os membros da tua casa, quem sabe o que se passou hoje?

– Apenas o porteiro.

– Mais ninguém?

– Ninguém. Dissemos aos outros que Cresto sucumbiu a um ataque de coração. Não falei a ninguém da visita de Lúcio, nem acerca do bolo.

Assenti com a cabeça.

– Para começar, terei de observar o falecido, e de interrogar o teu porteiro.

– Claro. E o bolo? Queres que dê um pouco a um cão vadio para teres a certeza...?

– Não creio que seja necessário, Censor. – Ergui a tacinha e cheirei novamente o bolo. Não havia dúvida de que, misturado com a apetitosa fragrância a amêndoas tostadas, se sentia o odor mais ácido de uma substância chamada amêndoa amarga, um dos mais poderosos de todos os venenos. Bastariam umas gotas para tirar a vida a um homem em poucos minutos. Que astucioso e perverso, tê-las aspergido num bolo de sabor a amêndoa, a que um homem com fome, além de guloso, pudesse dar uma dentada sem se aperceber atempadamente do sabor amargo.

Poplicola conduziu-me até junto do corpo. Cresto parecia um homem saudável para a idade. Tinha mãos delicadas: o seu senhor não o sobrecarregara de trabalho. A pele macilenta exibia um rubor cor-de-rosa, outro indício de que o veneno usado tinha sido o de amêndoa amarga.

Poplicola mandou chamar o porteiro, que eu questionei na presença do amo. Era um indivíduo de poucas palavras (como os porteiros devem ser), e nada acrescentou ao que Poplicola já me tinha contado.

Visivelmente abalado, Poplicola retirou-se, ordenando ao porteiro que me acompanhasse até à saída. Estava eu na entrada, prestes a sair, quando uma mulher atravessou o átrio. Vestia uma elegante estola azul e tinha o cabelo arranjado segundo a mais recente moda, preso com travessões e ganchos no alto da cabeça, numa configuração cuja altura desafiava a lógica. O cabelo era negro de azeviche, à excepção de uma estreita listra branca acima da têmpora esquerda, que subia em espiral, qual fita em vórtice convoluto. Olhou-me de relance ao passar, mas não teve qualquer reacção. O Censor devia receber muitas visitas.

– É a filha do Censor? – perguntei ao porteiro.

– Não.

Ergui uma sobrancelha, mas o reservado porteiro não entrou em detalhes.

– É a mulher?

– Sim. É Pala, a minha senhora.

– Uma mulher notável. – O átrio vazio parecia reter ainda uma espécie de aura que ela deixara à sua passagem. Possuía uma beleza altiva, que não ajudava a determinar a sua idade. Suspeitei de que seria mais velha do que aparentava, mas dificilmente poderia ter mais de quarenta anos.

– Pala é a mãe do filho do Censor, Lúcio?

– Não.

– Então é sua madrasta?

– Sim.

– Estou a ver. – Anuí e despedi-me.

Queria saber mais coisas sobre Poplicola e a sua família pelo que, nessa noite, fiz uma visita a Lúcio Cláudio, o meu amigo patrício, que sabe tudo o que vale a pena saber acerca daqueles que contam nos altos círculos da sociedade romana. Tencionava ser discreto, honrando o juramento que fizera ao Censor, pelo que, depois do jantar, enquanto descansávamos nos canapés bebendo mais um pouco de vinho, abordei de modo indirecto o tópico das eleições e da votação, passando daí ao assunto das listas de recenseamento.

– Pelo que sei, os censos mais recentes dão conta de qualquer coisa como oitocentos mil cidadãos romanos – observei.

– Com efeito! – Lúcio Cláudio chupou um por um os dedos rechonchudos, saboreando a gordura da codorniz assada. Com a outra mão, afastou da testa um caracol frisado de cabelo ruivo. – Se isto continua, um dia destes há mais cidadãos que escravos! Os censores deviam tomar medidas para restringir o direito à cidadania.

As posições políticas do meu amigo tendiam a ser conservadoras, afinal de contas, os Cláudio são patrícios. Assenti pensativamente.

– Quem são os censores actuais, já agora?

– Lentulo Clodiano... – disse ele, levando o último dedo à boca
– ...eo velho Lúcio Gélio Poplicola.

– Poplicola – murmurei com ar inocente. – Por que será que esse nome me soa a conhecido?

– Francamente, Gordiano, onde andas com a cabeça? Poplicola foi cônsul há dois anos. Com certeza que te recordas daquela pequena infelicidade com Espártaco? Competia a Poplicola, na qualidade de cônsul, vencer a batalha contra os escravos rebeldes, que nos deram uma valente tarefa, não uma, mas duas vezes! Que vergonha, escravos agrícolas comandados por um gladiador vadio darem uma sova em legionários treinados e chefiados por um cônsul romano! Comentava-se que aquilo aconteceu por Poppy estar excessivamente velho para chefiar um exército. Teve sorte em não ter sido o fim da carreira dele! Mas, dois anos depois, Poppy é censor. É uma posição importante. Mas segura, sem comandos militares! O ideal para um sujeito como Poppy, já cá anda há séculos, e é inflexivelmente honesto.

– O que fazem exactamente os censores?

– Os censos e a censura são os seus dois principais deveres. Fazer o recenseamento dos eleitores, fazer corresponder os eleitores às tribos, garantir que as tribos patrícias são as que têm mais peso nas eleições, é assim que a coisa funciona. Não podemos propriamente permitir que os setecentos e noventa e nove mil cidadãos comuns tenham tanta influência na eleição dos magistrados

como nós, os mil cujas famílias estão no poder desde os tempos de Rômulo e Remo: não faria sentido. Essa é a parte dos censos.

Acenei com a cabeça.

– E a censura?

– Os censores não se limitam a dizer quem é cidadão e quem não é; também dizem como deve ser um cidadão. O privilégio da cidadania pressupõe uma certa elevação moral, mesmo em tempos dissolutos como estes. Se os censores puserem uma marca preta, por conduta imoral, ao lado do nome de um homem nos censos, a situação é grave. O sujeito pode ser expulso do senado. De facto... – Inclinou-se para a frente e baixou a voz, para enfatizar a gravidade do que iria dizer. – De facto, corre o rumor de que os censores estão prestes a publicar uma lista de mais de sessenta homens que vão expulsar do senado por transgressões à moral, aceitação de subornos, falsificação de documentos, desvio de dinheiros. Sessenta! Uma verdadeira purga! Podes imaginar o ambiente que se vive no senado. Toda a gente suspeita de toda a gente, todos nós a perguntarmo-nos quem constará na lista.

– Quer dizer que, nos dias que correm, Poplicola não é exactamente o homem mais popular no Fórum?

– Para não dizer outra coisa. Não me entendas mal, há apoio de sobra para a purga. Eu próprio a apoio, de todo o coração. O senado precisa de uma limpeza profunda! Mas Poppy está prestes a criar grandes inimigos. O que é irónico, porque ele sempre foi um conciliador. – Lúcio riu-se. – Quando era jovem, foi governador na Grécia; dizem que reuniu todos os filósofos de Atenas, que nunca estavam de acordo uns com os outros, e praticamente lhes suplicou que chegassem a um consenso acerca da natureza do universo. “Se não conseguimos ter harmonia nos céus, como poderemos esperar não ter discórdia aqui na terra?”

– A imitação dele da voz aflautada do censor foi perturbadora.

– Censos e censura – murmurei, bebericando o vinho. – Não me parece que os cidadãos comuns tenham assim muito que temer dos censores.

– Oh, uma marca preta de um censor traz problemas a qualquer um. Limita o direito de voto, cancela os contratos com o

Estado, revoga a licença para manter aberta uma loja na cidade. Pode arruinar um homem, levá-lo à pobreza. E, se um censor quiser realmente arranjar problemas a um indivíduo, pode ordenar-lhe que responda perante uma comissão especial do senado, constituída para se investigarem acusações de imoralidade. Depois de iniciada, uma investigação dessas nunca mais acaba, a simples ideia basta para provocar um ataque de coração a um homem honesto! Oh, sim, a censura é um cargo poderoso. É por isso que tem de ser ocupado por homens de carácter absolutamente irrepreensível, sem a menor mancha de escândalo, como Poppy. – Subitamente, Lúcio Cláudio fez uma careta e franziu o sobrolho bem nutrido.

– É verdade, precisamente esta tarde ouvi um boato horrível, tão chocante que não acreditei nele. Afastei-o de tal maneira do espírito, que só agora voltei a lembrar-me disso...

– Um boato?

– Provavelmente não é nada, uma calúnia traiçoeira posta em circulação por algum dos inimigos de Poppy...

– Calúnia?

– Oh, um disparate acerca de Lúcio, o filho de Poppy, que teria tentado envenenar o velho... por meio de um bolo, imagina! – Ergui as sobrancelhas e tentei parecer surpreendido. – Mas este tipo de história surge sempre que um indivíduo da idade de Poppy se casa com uma mulher suficientemente jovem para ser sua filha, além de bela. Pala, chama-se ela. Ela e o enteado, Lúcio, dão-se bem, e depois? De vez em quando, as pessoas vêm-nos juntos sem Poppy, numa corrida de quadrigas ou numa peça de teatro, a rir-se e a divertir-se, e começam logo a circular estes boatos maldosos. Ora isso sim, seria um escândalo, Lúcio tentar envenenar o pai para poder casar-se com a madrasta. E tenho a certeza de que há quem esteja interessado em pensar que é verdade, pessoas cujo maior desejo seria ver Poppy arrastado pela lama como elas o foram.

A tentativa de envenenamento tivera lugar naquela tarde – e, no entanto, Lúcio Cláudio já ouvira falar dela. Como era possível que o boato tivesse sido posto a circular tão depressa? Quem poderia tê-lo feito? Com certeza que não teria sido o filho de Poplicola, no caso de ser o envenenador. E se o filho de Poplicola estivesse inocente do

crime? E se ele tivesse sido enganado pelos inimigos do pai, que o tivessem levado a entregar o letal bolo, tendo em seguida posto a história a circular prematuramente...

Ou talvez a rapidez com que o rumor começara a correr tivesse uma explicação mais simples. Era possível que o porteiro de Poplicola não fosse tão reservado quanto as suas poucas falas me tinham levado a pensar. Se ele tivesse falado do bolo envenenado a outro escravo da casa, que tivesse depois contado a história ao escravo de uma casa vizinha, que a tivesse contado ao seu senhor...

Tentei manter-me inexpressivo, mas Lúcio Cláudio percebeu que eu estava a pensar a grande velocidade e estreitou os olhos.

– Gordiano, o que andas tu a tramar? Já agora, como é que nos pusemos a falar de Poplicola? Sabes alguma coisa acerca deste boato?

Estava eu a tentar arranjar maneira de cumprir o juramento que fizera ao censor sem ter de mentir ao meu amigo, quando fui salvo pela chegada da adorada Momo de Lúcio Cláudio. Branca e quase tão redonda como uma bola de neve, a pequena temer meliteana precipitou-se pelo compartimento dentro; ultimamente tornara-se tão roliça como o dono. Correu para junto de Lúcio e ficou a latir-lhe aos pés, excessivamente anafada para conseguir saltar para cima do canapé. Lúcio chamou um escravo, que ergueu o cão e lho colocou no colo.

– Minha querida, minha doçura, minha adorável Momo! – arrulhou ele, parecendo, para meu alívio, esquecer o assunto de Poplicola.

A amêndoa amarga é um veneno difícil de obter. Segundo me explicaram, é extraído das pevides de frutos vulgares, mas a substância é tão letal – pode matar com um simples contacto na pele, ou por inalação – que a maior parte dos vendedores, duvidosos de semelhantes produtos, se recusa a manuseá-la. O raro cliente que procure amêndoa amarga é habitualmente convencido a comprar qualquer outra coisa, “igualmente boa”, dirá o vendedor, embora poucos venenos sejam tão rápidos e eficazes como a amêndoa amarga.

A minha peculiar actividade tem-me permitido conhecer todo o género de pessoas, desde o topo do estrato mais elevado, como Poplicola, ao mais baixo dos mais baixos – como é o caso de um repugnante vendedor de venenos e poções chamado Quinto Fugax. Fugax afirmava ser imune a qualquer veneno conhecido pelo homem, e vangloriava-se mesmo de, ocasionalmente, testar novos produtos em si próprio, só para ver se lhe faziam mal. É certo que veneno algum o matara, mas os seus dedos estavam permanentemente manchados de negro, tinha um tique constante no canto da boca, a pele desfigurada com estranhas manchas, e um dos olhos coberto por uma remelosa película amarela. Se houvesse em Roma pessoa sem medo de manusear a amêndoa amarga, seria Quinto Fugax.

Dei com ele, no dia seguinte, no seu habitual covil, uma taberninha esquelética à beira rio. Disse-lhe que queria fazer-lhe umas perguntas genéricas sobre certos venenos e o modo como funcionavam, para minha instrução. Na medida em que lhe mantivesse cheia a taça de vinho, concordou em falar comigo.

Várias taças mais tarde, quando me pareceu que tinha a língua suficientemente solta pela acção do vinho, perguntei-lhe se sabia alguma coisa acerca da amêndoa amarga. Ele riu-se.

– É o melhor dos venenos! Digo sempre isso às pessoas, e não é só por ser o único a vendê-la. Mas quase ninguém a quer. Há quem diga que a amêndoa amarga está amaldiçoada. As pessoas têm medo de que se volte contra elas, de que acabem por ser elas a morrer. Pode acontecer: a substância quase que mata só de se olhar para ela.

– Quer dizer que não há muita procura de amêndoa amarga?

– Não. – Ele sorriu. – Mas ainda ontem vendi uma porção dela. Remexi o meu vinho na taça e fingi observar os depósitos.

– A sério? Algum peixeiro que queria acabar com a mulher, imagino.

Ele sorriu, mostrando os dentes, que eram poucos.

– Sabes que nunca falo dos meus clientes. Fiz uma careta.

– Ainda assim, não pode ter sido pessoa importante. Teria ouvido dizer se algum senador ou comerciante abastado tivesse

morrido de convulsões súbitas depois de ingerir uma bela refeição.

Fugax ladrou uma gargalhada.

– Ah! E se for com um bocado de bolo?

Sustive a respiração e mantive os olhos fixos nos depósitos do fundo da taça de vinho.

– Desculpa?

– O cliente queria saber se podia usar amêndoa amarga num bolo doce de amêndoa. Eu respondi-lhe: “É o ideal!”

– O que é que ele fazia? Era cozinheiro? Devia ser escravo de um cozinheiro, imagino. Os teus clientes costumam mandar um intermediário, não é verdade? Nunca lidam contigo directamente.

– Este sim.

– A sério?

– Era uma mulher. Disse-me que não podia confiar a nenhuma das suas escravas aquisição tão delicada.

– Uma mulher?

Ele ergueu as sobrancelhas e tapou a boca, como um rapazinho apanhado a tagarelar, depois atirou a cabeça para trás e deu uma ruidosa gargalhada.

– Ups, descaí-me, não foi? Mas não te posso dizer quem era, porque não sei. Mas não era pobre. Chegou e foi-se embora numa liteira coberta, toda azul como a estola dela. Mandou os transportadores pararem a uma certa distância, para não poderem ver onde ela ia, e eu não poder ver de onde ela tinha vindo, mas eu segui-a à socapa quando saiu. Vi-a subir para a sua bonita liteira, tinha o cabelo armado tão alto, que teve de inclinar a cabeça para entrar!

Forcei uma gargalhada e anuí.

– Estes patéticos penteados novos!

No seu rosto estragado, veio de repente ao de cima uma expressão melancólica.

– Mas o dela era bonito. Muito brilhante e preto, com uma madeixa branca a envolvê-lo, como uma lista num gato! Era uma mulher bonita. Mas coitado do homem que a fez zangar-se!

Concordei.

– Coitado, realmente...

O invejável lugar de esquina da rua das padarias era ocupado por uma família de nome Bébio; assim o declarava uma tabuleta muito bem pintada, colocada por cima do balcão que dava para a rua. Uma jovem baixa e loura, um pouco para lá da fronteira do agradavelmente roliço mas com um sorriso resplandecente, avançou para me servir.

– O que vais querer hoje, cidadão? Doce ou salgado?

– Doce, acho eu. Um amigo disse-me que vocês fazem uns deliciosos bolinhos de amêndoa.

– Oh, referes-te à especialidade do paizinho. Somos famosos por esse doce. Vendemo-lo há três gerações. Mas, infelizmente, hoje não temos. Só os fazemos dia sim, dia não. No entanto, posso vender-te esta maravilhosa torta de queijo e mel, muito saborosa.

Fingi hesitar e por fim assenti.

– Sim, dá-me um desses. Não, dá-me três, tenho mais bocas famintas em casa! Mas é uma pena não terem os bolinhos de amêndoa. O meu amigo diz maravilhas deles. Acho que ainda ontem cá esteve. Um indivíduo chamado Lúcio Gélio.

– Oh, sim, nós conhecemo-lo. Mas não é ele que adora os bolinhos de amêndoa, é o pai dele, o censor. O velho Poplicola compra um de cada fornada do meu pai.

– Mas o filho dele, Lúcio, esteve cá ontem? Ela anuiu.

– Esteve sim. Eu própria lhe vendi o bolinho, e embrulhei-o em pergaminho para ele o levar ao pai. Para ele e para a senhora, comprou dois saborosos cremes de leite e ovos. Queres experimentar?

– A senhora?

– A senhora que estava à espera dele na liteira azul.

– Ela também é cliente habitual? A rapariga encolheu os ombros.

– Não cheguei a vê-la; só vi de relance Lúcio entregar-lhe o creme, e depois partiram para o Fórum. Toma, prova e diz-me se não é divinal.

Dei uma dentada na torta de queijo e mel e simulei um aceno de cabeça entusiástico. Naquele momento, podia estar a comer ambrósia que não teria sentido qualquer prazer.

Fiz o meu relatório a Poplicola na tarde desse dia. Ficou surpreendido com o facto de eu ter concluído a minha investigação tão depressa, e insistiu em conhecer todos os passos que eu tinha dado e cada uma das pessoas com quem tinha falado. Levantou-se, voltou-me as costas e ficou a olhar para a parede vermelha-escura enquanto eu lhe explicava por que suspeitara do uso de amêndoa amarga, que questionara um dos poucos homens que vendia esse veneno, que o enchera de vinho e obtivera uma descrição que era quase certo que fosse de Pala, que a rapariga na pastelaria não só confirmara que Lúcio comprara o bolo na véspera, como também o vira afastar-se numa liteira azul com uma companhia feminina.

– Admito que nenhum destes dados constitui uma prova absoluta. Mas parece razoavelmente evidente que Pala comprou a amêndoa amarga da parte da manhã, que Lúcio estava com ela na altura, tendo permanecido na liteira, ou se juntou a ela mais tarde, altura em que ambos se dirigiram à padaria, onde Lúcio comprou o bolo. Então um dos dois, ou ambos, polvilharam o bolo...

Poplicola encolheu os ombros descarnados e soltou um grito abafado, um som de um desespero tal, que me deixou estupefacto e silencioso. Quando se voltou para mim, parecia ter envelhecido dez anos de um instante para o outro.

– Tudo isto são provas circunstanciais – disse ele – e não legais. Eu falei lenta e calmamente.

– Uma prova legal tem uma definição rigorosa. Para satisfazer um tribunal, todos os escravos envolvidos teriam de ser chamados a depor, os transportadores da liteira, o teu porteiro, talvez os criados pessoais de Pala e de Lúcio. Os escravos vêem tudo o que se passa, e normalmente sabem mais do que os amos julgam. Teriam de ser torturados, evidentemente: o testemunho dos escravos é inaceitável a não ser que seja obtido por meio de tortura. Adquirir esse grau de prova está para além das minhas capacidades, Censor.

Ele abanou a cabeça.

– Pouco importa. Ambos sabemos a verdade. Eu sempre soube, claro. Lúcio e Pala, nas minhas costas, mas nunca pensei que chegasse a este ponto!

– O que vais fazer, Censor? – Fazia parte dos direitos legais de Poplicola, na sua qualidade de paterfamilias, mandar matar o filho sem julgamento ou qualquer outra formalidade. Podia estrangular Lúcio com as suas próprias mãos ou pedir a um escravo que o fizesse, e ninguém questionaria o seu direito a fazê-lo, especialmente naquelas circunstâncias. E podia fazer o mesmo à mulher.

Poplicola não respondeu. Voltou-se de novo para a parede, e manteve-se de tal maneira rígido e imóvel, que receei que não estivesse a sentir-se bem.

– Censor...?

– O que vou fazer? – interrompeu ele bruscamente. – Não sejas impertinente, Descobridor. Contratei-te para descobrires uma coisa. Fizeste-o, e aí terminam as tuas funções. Sairás daqui com algum ouro na bolsa, não tenhas a menor dúvida.

– Censor, eu não pretendia...

– Juraste-me pelos teus antepassados não falar sobre esta questão com ninguém, mas apenas comigo. Exijo-te que cumpras esse juramento. Se és um romano minimamente...

– Não tens necessidade de mo recordar, Censor – repliquei rispidamente. – Não faço juramentos de ânimo leve.

Ele levou a mão à bolsa que tinha no interior de toga cor de púrpura, contou algumas moedas, colocou-as sobre a mesinha, diante de mim, e saiu do compartimento sem mais palavras.

Fiquei entregue a mim próprio e ninguém veio acompanhar-me à saída. A caminho do átrio, baralhado por causa da irritação que sentia, enganei-me ao virar num corredor e só me apercebi disso quando me encontrei num grande jardim rodeado por um peristilo. Praguejei e virei costas para voltar para trás, quando vislumbrei o casal que se encontrava sob a colunata, no extremo oposto do jardim, com as cabeças juntas como que imersos numa conversa muito séria. A mulher era Pala. Tinha os braços cruzados e a cabeça bem levantada. Ao homem, não estivesse eu melhor informado, tê-lo-ia tomado pelo marido pela forma como se dirigia a ela. Lúcio Gélio parecia uma réplica mais jovem de seu pai, até no olhar pouco amigável que me lançou enquanto eu me retirei apressadamente.

Nos dias que se seguiram, mantive-me atento à notícia de quaisquer desenvolvimentos na casa de Poplicola, mas só me chegou o silêncio. Estaria o velho a conspirar alguma vingança horrível contra o filho e a mulher? Estariam eles ainda a conspirar contra ele? Ou teriam chegado os três a um entendimento, com confissões de culpa e pedidos de perdão? Dificilmente podia imaginar tal reconciliação, depois de tamanha quebra de confiança.

Foi então que, certa manhã, recebi uma nota do meu amigo Lúcio Cláudio:

Caro Amigo, Companheiro de Jantares e Colega Versado em Mexericos: No outro dia, não chegámos a acabar a nossa conversa sobre Poplicola, pois não? O mexerico mais recente (matéria chocante): exactamente na véspera da grande purga do senado, corre que certos membros estão a planear mover uma acção judicial contra o filho do Censor, Lúcio Gélio, acusando-o de dormir com a madrasta e de conspirar com o fito de matar Poppy. Tal julgamento gerará grande escândalo – o que pensarão as pessoas de um magistrado responsável pela moral que não é capaz de impedir que o filho e a mulher fornicem e conpirem para o matar? Os opositores (e prováveis alvos) da purga dirão: “Limpa primeiro a tua própria casa, Poplicola, antes de teres a presunção de limpar a nossa!”

Quem sabe em que resultará semelhante julgamento? Toda a família será lançada na lama-se algum deles tiver alguma coisa a esconder, a acusação há-de desenterrá-la. E, se Lúcio for considerado culpado (ainda me custa a acreditar), não será autorizado a partir para o exílio – será morto juntamente com Pala e, para salvar a face, Popliocla terá de desempenhar o papel de severo paterfamilias e assistir a tudo! Receio que tal fosse a morte de Poppy. Seria certamente o fim da sua carreira política. Ficaria profundamente humilhado, e a sua autoridade moral seria posta a ridículo. Não teria condições para continuar a desempenhar o cargo de censor. Nesse caso, não haveria purga no senado, e a política poderia prosseguir como de costume! Que época a nossa.

Ah, já agora, vem jantar comigo esta noite. Vou comer faisão fresco e o cozinheiro promete fazer uma coisa divinal com o molho...

O faisão estava suculento. O molho tinha uma intrigante insinuação de menta, que ficava a arrelhar na língua. Mas não tinha sido pela comida que eu lá fora.

Chegámos finalmente ao tema do censor e das suas desventuras.

– Então sempre vai haver um julgamento... – disse eu.

– Na verdade... não – respondeu Lúcio Cláudio.

– Mas a tua nota de hoje de manhã...

– Foi invalidada pelos novos mexericos desta tarde.

– E...?

Lúcio recostou-se no canapé, fez umas festas a Momo e olhou-me com ar sagaz.

– Imagino, Gordiano, que saibas mais sobre o assunto do que deixas transparecer?

Olhei-o directamente nos olhos.

– Não sei nada sobre que possa conversar, nem mesmo contigo, meu amigo, sem violar um juramento.

Ele assentiu com um aceno de cabeça.

– Pensei que se tratasse de alguma coisa desse género. Ainda assim, não me poderás informar, com um simples sim ou não, se Lúcio Gélio e Pala realmente... Gordiano, até parece que o faisão te fez mal! Bem, que ninguém diga que causei uma indigestão a um convidado pressionando-o com uma pergunta imprópria. Terei simplesmente de viver na ignorância. Embora, nesse caso, não faça a menor ideia da razão por que te hei-de contar as últimas notícias do Fórum.

Fez beicinho e desatou a fazer mimos a Momo. Eu beberiquei o meu vinho. Lúcio começou a mostrar-se inquieto. Por fim, a vontade de partilhar os mexericos mais recentes levou a melhor sobre ele. Eu tentei não sorrir.

– Muito bem, se queres saber: na sua qualidade de Censor, Poppy convocou uma comissão especial do senado para investigar o próprio filho, sob a acusação de grave imoralidade, nomeadamente, o boato de adultério e de tentativa de parricídio. A comissão dará imediatamente início à investigação, com o próprio Poppy a presidir.

– E como é que isso afectará o julgamento que se aproxima?

– Não haverá julgamento. É substituído pela investigação. Acho bastante inteligente, e muito corajoso, da parte de Poppy. Deste modo, destrona os inimigos, que teriam feito do julgamento público um espectáculo. Trata ele próprio da questão da culpa ou da inocência do filho, à porta fechada. A comissão do senado dará o voto final, mas será Poppy a supervisionar o processo. Claro que tudo isto pode escapar ao seu controlo. Se a comissão de investigação considerar Lúcio Gélio culpado, o escândalo trará igualmente a ruína de Poppy. – Abanou a cabeça. – Estou certo de que tal não acontecerá. Para Poppy assumir pessoalmente o controlo da questão, é porque o filho está inocente, e Poppy deve sabê-lo, não é? – Lúcio ergueu uma sobrancelha e perscrutou-me, expectante.

– Não tenho a certeza – respondi, e estava a ser sincero.

A investigação sobre a conduta moral de Lúcio Gélio demorou dois dias, e teve lugar à porta fechada, no Senado, onde só podiam entrar os escribas, as testemunhas e os próprios senadores. Felizmente para mim, Lúcio Cláudio era um dos senadores da comissão de investigação e, concluída a investigação, convidou-me novamente para jantar com ele.

Veio receber-me à porta e, ainda antes de dizer o que quer que fosse, percebi pelo seu rosto cheio e resplandecente que estava satisfeito com o resultado.

– A comissão chegou a alguma conclusão? – perguntei.

– Sim, e que alívio!

– Lúcio Gélio foi ilibado das acusações? – Tentei não parecer céptico.

– Completamente! Foi tudo uma maquinação absurda! Não passava tudo de rumores mal intencionados e suspeitas infundadas.

Pensei em Cresto, o escravo morto.

– Não houve prova alguma da culpa de Lúcio Gélio?

– Nenhuma prova foi apresentada. Oh, fulano viu Pala e Lúcio Gélio sentados com as pernas encostadas no Circo Máximo, sicrano viu-os de mãos dadas no mercado noutra dia, e beltrano afirma tê-los visto beijarem-se debaixo de umas árvores, no Monte Palatino. Só mexericos e disparates. Pala e Lúcio Gélio foram intimados a

defender-se, e ambos juraram que não haviam feito nada de impróprio. O próprio Poplicola testemunhou a favor deles.

– Não foram chamados escravos a depor?

– Tratava-se de uma investigação, Gordiano, e não de um julgamento. Não tínhamos autoridade para extrair testemunhos sob tortura.

– E não houve outras testemunhas? Nem depoimentos? Não houve nada acerca do bolo envenenado de que se tinha falado?

– Não. Se tivesse havido alguém capaz de apresentar provas verdadeiramente incriminatórias, essa pessoa teria sido encontrada, sem dúvida nenhuma; havia na comissão vários senadores hostis a Poplicola e, acredita no que te digo, desde que os boatos começaram eles têm andado a vasculhar a cidade à procura de provas. Simplesmente, elas não existiam.

Lembrei-me do vendedor de venenos e da rapariga loura que me atendera na padaria. Eu tinha-os encontrado com um esforço mínimo. Os inimigos de Poplicola teriam menos dados de partida, mas com certeza teriam enviado os seus próprios descobridores em busca da verdade. Por que não fora a rapariga chamada a depor, ao menos? Ninguém teria feito, sequer, a conexão simples entre o rumor do bolo envenenado e a pastelaria que fabricava a guloseima favorita de Poppy? Seriam as forças de oposição ao censor tão ineptas?

Lúcio riu-se.

– E pensar nas refeições em que não consegui tocar, preocupado como estava com Poppy! Bem, agora que ele e a sua família ficaram livres de toda a suspeita, o seu trabalho como censor pode prosseguir. Amanhã, Poppy vai publicar a lista dos senadores que mereceram uma marca preta por conduta imoral. Não fazem falta a ninguém, em minha opinião. Mais espaço fica para esticarmos os cotovelos nas câmaras do senado! – Suspirou e abanou a cabeça.
– Realmente, tanto sofrimento, e afinal era tudo uma farsa.

Sim, pensei eu com alguma desconfiança, então tudo acabara por ser uma farsa. Mas que papel desempenhara eu nela?

No dia seguinte, fui à rua das Padarias, na ideia de finalmente apreciar um dos famosos bolinhos de amêndoa da família Bébio – e

também para descobrir se, de facto, nenhum membro da comissão do senado fizera perguntas à rapariga loura.

Subi vagarosamente a ruela estreita e sinuosa e, ao chegar à esquina, tive um choque. Em vez do rosto sorridente da rapariga loura por trás do balcão, encontrei um tapume de madeira. A tabuleta com o nome de família, que ali estava há três gerações, fora apagada com pinceladas toscas de tinta.

Um comerciante do fundo da rua viu-me a olhar de boca aberta e chamou-me detrás do balcão.

– Procuras o Bébio?

– Sim.

– Foi-se embora.

– Para onde?

– Não faço ideia.

– Quando?

Ele encolheu os ombros.

– Há pouco tempo. Arrumaram tudo e foram-se embora durante a noite, todos eles. Bébio, a esposa e a filha, os escravos, estavam aqui num dia, no outro tinham desaparecido todos. Puf! Como os actores que desaparecem de cena metendo-se em alçapões.

– Mas porquê?

Ele fez-me sinal para me aproximar, e baixou a voz.

– Suspeito de que Bébio deve ter arranjado graves problemas com as autoridades.

– Que autoridades?

– Nada menos que o próprio senado!

– Por que dizes isso?

– Um dia ou dois depois de ele ter desaparecido, vieram uns desconhecidos de aparência grosseira bisbilhotar o quarteirão de cima abaixo, a perguntar por Bébio e a querer saber para onde ele tinha ido. Até ofereceram dinheiro, mas ninguém lhes soube dizer. Alguns dias mais tarde, vieram outros desconhecidos fazer perguntas, só que estes vinham mais bem vestidos e traziam uns rolos de aspecto selecto; afirmaram estar a fazer uma espécie de investigação oficial, e ter “autoridade senatorial”. Não teve grande

feito: as pessoas continuaram sem saber o que havia sido feito de Bébio. É um mistério, não é?

– Pois é...

– Calculo que Bébio tenha feito qualquer coisa bastante grave, para ter saído da cidade tão repentinamente, e sem deixar rasto. – Abanou a cabeça. – Apesar de tudo, é triste. A família dele tinha aquela loja há bastante tempo. E, já agora, podia ter-me dado a receita daqueles bolos de amêndoa antes de ter desaparecido! Vêm cá pessoas noite e dia, à procura dos bolos. Estás interessado em alguma coisa doce? Estes bolos de leite e passas pincelados de mel acabaram de sair do forno. Sente só este aroma...

Será melhor visitar um vendedor de venenos de estômago cheio ou vazio? Vazio, decidi, pelo que recusei o bolo do padeiro, atravessei o Fórum e o mercado de gado em direcção à beira-rio, donde passei para a pequena taberna andrajosa frequentada por Quinto Fugax.

O interior parecia negro como breu depois da claridade lá de fora. Tive de franzir os olhos, enquanto tropeçava de banco em banco, procurando-o entre os indigentes. Só os mais viciados na bebida se encontravam num lugar daqueles àquela hora do dia. A taberna tresandava a vinho entornado e ao fedor do rio.

– Andas à procura de alguém? – perguntou-me o proprietário.

– De um sujeito chamado Fugax.

– O espantalho de olho remeloso e mau hálito?

– Esse mesmo.

– Então, estás com pouca sorte, mas com mais do que o teu amigo.

– O que queres dizer com isso?

– Tiraram-no do rio há dois dias.

– O quê?

– Afogado. O pobre imbecil deve ter caído ao rio; não tenho culpa de um homem sair daqui bêbedo demais para andar a direito. Ou talvez... – Lançou-me um olhar expressivo. – Talvez alguém o tenha empurrado.

– Por que dizes isso?

– Ultimamente, Fugax andava todo empertigado, a dizer que estava prestes a receber muito dinheiro. Tolo! Dizer uma coisa dessas neste bairro é andar à procura de problemas.

– De onde é que ele ia receber o dinheiro?

– Isso era o que eu queria saber. Perguntei-lhe: “O quê? Estás a pensar vender a tua villa ajardinada à beira do Tibre?” Ele riu-se e disse que, de facto, tinha uma coisa para vender, informações, informações importantes, pelas quais pessoas poderosas estavam dispostas a pagar um preço elevado: a pagar para as obterem ou para impedirem outros de as obter. Improvável, pensei eu! “O que pode um rato de esgoto como tu saber, que alguém dê um tostão para descobrir?” Ele só se riu. O tipo era meio doido, não sei se sabes. Mas parece-me que alguém o deve ter ouvido vangloriar-se, tentou roubá-lo, irritou-se por ele trazer tão pouco dinheiro consigo e atirou-o ao rio. Os trabalhadores das docas que o encontraram dizem que parecia ter batido com a cabeça em qualquer lado, era difícil dizer, com tantas crostas e irritações de pele que o homem tinha. Conhecia-lo bem?

Respirei fundo.

– O suficiente para não lamentar excessivamente a sua morte.

O dono da taberna olhou para mim com uma expressão estranha.

– Precisas de beber qualquer coisa, cidadão.

Tinha recusado o doce do padeiro, mas aceitei o vinho do dono da taberna.

O porteiro da casa de Poplicola informou-me secamente de que o seu senhor não estava a receber visitas. Empurrei-o para o lado, passei por ele e disse-lhe que esperaria no estúdio vermelho. Esperei bastante tempo, o suficiente para passar em revista alguns dos pergaminhos da pequena biblioteca de Poplicola: Aristóteles sobre ética, Platão sobre a vida examinada. A cortina verde que cobria a entrada do estúdio agitou-se. Não foi Poplicola quem entrou, mas Pala.

Era mais baixa do que eu julgara; a elaborada torre de cabelo fazia-a parecer mais alta. Mas era ainda mais bela do que me tinha parecido. À luz reflectida pelas paredes vermelhas, a sua pele tinha

uma luminosidade suave e cremosa. A doce juventude do seu rosto contrastava com o seu olhar experiente e mundano. A tão curta distância, era ainda mais difícil calcular que idade teria.

– Deves ser o Gordiano – disse ela.

– Sou.

– O meu marido está física e emocionalmente exausto com os acontecimentos dos últimos dias. Não pode, de maneira nenhuma, receber-te.

– Acho que devia.

– Ele ainda não te pagou? Rangi os dentes.

– Não sou um instrumento para ser usado e posto de parte. Ajudei-o a descobrir a verdade. Trouxe-lhe certas informações. Agora venho a descobrir que uma família inocente foi obrigada a fugir, e que outro homem está morto, muito provavelmente assassinado para não falar.

– Se te referes àquele desprezível Fugax, concordarás que toda a cidade beneficia em se ter visto livre de semelhante criatura.

– O que sabes acerca da morte dele? Ela não respondeu.

– Insisto em que o teu marido me receba – disse eu. Ela olhou-me com firmeza.

– O que quer que seja que queiras dizer a Poppy, podes dizer-me a mim. Não temos segredos um para o outro, isso são águas passadas. Esclarecemos tudo um com o outro.

– E o teu enteado?

– Pai e filho estão reconciliados.

– Conseguiram resolver todas as questões entre os três?

– Sim. Mas isso não te diz respeito, Descobridor. Tal como dizes, foste contratado para descobrir uma coisa, e fizeste-o. O caso chegou ao fim.

– O fim de Cresto, e de Fugax, queres tu dizer. E quem sabe o que foi feito do padeiro e da sua família.

Ela deu um pequeno suspiro e lançou-me um olhar azedo.

– O escravo Cresto pertencia ao meu marido. A morte dele foi um desfalque nas propriedades do meu marido. Cresto era velho e lento, surripiava a comida do seu senhor e era natural que não tivesse sobrevivido ao próximo Inverno; o seu valor de mercado era

nulo. Cabe a Poppy, e só a ele, procurar ser ressarcido da perda; e, se ele preferir não o fazer, nem tu nem ninguém tem o direito de se intrometer no assunto.

Cruzou os braços e encaminhou-se calmamente para a outra ponta do compartimento.

– Quanto a Fugax, como disse, a morte dele não foi uma perda para ninguém. Devia ser considerada um serviço público! Quando surgiu a ameaça de um julgamento, e depois de uma investigação, ele tentou fazer chantagem connosco. Era um homenzinho estúpido, vil e traidor, e está morto. Isso também não te diz respeito.

Chegou ao extremo do compartimento e voltou-se.

– Quanto ao pasteleiro e à sua família, receberam uma compensação mais do que adequada pelo incómodo.

– A família do homem ocupava aquela loja há várias gerações! Não acredito que se tenha ido embora de livre vontade.

Os maxilares dela ficaram rígidos.

– É verdade que, a princípio, Bébio não foi completamente colaborante. Foi preciso usar uma certa pressão para o fazer ver a razão.

– Pressão?

– A marca preta de um censor ter-lhe-ia trazido vários problemas. Depois de isso lhe ter sido explicado, Bébio percebeu que seria melhor, para ele e para a sua família, partirem definitivamente de Roma e estabelecerem-se noutro lado. Tenho a certeza de que os seus bolos de amêndoa serão tão apreciados em Espanha como eram aqui em Roma.

Poppy vai sentir-lhes a falta, coitado. – As palavras dela não tinham o menor vestígio de ironia.

– Então e eu?

– Tu, Gordiano?

– Eu sabia mais do que todos eles.

– Sim, é verdade. Para ser sincera, eu achei que devíamos fazer qualquer coisa a teu respeito; o meu enteado também. Mas Poppy explicou-nos que tu tinhas jurado pelos teus antepassados manter sigilo, que lhe tinhas dado a tua palavra de honra, de

romano para romano. Esse género de coisa conta muito para Poppy. Insistiu em que te deixássemos em paz. E tinha razão: tu guardaste silêncio. Ele espera que continues a guardá-lo. Com certeza não queres desapontá-lo.

Lançou-me um sorriso sereno, sem o menor indício de remorso. Ocorreu-me que a própria Pala parecia um pedaço de bolo envenenado.

– Como vês – disse ela – tudo se resolveu pelo melhor para toda a gente.

Do ponto de vista legal e político, a questão de Poplicola e do bolo envenenado tinha chegado ao fim. O tribunal da opinião pública, porém, haveria de continuar a julgar o caso, uma vez e outra, durante anos.

Havia quem insistisse em afirmar que a investigação do senado tinha sido manobrada pelo próprio Poplicola; que certas testemunhas vitais haviam sido intimidadas, afastadas, ou mesmo assassinadas; que o censor estava moralmente arruinado, era inapto para o cargo e que a felicidade daquela família era apenas simulada.

Outros defendiam Poplicola, dizendo que os rumores contra ele tinham tido origem em certos ex-senadores ressentidos, desprovidos de escrúpulos morais. Havia mesmo quem argumentasse que o episódio constituía uma prova da sabedoria e do profundo discernimento de Poplicola. Ao ouvir acusações tão chocantes contra o filho e a esposa, muitos homens ter-se-iam precipitado a vingar-se deles, castigando-os pelas suas próprias mãos. Mas Poplicola exercera uma capacidade quase sobre-humana de contenção, impusera uma investigação oficial, e acabara por ver os seus entes queridos ilibados. Poplicola era considerado um modelo da sagacidade romana, pela sua paciência, a sua perseverança e o seu distanciamento, e a sua esposa Pala era admirada como uma mulher que nunca baixara a cabeça mesmo quando tivera de suportar as calúnias mais cruéis.

Quanto ao filho, a carreira política de Lúcio Gélio prosseguiu, relativamente invulnerável ao escândalo. Tornou-se mais activo do que nunca nos tribunais e no Senado, e expressou abertamente a sua ambição de um dia vir a tornar-se censor, na peugada do pai. Só

raramente os alegados crimes que lhe eram imputados voltavam a assombrá-lo, como na ocasião em que entrou em disputa com Cícero num debate cheio de rancor e ameaçou o grande orador com uma eventual bola preta, ao que Cícero replicou:

– Antes isso, Lúcio Gélio, do que um bolo teu!

AS CEREJAS DE LÚCULO

– O que está feito, feito está. Os factos consumados adquirem uma aparência de inevitabilidade, por muito incertos que pudessem ter parecido inicialmente. Não concordas, Gordiano? – Cícero esboçou um sorriso indecifrável.

– Não sei bem se percebi o que queres dizer com isso – respondi.

Atravessávamos calmamente o Fórum numa bela manhã de Primavera. A nossa frente, nuvens brancas e tufadas amontoavam-se no horizonte, por trás do monte Capitolino, qual vasta auréola coroando o Templo de Júpiter, ao passo que em todas as outras direcções o céu estava de um azul imaculado. A aragem amena e quente trazia consigo as toadas dos pássaros poisados nos teixos que cresciam ao longo da encosta do monte Palatino, que se erguia a pique à nossa esquerda. Continuámos a andar a passo lento, detendo-nos quando um grupo de Vestais emergiu do templo circular da respectiva deusa e se cruzou no nosso caminho, de queixo bem erguido e expressão altiva. Uma delas dignou-se lançar um olhar fugaz a Cícero, e eu vi-o dirigir-lhe um leve aceno com a cabeça. Reconheci Fábica, a cunhada do meu amigo; uma vez, há muitos anos, eu tinha-a salvo do terrível destino que espera qualquer Vestal que se atreva a quebrar o voto de castidade. Fábica não pareceu ver-me, ou então evitou deliberadamente o meu olhar. É o que por vezes acontece a quem pede ajuda a Gordiano, o Descobridor, em momentos difíceis; quando, ultrapassada a dificuldade, deixam de precisar de mim, desapareço a seus olhos, como o fumo de um incensório se dissipa com uma aragem, sem deixar rasto aos sentidos.

Cícero, cansado de caminhar, indicou que desejava sentar-se por momentos num banco de pedra ao lado dos degraus do Templo de Castor e Pólux. Apontou para o espaço livre a seu lado, mas eu disse-lhe que preferia ficar de pé mais algum tempo.

– O que queres dizer com isso da inevitabilidade? – perguntei. Cícero murmurou pensativo.

– Como é que dizia o dramaturgo Énio? “Está feito. Da intervenção das Parcas desconfio: como poderia ter sido outro o desfecho?”

– Énio referia-se ao homicídio de Remo por Rómulo, se bem me lembro. Mas, em nome do Hades, de que estás tu a falar, Cícero?

Ele encolheu os ombros e semicerrou os olhos, como que à procura de um exemplo, mas eu suspeitei de que já tinha perfeitamente delineado na sua mente o que queria dizer, estando apenas a ganhar tempo para se aproximar da questão, numa tentativa de que as suas palavras parecessem espontâneas e não ensaiadas. Cícero era advogado, e é assim que os advogados falam; nunca vão directos ao assunto se puderem exercitar os seus circunlóquios. Não valia a pena pressioná-lo. Respirei fundo e decidi que, afinal de contas, era preferível sentar-me.

– Bem, Gordiano, pensa no seguinte: há uns meros dez anos, digamos, durante o consulado do meu bom amigo Lúculo, quem poderia ter previsto com alguma certeza o curso futuro da República romana? A ocidente, o general rebelde Sertório atraía senadores descontentes para Espanha, com o objectivo de estabelecer uma república rival. Sertório e os seus apoiantes afirmavam representar a verdadeira Roma, e davam mostras de tencionar regressar um dia para tomar conta da cidade. Entretanto, a oriente, a guerra contra o rei Mitrídates sofrera uma mudança para pior; começava a parecer que Roma tivera mais olhos que barriga quando invadira os domínios de Mitrídates na Ásia Menor, e que era provável que viéssemos a sentir-nos indispostos com o nosso erro.

“ Foi então que, para piorar a situação, os nossos inimigos decidiram unir forças contra nós! Sertório colocou o seu braço direito, Marco Vário, à cabeça do exército de Mitrídates, de modo que Roma se viu obrigada a combater contra dois generais romanos. A evolução da situação era tanto mais enervante por Sertório ter apenas um olho, tal como Vário! Um perdera o olho direito no campo de batalha, o outro o esquerdo; nunca me lembro de quem perdeu qual. Não obstante o desdém de Aristóteles pelas

coincidências, qualquer historiador te dirá que a Fortuna adora sincronismos estranhos e paralelos curiosos, e que curioso resultado não teria havido, se Roma tivesse sido vencida por dois dos seus próprios generais, um par de homens que, juntos, possuíam um par de olhos, que a maior parte dos homens toma por garantido. Devo confessar, Gordiano, que, em momentos de maior pessimismo, me pareceu que Sertório e Mitrídates triunfariam e dividiriam o mundo entre si; a história teria tomado um rumo bastante distinto, e Roma hoje seria um lugar diferente.

– Mas não foi isso que se passou – disse eu.

– Pois não. Com a sua personalidade autoritária, Sertório acabou por se tornar de tal maneira insuportável para os seus próprios adeptos, que estes o assassinaram. O seu zarolho de confiança, Vário, não era afinal um general tão capaz como se esperava; numa batalha naval ao largo da ilha de Lemnos, Lúculo capturou-o e destruiu-lhe o exército. O rei Mitrídates foi vencido em todas as frentes, e privado dos seus territórios mais apreciados, que hoje prestam tributo a Roma. O que está feito, feito está, e o resultado parece ter sido inevitável desde sempre; o triunfo de Roma foi assegurado, desde o início, pela graça dos deuses, e as coisas nunca poderiam ter sido diferentes.

– Quer dizer que acreditas no destino?

– Roma acredita no destino, Gordiano, pois em todas as etapas da sua história o seu destino foi manifesto.

– Talvez – disse eu, mas tinha as minhas dúvidas. Fazia parte da natureza do meu trabalho intrometer-me, espicaçar as pessoas e perscrutar abaixo da superfície, revolver os tapetes, por assim dizer, e examinar os detritos que haviam sido varridos para debaixo deles; e, segundo a minha experiência, não havia homem algum (nem, por extensão, nação alguma) que possuísse um destino manifesto. Cada homem e cada nação avançavam na vida aos solavancos, frequentemente encaminhando-se para a direcção errada e voltando atrás; cometendo habitualmente um grande número de erros catastróficos e tentando desesperadamente remediá-los antes de avançarem para o erro seguinte. Se os deuses tomavam parte no processo, era geralmente para se divertirem um pouco à custa dos

pobres mortais, e não para lhes iluminar o caminho, rumo a um grandioso trajecto predeterminado. Só os historiadores e os políticos, dotados de um profundo interesse por si próprios e de uma toldada visão retrospectiva, podiam olhar o curso dos acontecimentos e ver nele uma consequência das intenções divinas.

O facto de Cícero ter outra perspectiva não me surpreendia. Nesse momento, aproximava-se a passos largos e determinados do apogeu da sua carreira política. O seu trabalho como advogado nos tribunais granjeara-lhe a amizade das famílias mais poderosas de Roma. A sua ascensão nas magistraturas fora marcada por sucessivas campanhas eleitorais bem sucedidas. Na corrida ao consulado que se aproximava, ele era considerado um óbvio favorito. Quando eu o conhecera, muitos anos antes, Cícero era jovem, inexperiente e muito mais cínico quanto ao funcionamento do sistema; desde então, o sucesso amansara-o e conferira-lhe a aura de auto-satisfação típica daqueles que começam a achar que o próprio sucesso, e o sucesso da cidade e do império que servem, são inevitáveis.

– E, todavia – observei – se as coisas tivessem corrido de forma um pouco diferente, Sertório poderia ter-se tornado rei do Ocidente, fazendo de Espanha a sua capital, e Mitrídates poderia continuar a ser o indiscutível rei do Oriente, tendo Roma sido reduzida a um mero quintal, relativamente ao qual os dois teriam uma ou outra discussão.

Cícero estremeceu só de pensar nisso.

– Ou seja, ainda bem que Sertório foi assassinado, e Mitrídates completamente derrotado por Lúculo.

Pigarreei. Uma coisa era Cícero envolver-se em especulações filosóficas acerca do destino, outra contradizer os factos da história recente.

– Creio que ainda caberá a Pompeu terminar de uma vez por todas a guerra com Mitrídates.

– Sim, Pompeu foi encarregado de pôr fim à guerra, mas Lúculo combateu Mitrídates durante anos a fio, por toda a Ásia Menor, antes de ter sido chamado a Roma e obrigado a ceder o comando a Pompeu. Se Pompeu parece estar a fazer grandes

avanços contra Mitrídates, é porque Lúculo lhe preparou o terreno. – Cícero resfolegou. – Desde que regressou a Roma, que Lúculo é credor de um triunfo pelas suas muitas vitórias no Oriente, mas os seus inimigos políticos têm conseguido privá-lo dele. Bem, esse obstrucionismo está prestes a terminar, e dentro de um ano Lúculo irá finalmente celebrar o seu triunfo; talvez, e seria uma grande honra para mim, durante o ano do meu consulado, no caso de os deuses favorecerem a minha eleição. Portanto, Gordiano, por favor, poupa-me a essa tese de Pompeu ser o único conquistador do Oriente. Lúculo quebrou a espinha ao inimigo; Pompeu limitou-se a avançar para desferir o golpe final.

Encolhi os ombros. Era uma controvérsia acerca da qual eu não tinha uma opinião firme.

Cícero pigarreou.

– Seja como for... gostarias de vir tomar uma refeição com ele esta tarde?

– De tomar uma refeição com quem?

– Com Lúculo, claro.

– Ah... – Acenei com a cabeça. Então era esse o verdadeiro objectivo do desejo de me ver que Cícero manifestara naquela manhã, e o propósito das suas digressões. Desde o início que o assunto em questão fora Lúculo.

– Lúculo convidou-me?

– Convidou. E deixa-me garantir-te, Gordiano, que nenhum homem no seu juízo perfeito recusaria um convite para cear com Lúculo. As conquistas dele a Oriente permitiram-lhe enriquecer muitíssimo, e nunca conheci ninguém que apreciasse tanto esbanjar a sua fortuna. Os jantares dele são lendários, mesmo os que consome sozinho!

Anuí com um aceno de cabeça. Lúculo era um reconhecido epicurista, que se dedicava a gozar a boa vida, entregando-se a todos os prazeres sensitivos. Mesmo durante as campanhas militares, ficara famoso pela extravagância das suas refeições. As multidões de Roma estavam ansiosas pela realização do seu triunfo que, juntamente com uma procissão fabulosa, contaria também com

diversões públicas, banquetes e uma distribuição de presentes a todos quantos assistissem.

– Se Lúculo deseja a minha companhia por que não me contactou directamente? E a que devo a honra do seu convite? Por outras palavras: em que género de embrulhada se meteu Lúculo, e o que espera de mim? A questão do pagamento podia ficar para outra altura; Lúculo não vivia na miséria e podia dar-se ao luxo de ser generoso.

Cícero olhou-me de soslaio.

– Gordiano, Gordiano! Sempre tão desconfiado! Em primeiro lugar, Lúcio Iicínio Lúculo não é o género de indivíduo que mande um escravo entregar um convite a um concidadão a quem ainda não tenha sido apresentado. Não é nada o estilo dele! Ele faz novas amizades através daqueles que já são seus amigos. É muito rigoroso com esse género de coisas; o decoro é muito importante para ele. O que não significa que seja enfadonho; bem pelo contrário. Estás a perceber?

Ergui uma duvidosa sobrancelha.

Cícero resfolegou.

– Pois muito bem. Fui eu que lhe mencionei o teu nome e lhe sugeri que talvez gostasse de te conhecer. E não foi com qualquer propósito perverso: o contexto foi inteiramente inocente. O que sabes acerca do círculo de amigos de Lúculo?

– Para ser franco, nada.

– No entanto, se eu te mencionasse os nomes deles, reconhecê-los-ias sem dúvida alguma. São homens famosos, bem vistos nas respectivas áreas de saber, os melhores de entre os melhores. Homens como Antíoco de Ascalão, o filósofo grego; Arcesislau, o escultor; e, claro, Aulo Arquias, o poeta. Esses três fazem parte da companhia permanente de Lúculo.

– Já ouvi falar deles, claro. É hábito de Lúculo coleccionar amigos cujos nomes comecem pela mesma letra? Cícero sorriu.

– Não és o primeiro a notar isso; Lúculo chama-lhes por vezes “os três A’s”. Trata-se de mera coincidência, sem qualquer significado, como estou certo de que Aristóteles concordaria, apesar da inicial do seu próprio nome. Em qualquer caso, como podes

imaginar, a conversa à mesa de Lúculo costuma ser bastante elevada, incluindo discussões de filosofia, de arte e de poesia e assuntos desse género; até eu, às vezes, me sinto hesitante quanto ao meu próprio valor, és capaz de imaginar tal coisa? – Riu-se alto da sua autodepreciação; por cortesia, soltei uma curta gargalhada.

– Ultimamente – prosseguiu – Lúculo tem-se mostrado muito interessado em discussões sobre matérias como a verdade e a percepção, como sabemos o que sabemos, e como distinguimos o verdadeiro do falso.

– Epistemologia, julgo que é assim que os filósofos lhe chamam.

– Exactamente! Estás a ver, Gordiano, não és totalmente desprovido de instrução!

– Nem me lembro de ter dito que era.

Cícero riu-se, mas eu não o acompanhei.

– De qualquer modo, Lúculo estava a dizer que estava farto de ouvir os mesmos pontos de vista expostos vezes sem conta. Ele já sabe o que Antíoco, Arcesislau e Arquias vão dizer, dados os seus pontos de vista, o filósofo, o artista e o poeta. E sabe o que eu direi, o político! Aparentemente há um problema qualquer que o preocupa, embora não o desvende, nem diga de que se trata, e as nossas velhas ideias não lhe servem de nada. Portanto, quando há uns dias jantei com ele, disse-lhe que conhecia um indivíduo que era muito possível que tivesse algo de novo a oferecer: Gordiano, o Descobridor.

– Eu?

– Não és tão obcecado com a verdade como qualquer filósofo? Não observas a verdadeira forma das coisas com tanto entusiasmo como qualquer escultor e dissecas a falsidade com tanta inteligência como um dramaturgo? Não és tão bom apreciador do carácter como qualquer político? E, o que é mais importante, não aprecias uma refeição sumptuosa e inesquecível tanto como qualquer outro homem? Tudo o que nosso anfitrião pede em troca é a tua companhia e a oportunidade de conversar contigo.

Posta a questão daquela maneira, não vi razões para recusar. Ainda assim, parecia-me que havia por trás do convite mais do que

Cícero estava disposto a admitir.

Para se chegar à villa de Lúculo, passava-se para o exterior das muralhas da cidade pela Porta Fontinal, percorria-se uma pequena distância pela Via Flaminiana e depois subia-se o monte Pinciano. A propriedade estava cercada por um muro de pedra, e só se podia entrar por um portão de ferro guardado. Mesmo depois de se passar o portão, não era possível ver a villa, que se encontrava rodeada por extensos jardins.

Os jardins tinham dado origem a muitos comentários, dado que Lúculo tinha coleccionado centenas de árvores, flores, vinhas e arbustos provenientes de toda a Ásia menor e transportara-os, a custos elevados, para Roma, juntamente com um verdadeiro exército de jardineiros. Algumas das plantas tinham conseguido criar raiz no solo de Itália, outras não, pelo que o jardim ainda era uma obra em desenvolvimento, vendo-se aqui e ali terra por cultivar ou uma planta com aspecto menos satisfeito. Apesar de tudo, a manifesta capacidade artística dos paisagistas de Lúculo era evidente em cada recanto. Subir o caminho pavimentado a pedra que contornava a encosta em direcção à villa, decorado aqui e ali com um banco rústico, uma estátua ou uma fonte, era encontrar, deliciosamente enquadrada, uma vista atrás da outra. Flores desconhecidas desabrochavam em profusão. As folhas das árvores exóticas estremeciam sob o efeito da brisa amena. As latadas estavam carregadas de trepadeiras que davam estranhos frutos. Ocasionalmente, por entre a verdura luxuriante, vislumbravam-se à distância os templos do alto do Monte Capitolino, ou o reflexo sinuoso do Tibre, e a vista obrigava-me a parar para apreciá-la.

Cícero acompanhava-me. Já subira este caminho em caracol muitas vezes, mas parecia satisfeito por se demorar a conceder-me um olhar de espanto.

Por fim chegámos à villa. Um escravo saudou-nos, disse-nos que o seu senhor nos aguardava no Salão de Apolo e pediu-nos para o seguirmos.

Ouvi Cícero soltar uma exclamação e depois um lamento.

– O Salão de Apolo! – sussurrou.

– Conhece-lo? – perguntei, sentindo o meu espanto aumentar à medida que atravessávamos terraços, pórticos e galerias. Para onde quer que dirigisse o olhar, via peças que Lúculo trouxera da Ásia Menor para adornar a sua casa romana. Estátuas gregas, placas ornamentais, esculturas em relevo, balaustradas esculpidas, mosaicos deslumbrantes, tapetes magníficos, tecidos resplandecentes, pinturas coloridas em cera encáustica, mesas e cadeiras soberbamente trabalhadas, e mesmo colunas inteiras de mármore, haviam sido transportadas mar e Tibre acima, para colocarem aos engenheiros, aos arquitectos e aos decoradores de Lúculo o formidável desafio de criar, a partir de elementos tão díspares, um todo harmonioso. Por milagre, tinham conseguido. A opulência e a abundância a cada esquina eram um regalo para a vista; em parte alguma se via mau gosto ou ostentação.

– Lúculo recebe os convidados em diversos salões, dependendo do seu estado de espírito – explicou Cícero. – A cada salão corresponde determinado orçamento para a refeição. As refeições mais simples, que só podem ser consideradas simples pelos padrões de Lúculo, são servidas no Salão de Hércules: a baixela é de prata simples, a cozinha é tradicional romana e os vinhos são de uma casta apenas ligeiramente acima das posses da maior parte dos meros senadores. Lúculo acha o Salão de Hércules adequado a um repasto simples, durante a tarde, quando recebe alguns amigos íntimos, e era aí que eu presumia que fôssemos comer. Mas o Salão de Apolo! Os canapés são sumptuosos, a baixela de prata é deslumbrante, e a comida é digna dos deuses! O vinho será Falerniano, podes ter a certeza. Nenhuma especialidade que o cozinheiro de Lúculo seja capaz de imaginar nos será negada. Se ele me tivesse avisado, teria evitado comer nos últimos dias, para me preparar. O meu pobre estômago já está a gemer de pavor!

Desde que o conhecera, Cícero sempre sofrera de intestino irritável. Sofria menos se mantivesse uma dieta simples mas, tal como a maior parte dos políticos de sucesso, a vida dele tornara-se um rodopio de refeições e de festas, e era pouco delicado recusar as ofertas de um anfitrião.

– O meu estômago já não é o que era – queixara-se-me uma vez, gemendo e agarrando-se ao ventre após um banquete particularmente abundante.

Por fim, passámos sob um pórtico para um átrio magnífico. Numa das paredes, haviam sido rasgadas diversas portas para o terraço, que dava para os jardins, com vista para o monte Capitolino, ao longe. A parede oposta estava coberta de pinturas gloriosas, celebrando o deus Apolo e as suas ofertas à humanidade – a luz do sol, a arte e a música – com as Graças e as Musas na comitiva. Num dos extremos da sala, colocada num nicho, encontrava-se uma grande estátua do deus, escassamente vestido e resplandecente de beleza, esculpido em mármore mas pintado com cores tão realistas, que, por breves instantes, me pareceu que estava a observar um ser de carne e osso.

O salão tinha capacidade para acomodar inúmeros convidados, mas o grupo reunido naquele dia era muito menor. Tinha sido disposto um conjunto de canapés de jantar em semicírculo perto do terraço, onde os convidados poderiam apreciar a brisa amena e perfumada a jasmim.

Aparentemente, fomos os últimos a chegar, pois apenas dois dos canapés permaneciam vazios, os que se situavam de cada um dos lados do nosso anfitrião. Lúculo, reclinado no centro do semicírculo, ergueu os olhos à nossa chegada, mas não se levantou. Vestia uma túnica cor de açafão com elaborados bordados a vermelho e um cinto de prata; usava o cabelo, grisalho nas têmporas, mas ainda abundante para um homem de quarenta e seis anos, penteado para trás, de modo a exhibir a testa proeminente. Apesar da reputação quanto ao seu estilo de vida, tinha uma pele saudável e uma cintura com a dimensão da maior parte dos homens da sua idade.

– Cícero! – exclamou. – É um prazer ver-te... e chegas mesmo a tempo do prato de salmonete. Mandei-os vir de Cumas esta manhã, do viveiro de Orata. O cozinheiro está a experimentar uma nova receita, assá-los num espeto recheados de azeitonas. Afirma que vou desejar morrer depois de prová-los, por ter chegado à

conclusão de que os prazeres da vida não poderão alcançar pináculo superior.

– Seja qual for o prazer, há sempre outro que o supera – respondeu um dos convidados. As feições do homem eram tão semelhantes às do nosso anfitrião, que me apercebi de que tinha de ser o irmão mais novo de Lúculo, Marco Licínio. Dizia-se que eram muito chegados; de facto, Lúculo só decidira candidatar-se ao seu primeiro cargo público quando seu irmão Marco teve idade suficiente para concorrer também, de modo que ambos pudessem ser eleitos edis de curul em parceria; os jogos que tinham organizado para a população nesse ano, o primeiro de sempre em que se viram elefantes lutar com ursos, tinham-se tornado lendários. A julgar pelo comentário, e pelo que trazia vestido, um chiton grego com uma orla de fio de ouro, elegantemente cosida, Marco era tão epicurista como o irmão mais velho.

– Desejar morrer depois de comer um salmonete! Já ouviram coisa mais absurda? – Este comentário, seguido de uma gargalhada para lhe suavizar a brusquidão, veio de um convidado que estava sentado de frente para Marco, e que reconheci de imediato: Catão, um dos senadores mais poderosos de Roma. Catão era tudo menos epicurista; era um estóico, conhecido por defender virtudes fora de moda como a frugalidade, a contenção e o serviço ao Estado. Usava o cabelo cortado rente e vestia uma simples túnica branca. Apesar das respectivas discordâncias filosóficas, ele e Lúculo tinham-se tornado inabaláveis aliados políticos, amigos firmes e, na sequência do casamento de Lúculo, no ano anterior, com a meia-irmã de Catão, Servília, cunhados.

Reclinada ao lado de Catão estava a própria Servília. A julgar pela ostentação da túnica vermelha, pela joalheria de prata e pelo cabelo elaboradamente penteado, partilhava mais das preferências epicuristas do marido do que dos valores estóicos do irmão. As faces maquilhadas e os lábios pintados não me agradavam especialmente, mas ela projectava um género de sensualidade madura que muitos homens deviam achar atraente. A sua silhueta generosamente provida tornava difícil ter a certeza, mas pareceu-me que começava a dar sinais de estar grávida. Servília era a segunda esposa de

Lúculo; havia-se divorciado da primeira, uma das irmãs Clódias, por infidelidade flagrante.

Os outros três convidados eram os amigos gregos de Lúculo que Cícero me havia mencionado. O poeta Árquias, talvez uns dez anos mais velho que o seu patrono, era um homem de pequena estatura com uma barba branca muito bem aparada. Antíoco, o filósofo, era o homem mais corpulento daquela sala, com vários duplos queixos a esconder-lhe o pescoço. O escultor Arcesislau era o mais jovem de todos os presentes, um indivíduo surpreendentemente atraente e extremamente musculado; parecia perfeitamente capaz de brandir um martelo e um cinzel e de deslocar pesados blocos de mármore. Apercebi-me de que o Apolo que se encontrava no nicho do extremo do salão devia ser dele, pois o rosto do deus era estranhamente semelhante a um auto-retrato; era provável que também tivesse pintado a parede, que conferira o mesmo rosto a Apolo. Arcesislau era claramente um artista com imenso talento.

Senti um invulgar arrepio de desconforto. Depois de anos a lidar com a elite de Roma, vendo-a muitas vezes no seu pior ou em momentos de fraqueza, era raro sentir-me pouco à vontade fosse em que companhia fosse, por muito afamada; porém, ali, na companhia do brilhante círculo íntimo de Lúculo, num cenário tão esmagadoramente opulento e, todavia, tão impecavelmente refinado, senti-me decididamente fora de pé.

Cícero apresentou-me. A maior parte dos convidados já tinha ouvido falar de mim; os acenos de cabeça nada antipáticos à menção do meu nome devolveram-me parte da confiança. Lúculo apontou a Cícero o canapé da sua direita e a mim o da sua esquerda.

A refeição foi espectacular – enguia grelhada, veado suculento, galinha assada, e uma ampla variedade de vegetais da época com molhos delicados, tudo acompanhado pelo melhor Falerniano. À medida que o vinho era consumido, a conversa foi-se tornando cada vez mais descontraída, pontuada por gargalhadas. Os membros do círculo de Lúculo estavam completamente à vontade uns com os outros, de tal maneira que pareciam falar numa espécie

de linguagem secreta, cheia de referências veladas e de insinuações codificadas. Senti-me um intruso, com pouco com que contribuir para a conversa; passei a maior parte do tempo a ouvir e a observar.

Servília exibiu uma jóia nova, um colar de pérolas ligadas por uma correia de ouro finamente trabalhada, e gabou-se da pechincha que tinha sido; custara-lhe aproximadamente o mesmo que a minha casa no monte Esquilino. Isto deu origem a uma discussão sobre dinheiro e investimentos, que conduziu a um consenso geral, com a minha abstenção, de que o custo das terras em redor de Roma se tinha tornado superior ao seu valor real, mas que ainda era possível comprar uma casa de campo na Etrúria ou na Umbria, juntamente com os escravos para a governarem, por um valor muito razoável.

Marco Licínio perguntou a Cícero se o rumor que ouvira era verdadeiro, se era provável que o principal rival de Cícero na iminente corrida a cônsul fosse o patrício radical, Catilina. Cícero replicou citando um epigrama grego, cujo sentido me escapou, mas que despoletou gargalhadas nos outros. Falou-se mais de política. Catão queixou-se de um senador seu par que recorrera a um ponto processual obscuro, mas antigo, para vencer estrategicamente os seus opositores. Recusando-se a dizer o nome, Catão referiu-se-lhe usando uma alcunha vagamente indecente – presumivelmente um trocadilho, que para mim não fazia sentido. Acho que se referia a Júlio César.

Aparentemente, Árquias andava a compor um poema épico sobre as campanhas de Lúculo no oriente, e esperava completá-lo a tempo do eventual triunfo do seu patrono. A pedido de Cícero, citou uma nova passagem. A cena, que havia sido testemunhada pelo próprio poeta, era a do afundamento da frota de Marco Vário, o rebelde romano de um só olho, ao largo da ilha de Lemnos. As palavras eram cativantes, conjurando imagens de terror, de sangue e de glória. A dada altura, citou a ordem que Lúculo havia dado aos seus homens quanto ao destino do romano rebelde:

*Tragam Vário vivo, e não morto;
não passem ao fio de espada homem algum de um olho só.*

*Se desobedecerem, arrancar-vos-ei os olhos e lançar-vos-ei
borda fora!*

Pareceu-me ver o rosto de Lúculo ensombrar-se ao ouvir estas palavras, mas aplaudiu-as tão calorosamente como os restantes, e prometeu a Árquias um lugar de honra no seu triunfo.

Durante o prato de faisão com molho de pinhão, a conversa tomou um rumo filosófico. Antíoco era proponente da chamada Nova Academia, uma escola de pensamento que defende que a humanidade possui uma faculdade inata para distinguir o verdadeiro do falso e a realidade da fantasia.

– Podemos inferir a existência de tal faculdade se considerarmos a hipótese oposta, de que ela não existe – argumentou o corpulento filósofo, dando pequenos toques no queixo com o guardanapo para limpar um salpico de molho. – A percepção provém da sensação, e não da razão. Vejo uma taça diante de mim; estendo a mão e pego-lhe. Sei que a taça existe porque os meus olhos e a minha mão me dizem isso mesmo. Ah, mas como sei se posso confiar nos meus olhos e na minha mão nesta circunstância particular? Afinal de contas, por vezes vemos uma coisa que afinal não estava lá, ou, pelo menos, não era o que pensávamos; ou tocamos em algo no escuro e pensamos saber do que se trata, para depois descobrirmos, ao vermos o objecto à luz, que estávamos enganados. Por conseguinte, a sensação, por si só, não é inteiramente fiável; de facto, pode dar-se exactamente o contrário. Assim sendo, como sei eu, neste momento, que o que tenho na mão é uma taça, e não outra coisa qualquer, ou uma ilusão de uma taça?

– Porque todos nós que aqui estamos também a vemos! – disse Marco, rindo-se. – A realidade é uma questão de consenso.

– Que disparate! A realidade é a realidade – disse Catão. – A taça existiria, quer Antíoco e nós a víssemos, quer não.

– Concordo contigo quanto a esse ponto, Catão – disse o filósofo. – Mas o problema mantém-se: como sei eu que a taça existe? Ou melhor, permitam-me que altere a ênfase da pergunta: como é que eu sei que a taça existe? Não é apenas pela visão e pelo

tacto, pois nem sempre eles são fidedignos, nem é por todos concordarmos que existe, apesar do que Marco defende.

– Pela lógica e pela razão – contribuiu Cícero – e pela acumulação das lições da experiência. É verdade que os nossos sentidos nos enganam mas, quando o fazem, apercebemo-nos disso, e aprendemos a reconhecer essa experiência particular, e a diferenciá-la das instâncias em que podemos confiar nos sentidos, baseados também na nossa experiência passada.

Antíoco abanou a cabeça.

– Não, Cícero. Independentemente da lógica, da razão e das lições da experiência, existe em todos os homens uma faculdade inata, para a qual ainda não dispomos de nome, e que é governada não sabemos por que órgão; no entanto, essa faculdade determina, para cada homem, o que é real e o que não é. Se pudéssemos explorar e cultivar essa faculdade, quem sabe a que grau superior de consciência poderíamos elevar a humanidade?

– O que entendes por esse “grau superior de consciência”? – perguntou Marco.

– Um domínio da percepção para lá daquele que actualmente possuímos.

Marco riu-se com ar de quem achava a ideia ridícula.

– Por que supões que semelhante estado existe se, até agora, nenhum mortal o atingiu? É uma suposição sem base na experiência nem na lógica; é uma ideia que estás a atirar ao ar.

– Concordo – disse Catão. – Antíoco está a defender o misticismo e não uma filosofia, ou pelo menos não um género de filosofia que se adapte ao perfil do romano prático. Está muito bem que os gregos passem o tempo a ponderar imponderáveis, mas nós, romanos, temos um mundo para governar.

Antíoco sorriu, para mostrar que não ficava nada ofendido com as palavras de Catão. Abriu a boca para responder, mas foi interrompido pelo nosso anfitrião que, abruptamente, se voltou para mim.

– O que pensas tu, Gordiano? – perguntou Lúculo.

Senti os olhos de todos os presentes convergirem na minha pessoa.

– Penso que...

Olhei para Cícero, que sorriu, achando graça à minha hesitação. Senti-me ligeiramente corado, e pigarreei.

– Penso que a maior parte dos homens é como eu: não dedica muito tempo a pensar nessas questões. Se vejo uma taça, e desejo beber o que ela contém, pego nela e bebo, e pronto. Pelo contrário, se ao pegar numa taça me saísse um ouriço-cacheiro, aí estaria algo que me faria pensar duas vezes. Mas, enquanto as taças forem taças, e o norte e o sul se mantiverem nos eixos, e o sol nascer de manhã, não creio que a maior parte das pessoas pense muito em epistemologia.

Antíoco ergueu uma sobrancelha condescendente. Uma coisa era os outros desafiarem as suas ideias com outras ideias, outra muito diferente era não reconhecer a importância do tópico que ele suscitara. A seus olhos, eu demonstrara ser pouco mais evoluído do que um bárbaro.

O meu anfitrião foi mais indulgente.

– Está muito bem observado, Gordiano, mas acho que não estás a ser completamente sincero, pois não?

– Não percebo bem o que queres dizer.

– Bem, no teu ramo, pelo que Cícero me explicou, creio que deves basear-te bastante na razão ou no instinto, ou em alguma faculdade do género daquela a que Antíoco se referia, para conseguires determinar a verdade. É cometido um homicídio; um familiar vem ter contigo, pedindo-te que descubras o assassino. Se um homem parou de respirar, não precisas de um Aristóteles para determinares que está morto; mas como fazes o resto, descobrir quem o fez, como, quando e porquê? Imagino que algumas provas sejam concretas e indisputáveis, do género de se poderem segurar na palma da mão, um punhal ensanguentado, digamos, ou um brinco desirmanado. Mas deve haver uma vasta zona de fronteira, onde os indicadores não são tão precisos. Por vezes, as testemunhas de um crime contam versões diferentes dos acontecimentos...

– Inevitavelmente! – afirmou Cícero com uma gargalhada.

– Ou uma pista pode apontar na direcção errada – continuou Lúculo – ou um homem inocente incriminar-se deliberadamente para

proteger outro. Tens de distinguir as mentiras da verdade, dar mais relevância aos factos importantes do que aos triviais. As urdiduras e as tramas da realidade têm de ser minuciosamente examinadas, em busca de padrões e inconsistências que poderiam escapar ao escrutínio de um... “descobridor”, como creio que Cícero te chama, menos consciencioso. De facto, Gordiano, creio que deves ter ocasiões frequentes para aplicar os princípios da epistemologia mais rigorosamente do que qualquer dos presentes nesta sala. Suspeito de que se tenha tornado uma espécie de segunda natureza para ti; nadas num mar de filosofia prática e nunca pensas no assunto, como um golfinho nunca pensa se está molhado.

– Talvez – reconheci, com dúvidas quanto ao que ele queria dizer, mas agradecido por me ter feito parecer menos cretino.

– Então como é que progrides? – perguntou Lúculo. – Isto é, na descoberta da verdade? Aplicas algum sistema particular? Ou fias-te na intuição? Consegues ver se um homem está a mentir, apenas olhando-o nos olhos? E, se assim for, isso não será uma indicação de que existe, de facto, uma faculdade inata como a que foi sugerida por Antíoco, talvez mais desenvolvida em determinados homens, homens como tu, do que noutros?

Os convidados fitavam-me agora atentamente, seriamente interessados no que eu iria dizer. Respirei fundo.

– De facto, Lúculo, tenho reflectido nestas questões ao longo dos anos. Se aceitarmos que uma coisa tem de ser verdadeira ou falsa, uma coisa ou outra, então as questões mais complexas podem ser analisadas dividindo-as em questões progressivamente mais pequenas, determinando em cada caso que proposição é verdadeira e que proposição é falsa. As unidades mais pequenas de verdade combinam-se formando unidades maiores, até que finalmente emerge uma verdade maior. Por vezes, ao investigar as circunstâncias de um crime, imagino que estou a construir uma parede de tijolos. Cada tijolo tem de ser sólido, caso contrário toda a parede vem abaixo. Por isso, é apenas uma questão de testar cada tijolo antes de o colocar no lugar. Será aquela peça verdadeira ou falsa? Se for verdadeira, pode integrar a construção; se for falsa, é posta de parte. Claro que, por vezes, engano-me, e só me apercebo

disso depois de ter colocado várias camadas de tijolos; nesses casos, pode ser complicado voltar atrás e corrigir o erro.

-Ah, mas como ocorre esse erro? – perguntou Antíoco, num tom de voz que indiciava que começara a simpatizar um pouco comigo.

– Por falta de cuidado, por confusão ou devido a um lapso de concentração.

– E como reconhecês o erro? Encolhi os ombros.

– Mais tarde ou mais cedo, dou um passo atrás, olho para a parede e vejo que há qualquer coisa de errado. Há qualquer coisa que não bate certo: um dos tijolos não encaixa bem nos outros.

– Ah, mas aí tens mais um indício da existência da faculdade de que eu falava! – observou Antíoco. – Essa sensação de “quando se vê, detecta-se”. De onde é que ela vem? De uma capacidade inata para distinguir o verdadeiro do falso.

– Um sentido inato que, aparentemente, nem sempre funciona – comentou Marco, dando uma gargalhada.

– O facto de esta faculdade não ser infalível não prova que não exista – afirmou Antíoco. – Pelo contrário, é mais um sinal da sua existência. Nenhuma outra faculdade humana é infalível, por que haveria esta de sê-lo? A perfeição só existe no mundo ideal que Platão postulou...

Nesta altura, a conversa derivou para outras questões filosóficas acerca das quais Lúculo não me fez perguntas; aliviado, abster-me de participar. Mas pareceu-me que a minha curta investida no debate havia sido deliberadamente engendrada por Lúculo, para poder observar-me e fazer um juízo a meu respeito. Com que propósito? Não sabia. Teria eu satisfeito as suas expectativas? Também não sabia.

Passei o resto da refeição a observar os outros. O corpulento Antíoco era o mais falador e assertivo e, em semelhante companhia, isso não era dizer pouco. Catão tendia a entrar no debate apenas em reacção aos outros, normalmente para os censurar ou para escarnecer deles. Sua irmã Servília só falava quando a conversa tinha a ver com mexericos ou com dinheiro, mantendo-se em silêncio quando versava a política e a filosofia. O poeta Arquias

contribuía de quando em quando com um epigrama, alguns mais adequados à conversa do que outros. Marco Licínio parecia do tipo satisfeito, apreciando todos os pratos da refeição e todos os rumos da discussão. Cícero estava conversador e bem-humorado, mas, ocasionalmente, via-o tocar na barriga e encolher-se. Tal como ele receara, a refeição era excessivamente requintada para a sua constituição dispéptica.

Aquele que menos falava – de facto, mal falava – era o escultor Arcesislau. Tal como eu, parecia satisfeito com a apreciação da comida e do vinho, e a observação dos outros. Mas a sua expressão facial era vagamente desdenhosa; mesmo quando Arquias se saiu com um epigrama que nos lançou a todos num alarido de riso, ele mal sorriu. Seria tímido e reservado, como acontece com muitos artistas, ou seria arrogante, como podia dar-se o caso, sendo ele um jovem atraente de grande talento? Ou estaria a cismar em qualquer coisa? Não fui capaz de formar uma opinião clara acerca dele.

O estado de espírito, regra geral leve e festivo, toldou-se por momentos, quando a conversa versou sobre o pai de Lúculo e o seu triste fim. Cícero estivera a falar – a vangloriar-se, na realidade – da sua primeira intervenção de relevo como advogado na Rostra, em defesa de um cidadão acusado de parricídio. Recorrera aos meus serviços para investigar o assunto, e foi assim que nos conhecemos. O resultado do julgamento tornou Cícero um homem famoso em Roma, lançando-o no caminho que o conduziria ao actual pináculo de sucesso. Ele nunca se cansava de contar o episódio, mesmo àqueles que já o conheciam, e teria continuado a contá-lo não fosse Catão tê-lo interrompido.

– Também foi assim contigo, não foi, Lúculo? – perguntou Catão. – Ganhaste fama com a tua primeira intervenção nos tribunais, apesar de teres perdido o caso.

– Creio que sim – disse Lúculo, subitamente reticente.

– De facto, recordo-me bem do caso, apesar de parecer ter passado uma eternidade – prosseguiu Catão. – O teu pai foi encarregado de pôr fim à grande revolta de escravos na Sicília. As coisas correram-lhe bem a princípio, depois pior, e ele foi chamado a

Roma. Mal acabara de regressar quando um dos seus inimigos o acusou de comportamento oficial condenável, tendo levado a acusação aos tribunais. Ele foi considerado culpado e exilado, coitado. Mas os filhos não o esqueceram! Assim que teve idade suficiente para argumentar na Rostra, o nosso Lúculo desenterrou os podres do acusador do pai e levou o homem a julgamento. Toda a gente em Roma tomou partido: houve revoltas e derramamento de sangue no Fórum. No final, Lúculo perdeu o caso e o indivíduo escapou, mas o verdadeiro vencedor foi o nosso Lúculo, cujo nome andava na boca de toda a gente. Tanto amigos como inimigos reconheceram nele o modelo acabado do filho romano leal.

– E de alguém com quem era melhor não se meterem – acrescentou Marco, olhando para o irmão com admiração.

Eu conhecia mal a história do pai de Lúculo e da juventude do próprio Lúculo, e gostaria de ter ouvido mais pormenores, mas era manifesto que o nosso anfitrião não estava com disposição para falar no assunto. Baixou os olhos e ergueu a mão, como quem pede que o assunto fosse abandonado. O silêncio encheu abruptamente o salão, prolongando-se para desconforto geral, até que Arquias, pigarreando, declamou um dos seus epigramas:

Razão têm os Trácios quando fazem o luto da criança na própria manhã do seu nascimento. Razão têm também quando festejam o facto de a morte ter arrebatado algum mortal idoso desta terra. Por que não? A taça da vida está cheia de tristeza, a morte é o remédio para todas as suas loucuras.

Ergueu a taça. Todos nós, incluindo Lúculo, fizemos o mesmo, e o vinho que partilhámos dissipou a apreensão que se fizera sentir na sala.

A refeição durou pelo menos três horas, mas tinha começado tão cedo que o Sol ainda estava bem acima do horizonte quando Lúculo anunciou que era chegado o momento do último prato.

– Qualquer coisa doce, espero – disse Antíoco.

– É realmente doce – replicou Lúculo. – De facto, o último prato foi a razão principal por que vos convidei hoje a todos, para poderem partilhar o meu prémio. – Soergueu-se do canapé e fez-nos sinal para que fizéssemos o mesmo. – Levantem-se todos!

Levantem-se e sigam-me! As primeiras cerejas estão maduras, e será hoje que vamos apreciá-las!

Dos outros, à medida que se soerguiam, ouvi murmúrios satisfeitos de antecipação. Coloquei-me ao lado de Cícero e segredei-lhe:

– O que são estas “cerejas” a que Lúculo se refere?

– Um fruto requintado, que ele trouxe dos domínios de Ponto e do mar Euxino. Crescem em árvores pequenas e há muitas variedades delas, de peles brilhantes em vários tons de vermelho. São todas doces, todas esplendidamente deliciosas! Tive o privilégio de saborear algumas das cerejas de Lúculo no ano passado por esta altura. Que maravilha ele ter-me convidado para voltar a saborear a colheita deste ano! – Cícero sorriu. – O irmão dele, Marco, afirma que mesmo se as guerras de Lúculo contra Mitrídates não tivessem dado outros lucros, teria valido a pena o esforço só para trazer cerejas para Roma!

Lúculo avançou à nossa frente para o terraço e desceu o carreiro de lajes que serpenteava pelo meio de um pequeno pomar de árvores baixas de folhagem densa. Os ramos estavam carregados de um fruto que eu nunca tinha visto. As cerejas, assim se chamavam, pendiam em grandes cachos. A espécie era diferente de árvore para árvore: umas eram vermelhas cor de sangue, outras cor-de-rosa, e outras quase pretas. Lúculo demonstrou a facilidade com que se podia colhê-las, alcançando e arrancando uma mão cheia de uma só vez.

– Cuidado: o sumo pode manchar-vos as vestes. E cuidado com o caroço. – Para exemplificar, atirou uma cereja à boca e cuspiu a semente para a mão. Fez uma expressão de quem saboreava algo sublime. Depois de engolir, sorriu. – Todas estas conversas sobre filosofia e política, que irrelevantes parecem quando se pode descobrir a simples e pura alegria de comer uma cereja. E depois outra, e mais outra!

Entre muitas risadas, todos nos juntámos a ele, colhendo as cerejas e levando-as à boca. Ali estavam alguns dos indivíduos mais sofisticados de Roma, entregues a uma euforia infantil motivada pela alegria simples de comer cerejas.

– Sensacional! – disse Árquias, com o sumo das cerejas a escorrer-lhe pelo queixo. – Tenho de compor um poema a celebrar esta colheita de cerejas.

Cícero suspirou.

– São ainda mais maravilhosas do que eu me lembrava.

Até o severo Arcesislau sorria, ao participar na alegria de comer cerejas.

Senti uma mão no ombro, e ao voltar-me descobri que pertencia ao meu anfitrião.

– Anda, Gordiano – disse em voz baixa. – Quero mostrar-te uma coisa.

Deixando os outros para trás, Lúculo conduziu-me até uma árvore situada no canto mais afastado do cerejal. Os seus ramos eram mais rugosos e as folhas mais luzidias do que as das outras cerejeiras, e as cerejas eram as maiores e mais globulosas que já vira, de um tom quase púrpura.

– De todas as cerejeiras que trouxe do Ponto, esta espécie é a mais extraordinária. Os gregos do Ponto preservaram o nome antigo que os bárbaros aborígenes davam a esta cereja. Acho a palavra impronunciável, mas disseram-me que se traduz por “A-Mais-Preciosa-de-Todas”, e é o que estas cerejas são. O sabor é doce e muito complexo, a princípio subtil, depois extremamente intenso. E a pele é muito, muito delicada. A maior parte das outras cerejas são transportáveis; podem-se colocar num cesto e atravessar a Itália com elas, para as levar a um amigo. Mas estas são tão delicadas, que dificilmente sobrevivem à queda da árvore. Para as apreciarmos, temos de as comer, literalmente, da árvore, e, mesmo assim, podem rebentar se as puxarmos com pouco cuidado.

Lúculo alcançou uma das cerejas escuras e globulosas. Aparentemente, nem teve de a arrancar; o pesado fruto pareceu cair-lhe na palma da mão de sua livre vontade.

– Aqui está algo evanescente – murmurou – uma sensação de tal forma única, que é impossível descrevê-la, só pode ser experimentada: a cereja que apenas pode ser comida debaixo da cerejeira, de tão frágil que é. Como tal, tem outra vantagem prática: não pode ser envenenada.

Ergui uma sobancelha.

– Isso é uma preocupação real? Lúculo sorriu sem alegria.

– Um homem como eu nunca está livre de inimigos.

– Mas não vi provadores durante a refeição.

– Isso foi porque a ideia era não os veres. Estendeu o braço e ofereceu-me uma cereja.

– Para ti, Gordiano, a primeira Mais-Preciosa-de-Todas da estação.

– Concedes-me uma grande honra, Lúculo. – Pela qual me pedirás, sem dúvida, alguma coisa em troca, pensei. No entanto, aceitei a cereja e meti-a na boca.

A pele era macia e quente, e tão fina que pareceu dissolver-se ao mero contacto com os meus dentes. A polpa da cereja pesou-me sensualmente na língua. O sumo doce inundou-me a boca. A princípio fiquei desiludido, pois o sabor pareceu-me menos intenso que o das cerejas que acabara de provar. Depois, no momento em que localizei o caroço com a língua e o passei pelos lábios, todo o sabor da cereja me inundou os sentidos com uma intensidade inebriante. Lúculo viu a minha reacção e sorriu.

Engoli. Gradualmente, a precedência exigida pelo sentido do paladar retrocedeu e os outros sentidos voltaram a estar alerta. Apercebi-me da mudança de luz, dos raios de sol de um dourado-escuro atravessando o denso cerejal, cada vez mais baixos. Ouvi o riso distante dos outros, que ainda não nos haviam seguido.

– Por que me convidaste a vir hoje a tua casa, Lúculo? – perguntei calmamente. – O que queres de mim?

Ele suspirou. Apanhou outra cereja, mas não a comeu; manteve-a na concha da mão, olhando-a fixamente.

– Quão passageiros e ilusórios são os prazeres da vida; e quão duradouros são o sofrimento e a amargura, as desilusões e as perdas. Quando me tornei general, estava decidido a ser o melhor general possível, e a não repetir o fracasso do meu pai; mas também estava decidido a não causar destruição quando não fosse necessário. Tantas gerações de homens trabalharam arduamente para construir as poucas minas de beleza e de conhecimento deste mundo; e, no entanto, através do fogo e da espada, as suas

conquistas podem ser destruídas em poucos minutos, e a sua memória reduzida a cinzas. É uma grande responsabilidade controlar o poderio das legiões romanas; jurei que Sula seria o meu modelo, tal como fora meu mentor noutras questões. Sula salvou Atenas quando teve oportunidade de a saquear e a destruir, deixando com esse gesto um grande legado às gerações vindouras. O que eu menos queria era ganhar uma reputação semelhante à de Múmio, da época dos nossos avós, o Múmio que destruiu implacavelmente a cidade de Corinto e que nunca passou por um templo grego sem o pilhar. E, no entanto...

Lúculo contemplou a cereja que tinha na mão, como se ela contivesse algum mistério.

– Esta árvore veio de um pomar situado perto de uma cidade chamada Amiso, no Ponto. Já ouviste falar de Amiso?

Abanei a cabeça.

– Não era uma cidade particularmente bela nem rica, mas possuía a distinção de ter sido fundada há muito tempo como colónia de Atenas. Amiso era um pilar de civilização na mais longínqua extremidade do mundo. De todos os horrores e atrocidades que ocorreram durante a guerra com Mitrídates, o cerco de Amiso foi o que me causou mais desespero. O comandante inimigo que detinha o controlo da cidade percebeu que as minhas forças acabariam por vencê-lo, pelo que engendrou um plano de fuga que incluía atear fogo a parte da cidade. O incêndio distraiu os meus homens, deteve-os durante algum tempo, e ocultou o movimento das tropas do inimigo em direcção ao mar, onde embarcaram e partiram para longe, deixando a cidade indefesa. Quando me apercebi da situação, quis manter a disciplina entre as minhas tropas. Dei ordens para que extinguissem os incêndios e ocupassem a cidade de forma ordeira. Mas não foi isso que aconteceu.

Os homens estavam impacientes após o cerco prolongado, cheios de fúria contida, frustrados pelo facto de a cidade ter sido tomada sem derramamento de sangue e desejosos de pilhá-la. Os meus oficiais não conseguiram detê-los. Irromperam pela cidade indefesa, violando rapazes e mulheres, matando velhos para saciar o

seu desejo de sangue, derrubando estátuas, esmagando mobílias, partindo tudo o que fosse quebrável pelo mero prazer da destruição. Foram negligentes quanto aos incêndios, chegando mesmo a ajudar a propagá-los, pois a noite caíra e precisavam de luz para prosseguir com o saque, pelo que acendiam tochas e as atiravam para o chão sem cuidado, chegando a incendiar casas e mesmo pessoas. A destruição de Amiso durou uma longa noite sangrenta de fogo e de caos. Eu fiquei a ver, incapaz de os deter.

Olhou a cereja mais um momento, depois deixou-a cair. O fruto atingiu o pavimento de pedra e rebentou, deixando ver a polpa vermelha cor de sangue.

– Percebes, Gordiano? Eu queria ser Sula; em vez disso, fui Múmio.

– Mesmo com as melhores intenções, nenhum de nós consegue contrariar as Parcas – observei eu.

Ele anuiu com um aceno de cabeça.

– E alguma coisa de bom resultou do cerco a Amiso. Trouxe para Roma esta árvore, que dá a cereja a que eles chamam “A-Mais-Preciosa-de-Todas”.

Ouvi as gargalhadas dos outros convidados. Comendo cerejas de uma e outra árvore, haviam-se aproximado de nós.

– Os teus outros convidados em breve estarão junto de nós – disse eu. – Se desejas contar-me alguma coisa...

Ele assentiu com a cabeça, regressando ao presente.

– Sim. Sim, há uma questão que gostaria de discutir contigo. Olha para ali, Gordiano. Vês aquele jardineiro a trabalhar do outro lado do caminho, a cuidar de uma roseira?

Espreitei para lá das folhas e dos ramos. O homem estava inclinado, a podar os pés de uma roseira. Os últimos raios de sol reluziam na sua lâmina afiada.

– Estou a vê-lo – respondi, embora, devido ao chapéu de abas largas que o homem usava, pouco conseguisse ver do seu rosto excepto a curta barba grisalha.

– Gordiano, recordas-te de há pouco, quando Arquias citou o poema que está a compor para o meu triunfo, daquela parte sobre Vário, o general rebelde?

– Claro, “Não passem ao fio de espada homem algum de um olho só...”

– Exactamente. Quando Arquias declamou esses versos, o meu rosto ensombrou-se. E tu reparaste nisso.

– Talvez.

– Não sejas acanhado, Gordiano! Senti que estavas a observar-me. Tu reparas em coisas que os outros não notam.

– Sim, Lúculo, vi a tua reacção e perguntei-me a que se deveria.

– O poema é fiel ao que se passou, excepto num aspecto. Eu queria que Marco Vário fosse capturado vivo, e foi. Os meus homens trouxeram-mo acorrentado.

– E tu foste misericordioso com ele.

Ele lançou-me um breve sorriso descontente.

– Não exactamente. A minha intenção era mantê-lo vivo para o obrigar a marchar pelas ruas de Roma durante o meu triunfo. Bem sabes o que acontece em semelhantes procissões a um inimigo capturado: as pessoas cospem-lhe em cima, amaldiçoam-no e arremessam-lhe leite azedo. De seguida, como traidor que era, Marco Vário seria despenhado da Rocha Tarpeia.

– Falas como se nada disso vá acontecer.

– Não, porque Vário fugiu. Na minha viagem de regresso, já com a Sicília à vista, ele arranjou maneira de se libertar dos grilhões, de abrir caminho até ao convés e de saltar borda fora. Demos meia volta e navegámos atrás dele, mas o sol ofuscava-nos a visão e perdemos-lhe o rasto. A corrente estava forte. A costa estava bastante distante; talvez um nadador resistente pudesse ter conseguido alcançá-la, mas Vário devia estar enfraquecido, dado que tinha estado preso, e um dos meus homens tinha a certeza de o ter ferido. Era quase certo que tinha sido engolido pelo mar e morrido afogado.

– Recebeste informações do contrário?

– Nem o mais pequeno rumor. Sei em que estás a pensar: Vário era um homem de importância considerável, tinha a cabeça a prémio e uma característica distintiva, a falta de um olho. Se

conseguiu sobreviver, ou fugiu para fora do alcance de Roma, ou escondeu-se numa obscuridade tal, que é como se estivesse morto.

– Aparentemente, seja de que modo for, vivo ou morto, Vário não tem qualquer utilidade para ti neste momento. Terás de dispensá-lo como ornamento do teu triunfo.

Lúculo ergueu uma sobrancelha.

– Cícero avisou-me da tua queda para o sarcasmo. Mas foste direito à questão. Poupei a vida a Vário com o propósito específico de o trazer para Roma vivo. Ele fugiu e estragou-me os planos. No fim de contas, foi o mesmo que se tivesse pedido aos soldados que me trouxessem a cabeça dele na ponta de uma lança. No entanto...

– Voltou novamente a sua atenção para o escravo que estava a podar as roseiras. – Tu, aí! Jardineiro!

O homem interrompeu o que estava a fazer e olhou na nossa direcção. Quando viu quem falava, baixou rapidamente a cabeça, de modo a que os seus olhos ficassem escondidos pela aba do chapéu. Não cheguei a ver-lhe o rosto.

– Sim, senhor? – gritou.

– Vem cá.

O jardineiro arrastou os pés na nossa direcção, sempre de cabeça baixa.

– Aí, já chega – disse Lúculo. O homem estava a vários passos de distância de nós. – Há quanto tempo estás cá, a trabalhar nos meus jardins?

– Desde o início da Primavera, senhor. Fui comprado em Atenas por um dos teus representantes e trazido para aqui, para tratar das tuas rosas. Toda a minha vida o fiz, senhor, tratar de rosas. – O homem falava um latim sofrível com sotaque grego. Continuou a evitar erguer os olhos, como que por temor ao seu senhor.

– Como te chamas? – perguntou Lúculo. – Sim, sim; eu sei que já to perguntei, mas diz-me outra vez.

– Moto, senhor. – O homem remexia nervosamente a lâmina de podar que tinha nas mãos.

– Deixa-me ver-te a cara.

Moto ergueu o queixo. Pestanejou e semicerrou o único olho que tinha, onde o último raio de sol batera em cheio; não tinha o outro olho. A ferida sarara há muito. Tinha uma cicatriz no lugar onde deveria ter o olho.

– Como perdeste esse olho, Moto? – perguntou Lúculo. A voz dele era estranhamente desprovida de entoação.

O homem suspirou. Via-se que já tinha contado a história.

– Foi há muito tempo, senhor. Piquei-me no espinho de uma rosa. Parecia um ferimento insignificante, a princípio, mas depois agravou-se. Tive febre durante muitos dias; quase morri. Por fim melhorei, mas perdi o olho.

Lúculo assentiu com a cabeça. – Podes voltar ao teu trabalho... Moto.

Com ar aliviado por poder ir-se embora, o homem arrastou-se de regresso ao roseiral.

Lúculo agarrou-me o cotovelo com mais força do que seria necessário e puxou-me para a sombra escura de uma cerejeira.

– Viste, Gordiano?

– Vi o quê?

– Ele só tem um olho!

– Sim, vi. E então?

Lúculo baixou a voz até ela se tornar um sussurro.

– O rosto dele já não está igual. Está diferente, mais magro, mais vincado... mas um homem pode mudar de cara se tiver força de vontade para isso. E a voz dele está diferente, tenho de admiti-lo, mas qualquer um pode fingir que fala com aquele sotaque...

– O que queres dizer com isso, Lúculo?

– Aquele escravo, o jardineiro que diz chamar-se Moto, tenho quase a certeza de que, na realidade, é... Marco Vário.

– O quê? Com certeza que não! Não consegues ter a certeza, apenas de olhar para ele?

– Os olhos não são fiáveis; os olhos enganam. Há aquela outra faculdade, que Antíoco postula, um sentido da certeza...

– Parece muito pouco provável que Vário fugisse das tuas garras para depois aparecer disfarçado de tratador de roseiras no teu jardim, Lúculo. – Quase me ri, mas a expressão do rosto dele

impediu-me de o fazer. Lúculo não podia estar a falar mais a sério. – Haverá seguramente quem tenha conhecido Vário aqui em Roma, antes de ele se ter tornado traidor e se ter associado a Sertório, homens que poderiam identificá-lo sem qualquer dúvida. Reúne alguns desses indivíduos e pede-lhes que venham dar uma olhadela a este Moto...

– Já o fiz, Gordiano.

– E qual foi o resultado?

– Todos à uma, negam que este indivíduo seja Marco Vário.

– Bem, então...

– Estão a mentir! Ou então Vário conseguiu enganá-los por meio de algum truque.

Abanei a cabeça.

– Não compreendo. O que te leva a pensar que ele seja Vário?

– Eu não penso que ele seja Vário. Eu sei que é. O conhecimento surgiu-me de forma fulminante, no momento em que os meus olhos o viram pela primeira vez. Deve ser o que Antíoco afirma: temos uma faculdade de discernir o verdadeiro do falso, que provém de uma fonte não limitada aos cinco sentidos, ou àquilo a que chamamos razão. Aquele homem é Marco Vário. Sei-o, e pronto!

Olhei para o jardineiro, que se encontrava do outro lado do caminho. Estava inclinado, ainda a podar as roseiras apesar da falta de luz. Senti uma pontada de pavor, imaginando o desfecho que a louca convicção de Lúculo poderia ter, caso ele decidisse agir em conformidade.

– Lúculo, foi por isso que me convidaste hoje, para me questionares acerca deste homem, e de qualquer... incerteza relativamente à sua identidade?

– Eu sei que as circunstâncias são estranhas, Gordiano, muito estranhas. Mas ainda não te contei a coisa mais estranha, que nem eu consigo explicar.

O meu temor aumentou. Mais alto do que as pulsações do meu coração, ouvi o riso dos outros convidados, que estavam agora prestes a juntar-se-nos; vi-os como sombras convergindo para nós na penumbra.

– O quê, Lúculo? – murmurei.

– Este indivíduo que diz chamar-se Moto, recordas-te de qual dos olhos lhe falta? Pensa bem!

– Não preciso de pensar – respondi. – Acabei de olhar para ele. Falta-lhe o olho direito.

– Tens a certeza, Gordiano?

Franzi os olhos. Passei em revista a imagem do homem que tinha na memória.

– A certeza absoluta. Ele não tem o olho direito. Lúculo ficou com uma expressão lívida.

– E, no entanto, a Vário faltava o olho esquerdo. E aqui está ele, a fazer passar-se por este escravo, Moto, e, como tu próprio pudeste testemunhar, falta-lhe o olho direito. Como pode tal coisa ser possível, Gordiano? Como pode tal coisa ser possível?

– Adoraria lá ter estado, Gordiano! Fala-me outra vez dessas cerejas. – O meu bom amigo Lúcio Cláudio sorriu tristemente e fez sinal ao escravo que estava atrás dele, para que recomeçasse a adejar uma vara comprida encimada por um leque de penas de pavão, de modo a fazer circular o ar. Estávamos reclinados em canapés, à sombra de uma figueira, no jardim da casa de Lúcio Cláudio, no Monte Palatino. O tempo estava muito mais quente do que na véspera.

O meu querido amigo, sempre corpulento, estava mais gordo do que nunca; a sua pele, sempre rosada, tornara-se assustadoramente corada. Os caracóis de um ruivo alaranjado pendiam frouxamente sobre a testa, e a sua respiração, mesmo em repouso, era ligeiramente esforçada. Fazia agora uns catorze anos que o conhecera e a idade começava a deixar as suas marcas. Ocorreu-me que uma refeição sumptuosa como a que Lúculo nos servira na véspera era a última coisa de que Lúcio Cláudio precisava.

– Nunca provaste as cerejas de Lúculo? – perguntei.

– Nunca! Claro que ouvi falar delas, e ouvi dizer que a casa e os jardins são fabulosos; mas nunca fui convidado. Imagine-se! Gordiano, o Descobridor, superou-me na frente social! Estou de facto com bastante inveja de ti. Mas também nunca me senti à vontade no rarefeito círculo intelectual dos irmãos Lúculo; todos aqueles disparates pseudo-artísticos e filosóficos tiram-me a paciência. E,

nos tempos que correm, raramente saio de casa. Os transportadores das liteiras queixam-se de que me tornei pesado demais para me carregarem pelas Sete Colinas acima e abaixo.

– Não se queixam nada!

– Talvez não em voz alta; mas ouço-os arquejar e resmungar. E, agora que chegou o tempo quente, está demasiado calor para sair de casa. Vou-me instalar à sombra desta figueira e ficar quieto até ao Outono.

– E a tua propriedade etrusca? Tu adoras ir lá no Verão. Ele suspirou.

– Devia oferecer-te, Gordiano. Gostavas de ter uma quinta onde passar a reforma?

– Não sejas ridículo! O que percebo eu de quintas?

– E, no entanto, queixas-te constantemente das indignidades da vida citadina. Talvez te deixe a quinta em testamento.

– Fico muito comovido, Lúcio, mas provavelmente vais viver mais uns bons dez anos do que eu – repliquei com ligeireza, mas senti uma pontada de ansiedade pelo facto de Lúcio falar em testamentos; sentir-se-ia doente? – Além do mais, estás a mudar de assunto. Esperava que me contasses mais coisas sobre Lúculo. – Lúcio Cláudio era sempre uma fonte de mexericos, especialmente acerca da classe governante.

Os olhos iluminaram-se-lhe com uma expressão maliciosa.

– Ah, deixa-me pensar. Bem, para começar e pelo que dizes, parece-me que Catão referiu com excessivo pormenor a questão do pai de Lúculo e o seu fim escandaloso.

– Sim, fiquei perplexo com isso. – Por duas vezes vira o rosto de Lúculo ensombrar-se durante o banquete: primeiro, quando Arquias recitara os versos relativos à captura do Vário de um só olho, e depois, novamente, quando Catão narrara o episódio do pai de Lúculo. – Pareceu-me bastante radical exilar o velho Lúculo só porque a sua campanha contra a revolta de escravos na Sicília se tinha ido abaixo.

– Oh, o crime dele foi muito mais grave do que a mera derrota numa batalha ou duas! Quando o Senado chamou o velho Lúculo, pondo fim ao seu comando, foi o comportamento subsequente do

homem que foi imperdoável, e bastante inexplicável, pelo menos para quem o conhecia, porque o velho Lúculo sempre fora um modelo de probidade e de equilíbrio de temperamento. É que, em vez de tomar a atitude mais honrosa, a decisão normal, quando foi chamado, deixar provisões, mapas e arquivos de informação para uso do seu sucessor, o velho Lúculo destruiu tudo. Esmagou as armas, atirou as reservas de comida ao mar, e chegou a queimar mapas e registos dos movimentos das tropas. Foi muito estranho, porque ele nunca se comportara como um homem rancoroso; tinha uma personalidade parecida com a dos filhos, e tu viste como são agradáveis e de bom trato. Daí a razão para o castigo ter sido tão controverso; muitos dos seus amigos e aliados aqui em Roma recusaram-se, pura e simplesmente, a acreditar que o velho Lúculo tivesse feito coisa tão vil. Mas as provas eram irrefutáveis, e o tribunal condenou-o unanimemente por conduta imprópria, e mandou-o para o exílio.

– Que idade tinham os filhos dele na altura?

– Eram umas crianças. O nosso Lúculo não devia ter mais de dez anos.

– O julgamento do pai deve ter sido uma provação terrível para ele.

– Tenho a certeza de que foi; no entanto, acabou por voltá-la a seu favor. Em vez de se retirar do mundo por vergonha ou amargura, mal chegou à idade, Lúculo desenterrou os podres do homem que acusara o pai e levou o indivíduo a tribunal. Toda a gente sabia que era uma acusação motivada pela vingança, mas muitos ainda nutriam simpatia pelo velho Lúculo e sentiram-se orgulhosos por verem o filho tão confiante. A acusação perdeu, mas Lúculo tinha ganho fama.

– Foi o que percebi.

Lúcio Cláudio anuiu com um aceno de cabeça, murmurando:

– Deixa cá ver, que mais te posso contar sobre Lúculo? – Perdeu-se em pensamentos por momentos, e depois reapareceu-lhe o brilho malicioso do olhar. – Bem, já que não queres conversar sobre o meu testamento... há o testamento de Lúculo. Não creio que esse assunto tenha surgido durante a conversa, pois não?

– O testamento de Lúculo? Não.

– Naturalmente; a única coisa que todos têm em mente é a única coisa que não é mencionada!

– Conta-me mais.

– Aparentemente, durante imenso tempo, Lúculo não fez testamento; é um daqueles sujeitos que acha que vai viver para sempre. Mas, precisamente no mês passado, redigiu um testamento e entregou uma cópia à guarda das virgens Vestais. Quando um homem tão rico como Lúculo faz testamento, temos notícia. Claro que a cópia estava selada, e ninguém pode saber detalhes, mas...

– Mas, apesar de tudo, tu tens uma ou outra informação? – Abanei a cabeça de espanto. Como é que Lúcio Cláudio, sem nunca sair do jardim de sua casa, podia saber tanto acerca da vida secreta da cidade?

– Bem, isto é informação em segunda mão, compreendes, e não há surpresas por aí além. É aquilo que seria de esperar: o seu amado irmão mais novo, Marco, é o principal herdeiro, e também é nomeado guardião do filho de Lúculo, se a criança que Servília vai ter for um rapaz; se for uma rapariga, será deixada ao cuidado da mãe e da família da mãe, ou seja, do tio Catão, presumo eu.

Anuí. A minha suspeita de que Servília estava grávida era correcta.

– E Servília? Que género de bens recebe?

– Ah! Como te deves lembrar, o último casamento de Lúculo terminou num divórcio acrimonioso; dizem que ele escolheu a Clódia errada, como se houvesse alguma certa! – Lúcio Cláudio riu-se do seu gracejo; todas as irmãs Clódias, e eram três, se tinham tornado mal afamadas por traírem os respectivos maridos. – Neste momento, Lúculo ainda está bastante contente com Servília, especialmente porque ela lhe vai dar um filho. Mas é desconfiado; gato escaldado, e por aí fora. Segundo dizem, o testamento está carregado de cláusulas que impedem Servília de receber um sestércio que seja se houver o menor indício de infidelidade da parte dela.

– E tem havido?

Lúcio Cláudio ergueu uma sobrancelha.

– Ficou conhecida por ter um lado indomável quando era mais jovem.

– A maternidade modifica algumas mulheres.

– Talvez. Mas tu viste a dama com os teus próprios olhos. Se ela quiser ir à pesca, tem os iscos necessários.

– Não é o meu género de mulher, mas confio na tua opinião. É curioso que Servília pareça tão diferente do irmão. Catão é tão formal, tão correcto. Lúcio Cláudio riu-se.

– Em primeiro lugar, são apenas meios-irmãos; talvez Servília tenha herdado o lado selvagem do pai. E conheces a máxima: um estóico na família é mais do que suficiente!

Assenti.

– Por falar em Catão, ele é mencionado no testamento, sem ser no papel de guardião do futuro sobrinho?

– Oh, sim, recebe um legado bastante generoso. Catão tem contribuído para levar adiante a proposta de realização do triunfo de Lúculo, e Lúculo está-lhe grato por isso. Tornaram-se grandes aliados no senado; são os novos Gémeos, como alguns lhes chamam.

– Apesar das suas filosofias opostas?

– Os opostos atraem-se. Olha para ti e para mim, Gordiano; haverá dois romanos mais diferentes um do outro? E, no entanto, neste preciso dia, decidi tornar-te herdeiro da minha quinta etrusca.

– Pára com a brincadeira, Lúcio! A tua quinta ser-me-ia inútil, excepto, talvez, no que toca ao belo vinho que provém das tuas vinhas, de que aceitaria de bom grado beber mais uma taça agora mesmo. – Lúcio bateu palmas; apareceu imediatamente um escravo, que voltou a encher-me a taça. – E Cícero?

Ele acenou com a cabeça.

– Também é contemplado no testamento, e generosamente. E Júpiter sabe que ele tem bom uso a dar ao dinheiro, com o financiamento da sua campanha para cônsul este ano! É realmente um escândalo como se tornou dispendioso concorrer para um cargo oficial. Cícero já se viu forçado a contrair um empréstimo; está em dívida, não apenas para com Lúculo, mas para com vários amigos ricos.

Assenti.

– E os três A's, o pequeno círculo de amigos gregos de Lúculo?

– São todos contemplados no testamento, em gratidão pelos vários anos de lealdade e inspiração.

Reflecti um instante.

– Deixa-me ver se compreendo o que acabaste de me dizer, Lúcio; Lúculo só fez testamento recentemente, e todos os que almoçaram com ele ontem, à excepção de mim, podem lucrar enormemente com o seu falecimento?

Lúcio franziu o sobrolho.

– Lúculo corre perigo? Foi ameaçado? Julguei que te tinha chamado para investigares um dos seus jardineiros, o escravo zarolho que, na imaginação de Lúculo, é na realidade Vário, o traidor fugitivo.

– Sim, essa foi a razão ostensiva para me consultar. Lúculo está absolutamente convencido da identidade do homem.

– E semelhante coisa é possível?

– Não. Moto não pode ser Vário. Para começar, o olho que lhe falta é o outro!

– Tens a certeza disso?

– Tenho. Ainda ontem Cícero me recordou que Sertório tinha perdido um olho de um lado e o seu compatriota Vário do outro; nas palavras de Cícero, entre os dois possuíam o número de olhos que todos nós damos por adquirido. Sei que a Sertório faltava o olho direito, cheguei a conhecer o homem pessoalmente, donde se segue que Vário não tinha o esquerdo, como Lúculo, aliás, afirma. No entanto, ao jardineiro Moto falta-lhe o olho direito, portanto é impossível que seja Vário. A parte mais bizarra é que Lúculo está ciente disto e, no entanto, continua convencido de que Moto é Vário!

– Achas que Lúculo pode estar a ser vítima de um embuste elaborado?

– Com que fim?

– Talvez alguém esteja deliberadamente a tentar baralhá-lo, fazendo-o duvidar da sua sanidade mental, a fim de o conduzir ao suicídio. Parece inverosímil, mas não testemunhámos já conspirações mais subtis e chocantes, Gordiano, especialmente quando está em jogo uma fortuna como a de Lúculo?

Abanei a cabeça.

– Não, esta ilusão surgiu da própria mente de Lúculo; ninguém lha sugeriu.

– Imagino que tenhas passado em revista o passado de Moto?

– Claro. Longe de Lúculo e dos outros convidados, interroguei longamente o escravo; se não é um grego nativo para quem o latim é a segunda língua, então é melhor actor que o celebrado Róscio! Também questionei o representante de Lúculo, o homem que comprou Moto em Atenas com o propósito expresso de o trazer para Roma para tratar das roseiras de Lúculo. Moto nasceu escravo e foi escravo toda a vida. Começou por trabalhar nos campos de um ateniense rico mas, devido às suas aptidões e ao seu esforço, tornou-se um jardineiro altamente competente. Não há qualquer razão para pensar que seja uma pessoa diferente do que afirma ser. Desgraçado!

– Por que lhe chamas isso?

– Porque, a não ser que alguém consiga convencê-lo do seu erro, é quase certo que Lúculo tenciona proceder como se Moto

fosse Vário. O pobre escravo será vestido como se fosse um general capturado, será obrigado a marchar pelas ruas de Roma, insultado e humilhado, impiedosamente espancado pelos guardas, e, por fim, condenado à morte e atirado da Rocha Tarpeia.

– Com certeza que não! O objectivo da tua visita não era, justamente, verificar a identidade do homem e tranquilizar Lúculo?

– Pelo contrário; Lúculo espera que eu encontre provas de que Moto é Vário, apesar de todos os indícios em contrário. Para o Hades com a lógica e o senso comum; ele quer que eu valide o que ele já “sabe”, seja verdade ou não!

– Oh, céus. Mas se Lúculo tentar fazer passar o jardineiro por Vário, o rumor do erro cometido há-de circular, se não antes do triunfo, depois. E Lúculo tornar-se-á motivo de chacota...

– E Moto sofrerá uma morte horrível.

– A situação é de loucos! – exclamou Lúcio.

– E, no entanto – disse eu – não me parece que Lúculo seja louco. Um louco não conquista metade da Ásia, nem constrói jardins impressionantes em Roma, nem dirige vastos impérios financeiros, pois não? Um louco não fala em salvar cidades para benefício da posteridade; não adora filosofia, arte e cultura.

– É tudo muito estranho. A não ser que...

– Em que estás a pensar, Lúcio? Ele fitou-me com um olhar astucioso.

– Exactamente o que tu estás a pensar, velho amigo. Depois de todos estes anos, não seremos capazes de ler os pensamentos um do outro? Por vez os homens são tornam-se loucos, devido a um evento terrível, ou porque os deuses assim decidem, ou apenas como efeito secundário...

Assenti.

– Sim, é exactamente o que eu estava a pensar: um efeito secundário. Como temos observado ao longo dos anos, há muitos venenos que, dados em doses que evitam matar a vítima, podem ainda assim causar perturbações mentais. Se algum dos contemplados pelo testamento de Lúculo se tornou impaciente, e se tem esforçado por lhe abreviar a vida...

– Mas todos os alimentos de Lúculo são provados antes de ele os comer; ele próprio te falou acerca da necessidade de protecção a esse respeito.

– E, todavia – disse eu – se um homem (ou uma mulher) for suficientemente inteligente, e suficientemente determinado, pode descobrir uma forma de administrar um veneno, mesmo a um homem tão cauteloso e resguardado como Lúculo.

– Inteligente e determinado, esses dois adjectivos descrevem qualquer membro do círculo íntimo de Lúculo. – Lúcio olhou-me com ar sombrio, depois fez uma careta e abanou a cabeça. – Não, não, Gordiano, com certeza que estamos enganados! Não estamos a falar de degoladores nem de víboras. Homens como Cícero e Catão não recorrem ao homicídio para benefício pessoal! Não há a mais pequena dúvida de que Marco adora o irmão mais velho; e, tanto quanto sabemos, Servília ama o marido. Quanto aos três A's, são génios por direito próprio. É absurdo estarmos aqui sentados a ponderar qual deles poderá ser um envenenador a sangue-frio, especialmente se nem sabemos dizer como seria possível administrar um veneno a Lúculo.

A veemência dele acalmou-me.

– Talvez tenhas razão, Lúcio. Não quero ser irreflectido. No entanto, não consigo ficar a ver um homem inocente ser sujeito a um destino tão terrível, sem nada fazer.

Lúcio encolheu os ombros.

– Não temos a certeza de que Lúculo corra de facto perigo, ou temos?

– Não me refiro a Lúculo! Refiro-me ao escravo, Moto.

– Ah! – assentiu ele com ar dúbio. Eu tinha uma profunda amizade por Lúcio Cláudio, mas ele era um fruto da sua educação patricia, treinado desde o nascimento a nunca sentir empatia por um escravo, pelo que não era, pura e simplesmente, capaz de igualar o destino de um homem como Moto ao de um homem como Lúculo. Fitou-me com ar astuto. – Talvez haja um veneno envolvido, mas sem que ninguém tenha tencionado usá-lo.

– O que queres dizer com isso? – perguntei.

– Bem, estava a pensar, o que é que sabemos realmente acerca dessas tais cerejas? Será verdadeiramente seguro comê-las?

– Com certeza que sim.

– Com certeza? Ambos sabemos que as plantas podem afectar um homem de formas estranhas. Algumas delas, ao serem ingeridas, queimadas ou inaladas, podem causar tonturas, ou delírios, ou mesmo alucinações. Não foste tu próprio a descobri-lo uma vez, Gordiano, quando a minha amiga Cornélia te solicitou os teus serviços por andar a ser perseguida por lémures?

Mesmo passados tantos anos, estremei, ao lembrar-me daquele episódio.

– Mas todos nós comemos as cerejas, não foi apenas Lúculo. E, apesar de o fruto ser uma novidade em Roma, é conhecido há gerações na sua região nativa. Se comer cerejas causasse alucinações ou ilusões, julgo que Lúculo saberia.

– Sim, acho que tens razão. – Lúcio sorriu tristemente, e percebi que se sentia cansado. – Gosto disto, Gordiano, de me sentar a ponderar contigo. Faz-me lembrar a questão que nos aproximou; também ela envolvia um testamento e o que aparentava ser uma ressurreição dos mortos. E aqui estamos nós outra vez, completando o círculo, com Alfa no encaicho de Omega.

Franzi o sobrolho.

– Alfa é o início e Ómega é o fim. O que queres dizer com isso, Lúcio Cláudio?

Ele suspirou.

– Estamos todos a envelhecer, Gordiano. Eu sei que estou. – Olhou para mim com ar lamentoso.

– Que disparate! Hás-de chegar aos cem! – disse aquelas palavras com o maior entusiasmo de que fui capaz, mas até aos meus ouvidos elas soaram a falso.

Um embuste? Um veneno? Ou outra coisa qualquer?

Quanto mais meditava no problema de Lúculo e na sua estranha crença, mais as minhas suspeitas se concentravam nos três A's.

Fora o poeta Árquias que mencionara Vário pela primeira vez à refeição, o que ensombrara o rosto de Lúculo. Ter-se-ia Árquias

referido a Vário por mero acaso, ou saberia da convicção do seu patrono relativamente ao jardineiro, e desejara deliberadamente desconcertá-lo? Seria possível que tivesse sido o próprio Árquias a sugerir a ideia a Lúculo? Os poetas podem induzir uma ideia num ouvinte através de palavras cujos significados não são óbvios.

Fora Antíoco, o filósofo, que convencera Lúculo da existência de um órgão de percepção capaz de discernir o verdadeiro do falso sem recorrer aos métodos da lógica e da dedução. Tal ideia reforçara a insistência tenaz de Lúculo de que Moto era Vário, apesar do que podia ver com os seus próprios olhos e do que sabia de memória. Teria o filósofo uma conexão mais directa com a ilusão de Lúculo?

E o que pensar do artista Arcesislau? Enquanto os restantes convidados haviam participado numa conversa espirituosa, ele mantivera-se calado, a assistir, com uma expressão enigmática. O seu silêncio presunçoso e a sua falta de sociabilidade tinham-me levantado suspeitas.

Lúculo dera-me permissão para circular pela propriedade e falar com qualquer dos seus convidados e dos seus escravos. No dia seguinte, dei um passeio pelos jardins, deliciando-me com o perfume das rosas. Cruzei-me com Moto, que estava de gatas a proteger as raízes das roseiras com folhas e palha em decomposição. Ergueu a cabeça ao ouvir os meus passos; como voltara para mim a cavidade vazia do olho amputado, teve de rodar a cabeça num ângulo esquisito para ver quem eu era. A sua postura era grotesca; parecia um corcunda ou outro infeliz deficiente. Senti uma pontada de compaixão e, no entanto, ao mesmo tempo, pareceu-me detectar no homem qualquer coisa quase sinistra. Teria Lúculo sentido a mesma reacção – um arrepio natural de repugnância diante da infelicidade alheia – tendo permitido que tal se tornasse uma obsessão, toldando-lhe a razão? Ou teria Lúculo detectado uma ameaça genuína na presença de Moto? Raramente nos apercebemos do perigo através da razão; a percepção surge-nos de forma mais espontânea e com indiscutível convicção. E se Lúculo tivesse razão? E se Moto fosse, por meio de uma qualquer magia negra que tivesse tornado tal coisa possível, o mesmo homem que Marco Vário?

Aceitar semelhante ideia equivalia a largar todas as amarras da razão. Tal caminho conduzia indubitavelmente à loucura...

Olhei para o olho são de Moto e recuperei o bom senso. Ele era exactamente o que parecia: um homem inteligente e trabalhador, que sofrera a infelicidade de nascer escravo, e, depois, a infelicidade de perder um olho, e agora corria o risco de sofrer a derradeira infelicidade de ter uma morte horrível para satisfazer o capricho alucinado de outro homem. Era a Moto que eu devia a verdade, mais ainda do que o que devia a Lúculo em troca dos honorários que concordara em pagar-me. Em silêncio, jurei não fracassar.

Voltei costas e caminhei em direcção à casa. Noutra vereda do jardim, avistei, por entre a densa folhagem, o irmão de Lúculo, Marco, passeando ao lado de Árquias. Passaram por uma pequena estátua do exuberante deus Príapo.

– Está na escala errada, não está? – disse Marco. – É excessivamente pequeno para ocupar este espaço?

– Uma divindade conhece-se pelos actos, e não pelo tamanho ou pela forma – proferiu o poeta no seu monótono tom declamatório. Expressar-se-ia sempre em epigramas?

Aproximei-me da casa. Através de uma janela aberta, avistei o interior da sala principal da biblioteca de Lúculo, que era quase tão comentada em Roma quanto os jardins ou o Salão de Apolo. Lúculo tinha reunido a maior colecção de rolos de pergaminho do lado de cá de Alexandria; especialistas e bibliófilos viajavam de terras distantes para terem o privilégio de ler as suas obras. Através da janela, vi filas e filas de estantes verticais, com os escaninhos repletos de rolos de pergaminho. Quem caminhava de um lado para o outro diante da janela era Cícero, mexendo ligeiramente os lábios enquanto estudava atentamente um rolo esfarrapado; ocasionalmente baixava o rolo, olhava para o vazio e pronunciava expressões desconexas “Filhos de Rómulo, suplico-vos!” e “Não venho desafiar um rival, mas salvar Roma de um canalha!”, e assim sucessivamente. Calculei que estivesse a estudar algum tratado de oratória e a retirar dele floreios retóricos para usar na sua campanha contra Catilina.

No extremo do Salão, à entrada, Catão e Antíoco conversavam baixinho. Catão soltou uma exclamação e bateu com um rolo de pergaminho contra o peito de Antíoco em jeito de ênfase. Antíoco lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Cícero interrompeu as suas idas e vindas e mandou-os calar.

Segui a vereda, que descrevia um círculo em torno da casa. Um pequeno lanço de escadas conduziu-me ao terraço situado no exterior do Salão de Apolo. As portas estavam abertas. Entrei. A luz do terraço ofuscara-me a visão, de modo que o compartimento me pareceu escuro; durante um longo momento, julguei que me encontrava sozinho, ; até me aperceber de que não era assim.

– Importas-te? Estás-me a tirar a luz.

Era Arcesislau, o artista, que me olhava por cima do ombro com uma expressão petulante. Estava diante da enorme parede que exibia a pintura de Apolo e das suas oferendas à humanidade. Senti o odor singular da cera encáustica e reparei que Arcesislau estava a trabalhar com uma lâmina fina e uma paleta de pigmentos, aplicando uma nova camada de cera colorida sobre a já existente.

– E a mim estás a tapar-me a vista – disse uma voz feminina. Voltei-me e vi Servília, que se encontrava reclinada num canapé perto da porta do terraço. Aparentemente, eu estava a obstruir-lhe a vista do trabalho do artista, ou seria a vista do próprio artista? Dei um passo para o lado.

– Estás a retocar a pintura?

Arcesislau fez uma expressão que indicava que não lhe apetecia explicar-se, mas finalmente respirou fundo e fez-me um curto sinal afirmativo com a cabeça.

– Sim. Lúculo quer cerejas. Decidiu que as cerejas têm de ter sido criadas por Apolo, “A melhor de todas ofertas dos deuses!”, afirma e, portanto, têm de aparecer cerejas nesta pintura.

– A propósito, onde está Lúculo? – perguntei.

Servília respondeu.

– O meu marido está lá fora no pomar, a comer mais cerejas. Está louco por elas; é a loucura da cereja! – E riu-se, de modo bastante desagradável, pensei.

Arcesislau olhou fixamente a pintura, de braços cruzados, pensativo.

– “Aqui, neste canto”, disse-me ele. “Uma cerejeira, se fazes favor.” Não lhe interessa que desequilibre completamente a composição. Terei de acrescentar outro elemento naquele canto. Mais trabalho para mim!

– Mas não é para isso que vocês, artistas, vivem, para trabalhar? Ele resfolegou.

– Trata-se de uma ideia errada normalmente defendida por quem não possui talento. Como qualquer homem no seu juízo, prefiro o lazer e o prazer, ao trabalho. – Teria lançado um breve olhar a Servília, ou limitara-se a olhar para trás de mim? – Esculpo e pinto porque Lúculo me paga por isso, e muito generosamente.

– O dinheiro tem muita importância para ti? Ele fulminou-me com os olhos.

– Não sou diferente dos outros homens! Excepto pela minha capacidade de fazer isto. – Raspou a lâmina numa camada de cera vermelha que tinha na paleta, tocou com a lâmina na pintura, e como que por magia apareceu uma cereja, tão brilhante e suculenta que me fez água na boca.

– Impressionante! – comentei.

Ele sorriu contra a sua vontade, satisfeito com o elogio.

– Há um truque para pintar cerejas. Podia pintar cerejas o dia todo. – Riu-se, como se tivesse dito uma piada que só ele e Servília entendiam. Servília também se riu.

Subiu-me um arrepio pela espinha. Comparei o rosto de Arcesislau com o de Apolo – era o seu auto-retrato, não havia dúvida, pois o homem e o deus partilhavam o mesmo sorriso sardónico. Pensei quão impiedoso, egoísta e cruel podia ser o deus, apesar da sua beleza.

Olhei para a paleta de cera pigmentada. Nem todas as tintas eram tão espessas. Havia outras técnicas que exigiam tintas com uma textura bastante rala, semelhantes a água colorida. Com um líquido pouco espesso e um pequeno pincel de pêlo de cavalo, era possível pintar cerejas, ou pintar cerejas... Saí do Salão de Apolo para o terraço, dei meia volta e corri pelo cerejal adentro.

Lúculo encontrava-se onde eu pensara, sentado numa cadeira de dobrar sob a árvore que dava as cerejas chamadas “Mais-Preciosas-de-Todas”. Quando me aproximei, vi-o erguer o braço, apanhar uma cereja, observá-la com admiração e depois aproximá-la da boca.

– Não! – gritei. – Não a comas!

Ele voltou a cabeça para mim, mas continuou a aproximar a cereja dos lábios, até eu lha atirar da mão abaixo.

– Gordiano! Em nome do Hades, o que julgas tu que estás a fazer?

– A salvar-te a vida, possivelmente. Ou talvez apenas a sanidade mental.

– O que queres dizer com isso? Que extravagância!

– O que foi que me contaste sobre estas cerejas? Que são tão frágeis que só podem ser comidas debaixo da árvore, o que lhes dá mais uma vantagem prática, a de não poderem ser envenenadas.

– Sim, é o único alimento que como sem que alguém o prove primeiro.

– E, no entanto, elas podem ser envenenadas aqui na árvore.

– Mas como? É impossível impregná-las ou embebê-las em veneno, dar-lhes um golpe, ou... – Ele abanou a cabeça. – Não te contratei com a finalidade de descobrires um envenenador, Gordiano. Pedi-te uma única tarefa, que diz respeito...

– Podem ser pintadas – disse eu. – E se alguém diluísse um veneno, e com um pincel aplicasse a solução nas cerejas enquanto pendem do ramo? É certo que consumes apenas um pouco de cada vez, mas por fim, tendo em consideração a quantidade destas cerejas que tens comido...

– Mas, Gordiano, não me tenho sentido mal. A minha digestão está ótima; os meus pulmões limpos, a visão nítida.

Mas a tua mente está perturbada, quis dizer-lhe, mas como podia alguém dizer semelhante coisa a um homem como Lúculo? Teria de encontrar outra saída; teria de fazer um desvio, talvez abordar Marco e convencê-lo, fazer-lhe ver que o irmão mais velho precisava de cuidados. Sim, pensei, é essa a resposta, tendo em consideração a famosa intimidade que une os dois irmãos. Uma

tragédia familiar bastante publicitada tinha-os atingido no princípio da vida; por vezes, acontecimentos semelhantes cavam um fosso entre irmãos, mas acontecera precisamente o oposto com os irmãos Lúculo. O comportamento autodestrutivo do pai quase os arruinara, mas juntos tinham reconquistado o respeito da cidade e criado uma reputação bastante superior à dos seus antecessores. Podia mesmo dizer-se que Lúculo devia o seu sucesso ao fracasso do pai – que devia tudo ao pai...

Foi então que me apercebi, de forma fulminante, que as cerejas nada tinham que ver com o dilema de Lúculo. O testamento, sim, mas as cerejas não...

Um escravo, que tinha ouvido a voz exaltada do seu senhor, apareceu e manteve-se a uma distância respeitosa, com ar perplexo.

– Vai chamar o irmão do teu senhor. Pede-lhe que chegue aqui – disse-lhe eu.

O escravo olhou para Lúculo, que me observou um longo momento e depois anuiu.

– Faz o que este homem te pede. Traz apenas Marco, mais ninguém.

Enquanto esperávamos, nenhum de nós falou. Lúculo fez deambular o olhar por aqui e por ali, sem nunca o cruzar com o meu. Chegou Marco.

– O que se passa? O escravo disse-me que ouviu vozes exaltadas, uma discussão, e depois Gordiano mandou-me chamar.

– Ele parece julgar que as minhas adoradas cerejas foram envenenadas – murmurou Lúculo.

– Sim, mas foi uma conclusão falsa – disse eu. – E, apercebendo-me de que era falsa, desisti dela. Se tu conseguisses fazer o mesmo, Lúculo.

– Trata-se de Moto, não é? – perguntou Marco, olhando para o irmão com uma expressão de sofrimento.

– Chama-o pelo seu verdadeiro nome, Vário! – gritou Lúculo.

– Por que decidiste recentemente fazer testamento? – perguntei. Os dois irmãos olharam-me de forma penetrante, apanhados de surpresa com a mudança de assunto.

– Que pergunta tão peculiar! – observou Lúculo.

– Durante muitos anos não tiveste testamento. Estavas longe de Roma, a travar batalhas, acumulando uma vasta fortuna e pondo repetidamente a tua vida em risco. E, na altura, não viste razão para redigir um testamento.

– Porque pensei que ia viver para sempre! Os homens agarram-se à ilusão da imortalidade enquanto podem – replicou Lúculo. – Acho que Arquias uma vez escreveu um poema sobre esse assunto. Queres que o chame para nos recitar um epigrama?

– “Quanto mais cruéis são as minhas palavras, mais ele se ri, negando o perigo” – disse eu, citando Enio. – Parece-te um epigrama adequado?

– De que estás tu a falar? – interrompeu Marco. Mas o tremor na voz traiu-o; ele começava a perceber onde eu queria chegar.

– Foste tu que o encorajaste a escrever o testamento. Não foste? Marco fitou-me longamente, depois baixou os olhos.

– Sim. Tinha chegado a altura.

– Devido a uma alteração do estado de saúde de Lúculo? Devido a um outro tipo de ameaça à sua vida?

– Não exactamente. – Marco suspirou. – Caro irmão, ele sabe. Não vale a pena esconder-lhe a verdade.

– Ele não sabe nada. Não há nada para saber! – disse Lúculo. – Contratei Gordiano com um único objectivo: provar ao mundo, e a ti, Marco, que não estou enganado sobre aquilo que sei acerca de Vário, ou de Moto, como lhe quiserem chamar. Eu sei o que sei, e o mundo também tem de sabê-lo!

– O teu pai dizia coisas semelhantes, depois de ter sido chamado da Sicília e de ser levado a julgamento? – perguntei, o mais delicadamente possível.

Marco respirou fundo.

– Sim, dizia coisas semelhantes. Tinha opiniões estranhas; fixava-se em ideias impossíveis, de que ninguém conseguia demovê-lo. As suas emoções tornaram-se inadequadas, a sua lógica inexplicável, o seu comportamento imprevisível. Começou aos poucos, mas foi piorando, até que, para o fim, já quase nada restava do homem que tínhamos conhecido. Tinha havido um ligeiro indício de mudança antes de ele ter partido para a Sicília, tão ligeiro, que

ninguém deu conta na altura, apenas retrospectivamente. Quando regressou a Roma e foi a julgamento, a alteração era óbvia para aqueles que lhe eram mais chegados, a nossa mãe, os nossos tios. O meu irmão e eu éramos apenas crianças, claro; não podíamos compreender. Foram tempos muito difíceis para todos. Só falávamos a esse respeito no interior da família. Tornou-se uma fonte de vergonha para nós, maior do que a vergonha da condenação e do exílio do meu pai.

– Um segredo de família – disse eu. – Já tinha acontecido algo semelhante em gerações anteriores?

– Não respondas, Marco! – disse Lúculo. – Ele não tem o direito de fazer essa pergunta.

Sem lhe prestar atenção, Marco anuiu.

– Aconteceu algo parecido ao pai do nosso pai. Uma senilidade precoce, uma perda das capacidades mentais; achamos que deve ser uma espécie de doença que passa de pai para filho, uma serpente enroscada na mente, à espera de atacar no momento em que um homem se encontra no ponto máximo das suas capacidades.

– Tudo suposições! – interrompeu Lúculo. – Também é possível que tenha sido a perseguição dos seus inimigos que conduziu o nosso pai à desorientação, e não um padecimento interior.

– Como vês, Gordiano, o meu irmão sempre preferiu negar a verdade – disse Marco. – Negou-a quando se tratou do nosso pai. Nega-a agora, quando começa a dizer-lhe respeito a ele.

– E, todavia – disse eu – consentiu em fazer um testamento quando tu o instaste a fazê-lo, agora, e não mais tarde, num momento em que as suas faculdades poderiam estar mais corrompidas. Isso faz-me pensar que, a um certo nível, Lúculo sabe a verdade quanto ao que está a acontecer-lhe, ainda que exteriormente continue a negá-lo. Não é assim, Lúculo?

Ele olhou-me colericamente, mas a sua expressão foi-se suavizando gradualmente. Os olhos cintilaram-lhe. Uma lágrima correu-lhe pelo rosto abaixo.

– Vivi uma vida honrada. Servi Roma o melhor que fui capaz. Fui generoso para com os meus amigos, indulgente para com os meus inimigos. Tenho um grande amor à vida. Finalmente, estou prestes a ter um filho! Por que tem este destino vergonhoso de cair sobre mim? Se a criança for um rapaz, também recairá sobre ele? O meu corpo ainda está forte; posso viver ainda muitos anos. O que será de mim, no tempo que me restar, se perder a razão? Não terão os deuses misericórdia?

Olhei para Lúculo e estremei. Vi um homem rodeado de uma opulência sem limites, no pico da sua carreira, adorado pela multidão, amado pelos seus amigos e, todavia, profundamente só. Lúculo possuía tudo e não possuía nada, porque o futuro não lhe pertencia.

– Os deuses têm muito por que responder – disse serenamente. – Mas, enquanto podes, tens de lutar contra as tuas ilusões, especialmente aquelas que constituem um perigo para outros. Renuncia a esta ideia que tens acerca de Moto, Lúculo. Di-lo em voz alta, para que Marco possa ouvir.

O rosto dele tornou-se uma máscara grega. A sua luta interior era tão forte, que o fez tremer. Marco, chorando mais abertamente que o irmão, agarrou-lhe no braço para o amparar.

– Moto... não é Vário. Pronto, já disse! Embora cada fibra do meu corpo me diga que é mentira, di-lo-ei novamente: Moto não é Vário.

– Promete que não lhe farás mal – sussurrei. Lúculo fechou os olhos com força e cerrou os punhos.

– Não lhe farei mal!

Voltei-me e deixei os irmãos a sós, para se reconfortarem como pudessem sob os ramos da cerejeira chamada a Mais-Preciosa-de-Todas.

Foi assim que provei a minha primeira cereja, e, também, que conheci Lúculo, com quem nunca mais voltei a falar.

Os meses que se seguiram marcaram o auge de uma vida que, para qualquer pessoa de fora, deve ter parecido especialmente abençoada pelos deuses. Lúculo celebrou um triunfo magnífico (que não contou com a presença do general rebelde). Por outro lado,

nasceu-lhe um filho, saudável e perfeito. Lúculo deu ao rapaz o nome de Marco, e dizia-se que não tinha vergonha de mostrar o extremo afecto que tinha por ele. O casamento com Servília foi menos feliz; acabou por acusá-la de adultério e divorciar-se dela. Nunca soube se a acusação era verdadeira, ou resultante de uma ilusão.

Esses meses trouxeram consigo outras mudanças, algumas bastante tristes. A conversa sobre Lúculo constituiu um dos últimos encontros que mantive com o meu querido amigo Lúcio Cláudio, que tombou morto numa tarde de Outono, agarrado ao peito. Para meu espanto, Lúcio tornara-me de facto herdeiro da sua quinta etrusca – não tinha sido uma brincadeira sua naquela tarde passada no seu jardim. E, mais ou menos ao mesmo tempo, Cícero derrotou Catilina e foi eleito cônsul, tornando-se um Homem Novo da nobreza – o primeiro da sua família a alcançar o cargo mais elevado de Roma. A minha mudança para o campo etrusco, e os eventos grandiosos e trágicos que tiveram lugar durante o consulado de Cícero, foram narrados noutro volume.

Estava a iniciar-se uma era extremamente tumultuosa. Republicanos inabaláveis como Cícero e Catão esperavam que Lúculo, com a sua imensa fortuna e o seu prestígio, se erguesse como um baluarte contra as ameaçadoras ambições de senhores da guerra como César e Pompeu. Lúculo não correspondeu às suas expectativas. Pelo contrário, retirou-se progressivamente da vida pública, para se dedicar a uma existência de prazer sensitivo e reclusão. Comentava-se que perdera a ambição. O saber convencional presumia que ele se deixara corromper pela filosofia grega e pelos luxos asiáticos. Poucos sabiam que a sua mente tinha começado a deteriorar-se rapidamente, pois Lúculo e Marco fizeram todos os possíveis para esconder o facto enquanto puderam.

Por alturas da sua morte, vários anos depois de eu o ter conhecido, Lúculo encontrava-se indefeso como um bebé, completamente ao cuidado do irmão. Aquando do seu falecimento, circulou um rumor curioso: uma das suas amadas cerejeiras tinha morrido, e Lúculo, desprovido da iguaria que mais desejava, perdera a vontade de viver.

Lúculo tinha desaparecido de cena, mas o povo de Roma recordava os seus dias de glória e reagiu fortemente à sua morte. Realizaram-se grandes jogos fúnebres, com disputas entre gladiadores e encenações em grande escala de algumas das suas vitórias mais famosas. Durante o período de luto, os seus jardins foram abertos ao público. Enfrentei as multidões para ter oportunidade de voltar a vê-los. Diria que as flores exóticas estavam mais belas e a folhagem mais luxuriante do que tinha memória.

Para fugir à multidão, desci um carreiro retirado, e encontrei um jardineiro de joelhos, a cuidar de uma roseira. O escravo ouviu-me aproximar e olhou-me de relance com o seu único olho. Sorri ao reconhecer Moto. Julguei que ele talvez me reconhecesse também, mas não proferiu palavra e voltou ao que estava a fazer quase sem interrupção.

Prossegui caminho, rodeado pelo perfume das rosas.

FIM

VIDA E ÉPOCA DE GORDIANO, O DESCOBRIDOR

CRONOLOGIA PARCIAL

A lista que se segue apresenta todos os contos e os romances (até agora publicados) da série Roma sub Rosa por ordem cronológica, juntamente com determinados acontecimentos seminais, como nascimentos e mortes. As estações do ano, os meses e, sempre que é possível conhecê-las, as datas específicas das ocorrências são fornecidas entre parêntesis. Os contos publicados anteriormente, em A Casa das Vestais, vão assinalados com uma cruz dupla (£); os contos publicados neste volume são assinalados com um asterisco (*).

- 110 a. C. Nasce Gordiano em Roma
- 108 a. C. Nasce Catilina
- 106 a. C. Nasce Cícero, perto de Arpino (3 de Janeiro)
- Nasce Betesda, em Alexandria
- 100 a. C. Nasce Júlio César (data tradicional)
- 90 a. C. Dão-se os acontecimentos narrados em "O gato de Alexandria"++: Gordiano conhece o filósofo Díon e Betesda em Alexandria
- Nasce Eco, em Roma
- 84 a. C. Nasce Catulo, perto de Verona
- 82-80 a. C. Ditadura de Sula
- 80 a. C. Sangue Romano (Maio); julgamento de Sexto Róscio, defendido por Cícero "A Morte anda de máscara"++: (15-16 de Setembro) Betesda conta a Gordiano "A Lenda da Casa do Tesouro":}: (Verão)
- 79 a. C. Nasce Meto
- 78 a. C. Morre Sula "Um testamento é uma boa maneira"++: (18-28 de

Maio); Gordiano conhece Lúcio Cláudio "Os lémures"++:
(Outubro) Júlio César é capturado por piratas (Inverno)

77 a. C. "O jovem César e os piratas":] (Primavera/Agosto);
Gordiano conhece Belbo "A mulher do Cônsul"* "Se um ciclope
pudesse desaparecer num piscar de olhos"* "O desaparecimento da
prata dos Saturnais"++: (Dezembro)

76 a. C. "A abelha mestra e o mel"++: (finais de Abril)

"A corça branca"* (Verão-Outono)

75 a. C. "O segredo da receita de Pompeia"* "O túmulo de
Arquimedes"* "Morto por Eros"*

74 a. C. Opiânico é julgado e condenado por numerosos
crimes Gordiano conta a Lúcio Cláudio a história de "O gato de
Alexandria"++: (Verão)

73 a. C. "A Casa das Vestais"++: (Primavera)

"Um gladiador só morre uma vez"* Junho e meses seguintes)
Inicia-se a revolta dos escravos chefiada por Espártaco (Setembro)

72 a. C. Opiânico é assassinado

O abraço de Némesis (Setembro); assassínio de Lúcio Licínio
em Baias

71 a. C. Derrota definitiva de Espártaco (Março)

70 a. C. Nasce Gordiana (Diana), filha de Gordiano e Betesda,
em Roma (Agosto) "Poppy e o bolo envenenado"* Nasce Virgílio

67 a. C. Pompeu limpa os mares de piratas

64 a. C. "As cerejas de Lúculo"* (Primavera)

Gordiano vai viver para a sua propriedade etrusca (Outono)

63 a. C. O enigma de Catilina (a história inicia-se a 1 de Junho
de 63, o epílogo dá-se em Agosto de 58); consulado de Cícero e
conspiração de Catilina

60 a. C. Nascem Tito e Titânia (os Gémeos), filhos de Eco (e
Menénia, em Roma (Primavera)

César, Pompeu e Crasso formam o Primeiro Triunvirato

56 a. C. O lance de Vénus (Janeiro a 5 de Abril); assassínio do
filósofo Díon

55 a. C. Pompeu manda construir o primeiro teatro
permanente em Roma

52 a. C. Crime na Via Ápia (18 de Janeiro a Abril), assassinio de Clódio e incêndio no Senado. Nasce Aulo, filho de Diana e Davo, em Roma (Outubro)

49 a. C. Rubicão (Janeiro a Março); César atravessa o rio Rubicão e inicia-se a Guerra Civil Desaparecido em Massília (final do Verão até ao Outono); por ordem de César, Trebônio cerca Massília

48 a. C. Névoa de profecias (a história inicia-se a 9 de Agosto); Gordiano investiga a morte da mulher conhecida como Cassandra

César derrota Pompeu em Farsalo (9 de Agosto) e persegue-o a caminho do Egipto! O julgamento de César (a história inicia-se a 27 de Setembro); Gordiano vai ao Egipto; César chega a Alexandria, onde se confronta com os dois filhos do rei, Cleópatra e Ptolomeu

47 a. C. Nasce Betesda, filha de Diana e Davo, em Roma
Nasce Ptolomeu César (Cesarião), filho de Cleópatra (23 de Junho)

44 a. C. César é assassinado em Roma (15 de Março)

NOTAS HISTÓRICAS

“A mulher do Cônsul” nasceu de dois desejos: a vontade de tratar Semprónia, uma das mais notáveis mulheres do seu tempo, e o desejo de explorar o papel desempenhado pelas corridas de quadrigas neste período da República Romana. Quem tiver visto Ben-Hur na infância, nunca poderá esquecer a espectacular corrida encenada no filme (muito antes do advento das imagens geradas por computador), com condutores e cavalos a sério, e um público de milhares de espectadores. Ben-Hur deixou-me imagens indeléveis no espírito; prossegui a minha investigação com a leitura de *Sport in Greece and Rome*, de H. A. Harris (Thames and Hudson/Cornell University Press, 1972), um clássico britânico sobre corridas e apostas romanas, que inclui uma divertida lista de nomes latinos traduzidos de cavalos que realmente existiram.

As Actas do Dia referidas na história existiam de facto; sabemos-lo pelas referências à Acta Diurna que encontramos em Cícero e em Petrónio. A minha utilização das Actas do Dia fica a dever-se a um policial divertidíssimo, mas penosamente datado, de Wallace Irwin, publicado em 1955 e intitulado *The Julius Caesar Murder Case*, em que o intrépido “repórter” Manny (diminutivo de Mânlio) descobre uns sarilhos à beira Tibre.

Quanto a Semprónia, os leitores poderão recolher mais elementos sobre ela em *A Conspiração de Catilina*, de Salústio, que nos fornece uma descrição interessante da sua linhagem, do seu carácter e das suas motivações; não só desempenhou um pequeno papel nessa conspiração, como era mãe de Décimo Bruto, que foi, juntamente com Júnio Bruto – que ficou mais famoso –, um dos assassinos de César. Num primeiro esboço de *O enigma de Catilina*, escrevi uma longa passagem em que a descrevia, e que acabei por decidir cortar; foi um prazer poder recuperar Semprónia em “A mulher do Cônsul”. “É pouco provável que fosse filha de Gaio Graco”,

escreve Erich Gruen em *The Last Generation of the Roman Republic* (University of California Press, 1974), mas é interessante especular que Semprónia poderia ter sido, apesar de tudo, descendente desse radical do final da República, que foi assassinado pela classe governante e atingiu o estatuto de mártir populista.

“Se um ciclope pudesse desaparecer num piscar de olhos” é uma reflexão sobre a vida doméstica de Gordiano. Nesta altura, os gatos ainda eram uma novidade em Roma, e não eram bem recebidos por todos. O choque cultural do Oriente e do Ocidente, exemplificado pela diferente visão do mundo de Gordiano e Betesda, a escrava nascida no Egipto, tornar-se-á uma parte cada vez mais importante do tecido da vida cosmopolita de Roma, à medida que a emergente capital do mundo vai atraindo novas pessoas e novas ideias, provenientes de terras longínquas integradas na sua órbita.

De todos os incidentes históricos que tiveram lugar entre Sangue Romano e O abraço de Némesis, o mais notável foi a revolta de Sertório; “A corça branca” narra esse episódio. A lenda fabulosa da corça branca aparece em diversas fontes, incluindo a biografia do general rebelde, da autoria de Plutarco. O descontentamento daqueles que se tinham juntado a Sertório é um presságio da crescente discórdia que se vivia em Roma, onde uma série de perturbações acabaria por desembocar nas guerras civis, e por acabar definitivamente com a república.

Numa viagem de lançamento da colecção que, em 2000, fiz a Portugal, a editora levou-me, em visita privada, às escavações de uma fábrica de garum situada por baixo do edifício de um banco, na baixa de Lisboa (a antiga Olisipo); a experiência inspirou-me a levar Gordiano a uma fábrica desse género, e a descobrir “O segredo da receita de Pompeia”. Os leitores interessados em provar garum poderão fazer o acepipe; a receita vem incluída em *A Taste of Ancient Rome*, de Iaria Giacosa (University of Chicago Press, 1992), e é de Gargílio Marsalo, um autor do século III d. C.

A lenda segundo a qual Hiero, o tirano de Siracusa, apresentou um quebra-cabeças ao inventor Arquimedes, que o resolveu numa banheira lançando o seu famoso Eureka!, é famosa no mundo antigo. Quando li a passagem das Tusculanas onde Cícero

afirma ter redescoberto o túmulo abandonado de Arquimedes, decidi que tinha de haver um mistério qualquer a retirar desse material, e assim nasceu "O túmulo de Arquimedes". O XVI idílio de Teócrito, um elogio à governação de Hiero, constitui um interessante contraste com as Verrinas de Cícero, onde é afirmado que a corrupção campeia e que a Sicília do seu tempo, sob o domínio romano, é pessimamente governada.

Ao ler Teócrito, durante a investigação que fiz para escrever "O túmulo de Arquimedes", deparei com o XXIII idílio do poeta, que foi a inspiração para "Morto por Eros". Os pormenores do amante rejeitado, do rapaz de coração de gelo, do suicídio, da piscina e da estátua de Eros estão todos em Teócrito. Na versão dele, a morte é uma consequência de uma vingança divina, e não humana; eu transformei a fábula moral do poeta numa história policial.

"Morto por Eros" foi originalmente escrito para ser publicado em *Yesterday's Blood: A. n Ellis Peters Memorial Anthology* (Headline, 1998), uma homenagem de diversos autores à falecida criadora do Irmão Cadfael. Nesse livro, observei que o tema da história "seria familiar a Ellis Peters, que costumava incluir amantes (secretos ou não) entre as suas personagens. Na maior parte das suas histórias, o amor vence e os amantes triunfam; que pena não ter sido assim para os diversos amantes desta história".

Nunca me tendo detido a escrever sobre gladiadores, decidi fazê-lo em "Um gladiador só morre uma vez". O êxito financeiro e crítico do filme *O Gladiador* foi algo surpreendente para mim (tendo-me inspirado a introduzir a minha própria crítica ao filme no meu sítio da Rede), mas é impossível negar que os gladiadores exercem um fascínio intemporal. Nem todos os romanos ansiavam por ver sangue derramado na arena (Cícero achava os combates de muito mau gosto); ainda assim, a tradição especificamente romana que relacionava os desportos sangrentos com os jogos funerários acabou por se transformar numa mania cultural. Séculos mais tarde, estes empreendimentos continuam a espantar-nos, a perturbar-nos a consciência e a suscitar o nosso interesse lascivo.

"Poppy e o bolo envenenado" foi escrito no auge do escândalo do impeachment de Clinton, donde o odor a cinismo que dele exala.

Os pormenores do crime encontram-se em Valério Máximo (5.9.1) e são depois explicados por Gruen no seu *The Last Generation of the Roman Republic* (particularmente na página 527). O remoque de Cícero acerca do bolo é narrado por Plutarco; tê-lo relacionado com este caso particular foi um exercício de liberdade artística. (E vejam como o mundo é pequeno: a Pala desta história é a mesma Pala cujas propriedades se dizia terem sido roubadas por Marco Célio; acusação que foi, no julgamento que preencheu o centro do meu *O lance de Vénus*, e juntamente com o assassínio do enviado egípcio, um dos elementos contra Célio. A classe dirigente da Roma de Gordiano era, na realidade, uma comunidade muito estreitamente ligada.)

“As cerejas de Lúculo” foi indirectamente inspirado por Stefan Cramme, um leitor alemão, que tem um sítio na Rede sobre ficção passada na Roma antiga (<http://www.hist-rom.de/>). Quando o meu editor me disse que estava a preparar uma nova edição de *Sangue Romano*, proporcionando-me a oportunidade de corrigir pequenos erros que o livro continha, entrei em contacto com Cramme, que tem um conhecimento enciclopédico da Roma antiga, e pedi-lhe para “dar o seu pior”. Cramme informou-me da existência de um anacronismo, que até então parecia ter passado despercebido a todos os leitores de *Sangue Romano*. Num momento de divagação erótica, Gordiano comenta que os lábios de Betesda “pareciam cerejas”. Infelizmente, como Cramme me fez saber, a maior parte dos historiadores considera que as cerejas só chegaram a Roma levadas da região do Mar Negro pelo general Lúculo, em 66 a. C. – catorze anos depois da data em que tem lugar *Sangue Romano*. Dado que parecia improvável que Gordiano tivesse usado as cerejas como termo de comparação, emendei a referência. Nas mais recentes edições de *Sangue Romano*, os lábios de Betesda são vermelhos, não como cerejas, mas como romãs – um eco, talvez não completamente feliz, de uma deixa lançada pela perversa Nefertiti (Arme Baxter) a Moisés (Charlton Heston) no clássico de campanha *Os Dez Mandamentos*.

Nenhum autor de romances históricos gosta que lhe detectem erros no que escreveu, pelo que o problema das cerejas em Roma

continuou a incomodar-me. Investiguei melhor a difusão das cerejas em redor do Mediterrâneo, e descobri que as fontes não são inteiramente unânimes na afirmação de que as cerejas eram desconhecidas em Roma antes de Lúculo regressar da região do Mar Negro, pelo que há uma hipótese – ainda que mínima – de a fantasia de Gordiano não ser, afinal, anacrónica; mas o significado mais relevante dessa investigação foi um crescente fascínio com Lúculo e a sua espantosa carreira. (A biografia de Plutarco é uma leitura esplêndida.) Nunca me tendo detido nele ao longo dos romances, decidi fazê-lo num conto, e, em simultâneo, atirar-me de cabeça ao assunto das cerejas e exorcizá-lo da mente de uma vez para sempre. Foi assim que foi concebido “As cerejas de Lúculo”. O incidente do jardineiro Moto é ficcional, mas os membros do círculo de Lúculo, incluindo o filósofo Antíoco, o escultor Arcesislau e o poeta Aulo Árquias existiram de facto, e todos os pormenores pertinentes da espantosa ascensão e do triste declínio de Lúculo têm base factual.

Fonte arquivo .rtf



Formatação .ePub



2013